

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis

INGRID AVELDIANE ADRIANO PARDINHO

**FRENTE NEGRA BRASILEIRA E O INTEGRALISMO NO JORNAL *A VOZ DA*
RAÇA (SP, 1933-1937)**

Assis
2025

INGRID AVELDIANE ADRIANO PARDINHO

**FRENTE NEGRA BRASILEIRA E O INTEGRALISMO NO JORNAL *A VOZ DA*
RAÇA (SP, 1933-1937)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL-Assis), para a obtenção do título de mestra em História. (Área de Concentração: História e Cultura Social)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Regina de Luca

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, Processo nº 88887.883960/2023-00)

Assis

2025

P226f Pardino, Ingrid Aveliane Adriano
Frente Negra Brasileira e o Integralismo no jornal A Voz da Raça
(SP, 1933-1937) / Ingrid Aveliane Adriano Pardino. -- Assis, 2025
179 f. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Tania Regina de Luca

1. História Contemporânea. 2. Negros Brasil. 3. Imprensa dos
Negros. 4. Integralismo Brasil. 5. Fascismo Brasil. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE INGRID AVELDIANE ADRIANO PARDINHO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 09 dias do mês de maio do ano de 2025, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de INGRID AVELDIANE ADRIANO PARDINHO, intitulada **FRENTE NEGRA BRASILEIRA E O INTEGRALISMO NO JORNAL A VOZ DA RAÇA (SP, 1933-1937)**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL-Assis, Profa. Dra. TERESA MARIA MALATIAN (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCHS-Franca, Prof. Dr. PETRÔNIO JOSÉ DOMINGUES (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Sergipe (UFS). Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA



AGRADECIMENTOS

Embora este trabalho represente um grande passo na minha trajetória acadêmica, é resultado de um empreendimento coletivo. Minha trajetória escolar deu-se inteiramente no sistema público de ensino, no qual contei com excelentes educadores que me incentivaram e me inspiraram a adentrar a universidade, sou grata pelo estímulo que recebi. Agradeço às políticas de permanência estudantil da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, pois possibilitaram que o meu sonho de me graduar em História se concretizasse. Durante esse percurso tive o privilégio de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), amparada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a orientação da professora doutora Tania Regina de Luca. Sou imensamente grata ao programa, à agência de fomento e, especialmente, à orientadora, que me guiou desde meus primeiros passos na teoria e prática da pesquisa em, por e nos periódicos. Agradeço pelas orientações pacientes e pelos incentivos, essenciais para meu aprimoramento durante o meu mestrado, no qual me dediquei integralmente graças à bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), correspondente ao processo nº 88887.883960/2023-00. Também reconheço as valorosas análises e sugestões de Petrônio José Domingues e Teresa Maria Malatian apresentadas na minha qualificação e defesa. Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus pais por todo suporte. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001.

RESUMO

A Frente Negra Brasileira (1931-1937) foi uma das mais influentes organizações, com caráter político reivindicatório, no meio negro da primeira metade do século XX. Embora de breve duração, a entidade foi capaz de aglutinar grande quantidade de integrantes. Seu primeiro presidente foi Arlindo Veiga dos Santos, que também liderou a Ação Imperial Patrianovista Brasileira, movimento católico, defensor do retorno da monarquia, antiliberal e anticomunista. Na presidência da Frente Negra, Veiga tentou difundir seus ideais conservadores e nacionalistas, que aproximaram a organização da Ação Integralista Brasileira (1932-1937) e de seu fundador, Plínio Salgado. A conexão entre os dois movimentos está expressa no cabeçalho do jornal *A Voz da Raça* (SP, 1933-1937), porta-voz da Frente, pela inserção da máxima “Deus, pátria, raça e família”, bastante próximo do lema integralista, apenas acrescido do termo “raça”. Arlindo Veiga tem sido considerado pela historiografia como o responsável pelos rumos da entidade, contudo, artigos veiculados no jornal atestam que outros membros da organização adotavam posturas semelhantes às do líder, inclusive com defesas explícitas ao movimento integralista. Dessa forma, o objetivo da pesquisa é verificar como se deu a relação entre o integralismo e a Frente Negra Brasileira, tendo por fonte *A Voz da Raça*, para o que é essencial realizar análise sistemática de seu conteúdo, sem perder de vista os aspectos materiais do impresso, de sua produção e do contexto em que circulou.

Palavras-chave: Frente Negra Brasileira; *A Voz da Raça*; intelectuais negros; integralismo.

ABSTRACT

The Brazilian Black Front (1931-1937) was one of the most influential black political organizations in the first half of the 20th century and, although it was short-lived, it was able to bring together numerous members. Arlindo Veiga dos Santos was the first president, who also presided over the Brazilian Patrianovist Imperial Action, a catholic, anti-liberal and anti-communist movement that advocated the return of the monarchy. As president of the Black Front, Veiga spread his conservative and nationalist ideals, which brought the organization closer to the Brazilian Integralist Action (1932-1937) and its founder, Plínio Salgado. The connection between the two movements was manifested in the masthead of the newspaper *A Voz da Raça* (SP, 1933-1937), the Front's mouthpiece, by the insertion of “God, homeland, race and family”, an adaptation of the integralist motto, only with the addition of the term “race”. Arlindo Veiga has been indicated by historiography as the person responsible for inserting the motto, however, articles published in the newspaper attest to other members of the organization adopting similar stances to Veiga, including explicit defenses of the integralist movement. Thus, the aim of this research is to see how the relationship between integralism and the Brazilian Black Front came about, using *A Voz da Raça* as a source, for which it is essential to carry out a systematic analysis of its content, without losing sight of the material aspects of the newspaper and its production.

Keywords: Brazilian Black Front; *A Voz da Raça*; black intellectuals; integralism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Precificação do jornal <i>A Voz da Raça</i> entre 1933 e 1937.....	32
Tabela 2 – Anúncios presentes no jornal <i>A Voz da Raça</i> (1933-1937).....	35
Tabela 3 – Modificações na redação d’ <i>A Voz da Raça</i> (1933-1937).....	37
Tabela 4 – Colaboradores do jornal (1933-1937).....	41
Tabela 5 – Seções presentes no jornal.....	47
Tabela 6 – Listagem de figuras do jornal.....	50
Tabela 7 – Textos de colaboradores da <i>Voz</i> com o tema “raça em jornais negros (SP, 1923-1932).....	57
Tabela 8 – Colaborações sobre o tema raça na <i>Voz</i> (1933- 1937).....	70
Tabela 9 – Subtópicos abordados nos textos sobre raça dos 18 autores mais frequentes na <i>Voz</i> , em ordem decrescente.....	73
Tabela 10 – Menções sobre a aproximação da FNB com integralismo (1932-1937).....	120
Tabela 11 – Referências diretas ao integralismo e ao fascismo na <i>Voz</i>	125
Tabela 12 – Publicações que mencionam o lema “Deus, pátria, raça e família” na <i>Voz</i>	131
Tabela 13 – Textos que abordaram a pátria na <i>Voz</i>	135
Tabela 14 – Tópicos mais frequentes sobre a pátria no jornal.....	136
Tabela 15 – O tópico “Deus” na <i>Voz</i>	152
Tabela 16 – Textos acerca da família no jornal.....	157

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - A ideologia da Frente Negra Brasileira e sua introjeção na materialidade do jornal <i>A Voz da Raça</i> (SP, 1933-1937)	13
1.1 Formação e fases do ideário da Frente Negra Brasileira.....	14
1.2 Programa e materialidade do jornal <i>A Voz da Raça</i>	28
1.3 Corpo editorial e colaboradores.....	36
1.4 Organização interna do periódico.....	44
CAPÍTULO 2 - Concepções acerca da raça na <i>Voz</i>.....	54
2.1 A presença do termo “raça” nos jornais negros dos anos 1920.....	55
2.2 O panorama do discurso racial na <i>Voz</i>	66
2.3 O conceito de raça, a crítica ao preconceito e a relação com outros grupos sociais.....	76
2.4 Representações e idealizações sobre a negritude.....	91
CAPÍTULO 3 - Deus, pátria e família no jornal <i>A Voz da Raça</i>.....	114
3.1 Conexões entre a FNB e o integralismo (1932-1937).....	116
3.2 Noções acerca da pátria no jornal.....	135
3.2 As questões religiosas e familiares e suas conexões com o ideal de pátria frentenegrino.....	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	168
ANEXO.....	176

INTRODUÇÃO

Entre as obras que buscaram compreender as dinâmicas sociais da população negra paulista pós-abolição, *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, publicada em 1964 por Florestan Fernandes, é uma das mais relevantes. Entre suas contribuições estão dados estatísticos e qualitativos acerca do contraste entre as condições vivenciadas pela população negra paulista e o projeto modernizador brasileiro, tendo em vista as profundas marcas deixadas pela escravidão. Para Fernandes, “o efeito de tudo isso foi que o negro e o mulato emergiram do mundo servil sem formas sociais para ordenar socialmente sua vida, para se integrar, normalmente, na ordem social vigente”.¹ Entretanto, pesquisas posteriores, como a de George Andrews,² discutem como essa tese infere uma suposta passividade da população negra. O aspecto é também observável na obra canônica de Nelson Werneck Sodré, aliás, publicada na mesma década,³ pois, embora traga inegáveis contribuições, não se detém na imprensa negra.

São justamente os jornais que possibilitam compreender as nuances político-sociais dessa parcela da população, a partir de suas próprias representações. Além de veicular informações, esses impressos posicionam-se politicamente e se inserem no campo cultural formado por organizações negras. Acrescente-se que a imprensa atua como instrumento de poder, em conexão com o contexto político e com o jogo de interesses entre diferentes grupos, assim, sua relevância consiste no fato de ser mais que um mero veículo de informações.⁴ Dessa forma, o contexto no qual os periódicos da comunidade negra se inseriram, bem como os antecedentes que influenciaram sua criação, são de fundamental importância. Roger Bastide, um dos primeiros autores a produzir estudos sobre a imprensa negra paulista, propôs a seguinte subdivisão: a primeira fase, que se estendeu de 1915 a 1930; outra até 1937 e, por fim, a terceira, posterior a 1945.⁵ No primeiro momento, os temas políticos eram diminutos em relação às notícias sociais como casamentos, aniversários e festas religiosas, elementos que colaboraram para o estabelecimento das redes de sociabilidades negras. Já a partir da

¹ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978, p. 35.

² ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: Edusc, 1998.

³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino*: Imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 19.

⁵ BASTIDE, Roger. A imprensa negra no estado de São Paulo. *Estudos Afro-Brasileiros*, n. 2, Boletim CXXI, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, p. 51, 1951.

segunda fase, tornaram-se cada vez mais presentes críticas sociais acerca das condições de vida das pessoas negras, dos preconceitos raciais, além da defesa explícita de ideais políticos. Por outro lado, Miriam Ferrara data a segunda fase entre 1924 e 1937, inaugurada com *O Clarim da Alvorada*. A terceira, por fim, começaria em 1945, interrompida em 1963 e retomada nos anos 1970.⁶

As atividades dos periódicos mantidos por afrodescendentes foram intensificadas a partir da primeira metade do século XX, quando o movimento negro entrou em efervescência. O processo foi impulsionado com a criação, em 16 de setembro de 1931, na cidade de São Paulo, da Frente Negra Brasileira (FNB), principal entidade de cunho político reivindicatório da década, encabeçada por diversos ativistas do movimento negro, que nele atuavam, pelo menos, desde a década anterior. Foi concebida como frente única dos negros em prol de melhorias socioeconômicas, objetivava atuar como elo entre essa população, representá-la em suas demandas políticas, sociais e econômicas, ou seja, buscava defendê-la e contribuir para a melhoria das suas condições de vida, para tal, ofertou cursos profissionalizantes e de alfabetização. Teve dois presidentes, Arlindo Veiga, que exerceu o mandato desde a criação até junho de 1934, e Justiniano Costa, que permaneceu até o fim da atividade da organização, em 1937. De abrangência nacional, aglutinou milhares de membros e manteve, a partir de 1933, periódico próprio: *A Voz da Raça* (SP, 1933-1937). É consenso na historiografia no que concerne ao impacto e influência do jornal entre a comunidade negra, afinal, foi mantido pela maior organização afrodescendente dos anos 1930.

Tive meu primeiro contato com a fonte em 2019, no primeiro semestre da graduação em História, quando fui apresentada ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa “Prof.^a Dr.^a Anna Maria Martinez Corrêa” (CEDAP), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Ao consultar o catálogo, o acervo de imprensa negra despertou minha curiosidade, pois sempre me interessei pela questão racial. Percorri alguns periódicos, e, ao consultar a primeira edição d’*A Voz da Raça* fui surpreendida com os dizeres “Deus, pátria, raça e família”, que remetia ao *slogan* integralista.

Nas últimas décadas, diversos estudiosos, realizaram importantes estudos acerca da FNB, a partir de levantamentos de documentação da entidade, entrevistas com militantes e textos publicados no jornal, com vistas a elucidar a sua complexa organização política, cultural e social. Alguns trabalhos apontam a singular aproximação entre a Frente e a Ação

⁶ FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista* (1915-1963). São Paulo: FFLCH/ USP, 1986. p. 41-54

Integralista Brasileira (AIB), encetada pelo primeiro presidente, Arlindo Veiga, fundador do patrianovismo, movimento monarquista, conservador e católico. Destaco as contribuições de André Oliveira, George Andrews, Kim Butler, Laiana de Oliveira, Matheus Dias, Petrônio Domingues, Ramatis Jacino e Teresa Malatian, mencionados no decorrer deste trabalho. Para esses estudos, a entidade negra e a AIB assemelhavam-se na crítica ao sistema liberal-democrático, afetado pela recessão de 1929, no temor diante da ascensão do comunismo, da defesa da pauta nacionalista e moralista, bem como na busca do desenvolvimento econômico do país. Contudo, ainda faltam estudos que identifiquem, pormenorizadamente, correspondências entre o movimento integralista e a FNB no seu periódico. Aliás, mesmo que este tenha sido objeto de inúmeros estudos, alguns sequer mencionam a conexão com o integralismo evidenciada no seu cabeçalho.

Embora obras produzidas por historiadores tendam a ocultar o sistema socioeconômico e hierarquizado dos quais são resultantes,⁷ é necessário frisar que uma obra individual é também um empreendimento coletivo,⁸ influenciado por estruturas socioeconômicas e políticas de seu tempo. Não obstante a ampliação de perspectivas de análises acerca do movimento negro brasileiro, que se deu a partir da década de 1990, sua relação com outros grupos – como empresas, instituições religiosas, sindicatos, partidos, ONGs e o Estado – tem recebido menor destaque, pois:

O foco das pesquisas preferiu evidenciar o movimento negro por si mesmo, ao invés de apresentar também as similitudes e os contrastes em relação a outras formas organizativas. Uma hipótese plausível é que o interesse dos pesquisadores era afirmar a especificidade e a autonomia do movimento, desconsiderando a dimensão das redes de articulação e da reprodução em termos de capital humano, bens materiais e simbólicos. Com essa estratégia, os pesquisadores construíram um quadro em que o movimento atua contra os seus oponentes, sem que com isso pudessem construir aliados políticos.⁹

Contudo, considero que, ao menos desde a última década, a ascensão da extrema-direita no Brasil e no mundo fomentou a produção de pesquisas acadêmicas com temas correlatos à experiência presente. Fruto desse cenário, a presente pesquisa dialoga com o debate historiográfico acerca da proximidade entre o integralismo e o setor do movimento negro aliado ao conservadorismo, representado pela FNB. Insere-se assim, no campo da Nova História Cultural, na compreensão de que, embora o movimento negro seja tratado

⁷ LACRAPA, Dominick. Retórica e História. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, MT, v. 6, n. 1, p. 97, 2013.

⁸ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 50.

⁹ RIOS, Flavia Mateus. O movimento brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000). *Sociologia e Cultura*, Goiânia, GO, v. 12, n. 2, 2009, p. 272.

comumente no singular, no decorrer da história as diferentes coletividades e indivíduos que o compõem formularam noções distintas sobre o ideal de pátria e de identidade racial no processo de luta por seus direitos.

Os procedimentos que fundamentaram o trabalho foram a atenta leitura bibliográfica e o confronto de informações contidas na própria fonte; buscas sobre a entidade, seu jornal e informações biográficas de sujeitos em destaque, em periódicos de grande circulação; análise de artigos publicados por colaboradores da *Voz* na imprensa negra de períodos anteriores ao lançamento do jornal, e a consulta de publicações oficiais do patrianovismo e integralismo. Dessa forma, analisou-se sistematicamente a *Voz da Raça*, identificando todos os seus colaboradores, junto a seus dados biográficos, estabelecendo assim as redes de sociabilidade em torno do impresso. O conteúdo do periódico, organizado em tabelas, foi analisado na íntegra, com especial atenção para aqueles que comentaram direta ou indiretamente sobre o integralismo. Também recebeu destaque a abordagem dos colaboradores do jornal sobre outros tópicos que marcaram o debate político do período, como o fascismo, comunismo, nacionalismo, imigração, os governos liberais-democráticos e opiniões acerca do regime instituído por Getúlio Vargas. Espera-se que a pesquisa possa contribuir para compreensão mais matizada da atuação da FNB e de seu jornal, frente à atenção dada aos membros da organização, e aos seus escritos, alguns dos quais compartilharam os ideais professados pelo primeiro presidente, Arlindo Veiga, que merece destaque particular na historiografia sobre a entidade. Entretanto, foi possível identificar os limites da influência de Veiga entre os membros da FNB. Ademais, houve esforço para descrever e analisar as mudanças ocorridas no que respeita aos ideais professados pela organização, durante a liderança do sucessor de Veiga, Justiniano Costa, aspecto que recebeu pouco destaque nos estudos sobre a relação entre a FNB e a AIB.

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro aborda as origens da Frente e do seu periódico, bem como as características materiais e organizacionais do último, a exemplo do contexto socioeconômico de produção do impresso, corpo editorial, colaboradores e seções, pois, deve-se considerar que:

Jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. [...] Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos

programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores.¹⁰

O segundo capítulo discute as definições e representações sobre negritude no periódico, além de suas concepções sobre o movimento negro e sua relação com a sociedade do período. Assim, foram identificados e analisados os textos que tiveram a raça como principal tema, comparados com noções apresentadas em periódicos negros da década de 1920, buscando identificar rupturas e permanências no discurso da Frente no decênio seguinte. Por fim, o terceiro capítulo reúne dados provenientes da imprensa que sinalizaram a aproximação da FNB com a AIB, além de analisar a própria *Voz* e sua forma de abordar a questão. A fim de compreender as ideias do periódico em torno do lema integralista “Deus, pátria e família”, foram analisados textos da redação e artigos que abordaram temas religiosos, ideias acerca da pátria e que tematizaram a questão familiar. Para avaliar a proximidade dos posicionamentos com aqueles propugnados pelo integralismo e pelo patrianovismo foram consultados o programa deste último, livros publicados por Arlindo Veiga e o Manifesto de Outubro.

¹⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 140

CAPÍTULO 1

A ideologia da Frente Negra Brasileira e sua introjeção na materialidade do jornal *A Voz da Raça* (SP, 1933-1937)

O capítulo aborda inicialmente os antecedentes que culminaram na criação do objeto deste estudo: a Frente Negra Brasileira (SP, 1931-1937). A seguir, destaca-se sua influência entre os afrodescendentes do período, bem como as singularidades organizacionais e ideológicas, por vezes, complexas, caso da proximidade com o integralismo, tema central da pesquisa. Em vista disso, com a finalidade de analisar a estruturação dos ideais da Frente Negra, abordam-se as aproximações e conflitos, dentro e fora do meio negro, nos quais a entidade se envolveu. Como forma de disseminar seus princípios, a organização inaugurou o próprio jornal, intitulado *A Voz da Raça* (SP, 1933-1937), fonte principal deste trabalho, que expressava demandas e questões socioeconômicas do grupo responsável, ou seja, líderes e demais membros da Frente Negra. Esse é o motivo pelo qual se faz necessário elencar dados biográficos da redação e do rol de colaboradores, ao menos dos assíduos, pois evidenciam a rede de sociabilidade constituída em torno do impresso. Além disso, outros atributos da materialidade contribuem para a caracterização do periódico, como o título e os dados presentes no cabeçalho, que remetem para aspectos ideológicos, tal qual as seções e seus temas frequentes. Já dados sobre a impressão, circulação e anunciantes informam sobre as condições econômicas. Por fim, discute-se a receptibilidade do jornal na grande imprensa e entre periódicos negros, o que expressa sua representatividade em diferentes agrupamentos sociais. Em suma, os aspectos relacionados à materialidade do jornal, os quais influem no conteúdo, colaboram para evidenciar a estrutura organizacional e a ideologia da Frente Negra.

1.1 Formação e fases do ideário da Frente Negra Brasileira

A passagem do século XIX para o XX, no Brasil, foi marcada por profundas mudanças econômicas, políticas, sociais e tecnológicas, período em que São Paulo tornou-se destacado centro econômico, devido ao desenvolvimento das lavouras, em especial as cafeeiras, e das indústrias. Tais atividades demandaram incremento de trabalhadores, contudo, ao iminente fim da escravidão somava-se a visão negativa do governo sobre os escravizados e a preferência por imigrantes brancos.¹¹ Nas primeiras décadas da República, em São Paulo, os ex-escravizados frequentemente habitavam “casebres miseráveis, trabalhando mediante salários ínfimos, em serviços como a coleta de lixo, que os brancos consideravam indignos”,¹²

¹¹ Motivos pelos quais, a partir de 1884, a província iniciou a subvenção à vinda destes últimos. Em: MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo, de comunidade a metrópole*. São Paulo: Difel, 1970. p. 216, 235, 275.

¹² *Ibid.*, p. 242.

negros ocupavam a maioria dos postos de baixo escalão, como carregadores, faxineiros e trabalhos mais humildes em ferrovias, postos de trabalho temporários, informais, perigosos e braçais.¹³ Havia, ainda, os trabalhadores domésticos, categoria composta, sobretudo, por ex-escravizados, que continuaram a servir as mesmas famílias, em situações insalubres, semelhantes ao escravismo.¹⁴ Quanto ao comércio, desde o final do século XIX, era essencialmente exercido por imigrantes,¹⁵ com a preponderância de portugueses e uma minoria de brasileiros brancos. Não obstante os avanços no país, e especialmente na capital paulista, não houve políticas do Estado para alterar as condições de vida da população negra, pelo contrário, a persistência da herança escravista na sociedade brasileira intensificou as desigualdades sociais e econômicas, o que resultou na estigmatização e pauperismo crônicos desse grupo.¹⁶

Entretanto, na década de 1920, uma minoria alcançou condições socioeconômicas mais favoráveis, tanto que emergiu na capital paulistana uma classe média negra, que se tornou cada vez mais proeminente nos anos 1930, composta principalmente por ocupantes de ofícios liberais, funcionários públicos e operários.¹⁷ Uma parcela dessa classe média era composta pela elite intelectual negra, composta por indivíduos alfabetizados, alguns com formação em cursos superiores, e participantes de grupos de debates políticos.¹⁸ Entende-se por intelectuais negros aqueles que engajaram-se na luta pelos direitos da comunidade no Brasil, ou seja, a categoria e as análises sujeitam-se às particularidades desse grupo, de forma que divergem daquelas referentes a outros grupos sociais. No caso, a pesquisa trata especificamente sobre os colaboradores da imprensa negra brasileira, que nas décadas de 1920 e 1930 era um dos mais relevantes meios midiáticos reivindicatórios que circulavam dentro e fora do movimento negro.¹⁹

Dada a necessidade de planejar atividades coletivas, os agrupamentos negros emergentes fundaram organizações e periódicos combativos, que além de promoverem

¹³ TRINDADE, Liana Salvia. O negro em São Paulo no período pós-abolicionista. In: PORTA, Paula. (org.). *História da cidade de São Paulo – A cidade na primeira metade do século XX 1890 – 1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 105.; LOVE, Richard. *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 32.

¹⁴ TRINDADE, Liana Salvia. *Op. cit.*, p. 106.

¹⁵ MORSE, Richard. *Op. cit.*, p. 179; LOVE, Richard. *Op. cit.*, p. 112-113.

¹⁶ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978. p. 78-162.

¹⁷ TRINDADE, Liana Salvia. *Op. cit.*, p. 114.

¹⁸ O termo “elite” faz referência ao fato dos negros alfabetizados serem minoritários no período em questão, além de, em geral, usufruírem de melhores condições de vida que a maioria afrodescendente, pelo alfabetismo proporcionar empregos com salários mais altos, bem como possibilitar a participação em discussões e decisões políticas do país, além de facilitar o acesso à informação e participação no mundo das letras.

¹⁹ ALBERTO, Paulina L. *Termos de Inclusão - Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Unicamp, São Paulo: Editora Unicamp, 2017.

ambientes de sociabilidade e intercâmbio sociocultural, objetivavam a luta por direitos e melhores condições de vida, uma resposta às mazelas vivenciadas, em contraste com o desenvolvimento do país, especialmente São Paulo. Essas iniciativas, cada vez mais comuns a partir da década 1920 em São Paulo, foram essenciais na formação política dos militantes negros do decênio seguinte.²⁰ Um exemplo foi o jornal *O Clarim da Alvorada* (SP, 1924-1932), fundado em 6 de janeiro de 1924, por José Correia Leite²¹ e Jayme de Aguiar, no qual se defendia a união da comunidade, a ser promovida de forma substancial dois anos mais tarde pela primeira entidade negra paulista organizada na década.

O projeto, inicialmente idealizado por Antonio Carlos, sargento da força pública,²² previa a organização de biblioteca exclusiva para afrodescendentes, com o intuito de promover debates e socialização. Contudo, a ideia ampliou-se e deu origem ao Centro Cívico Palmares (CCP),²³ inaugurado em 12 de outubro de 1926, sob a responsabilidade de Gervásio de Moraes,²⁴ Manoel Antonio dos Santos, Roque dos Santos e os irmãos Isaltino²⁵ e Arlindo Veiga dos Santos.²⁶ Segundo os estatutos, a entidade objetivava defender os interesses dos negros, manter biblioteca, café, escolas, curso de alfabetização e aperfeiçoamento físico, além de realizar reuniões semanais com sócios.²⁷ Vale destacar a aproximação do CCP com comunidades católicas, a exemplo do discurso proferido por Vicente Ferreira, representante do Centro, durante a festa de escoteiros promovida pelas Congregações Marianas em janeiro de 1928, em comemoração ao aniversário da cidade.²⁸ Em 1929, diversos militantes romperam com o CCP em razão da presidência de Joe Foyes-Gittens, um negro inglês, acusado de corrupto e ditador, cuja nacionalidade intensificou a revolta entre membros anti-imigrantista, a exemplo de Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos. Embora o episódio seja

²⁰ Optou-se por evidenciar apenas os dados biográficos das figuras negras centrais a este estudo, o que justifica a ausência de informações sobre alguns sujeitos mencionados, embora a inexistência de dados esteve também frequentemente relacionada à carência documental. Por meio de pesquisa por palavras-chave em periódicos disponíveis na Hemeroteca Brasileira Digital, os aspectos biográficos encontrados inserem-se em trechos aos quais contribuem significativamente ao assunto tratado, no corpo textual aborda-se as principais lideranças, enquanto os demais apresentam-se nas notas de rodapé.

²¹ José Benedito Correia Veiga nasceu em São Paulo, em 23 de agosto de 1900. Foi jornalista e um dos principais militantes do movimento negro no início do século XX. Ver: SILVA, Luiz. *E assim disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Noovha América, 2013. p. 23.

²² *Id.* p. 73.

²³ Também referido como Centro ou Centro Cívico.

²⁴ CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. Tese (Doutorado em História econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 161.

²⁵ Isaltino Benedito Veiga dos Santos, nasceu em Itu, São Paulo, em 1901. Durante a adolescência já revelava inclinações literárias. Aos 17 anos mudou-se com a família para São Paulo e ali iniciou trabalhos como despachante e jornalista. Ver: MALATIAN, Teresa Maria. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

²⁶ Arlindo José da Veiga dos Santos, nasceu em Itu, São Paulo, em 1902. Foi jornalista, literato e professor. Ver: *Id.*

²⁷ CARVALHO, Gilmar Luiz de. *Op. cit.*, p. 159-160.

²⁸ A DATA da fundação da cidade. *Diário Nacional*, São Paulo, ano 2, n. 169, p. 6, 26 jan. 1928.

apontado pela historiografia como a causa da extinção da entidade naquele mesmo ano, há indícios de que atuou, mesmo que enfraquecida, até, pelo menos, 1932.²⁹

Um dos principais legados do Centro Cívico Palmares foi a consolidação do ativismo de diversos líderes, como os irmãos Veiga dos Santos, Gervásio de Moraes³⁰ e Francisco Costa Santos. O último, conhecido como Chico Costa, idealizou em 1931 uma entidade voltada à elevação intelectual, moral e social da população negra.³¹ Procurou Isaltino Veiga para chefiá-la, que de início negou-se a participar, devido à frustração com a experiência palmarina,³² porém, diante da insistência de Costa Santos, aceitou a empreitada.³³ Os dois, em agosto de 1931,³⁴ uniram-se com demais intelectuais negros, como Arlindo Veiga, Jayme de Aguiar, José Correia Leite, Raul Amaral, Justiniano Costa, Deocleciano Nascimento, Horácio Cunha e Benedito Florêncio. Em 29 de setembro de 1931, reunidos no Salão das Classes Laboriosas,³⁵ criaram a Frente Negra Brasileira (FNB),³⁶ considerada a principal organização negra dos anos 1930, com cunho político reivindicatório. Durante toda sua existência, a FNB objetivou unir a comunidade negra e representá-la em suas demandas, na defesa dos direitos sociais e políticos.

Entre parcela da grande imprensa, a fundação da FNB foi alvo de críticas, a exemplo do *Diário de Notícias* (RJ, 1930-1976), que desdenhou da iniciativa por considerá-la mera resposta ao impedimento de um negro de adentrar uma pista de patinação: “porque os pretos querem e não podem patinar, inventa-se logo uma questão de cor, uma questão de raça, uma questão racial!”. O racismo era veementemente negado pelo jornal, pois defendia que “não somente a igualdade jurídica existe no Brasil para todos os cidadãos, seja qual for sua origem racial, como porque qualquer direito violado encontra nas leis eficaz e pronta reparação”.³⁷

²⁹ Em 1930 os jornais *A Gazeta* (SP, 1906-1979) e *Diário Nacional* (SP, 1927-1932) anunciaram as festividades do dia 13 de maio no Centro Cívico Palmares. Já em 1932 o *Diário Nacional* noticiou o baile à fantasia do CCP em 7 de fevereiro e em dezembro, *A Gazeta* e o *Correio de S. Paulo* (SP, 1932-1937) informaram sobre as comemorações natalinas da organização. Em: 13 de maio. *A Gazeta*, São Paulo, ano 22, n. 7288, p. 7, 9 mai. 1930.; O 13 de maio do Centro Cívico Palmares. *Diário Nacional*, São Paulo, ano 3, n. 875, p. 5, 8 mai. 1930.; BAILES de hoje. *Diário Nacional*, São Paulo, ano 5, n. 1381, p. 8, 7 fev. 1932.; CENTRO Cívico Palmares. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 1, n. 161, p. 3, 19 dez. 1932.; CENTRO Cívico Palmares. *A Gazeta*, São Paulo, ano 24, n. 8078, p. 4, 17 dez. 1932.

³⁰ CARVALHO, Gilmar Luiz de. *Op. cit.*, p. 161.

³¹ DOMINGUES, Petrônio. Como se fosse um bumerangue: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 28, n. 81, p. 5, fev. 2013.

³² Relativo ao Centro Cívico Palmares.

³³ SANTOS, Isaltino B. Veiga. A Verdade é esta. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1933.

³⁴ RIBEIRO. 16 de setembro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 2, 30 set. 1933.

³⁵ Posteriormente, a sede foi instalada na rua Liberdade, número 196. Com a finalidade de construir o próprio prédio, a partir de 28 de outubro de 1933 até sua extinção, a FNB instituiu campanhas financeiras, todas malogradas. Fonte: FREITAS, Cesário C. de. A casa própria da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 1, 28 out. 1933.

³⁶ A Frente Negra Brasileira será abreviada como Frente Negra, Frente e FNB.

³⁷ LANA caprina. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 550, p. 2, 22 dez. 1931.

Assim, um dos desafios enfrentados pela Frente foi lidar com o descrédito por parte de negacionistas do preconceito racial.

É interessante refletir que entre as motivações para a criação da Frente pode-se apontar a tomada do poder presidencial por Getúlio Vargas em 3 de outubro de 1930, uma vez que na ocasião *O Progresso (SP, 1928-1931)*, no qual seus redatores ajudaram a fundar a Frente, apoiou a mudança no regime, pois ansiavam que este contribuísse com a melhoria de vida dos negros.³⁸ Assim, após o enfraquecimento do CCP, o novo cenário político reacendeu os ânimos de militantes na reivindicação de seus direitos. Os propósitos do CCP inspiraram a FNB, que “suruiu no estado de São Paulo, graças à perspicácia da alma paulista, que, desde 1926, já havia fundado o CENTRO CÍVICO PALMARES, com o mesmo objetivo da aludida organização”.³⁹ Mesmo com a derrocada do Centro Cívico, o entusiasmo de diversos intelectuais negros no projeto que originou a FNB indica a permanência do anseio em promover a comunhão entre o grupo. Nesse sentido, o uso do termo “frente” para nomear a entidade sugere a congregação de indivíduos em prol de uma causa comum superna às possíveis diferenças ideológicas entre os membros. No caso, a busca pela melhoria das condições de vida dos negros seria o elemento aglutinador, motivo pelo qual a FNB abarcava líderes de amplo espectro político, desde José Correia Leite, adepto de ideias à esquerda,⁴⁰ até os irmãos monarquistas Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos. O primeiro, por exemplo, criticava Getúlio Vargas em seu jornal, *O Clarim da Alvorada*, enquanto os irmãos o apoiavam pelas posturas nacionalistas, o caráter centralizador, intervencionista e pelas críticas

³⁸ ALBERTO, Paulina. *Op. cit.*, p. 183.

³⁹ SANTOS, Marcos Rodrigues dos. O que pretendemos os negros frentenegrinos com o nome de “Frente Negra Brasileira”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 62, p. 1, fev. 1937.

⁴⁰ Na sua biografia intitulada *E disse o velho militante José Correia Leite*, declara que seu interesse pela causa proletária iniciou-se com uma greve geral em 1918, na cidade de São Paulo, quando em diálogo com um dos grevistas foi convidado para uma reunião, no dia e local marcados soube que se tratava de um grupo anarquista, nas palavras de Leite, “então eu fiquei sabendo que o anarquismo era um negócio utópico. [...] Mas eu gostei de ter tido esse contato”. O militante também pontuou que posteriormente aproximou-se de membros do Partido Comunista Brasileiro e que em 1931, mesmo ano de fundação da FNB, o caso conhecido como Scottsboro Boys, de nove negros estadunidenses acusados injustamente de estupro, comoveu o partido, momento em que Leite foi informado que o Socorro Vermelho estava colaborando com ajuda jurídica sob o caso. Contudo, no mesmo período, a mudança de posicionamento da agremiação política foi decisiva para o militante negro optar por separar a causa negra da comunista na sua atuação: de início o Partido declarava apoio à revolução comunista nos Estados Unidos da América, e pouco tempo depois passou a combater tal país, o que na perspectiva de casos como de Scottsboro, significa desamparar a classe trabalhadora estadunidense, na qual incluía-se negros. De forma que Leite concluiu: “então eu vi que o comunismo era um conjunto de ideias políticas, e eu não podia confundir com minhas ideias. Então, eu nunca misturei uma coisa com a outra, sempre agi como negro. Quando eu tinha que tomar minhas atitudes políticas era outra coisa.” Ainda sim, pode-se refletir que a atuação no movimento negro também é um ato político e é influenciado pelo posicionamento ideológico dos indivíduos envolvidos, motivo pelo qual as figuras frentenegrinas, isto é, que militavam na FNB, idealizavam diferentes propostas para a ascensão social, política e econômica dos negros. Em: SILVA, Luiz. *Op. cit.*, p. 53-55.

à democracia liberal.⁴¹ Apesar das divergências, Leite considerava que os ideais políticos pessoais não deveriam interferir na luta pela causa negra.⁴² Em seu jornal divulgou a inauguração da Frente, criticou o individualismo e declarou: “vamos trabalhar harmoniosamente, entre o respeito recíproco, e o respeito aos nossos guias que se imponham, por sua vez, pela inteligência de *condottieres*”.⁴³ No mesmo número e, em outros posteriormente, o periódico apresentou notícias sobre a FNB, que por vezes ocupavam páginas inteiras, o que denota comprometimento com a organização, uma vez que *O Clarim* contava com o espaço restrito de quatro páginas.⁴⁴

Num primeiro momento, o presidente da FNB foi Arlindo Veiga, enquanto Isaltino ocupou o cargo de secretário-geral. Arlindo, graças ao mecenato da Igreja, cursou a Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo (anteriormente denominada São Bento),⁴⁵ onde obteve o grau de Bacharel em Letras em 1926. Na mesma época, filiou-se à Congregação Mariana da Igreja de Santa Ifigênia e integrou o Centro de Estudos Marianos D. José de Camargo Barros, voltado para debates políticos e culturais,⁴⁶ também foi membro do Centro Dom Vital⁴⁷ e colaborou com jornais católicos como *A Federação* (SP, 1905 –), de Itu.⁴⁸ Em 1928, Arlindo Veiga, com o objetivo de promover discussões sobre a política nacional, liderou os jovens, que incluía seu irmão, responsáveis por fundar o grupo de estudos Centro Monarquista de Cultura Social e Política Pátria-Nova, a gênese do patrianovismo ou Pátria-Nova,⁴⁹ movimento defensor do retorno da monarquia no Brasil, crítico à república, à democracia

⁴¹ OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Entre a miscigenação e a multirracialização: Brasileiros Negros ou Negros Brasileiros? Os desafios do movimento negro brasileiro no período de valorização nacionalista (1930-1950) – A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2008. p. 104.

⁴² SILVA, Luiz. *Op. cit.*, p. 54.

⁴³ O NOSSO dever é enfileirarmos. *Clarim da alvorada*, ano 8, n. 36, p. 1, 28 set 1931.

⁴⁴ As notícias da FNB também eram publicadas no jornal *O Progresso*, fundado em 23 de junho de 1928 em comemoração ao nono aniversário do Grupo Carnavalesco Campos Elysios e ao centenário de nascimento de Luís Gama. Permaneceu em atividade até 15 de novembro de 1931, editado por Lino Guedes e Argentino Celso Wanderley, foi elogiado por diversos periódicos proeminentes do período, como o *Jornal do Comércio*, *A Gazeta* e *Correio Popular*. Ver: CARVALHO, Gilmar Luiz de. *Op. cit.*, p. 13. FERRARA, Miriam Nicolau. *Op. cit.*, 60.

⁴⁵ A faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo (atualmente parte da PUC-SP) foi fundamental na formação da intelectualidade católica do período, na qual os negros estavam incluídos.

⁴⁶ MALATIAN, Teresa. *O cavaleiro Negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira*. São Paulo: Alameda Editorial, 2015.

⁴⁷ Formado em 1931, objetivava o desenvolvimento da “cultura católica superior”, promovido mediante conferências de teologia, filosofia e história da Igreja. Ver: *Id.* O tradicionalismo monarquista (1928-1945). *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, PR, v. 6, n. 16, p. 77-78, 2013.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 76.

⁴⁹ O termo é originário do Integralismo Lusitano, movimento criado em 1913, que visava instaurar em Portugal uma monarquia tradicionalista e antiparlamentar, cujo governo seria católico, nacionalista e antiliberal.

liberal e ao comunismo.⁵⁰ O elitismo e conservadorismo, fundamentaram esse agrupamento reacionário, que influenciou na classe média paulista, inclusive entre afrodescendentes, durante as décadas de 1920 e 1930.⁵¹

Arlindo Veiga, enquanto patrianovista e presidente da FNB, conduziu ações, e conseqüentemente, o discurso oficial da última em torno dos próprios princípios. Inicialmente, a tomada de decisões na organização era de responsabilidade do conselho fretenegrino constituído pelos fundadores. Contudo, para a elaboração dos estatutos da Frente, Arlindo Veiga selecionou apenas alguns membros desse grupo, ou seja, aqueles cujo ideário político assemelhava-se ao seu. Assim, nulificou a formação deliberativa inicial, e instituiu o Grande Conselho (GC), formado por Francisco Costa Santos, David Soares, Horácio Arruda, Vitor de Souza, João Francisco de Araújo, Alfredo Eugênio da Silva, Oscar de Barros Leite, Isaltino e Arlindo Veiga dos Santos.⁵² Os estatutos da FNB legitimaram a ação autoritária de Arlindo Veiga e expressavam a rígida hierarquia da organização, ao mencionar o poder supremo do chefe e do Grande Conselho, definido como “soberano e responsável, constando de 20 membros”, incluídos o secretário-geral e presidente sendo os demais escolhidos a critério deste. Alguns fretenegrinos de esquerda, como Correia Leite, consideraram o documento fascista, autoritário e influenciado pelo monarquismo do presidente, tentaram impedir sua aprovação, mas foram barrados de participar da reunião que o oficializou.⁵³ Em 12 de outubro de 1931, os estatutos foram lidos perante “mil e tantos negros”,⁵⁴ e publicados no *Diário Oficial* em 4 de novembro do mesmo ano.⁵⁵

Em face do ocorrido, entre meados de outubro e início de novembro de 1931, menos de dois meses após a fundação, a Frente fragmentou-se com a saída da ala à esquerda, ainda que, inicialmente, a entidade prezasse a heterogeneidade política. A exemplo, José Correia

⁵⁰ Uma resposta reacionária do conservadorismo católico à secularização cultural, aos valores materialistas impulsionados pelo liberalismo, bem como ao movimento comunista, considerado uma das causas para o afastamento dos princípios religiosos entre a população.

⁵¹ Parcela dos intelectuais negros marcou presença em movimentos reacionários católicos, como o patrianovismo. Defendiam a monarquia pelo descontentamento com as condições sociais precárias vivenciadas pelos negros durante a República, a adesão a ideais monárquicos veio em resposta ao desenvolvimento vertiginoso do país, principalmente São Paulo, ao passo que negros permaneciam marginalizados. Os incentivos à imigração eram criticados por negros conservadores, que reivindicavam incentivos apenas aos trabalhadores brasileiros, fossem eles brancos ou negros, em detrimento dos estrangeiros, ideias convergentes com o discurso patrianovista. Na peculiar defesa da monarquia, intelectuais negros desassociavam a escravidão à monarquia, focalizavam a criação de leis, pela Coroa, que progressivamente culminaram na abolição após mais de três séculos de escravatura.

⁵² ESTATUTOS da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 3, 15 abr. 1933.

⁵³ SILVA, Luiz. *Op. cit.*, p. 94.

⁵⁴ ESTATUTOS da Frente Negra Brasileira. *Op. cit.*

⁵⁵ FRENTE NEGRA BRASILEIRA. Estatuto da Frente Negra Brasileira. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*: São Paulo, ano 41, n. 252, p. 12, 4 nov. 1932.

Leite redigiu carta de demissão ao conselho da Frente Negra e nela declarou apoio aos princípios republicanos, democráticos e socialistas, discorreu sobre a discordância com o monarquismo de Arlindo Veiga, e o acusou de difundi-lo na FNB.⁵⁶ Após a cisão, os que permaneceram na Frente podem ser classificados entre aqueles entusiastas da ideologia de Veiga, e outros sem envolvimento partidário e não necessariamente seguidores dos princípios políticos pessoais do presidente.

A inscrição na FNB era gratuita e admitiam-se pessoas negras, maiores de 14 anos, que poderiam participar da caixa beneficente, mediante pagamento mensal de 2 mil réis⁵⁷ por núcleo familiar,⁵⁸ garantindo o direito a descontos em serviços prestados por outros membros, amparo judicial, aulas de alfabetização⁵⁹ e cursos profissionalizantes, promovidos pelos diversos departamentos da entidade.⁶⁰ Os serviços disponibilizados faziam parte do programa da FNB pela “elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica e econômica e do trabalho da Gente Negra”.⁶¹ A organização atendia principalmente aqueles que estavam empregados e relativamente estabilizados,⁶² enquanto entre os postos de liderança era comum encontrar profissionais liberais,⁶³ a elite intelectual negra,⁶⁴ razão pela qual os líderes frequentemente estabeleciam relações assimétricas com os demais membros, “decorrentes do poder econômico e político que conquistaram”.⁶⁵

⁵⁶ SILVA, Luiz. *Op. cit.*, p. 94.

⁵⁷ Informações contidas nos Estatutos da Caixa Beneficente da FNB. Ver: COMUNICADOS da FNB. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 2, 8 abr. 1933.

⁵⁸ A fim de comparação, um almoço *self-service* em outubro de 1931 custava quatro mil réis, indicativo de que o valor estabelecido pela FNB era modesto. Ver: A TRIBUNA. Santos, SP, ano 38, n. 202, p. 5, 13 out. 1931.

⁵⁹ A alfabetização de crianças e adultos foi prioridade da FNB, visava a participação eleitoral de seus membros, uma vez que analfabetos não possuíam o direito ao voto, adquirido apenas em 1985. A instituição também se dedicou a auxiliar juridicamente a expedição dos títulos de eleitores de fretenegrinos.

⁶⁰ O Departamento de Instrução ofertava curso primário e alfabetização para adultos; o de Artes e Ofícios oferecia cursos profissionalizantes, de pedreiro, marceneiro, desenhista e pintor; o de Colocações Domésticas direcionava mulheres para empregos domésticos; o Musical ministrava aulas de diversos instrumentos; o Esportivo organizava competições; o Departamento Médico disponibilizava consultas médicas e odontológicas; o Jurídico Social oferecia assistência jurídica, especialmente no campo trabalhista. Já o Departamento de Propaganda era encarregado de divulgar os eventos e o ideário da organização entre a população negra, função compartilhada com o Departamento de Imprensa, criado em 1933, responsável pelo periódico oficial da organização. Ver: OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Entre a Miscigenação e a Multirracialização: Op. cit.*, p. 34.

⁶¹ ESTATUTOS da Frente Negra Brasileira. *Op. cit.*

⁶² TRINDADE, Liana Salvia. *Op. cit.* p. 116.

⁶³ Profissionais com formação técnica ou em cursos superiores, como médicos, contadores, advogados, dentistas e engenheiros.

⁶⁴ Conceito desenvolvido por George Andrews. Ver: ANDREWS, George Reid. *Op. cit.*

⁶⁵ WEBER, Regina. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. *Diálogos*, Maringá, PR, v. 18, n. 2, p. 703-733, 2014.

A FNB pretendia “irradiar por todo o Brasil”⁶⁶ e, para alcançar tal objetivo, fundou filiais, denominadas delegações, em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.⁶⁷ O município de Santos (SP), abrigou a primeira subsede, fundada em novembro de 1931.⁶⁸ A organização esteve presente em outras cidades paulistas como Jundiaí,⁶⁹ Sorocaba,⁷⁰ Ipaussu,⁷¹ Tietê,⁷² Amparo,⁷³ Porto Feliz,⁷⁴ São José do Rio Pardo,⁷⁵ Campinas,⁷⁶ Birigui⁷⁷ e Itapira.⁷⁸ Já em Minas Gerais, estado que agregava o segundo maior polo da Frente, havia unidades em Guaxupé,⁷⁹ Cabo Verde,⁸⁰ Muzambinho,⁸¹ Passos e São Sebastião do Paraíso, que recebeu uma das primeiras filiais fretenegrinas, inaugurada em novembro de 1931.⁸² No Rio de Janeiro, a subsede data de 22 de fevereiro de 1932, reconhecida pelo Tribunal Eleitoral, porém proibida de atuar, devido ao “estado de guerra” em que o país encontrava-se desde a tomada do poder que levou Getúlio Vargas à presidência em 1930.⁸³ As delegações deviam total obediência à matriz e contavam, inclusive, com estruturas similares: o Grande Conselho escolhia os líderes das filiais, intitulados delegados, que por sua vez poderiam instituir conselhos auxiliares para definir ações e organizar eventos. Nota-se que a estrutura fortemente hierarquizada da sede se estendia para as delegações, pois os membros do GC tinham poder

⁶⁶ ESTATUTOS da Frente Negra Brasileira, *Op. cit.*

⁶⁷ Serão abordadas apenas as filiais noticiadas na imprensa do período.

⁶⁸ Em 22 de novembro de 1931, líderes da sede da FNB viajaram a Santos para empossar o delegado daquela unidade e demais membros dos conselhos. Ver: FRENTE Negra Brasileira. *Diário Nacional*, São Paulo, ano 4, n. 1316, p. 5, 22 nov. 1931.

⁶⁹ Primeiro registro em setembro de 1933. Em: COMUNICADOS da FNB. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 2, 16 set 1933.

⁷⁰ Primeiras menções a partir de janeiro de 1936. Ver: SOROCABA. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 82, n. 24573, p. 20, 1 jan. 1936.

⁷¹ Registros a partir de novembro de 1935. Em: COMO a FNB comemorou seu 4º aniversário. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 49, p. 1, 23 nov. 1935.

⁷² Primeiros dados da filial em dezembro de 1933. Em: NEGREIROS, Aristides Assis. Comunicados da FNB. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 28, p. 2, 23 dez. 1933.

⁷³ Primeira menção em janeiro de 1934: DELEGAÇÃO da FNB em Campinas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 3, 20 jan. 1934.

⁷⁴ Registros em abril de 1937: BALANCETE da receita e despesa da delegação da FNB em Porto Feliz, referente ao mês de janeiro de 1937. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 64, p. 2, abr. 1937.

⁷⁵ Há dados de atividades desse núcleo a partir de setembro de 1935. Em: NOTÍCIAS do interior. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 81, n. 24381, p. 9, 14 set. 1935.

⁷⁶ Inaugurada em 13 de março de 1932. Ver: EM Campinas. *Diário Nacional*, São Paulo, ano 6, n. 1413, p. 5, 18 mar. 1932.

⁷⁷ Informações extraídas das seções sociais d’*A Voz da Raça* (SP, 1933-1937).

⁷⁸ COMUNICAÇÃO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1 p. 4, 18 mar. 1933.

⁷⁹ Têm-se informações sobre sua atuação a partir de 13 de maio de 1933. Ver: AS comemorações do dia 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 2, 20 mai. 1933.

⁸⁰ DE Cabo Verde. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 63, p. 2, mar. 1937.

⁸¹ NEGRO, Príncipe. Comentando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 67, p. 2, jul. 1937.

⁸² FRENTE Negra Brasileira. *Diário Nacional*, São Paulo, ano 3, n. 1343, p. 5, 24 nov. 1931.

⁸³ PORQUE até agora não pode funcionar aqui a sede da FNB. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 37, n. 8963, p. 2, 25 jan. 1937.

soberano para vetar decisões dos conselhos auxiliares, substituir delegados e realizar quaisquer outras mudanças que julgassem necessárias.

A quantidade exata de membros da Frente é desconhecida, sabe-se apenas que entre o final de 1932 e início de 1933 Isaltino Veiga estimou em 50 mil os filiados apenas no estado de São Paulo,⁸⁴ dos quais 6 mil seriam mulheres.⁸⁵ Inobstante a ausência de dados que justifiquem a sugestão de outras quantias,⁸⁶ é muito provável que houvesse exagero na estimativa, utilizada como estratégia para divulgar e enaltecer a obra frentenegrina. Ainda assim, é plausível considerar que a FNB arregimentou quantidade significativa de membros, haja vista as mais de 60 delegações espalhadas pelo país ao final de 1936.⁸⁷

Diante da necessidade divulgar as ações da entidade, a Frente incumbiu, durante os dois primeiros anos de existência, o Departamento de Publicidade a responsabilidade por difundir informações por meio de anúncios estampados (e pagos) na grande imprensa: *Correio de S. Paulo* (SP, 1932-1937), *Correio Paulistano* (SP, 1854-1963), *Diário Nacional* (SP, 1927-1932), *A Gazeta* (SP, 1906-1979), *Gazeta Popular* (SP, 1931-1938), *Jornal do Brasil* (RJ, 1891-), *A Noite* (RJ, 1911-1957), *O Radical* (RJ, 1932-1943) e *Jornal do Comércio* (RJ, 1827-2016). Contudo, as constantes dificuldades financeiras não permitiam mais do que breves notas. Por outro lado, em razão da presença de frentenegrinos no corpo editorial dos jornais negros *O Progresso* (SP, 1928-1931) e *O Clarim da Alvorada*, páginas inteiras eram dedicadas aos informes da entidade. Com a extinção do primeiro periódico, *O Clarim* tornou-se o único veículo negro a ceder espaço considerável – uma página ou mais por edição – à FNB, mesmo após José Correia Leite, um dos redatores do jornal sair da organização no final de 1931,⁸⁸ pois mesmo que discordasse da liderança de Arlindo Veiga, reconhecia a importância da FNB para a comunidade.⁸⁹

⁸⁴ DE São Paulo, *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 140, p. 1, 25 dez. 1932.

⁸⁵ SANTOS, Filena Veiga dos. Vem sofrendo diminuição vexatória da parte das mãos dos brasileiros. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 958, p. 7, 9 fev. 1933.

⁸⁶ Michael Mitchell estimou seis mil membros na cidade-sede e dois mil em Santos. Em: MITCHELL, Michael. Racial Consciousness, Afro-brazilian Electoral Strategies, and Regime Change in Brazil. In: PERSONS, Georgia. *Race and Ethnicity in Comparative Perspective*. London: Routledge, 1999. p. 131.

⁸⁷ SANTOS, Arlindo Veiga dos. O maior louvor da obra frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 57, p. 2, set. 1936.

⁸⁸ Correia Leite na edição de dezembro de 1931 d' *O Clarim* elogia o frentenegrino Justiniano Costa, há anúncio de livros de Arlindo Veiga, além de estampar, em uma página inteira, o “editorial da Frente Negra Brasileira”. No número seguinte, de janeiro de 1932, *O Clarim* publica breve entrevista com Antonio Alves, membro do Grande Conselho. Ver: JUSTINIANO Costa. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 8, n. 38, p. 1, 20 dez. 1931; “CONTRA a corrente”: de Arlindo Veiga. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 8, n. 38, p. 2, 20 dez. 1931. EDITORIAL da Frente Negra Brasileira. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 8, n. 38, p. 3, 20 dez. 1931.; UM soldado desconhecido!.... *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 8, n. 39, p. 1, 31 jan. 1932.

⁸⁹ SILVA, Luiz. *Op. cit.*, p. 18.

Entretanto, em fevereiro de 1932, uma questão de caráter moral pôs fim à colaboração entre *O Clarim* e a FNB, que se viu impedida de utilizar as páginas do impresso quando veio à tona o relacionamento extraconjugal mantido por Isaltino Veiga.⁹⁰ José Correia Leite exigiu a punição do rapaz, porém, Arlindo, ainda que presidisse agremiação de forte caráter moralista, recusou-se a penalizar o irmão, desdenhou do caso ao defini-lo como “leviandade de jovem”.⁹¹ Em resposta, Correia Leite suspendeu momentaneamente *O Clarim* para dedicar-se à *Chibata* (SP, 1932), jornal fundado em fevereiro de 1932, com o subtítulo “Se nós somos Judas da Raça, quem serão os Cristos?” e cujo cabeçalho constava “sem número” e “sem ano”. Sob o pseudônimo “Homem Negro”, Leite, o redator, dedicou-se a criticar a postura do presidente fretenegrino em relação ao adultério.⁹²

No mesmo período, a FNB recebeu críticas de Austregesilo de Athayde, que publicou artigo no jornal que dirigia, o *Diário da Noite* (RJ, 1929-1964), afirmando que “as leis não escolhem os homens pela cor”, e prosseguiu, “se algumas portas fecham-se aos pretos, não é em consideração pela cor, mas pela falta de educação e pelos maus hábitos de certos indivíduos descendentes de Cam”. Não economizou em impropérios: “a Frente Negra Brasileira resulta das maquinações obscuras dos agentes moscovitas e nela estão sendo colhidos brasileiros inexperitos e ingênuos, que sem o saber, servem de instrumento às mãos dos mercenários bolchevistas”.⁹³

Apesar de Athayde associar a Frente ao comunismo, seu presidente, Arlindo Veiga, era terminantemente contra o movimento e o atacava, inclusive com maior liberdade após a saída da ala à esquerda. Em especial, o ano de 1932 foi decisivo no processo de guinada para a extrema-direita, uma vez que o grupo de estudos Centro Monarquista de Cultura Social e Política Pátria-Nova, transformou-se na Ação Imperial Patrianovista Brasileira (AIPB), entidade na qual Arlindo Veiga foi o primeiro presidente. O episódio envolvendo os estatutos fretenegrinos evidenciou o ímpeto de Veiga na busca por influenciar o movimento negro

⁹⁰ Quando instalado em São Sebastião do Paraíso durante o processo de inauguração da sucursal da FNB. Envolveu-se com uma jovem pertencente a uma das famílias mais influentes daquela cidade, em pouco tempo, a organização recebeu um ofício pedindo explicações sobre o caso e em razão da ausência de resposta, a redação d’*O Clarim da Alvorada* também foi contatada, na esperança de solucionar o problema.

⁹¹ SILVA, Luiz. *Op. cit.*, p. 99.

⁹² Após dois números publicados, cerca de sete homens armados de paus invadiram e depredaram a casa de José Correia Leite, que denunciou a FNB à polícia como responsável pelo ataque. Em defesa, Arlindo Veiga o acusou de ser comunista e apresentou a carta de demissão de Leite em que o afirma ser, mas não surtiu o efeito esperado, já que na mesma missiva Arlindo Veiga é caracterizado como monarquista. Os malfetores preservaram a oficina gráfica aos fundos da casa de Leite, o que possibilitou que *O Clarim* publicasse seu último número, em 13 de maio de 1932, e nele indicasse o rompimento de relações com a FNB. Ver: CARVALHO, Gilmar Luiz de. *Op. cit.*, p. 190.; OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Entre a miscigenação e a multirracialização. Op. cit.*, p. 107. SILVA, Luiz. *Op. cit.*, p. 100-102.

⁹³ ATHAYDE, Austregesilo de. Frente Negra Brasileira. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 637, p. 9, 25 fev. 1932.

com sua ideologia, portanto, não surpreende que na presidência de ambas as organizações, ele intensificasse a defesa de princípios patrianovistas na Frente. Como resultado, o discurso oficial desta última passou a opor-se à democracia liberal e à ampla participação do povo no processo democrático, além de exaltar Getúlio Vargas.

Cabe assinalar o envolvimento dos patrianovistas na fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB),⁹⁴ em outubro de 1932,⁹⁵ e a consequente proximidade da FNB com o integralismo. Uma das semelhanças entre as duas entidades foi a criação de milícias, grupos paramilitares formados por homens jovens, que no caso da Frente, trajavam camisas brancas, obedeciam rígida disciplina e recebiam treinamento inspirado em modelos militares a fim de promover a segurança da sede e fiscalizar a conduta dos membros. Entre os comandantes estavam Raul Joviano Amaral e Pedro Paulo Barbosa, com postos semelhantes aos de coronel, major e tenente, obviamente honoríficos. O fato da AIPB e da Frente manterem milícias, além de ambas serem presididas por Arlindo Veiga não é mera coincidência, em vez disso, indica que liderava as duas organizações de forma semelhante.

Em fevereiro de 1933, durante a campanha eleitoral para a Assembleia Constituinte, prevista para maio daquele ano, a FNB, assim como a Ação Patrianovista, declarou apoio ao Partido Integralista, antes mesmo da escolha dos candidatos.⁹⁶ É evidente a mudança discursiva, já que a Frente, poucos meses antes, declarava desaproveitar partidos políticos, que Isaltino Veiga definia como “a desgraça da nação” ao criticar a democracia liberal.⁹⁷ Não obstante, em vista da oportunidade dos afrodescendentes participarem das decisões do país por meio da Constituinte, a FNB decidiu fundar seu próprio partido, em 29 de abril de 1933. O pedido foi indeferido, pois os estatutos previam a expansão da Frente pelo país, enquanto a inscrição partidária referia-se apenas à atuação em âmbito local.⁹⁸ Não obstante a negativa, Arlindo Veiga se candidatou à Constituinte, sem filiação partidária, com programa que criticava a democracia e o comunismo e propunha “a suspensão da imigração por vinte anos”.⁹⁹

⁹⁴ A Ação Integralista Brasileira, movimento de extrema-direita inspirado no fascismo italiano, em sua fundação, publicou o Manifesto de Outubro, de autoria de Plínio Salgado, no dia sete do mesmo mês, em 1932. Em 1936 o número de adeptos era estimado entre 600 mil e um milhão, segundo Jessica Graham, foi “de longe o caso mais significativo de fascismo na América Latina.” Ver: GRAHAM, Jessica Lynn. *Shifting the Meaning of Democracy: Race, Politics, and Culture in the United States and Brazil*. Los Angeles: University of California Press, 2019. p. 112.

⁹⁵ OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *A Frente Negra Brasileira: Política e questão racial nos anos 1930*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. p. 74.

⁹⁶ A AÇÃO Integralista Brasileira vai disputar as eleições constituintes. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 2, n. 210, p. 2, 14 de fev. 1933.

⁹⁷ SANTOS, Isaltino Veiga dos. De S. Paulo. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 140, p. 1,5, 25 out. 1932.

⁹⁸ FOI negado registro à Frente Negra. *Gazeta popular*, Santos, SP, ano 3, n. 688, p. 1, 29 abr. 1933.

⁹⁹ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Aos Frenenegrinos, aos Negros em geral e aos demais Patrícios, especialmente

Em meio a mudanças profundas, a organização enfrentava o problema de não dispor, desde fevereiro de 1932, de meios para se fazer ouvir no espaço público. Assim, afigurava-se urgente possuir veículo próprio, que expressasse seus ideais e no qual pudesse se defender de críticas, principalmente com a proximidade das eleições para a Constituinte. Em 18 de maio de 1933, a FNB fundou o jornal *A Voz da Raça* (SP, 1933-1937), que até sua extinção, em novembro de 1937, foi o porta-voz da entidade. A partir do jornal é possível acompanhar as mudanças pelas quais a organização passou no decorrer dos anos, inclusive as lutas internas. Em junho de 1933, Isaltino Veiga escreveu que: “os negros continuam a ser inimigos da sua raça, para gáudio de todos que não nos apreciam”, continuou “ou todos os negros brasileiros tomam uma atitude séria na vida, ou nós que muito já temos feito em prol desta raça, que também é a nossa, deixaremos todos à mercê da sorte”.¹⁰⁰ Isaltino cumpriu a ameaça e, em agosto de 1933, o jornal noticiou o pedido de demissão do cargo de secretário-geral, extinto após sua saída.¹⁰¹

Já Arlindo Veiga manteve-se como presidente até junho de 1934, quando deixou o posto devido “às suas grandes ocupações”, entretanto, permaneceu membro do Grande Conselho e assumiu o cargo de consultor jurídico.¹⁰² Foram escolhidos pelo GC como sucessores da presidência e vice,¹⁰³ respectivamente, Justiniano Costa e, o primeiro-secretário em exercício, João Francisco de Araújo.¹⁰⁴ Os dados biográficos de ambos são diminutos. Com base nas informações veiculadas na imprensa, sabe-se que Costa foi funcionário dos Correios pelo menos, entre agosto de 1930 a dezembro de 1933, quando compôs a comissão fiscal da Associação dos Carteiros de São Paulo,¹⁰⁵ e que, inclusive, em certa ocasião assinou um ofício da empresa em solidariedade às manifestações pró Júlio Prestes.¹⁰⁶ Além disso, em agosto de 1930, Costa foi eleito juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo.¹⁰⁷ Na FNB atuou como tesoureiro-geral,¹⁰⁸ fez parte do Grande Conselho

Trabalhadores e Produtores. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 1, 29 abr. 1933.

¹⁰⁰ SANTOS, Isaltino Veiga dos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 2, 10 jun. 1933.

¹⁰¹ ISALTINO Veiga dos Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 1, 5 ago. 1933.

¹⁰² DR. Arlindo Veiga dos Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 40, p. 3, 7 jul. 1934.

¹⁰³ LUCRÉCIO, Francisco. Modificações e promoções no Grande Conselho fretenegrino. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 40, p. 4, 7 jul. 1934.

¹⁰⁴ Atuou como segundo secretário em 1933. Em: SOCIAIS. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 3, 25 mar. 1933.

¹⁰⁵ ASSOCIAÇÃO dos Carteiros de S. Paulo. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 2, n. 467, p. 3, 14 dez. 1933.

¹⁰⁶ MANIFESTAÇÕES de S. Paulo ao presidente Júlio Prestes. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 76, n. 23933, p. 1-2, 5 ago. 1930.

¹⁰⁷ JUSTINIANO Costa. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 7, n. 29, p. 1, 23 ago. 1930.

¹⁰⁸ DR. ARLINDO Veiga dos Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 40, p. 3, 7 jul. 1934.

em 1933¹⁰⁹ e foi orador em eventos diversos. Não era filiado a grupos políticos e não há indícios de colaborações na imprensa, para além do porta-voz da instituição.

Durante a presidência de Justiniano Costa, a Frente Negra Brasileira criou o primeiro partido político negro do Brasil, homônimo, por meio do processo iniciado em abril de 1933 e deferido apenas em setembro de 1935 pelo Tribunal Superior Eleitoral. A decisão não foi unânime, um dos desembargadores, José Linhares, considerava a proposta como contravenção da ordem pública e potencial causadora de desordem. Em contrapartida, os ministros Eduardo Espinola e Plínio Casado, assim como o procurador Armando Prado, concordaram que o partido era constitucional e pacifista.¹¹⁰

Após a criação da legenda partidária, durante a presidência de Costa, o discurso da FNB abrandou gradualmente. Ainda que os princípios cristãos, moralizantes e nacionalistas permanecessem, é possível perceber diferenças discursivas, a exemplo da questão imigrante.¹¹¹ Há, portanto, duas fases do discurso fretenegrino: a primeira, de extrema-direita, abrange toda a presidência de Arlindo Veiga até a criação do partido, ou seja, desde 29 de setembro de 1931, até agosto de 1935, momento no qual o jornal contou com consideráveis escritos de inspiração fascista e antidemocrática. A partir do mês seguinte inicia-se a segunda fase, quando desloca para o campo da direita, que se estende até novembro de 1937,¹¹² período correspondente à direção de Costa, passou a veicular críticas ao fascismo e defender o processo democrático como um caminho possível para a melhoria das condições vivenciadas pelos negros, ao passo que fortaleceu o conservadorismo católico, já presente na primeira fase, como será analisado nos próximos capítulos.¹¹³

¹⁰⁹ ESCALA de plantões do mês de julho: aos senhores conselheiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 15, p. 4, 1 jul. 1933.

¹¹⁰ INSCRITA como partido a Frente Negra. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 8535, p. 16, 11 set. 1935.

¹¹¹ As mudanças no discurso fretenegrino serão aprofundadas nos capítulos dois e três.

¹¹² As atividades da FNB, assim como do jornal, cessaram em novembro de 1937 devido ao Estado Novo, que proibiu a existência de partidos políticos.

¹¹³ Hélio Trindade argumenta que entre as décadas de 1920 e 1930 o espectro da direita brasileira dividia-se em: aquela baseada no nacional-autoritarismo cientificista, a católica e a fascista, representada pelo integralismo. Esta última integrava a extrema-direita, definida principalmente, segundo Bobbio, pelo apelo antidemocrático, relacionado com o conservadorismo radical, inspirado no fascismo europeu. Enquanto, a direita católica focaliza a mobilização das massas no sentido religioso, como fator essencial para o desenvolvimento da sociedade. De forma geral, as diferentes vertentes da direita no período tinham em comum a defesa do autoritarismo de Estado e a visão conservadora de sociedade, em maior ou menor intensidade, que já se configurava desde o final do século XIX. Ver: BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 31-60; TRINDADE, Hêlgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de Trinta*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974; GENTILE, Fábio. *A direita brasileira em perspectiva histórica*. *Plural*, São Paulo, v. 25, n. 1, 2018, p. 99-100.

1.2 Programa e a materialidade do jornal *A Voz da Raça*

A presença do conceito de “raça” no título do jornal suscita debates acerca do seu significado para a organização, aspecto que será discutido no segundo capítulo. Já o termo “a voz” demonstra a autopercepção da FNB como guia da comunidade negra. Dessa forma, o título *A Voz da Raça* demonstra que o impresso reivindicava para si o papel de representante e defensor de uma parte da sociedade brasileira, aspecto enfatizado pelo subtítulo, “Órgão Oficial da Gente Negra Brasileira”, presente desde a primeira edição. É importante ressaltar que, embora a maioria dos afrodescendentes vivenciasse condições econômicas precárias, um grupo minoritário, caso dos líderes fretenegrinos, acabaram por ter acesso à alfabetização, alguns frequentaram cursos superiores e ocuparam postos de trabalho reconhecidos como importantes socialmente, o que lhes possibilitou ascensão às camadas médias. Não é demais afirmar que os dirigentes da FNB compunham a elite intelectual negra, de maneira que é preciso identificar as demandas específicas desse grupo na sua atuação no interior do movimento negro.

Idealizador da FNB e de *A Voz da Raça*, Francisco Costa Santos, faleceu em 10 de fevereiro de 1933,¹¹⁴ antes de ver o projeto concluído, e foi homenageado como fundador no primeiro número do jornal: “com a saída hoje, do primeiro número deste modesto semanário, órgão oficial da Frente Negra Brasileira, cuja fundação deve-se em primeiro lugar a este titã da raça, prestamos-lhe esta singela e inexpressiva homenagem”¹¹⁵ e se seguiram elogios à exemplaridade da vida pessoal e à sua trajetória na Frente.¹¹⁶ Os dados biográficos sobre Francisco Costa são escassos, sabe-se que atuou na FNB como membro do Grande Conselho, de setembro de 1931 até o falecimento, e promoveu festividades.¹¹⁷ Iniciou a escrita do livro, patrocinado pela organização, *O Canto da Raça Negra*, junto de Paulo Forte e Isaltino Veiga, seria “um consciencioso estudo político-social da raça negra brasileira”.¹¹⁸ Após o falecimento de Costa, Isaltino tornou-se responsável pela finalização da obra,¹¹⁹ porém, não há indícios de que tenha sido publicada.

¹¹⁴ FRANCISCO Costa Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 4, 17 fev. 1934.

¹¹⁵ FRANCISCO Costa Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933.

¹¹⁶ Nos festejos do 13 de maio daquele mesmo ano, Francisco Costa foi homenageado em missa solene na Igreja dos Remédios. No dia seguinte, organizou-se romaria ao seu túmulo, onde o presidente Arlindo Veiga discursou. Em: 13 DE maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 3, 15 abr. 1933.

¹¹⁷ Organizou festas como a de São João na FNB. Ver: A FRENTE Negra realiza uma festa de São João. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 5, 22 jun. 1932.

¹¹⁸ “O CANTO da raça negra”. *A Gazeta*, São Paulo, ano 26, n. 7862, p. 2, 19 abr. 1932.

¹¹⁹ BRANDÃO, Wenceslau. Do “Canto da Raça Negra”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 3, 22 abr. 1933.

Na primeira edição d'*A Voz*,¹²⁰ conforme praxe nos periódicos, explicitou seus objetivos, nos quais sobressai o teor combativo:

[*A Voz da Raça*] se destina a publicação de assuntos referentes ao negro... na hora em que precisamos tornar pública, nos dias de hoje, de amanhã e de sempre, os interesses e comunhão de ideias da raça, porque as outras folhas, aliás veteranas, por despeitos políticos, tem deixado de os fazer; porém isso não tem importância: diz o ditado 'a dor ensina a gemer!...' e se não fosse a dor... este jornal não surgiria e nós continuaríamos marcando passo e sendo alvo de contínua atitude dos diários paulistas que na surdina, vão pondo no cesto os originais que no presente momento o seu assunto vise a moral e a união política do negro. O seu programa, na parte principal é desprezar as polêmicas em geral e trabalhar com afinco, denodo e coragem dentro da concórdia e da moral.¹²¹

As reprimendas à FNB publicadas na grande imprensa, como no *Diário de Notícias* e *Diário da Noite*, citadas anteriormente, foram rebatidas, de forma indireta, na crítica à falta de apoio às reivindicações dos negros. Assim, o programa da folha faz *jus* ao título, uma vez que o principal objetivo era discutir assuntos referentes à comunidade negra ou outros temas nos quais fosse solicitada a opinar. Em suma, a mensagem passada pelo editorial era que o periódico tinha por objetivo instruir, lutar pelos direitos, pela união e elevação da comunidade afrodescendente, com seriedade e respeito à moral. O último aspecto associa-se ao comportamento esperado da classe média negra em ascensão no período, adepta de certo puritanismo, em consonância com valores estabelecidos pelas elites brancas: “característica da formação de uma classe média, a linha de separação da plebe de cor [...] e da aristocracia da raça, instruída, trabalhadeira, vivendo na dignidade e na respeitabilidade”.¹²²

O programa do jornal guarda relação não apenas com seu conteúdo, mas também com aspectos materiais e técnicas de produção,¹²³ que nada têm de natural, pois resultam de escolhas dentre as opções disponíveis e frente às condições financeiras. É imprescindível analisar tais aspectos, uma vez que “todo dispositivo formata a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir um sentido”.¹²⁴ Além disso, os periódicos devem ser compreendidos em conexão com o contexto da época, local da publicação e, no caso dos impressos negros, também é necessário considerar que a frequente fragilidade financeira dos afrodescendentes influía diretamente na longevidade, organização e materialidade das folhas. Portanto, é essencial analisar:

¹²⁰ Termo referente *A Voz da Raça*, assim como AVDR.

¹²¹ A VOZ da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933.

¹²² BASTIDE, Roger. *Op. cit.*, p. 71.

¹²³ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 132.

¹²⁴ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 105.

A forma com que os impressos chegam às mãos dos leitores, sua aparência física (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ausência de ilustrações), a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público que visava atingir, os objetivos propostos.¹²⁵

As decisões sobre a materialidade da *Voz*, distribuição e venda, mudanças no corpo editorial e aplicação de recursos financeiros, eram deliberadas pelo Grande Conselho, órgão diretor do jornal,¹²⁶ motivo pelo qual se entende que seus membros influenciaram a criação do periódico.¹²⁷ *A Voz da Raça* sempre se apresentou em formato tabloide (49x33cm),¹²⁸ geralmente com quatro páginas¹²⁹ e somou 70 edições,¹³⁰ entre março de 1934 e novembro de 1937. Se por um lado dispunha de dimensões modestas, por outro, foi longo em comparativo a outros impressos negros do período,¹³¹ indicativo de que os fundos monetários da FNB supriam, ao menos minimamente, as despesas do jornal.

Embora não haja menções sobre tiragem, Miriam Ferrara calculou que a quantidade de exemplares deveria variar entre mil a cinco mil por edição.¹³² Ainda que a estudiosa indique que o jornal possuía contrato com as “Gráficas Mariano”,¹³³ a empresa não figurou no periódico. Informações sobre a impressão constam apenas a partir do número 38, de 26 de maio de 1933: “Comunicamos aos nossos distintos leitores, amigos, anunciantes, etc, que, por ter desarranjado *o nosso maquinário*, somos obrigados a suspender a edição próxima, n. 39”.¹³⁴ Os termos utilizados tornam patente que, até o momento, o jornal era produzido por meio de equipamento pertencente à Frente. A quebra justificaria a contratação de serviços

¹²⁵ LUCA, Tania Regina de. *Op. cit.*, p. 138.

¹²⁶ AOS leitores. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 4, 11 mai. 1935.

¹²⁷ Além de Francisco Costa Santos, os outros integrantes envolvidos na criação do jornal foram: David Soares, Horacio Arruda, Vitor de Souza, João Francisco de Araújo, Alfredo Eugenio da Silva, Isaltino Veiga, Alberto Orlando, Oscar de Barros Leite, Arlindo Veiga, José de Souza Camargo, João Pedro Araújo, Mario da Silva Júnior, João de Souza, Olavo Xavier, Justiniano Costa. Esses dirigentes tinham em comum atuação de longa data na imprensa negra e/ou destaque na luta pelos direitos da comunidade.

¹²⁸ Para mais informações sobre as dimensões de periódicos negros em circulação em São Paulo. Ver: LIMA, Alex Benjamin de. *Em tintas negras: cultura impressa e intelectualidade em A Voz da Raça (1933-1937)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, SP, 2011.

¹²⁹ Com exceção da edição 33 que apresentou 8 páginas em celebração ao primeiro ano de fundação do jornal e do número 66 com 6 páginas sobre as comemorações do dia 13 de maio de 1937.

¹³⁰ Em 1933 foram publicados 28 números do jornal, 16 em 1934, cinco em 1935 e 10 nos dois anos seguintes, contudo, a pesquisa analisa 66 números, pois não foram encontradas as edições 23, 37, 43 e 48.

¹³¹ Roger Bastide aponta que poucos periódicos negros na década de 1930 duravam mais que um ano. Em: BASTIDE, Roger. *Op. cit.*, p. 129.

¹³² FERRARA, Miriam Nicolau. *Op. Cit.*, p. 68.

¹³³ *Id.*

¹³⁴ AOS nossos leitores. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 38, 26 mai. 1933. Grifo da autora.

gráficos, prática incomum entre os periódicos negros do período,¹³⁵ comunicada no número 42, de 15 de dezembro de 1934, na qual se lê no rodapé da última página: “Composto e Impresso na Tipografia PAULISTA – J. Bignardi & Cia. – R. Jandaia, 10 e 12 – S. Paulo”.¹³⁶ Posteriormente, em agosto de 1936, há menção à campanha pró-maquinismo, conduzida pela Comissão de Moços,¹³⁷ iniciativa malograda, visto que a *Voz* conservou a contratação dos serviços até o último número.

A princípio, o impresso manteve periodicidade semanal, todavia, não tardou a alargá-la e, na edição 18 comunicou: “em vista das dificuldades com a qual luta a imprensa do país, somos obrigados a passar o nosso jornal para a publicação quinzenal”.¹³⁸ Permaneceu na condição de quinzenário até o número 45, quando se tornou mensal.¹³⁹ Mesmo com os esforços para que mantivesse regularidade, não raro transcorriam meses entre as edições, circunstância comum na imprensa negra, pois, “quando havia dinheiro, havia jornal; caso contrário, não”.¹⁴⁰ A mudança de quinzenário para mensário coincide com a maior interrupção – cinco meses – entre as edições 44 e 45, lacuna possivelmente ocasionada pelo aumento de dispêndios após a contratação de serviços gráficos. Como forma de amenizar a penúria e angariar fundos para a redação, a FNB comunicou, em maio de 1935:

Prevendo as dificuldades em que se debatem as pequenas empresas jornalísticas e na imperiosa necessidade de manter esta folha em circulação, resolveu o C.D que a partir de maio, fosse cobrada dos FRENTENEGRINOS a importância de 2\$000 por ano e dessa forma construir a caixa reserva deste órgão.¹⁴¹

Com base nas estimativas de Isaltino Veiga, que apontava para um total de 50 mil filiados na cidade de São Paulo,¹⁴² a cobrança de modestos dois mil réis, metade do preço de uma refeição em restaurante,¹⁴³ teria propiciado à FNB a arrecadação anual de cerca de 100 mil réis para o custeio do jornal. Contudo, a quantia era insuficiente, visto que outros recursos emergenciais, como a “Cruzada Feminina”, divulgada em 26 de junho de 1935, segundo a qual durante 12 meses, 10 frentenegrinas estariam incumbidas de diversas funções em prol da organização, entre as quais estava incluído o aumento do número de assinantes. Os leitores

¹³⁵ LIMA, Alex Benjamin de. *Op. cit.*, p. 27.

¹³⁶ A VOZ DA RAÇA. São Paulo, ano 2, n. 42, p. 4, 15 dez. 1934.

¹³⁷ CAMPANHA da Boa Vontade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 2, ago. 1936.

¹³⁸ AOS amáveis leitores d’A Voz da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 1, ago. 1933.

¹³⁹ LIMA, Alex Benjamin de. *Op. cit.*, p. 59.

¹⁴⁰ FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa Negra Paulista (1915/1963). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 200, 1985.

¹⁴¹ AOS leitores. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n.45, p. 4, 11 mai. 1935.

¹⁴² DE São Paulo. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 140, p. 1, 25 dez. 1932.

¹⁴³ ALMOCE ou jante no Restaurante Nacional Gruta Baiana. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 3, n. 897, p. 8, 10 mai. 1935.

poderiam adquirir números avulsos, inclusive os atrasados, fazer semestrais, extintas na edição 18, ou anuais.¹⁴⁴ As vendas ocorriam em eventos da FNB, nas principais bancas de jornais de São Paulo,¹⁴⁵ ou por representantes nas cidades com delegações.¹⁴⁶

O almejado aumento da vendagem influenciou a flutuação dos preços dos exemplares, informados no cabeçalho e no expediente, esse último, presente a partir do número 36, na segunda página. Os valores diminuíram paulatinamente e cumpre notar que, em dois casos, nas edições 18 e 45, a queda de preços acompanhou o alargamento da periodicidade e as campanhas financeiras pela sobrevivência da folha. A Tabela sintetiza as mudanças referidas.

Tabela 1. Precificação do jornal *A Voz da Raça* entre 1933 e 1937

Data	Edição	Número do dia	Número atrasado	Assinatura semestral	Assinatura anual
03/1933	1	\$200	\$400	6\$000	12\$000
08/1933	18	\$200	\$400	Extinta	5\$000
05/1935	45	\$200	\$400	—	2\$000
01/1937	61	\$300	\$600	—	3\$000

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

Em relação a outros periódicos negros contemporâneos, os valores avulsos eram similares: os números d' *O Clarim* (SP, 1935) e *Tribuna Negra* custavam 200 réis, enquanto *O Estímulo* (SP, 1935), 300. Já as subscrições mensais dos dois últimos variavam entre 3 mil e mil réis, respectivamente.¹⁴⁷ O único incremento de preço da *Voz*, em 1937, indica que as campanhas financeiras contornaram, ou ao menos mitigaram, as dificuldades, porém mesmo assim, a assinatura anual permaneceu 75% abaixo do estipulado no primeiro número. O preço anual da folha em 1937, de três mil réis, equivalia ao cobrado pela *Tribuna Negra* (SP, 1935) dois anos antes, inclusive, era menor que os cinco mil fixados pelo jornal interiorano *O Patrocínio* (SP, 1925-1930) em 1930.¹⁴⁸ Em comparação com impressos de grande circulação, os preços da *Voz* eram módicos,¹⁴⁹ a exemplo, do *Correio de S. Paulo* que, em 1937, cobrava 40 mil réis pela assinatura anual.¹⁵⁰

Os baixos valores cobrados pela *Voz* e por outros periódicos negros do período, justificavam-se tanto pela quantidade restrita de pessoas negras alfabetizadas, potenciais

¹⁴⁴ CARVALHO, Gilmar Luiz de. *Op. cit.*, p. 166; LIMA, Alex Benjamin de. *Op. cit.*, p. 62.

¹⁴⁵ OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Entre a miscigenação e a multirracialização*, *Op. cit.*, p. 34.

¹⁴⁶ NOMEAÇÕES. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 62, p. 2, fev. 1937.

¹⁴⁷ *O Clarim*. São Paulo, ano 1, n. 2, p. 3, mar. 1935; TRIBUNA NEGRA. São Paulo, ano 1, n. 1, p. 2, set. 1935; *O Estímulo*. São Paulo, ano 1, n. 16, p. 1, 12 mai. 1935.

¹⁴⁸ *O Patrocínio*. Piracicaba, SP, ano 4, n. 51, p. 1, 23 mar. 1930.

¹⁴⁹ LIMA, Alex Benjamin de. *Op. cit.*, p. 62.

¹⁵⁰ *Correio de S. Paulo*. São Paulo, ano 5, n. 1445, p. 1, 10 mar. 1937.

leitores, como pela dificuldade econômica frequente entre essa população. Além disso, as campanhas financeiras e a caixa reserva ofereceram recursos necessários para que os preços dos exemplares do jornal diminuíssem no decorrer dos anos. Manter os valores próximos de seus congêneres possivelmente aumentava a vendagem e, como consequência, contribuía para a divulgação dos ideais da Frente por meio do impresso, que, aliás, teve circulação *sui generis* em comparativo à imprensa negra do período: chegou a ser lido nos Estados Unidos e em Angola.¹⁵¹

Além das vendas, o aumento das receitas dos periódicos advinha dos anúncios pagos. No Brasil, a partir do século XIX e no decorrer do XX, com o desenvolvimento da imprensa empresarial, os jornais de grande circulação passaram a ser parcialmente financiados pelos anunciantes.¹⁵² Assim, “foram tomando consciência de que sua sobrevivência e progresso não poderiam depender mais exclusivamente dos seus assinantes e leitores, descobrindo na prestação de serviço publicitário um significativo meio de desenvolvimento e sucesso”.¹⁵³ As páginas desses veículos informacionais tornaram-se espaço propício para a publicidade de produtos e serviços, principalmente no contexto em que o país se modernizava.

Entretanto, os impressos de baixa vendagem e, especialmente, aqueles mantidos por grupos sociais minoritários, compartilharam de condições materiais precárias e tampouco podiam contar com quantidade significativa de anúncios, como a grande imprensa. *A Voz* teve o desafio de comportar em quatro folhas de 48 x 33 centímetros, notícias, artigos, produções literárias e, ao mesmo tempo, publicidade. Nas edições três e quatro, os anúncios foram separados por um fio na horizontal, com o título “seção de anúncios”, na última página. Entretanto, nos demais números, os anúncios foram alocados conforme o espaço disponível, o que justifica sua presença em diferentes páginas, inclusive nas primeiras.

O jornal veiculava quatro categorias de anúncios: sobre si e acerca da organização, que não geravam lucro, somado aos de prestadores de serviços e empresas, esses sim pagos. Os tipos citados dividiam-se em dois subgêneros: os informativos, ou seja, comunicados sobre eventos, e aqueles voltados à promoção de produtos ou serviços.¹⁵⁴ No último caso se observa

¹⁵¹ DOMINGUES, Petrônio. “Constante derrubo de lágrimas”: o drama de uma liderança negra no cárcere do governo Vargas. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14, p. 150, 2007.; FERRARA, Miriam Nicolau. *Op. cit.*, p. 68.

¹⁵² LAURINDO, Hildenize Andrade. *O percurso histórico-discursivo do gênero anúncio publicitário em jornais de Fortaleza dos séculos XIX e XX: entre recorrências, variações e transgressões*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. p. 126.

¹⁵³ RÜDIGER, Francisco Ricardo. Contribuição à história da publicidade no Rio Grande do Sul. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 1. n. 3, p. 43, set. 1995.

¹⁵⁴ BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Discurso e tradição em anúncios da imprensa brasileira: imagens do cotidiano. In: CIAPUSCIO, Guiomar; JUNGBLUTH, Konstanze; KAISER Dorothee; LOPES, Célia (org.). *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica*. Madrid: Iberoamericana, 2006. p. 140.

o que Jean Baudrillard denomina de “função manifesta”, com enfoque na comercialização de bens materiais, e outra representação intitulada “latente”, evidenciada por disseminar bens simbólicos e formas de comportamento.¹⁵⁵ Nas 66 edições disponíveis do jornal há 276 propagandas: 110 de prestadores de serviços (39,8%), 107 sobre a FNB (38,7%), 52 acerca do impresso (18,8%) e sete de empresas (2,5%). Sabe-se que quanto maior o número de leitores do periódico, maior é o interesse dos anunciantes¹⁵⁶ e diante da baixa circulação da *A Voz da Raça*, compreende-se que o interesse fosse restrito. Consequentemente, frente à escassez de publicidade, o espaço das páginas era preenchido com informes da organização e do próprio periódico.

As notas sobre a FNB diziam respeito a serviços disponíveis na sede, como o salão de beleza, oficinas de costura e de teatro, atendimento odontológico e médico. Também havia convites para participação em eventos, com ênfase na importância do ingresso na entidade e da milícia frentenegrina, além de palavras de ordem. A exemplo de “fora da Frente Negra o negro não tem salvação”,¹⁵⁷ que demonstra a autoridade autorreferente da FNB enquanto guia na luta pelos direitos da comunidade, como noutro caso, “NEGRO, não te envergonhas de ser negro! Alista-te nas fileiras frentenegrinas, se é que queres elevar o nível moral e intelectual do negro”.¹⁵⁸ Identifica-se o mesmo teor na frase: “PATRÍCIO NEGRO: amas o Brasil? estás disposto a lutar pelo levantamento físico, moral e intelectual dos negros brasileiros? Queres aprender a conhecer e a combater os inimigos da Pátria? Procura já a Frente Negra Brasileira”¹⁵⁹. Os inimigos da pátria, indefinidos, podem ser identificados como estrangeiros, haja vista o discurso anti-imigrante da organização, ou comunistas, também criticados.

Informes sobre o próprio jornal incentivam sua aquisição, como em “negros, lede e assina *A Voz da Raça*”,¹⁶⁰ igualmente em “NEGROS, lê e propaga *A Voz da Raça* que é teu jornal”.¹⁶¹ Tomar a assinatura do impresso seria uma forma de trabalhar pela causa negra e pela questão nacional explicitada na noção de que “elevar o nível moral e intelectual da Grande Raça Brasileira, é ‘abrasileirar’ o Brasil.”¹⁶² Além disso, anunciava-se: “*A Voz da Raça* publica o vosso anúncio e cobra pouco”.¹⁶³ Nota-se a autorreferencialidade nessa categoria de anúncios, pois há uso de técnicas persuasivas em promoção à entidade em que o

¹⁵⁵ BAUDRILLARD, Jean *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

¹⁵⁶ DENOYER, Pierre. *A imprensa no mundo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957. p. 25.

¹⁵⁷ *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 1, n. 6, p. 4, 22 abr. 1933.

¹⁵⁸ *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 2, n. 35, p. 4, 14 abr. 1934.

¹⁵⁹ *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 1, n. 20, p. 2, 2 set. 1933.

¹⁶⁰ *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 1, n. 3, p. 2, 1 abr. 1933.

¹⁶¹ *A VOZ DA RAÇA*. São Paulo, ano 1, n. 26, p. 2, 25 nov. 1933.

¹⁶² *A VOZ DA RAÇA*. São Paulo, ano 1, n. 13, p. 2, 17 jun. 1933.

¹⁶³ *A VOZ DA RAÇA*. São Paulo, ano 1, n. 3, p. 4, 1 abr. 1933.

jornal é veiculado.¹⁶⁴ Assim, cumpria três funções simultâneas: “veículo de comunicação destinado a suprir dadas necessidades de um público, espaço publicitário (mídia) e produto anunciado”.¹⁶⁵

Os anúncios de prestação de serviços provinham, majoritariamente, dos próprios fretenegrinos,¹⁶⁶ entre os profissionais estavam médicos, advogados, dentistas, professores particulares, pintores, cabeleireiras, enfermeiros e contadores, ou seja, membros da FNB cujas condições financeiras e/ou educacionais os diferenciavam da maioria da população negra paulista. O periódico publicava, ainda, anúncios de venda de imóveis, vagas em pensionatos e de livros escritos por líderes, como a obra *Da Floresta à Paris*, de Arlindo Veiga.¹⁶⁷ Quanto à estrutura enunciativa, os anúncios de fretenegrinos assemelhavam-se aos reclames, comuns ao século XIX, antecessores das práticas publicitárias mais persuasivas, informavam preços, local e tipo de serviço realizado, eram similares aos classificados, em que “pessoas privadas, e as mercadorias e serviços anunciados não se enquadravam no contexto de um legítimo mercado de consumo”.¹⁶⁸

Por fim, há apenas sete propagandas, pertencentes a três empresas, com preponderância de Guaramidina, remédio destinado ao tratamento de gripes, resfriados e dores de cabeça, seguido pelo Laboratório Vegetal Cathedral, que produzia medicamentos extraídos de plantas e, com apenas uma ocorrência, a Companhia Antártica Paulista, que comercializava bebidas alcoólicas e refrigerantes. Curiosamente, na página anterior da mesma edição em que publicizou a última empresa, o jornal criticou o alcoolismo, vício considerado desmoralizador da raça.¹⁶⁹ A postura contraditória justifica-se pelo retorno financeiro vantajoso inclusive pelas dimensões dos anúncios. A Companhia Antártica Paulista, por exemplo, ocupou 25% da página. As informações estão sistematizadas na tabela a seguir.

Tabela 2. Anúncios presentes no jornal *A Voz da Raça* (1933-1937)

Empresa	Edição	Data	Página
Guaramidina	27	9/12/1933	2
Guaramidina	28	23/12/1933	3
Guaramidina	29	6/1/1934	2
Guaramidina	30	20/1/1934	2

¹⁶⁴ FERREIRA, Vanda. Conteúdos jornalísticos autorreferenciais: entre o jornalismo e a publicidade. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, Lisboa, v. 5, n. 5, p. 130, 2005.

¹⁶⁵ DEPEXE, Sandra Dalcul. O duplo lugar da publicidade nas páginas do jornal. *Revista Nexi*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 12, 2011.

¹⁶⁶ Identificados mediante notícias sociais veiculadas no jornal.

¹⁶⁷ LIVROS novos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 25, p. 2, 11 nov. 1933.

¹⁶⁸ DEPEXE, Sandra Dalcul. *Op. cit.*, p. 6.

¹⁶⁹ LIMA, Silverio. Em defesa da raça mártir. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 61, p. 1, jan. 1937.

Laboratório Vegetal Cathedral	46	29/6/1935	4
Laboratório Vegetal Cathedral	47	31/8/1935	4
Companhia Antártica Paulista	61	01/1937	2

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

A escassez de recursos provenientes da publicidade, a precariedade do material, a irregularidade da publicação e a baixa vendagem explicitam as dificuldades econômicas enfrentadas pelo jornal, comuns entre periódicos negros da época. Os sucessivos alargamentos na periodicidade, foram tentativas de diminuir os dispêndios com a produção do jornal, mantido fundamentalmente pelo próprios fretenegrinos, haja vista as campanhas financeiras frequentes, a criação da caixa beneficente, em maio de 1935 e a maioria dos anúncios (39, 8%) serem pagos pelos membros prestadores de serviços. Logo, os esforços dos associados para manter a folha em atividade têm, em si, significação, uma vez que a FNB concebia o impresso e o propagava enquanto representante da população negra. Portanto, *A Voz da Raça* expressava a ideologia da organização, traduzia os anseios de seus propugnadores e se revelava como projeto coletivo, permeado por relações sociais complexas. Daí a necessidade de trazer à luz os dados biográficos desses sujeitos responsáveis pelo discurso do jornal.¹⁷⁰

1.3 Corpo editorial e colaboradores

O corpo editorial, composto por redator, secretário e gerente, foi especificado no cabeçalho até a edição 36, quando tais informações passaram a figurar no expediente, estampado na segunda página. Apenas a redação era citada em ambos os locais. *A Voz* teve cinco redatores, para os quais se especifica por quantos números responderam: Deocleciano Nascimento (38), Raul J. Amaral (31), Rubens Costa (19), Mário Campos (8) e Antonio M.

¹⁷⁰ As informações biográficas foram extraídas do próprio periódico e de outros jornais em circulação no período, por meio de pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

dos Santos (2). Secretariaram: Pedro Paulo Barbosa,¹⁷¹ Francisco Lucrécio,¹⁷² Benedito Vaz Costa,¹⁷³ e os redatores Rubens Costa e Raul Amaral. Já a gerência ficou a encargo de A. de Campos,¹⁷⁴ Ismail Amaral,¹⁷⁵ R.A Santos¹⁷⁶ e João de Souza.¹⁷⁷ Ao todo, 12 indivíduos, escolhidos pelo Grande Conselho, constituíram o corpo editorial, que sofreu 15 mudanças no decorrer do tempo, sendo sete na redação, incluindo os títulos dos cargos, quatro no secretariado e na gerência. Em razão da centralidade do papel dos redatores, há necessidade de analisá-los detalhadamente, a começar pelos períodos de atividade, expostos na tabela abaixo.

Tabela 3. Modificações na redação d'*A Voz da Raça* (1933-1937)

Nº	Data	Redação
----	------	---------

¹⁷¹ Foi um dos fundadores da FNB e do “Liceu Palmares”, instituição escolar criada pela FNB em prol do “desenvolvimento da cultura intelectual”, que ofertava ensino primário, secundário, profissionalizante e ginásial, aceitava não-sócios, brancos e estrangeiros. Tornou-se chefe da Milícia fretenegrina em abril de 1933 e permaneceu até junho de 1933, integrou o Grande Conselho, nos eventos da FNB, discursava com frequência. Era contador, em dezembro de 1935 foi nomeado censor da imprensa pelo governador do estado de São Paulo. Em 10 de junho de 1936 foi preso acusado de ser chefe de formação de quadrilha com outros fretenegrinos: José de Souza Camargo, Oscar Pereira e Agrippino dos Santos Sá, acusados de lesar a Caixa Econômica Estadual, ao ter assinado documentos de falsos levantamentos monetários de depósitos. Dois dias após, foi inocentado pelo delegado de falsificações e defraudações, que alegou a diretoria da censura que Pedro Paulo Barbosa foi vítima da má-fé de um fretenegrino que pediu para que assinasse o documento. Ver: A FRENTE Negra Brasileira e a instrução. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 2, 25 mar 1933.; NOMEAÇÕES. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 50, p. 3, 31 dez. 1935; A CAIXA Econômica Estadual lesada por uma quadrilha de falcatureiros. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 4, n. 1224, p. 3, 12 jun. 1936.; PROCURADORES de órfãos e ausentes....*O Jornal*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 5200, p. 9, 10 jun. 1936.

¹⁷² Francisco Lucrécio de Paula atuou como cirurgião-dentista habilitado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, em setembro de 1934. Na FNB foi diretor das aulas do curso ginásial e comercial em junho de 1933, participou da comissão de julgamento na disputa carnavalesca de 1934 e foi secretário-geral em 1937. FACULDADE de Farmácia e Odontologia. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 81, n. 24070, p. 9, 8 jul. 1934.; COMUNICADOS DA FNB: curso de alfabetização. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 3, 3 jun. 1933; ECOS do carnaval. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 3, 17 fev. 1934.

¹⁷³ Esportista pelo Clube Negro de Cultura Social em 1937. Ver: ATIVIDADES do Clube Negro de Cultura Social. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 5, n. 1475, p. 5, 17 abr. 1937.

¹⁷⁴ João Augusto de Campos fundou o jornal *O Auriverde* (SP, 1928), sob responsabilidade de Deocleciano Nascimento, em 1933 atuou na FNB como fiscal dos cabos. Em: BOLETIM n.º 4. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 3, 25 mar. 1933; GENTE e fatos de outras épocas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 4, 1 abr. 1933.

¹⁷⁵ Ismail Amaral, filho de Martinha Amaral e irmão de Raul Amaral, foi professor de alfabetização na FNB de Guaxupé (MG) e representante de vendas da *Voz* na capital em 1933 e 1934, desassociou-se da FNB em 1937. Em: AVISO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 3, 10 jun. 1933; SOCIAIS: aniversários. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 44, p. 3, 29 dez 1934; SOCIAIS: aniversários. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 69, p. 3, set. 1937.

¹⁷⁶ Roque Antonio dos Santos, um dos fundadores da FNB, fez parte do Grande Conselho em 1933 e em 17 de fevereiro de 1934 foi nomeado Comissário de Cabos. SOCIAIS: noivado. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 4, 18 mar. 1933; ESCALA de plantões do mês de julho. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 15, p. 4, 1 jul. 1933; FRENTE Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 2, 17 fev. 1934;

¹⁷⁷ João de Souza, saxofonista, membro do Grande Conselho de 1933, foi chefe da comissão de festas no mesmo ano, tesoureiro-geral da FNB em Rio Claro e integrante da Comissão de Contas em 1934. COMUNICADO da FNB. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 2, 8 jul. 1933; ESCALA de plantões do mês de julho. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 15, p. 4, 1 jul. 1933; FRENTE Negra Brasileira: Balanço geral do exercício de 1933, encerrado no fim do ano. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 6, 17 mar. 1934.

1-13	18/3/-17/6/33	Deocleciano Nascimento
14-17	24/6/-15/7/33	Mario de Campos
18-25	5/8/-11/11/33	Redator Responsável (RR): Mario de Campos
		Redator-chefe (RC): Raul J. Amaral
26-41	25/11/33-11/8/34	RR: Deocleciano Nascimento
		RC: Raul J. Amaral
42-48	15/12/34-10/35 ¹⁷⁸	Direção: Deocleciano Nascimento e Raul J. Amaral
49	23/11/35	Direção: Deocleciano Nascimento
		Redator interino: Rubens Costa
50	31/12/35	Direção: Deocleciano Nascimento e Antonio M. dos Santos
51	03/36	Redação: Antonio M. dos Santos
52-70	04/36-11/37	Redator interino: Rubens Costa

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

Como delimitado anteriormente, é possível distinguir duas fases no discurso da FNB, e, por conseguinte, do seu porta-voz: a primeira, de extrema-direita, abarca desde a inauguração até agosto de 1935 (edição um a 47 do jornal), o segundo momento, direitista, inicia-se no mês seguinte e termina com a extinção da entidade (do número 48 ao 70). Nota-se que Deocleciano Nascimento e Raul Amaral, os diretores mais frequentes, figuraram nas duas fases. Contudo, preponderaram na primeira, momento em que Nascimento respondeu por 35 edições das 38 pelas quais se responsabilizou, enquanto Amaral teve seu nome em 28 dos 30 números em que participou, dados que indicam que foram as duas principais figuras do primeiro momento, tendo marcado presença esporádica no início do segundo, pois logo de ausentaram. Entre novembro de 1935 e 1936, cada uma das três edições publicadas contou com redatores diferentes, indicativo da fase de transição conhecida pelo jornal, que se pode considerar estabilizada após Rubens Costa assumir o cargo em abril de 1936, no qual permaneceu até o fim da publicação.

Deocleciano Nascimento, primeiro redator, nasceu em 7 de setembro de 1900, em Santa Isabel, Minas Gerais.¹⁷⁹ Foi um dos mais ativos intelectuais da imprensa negra de São Paulo no primeiro triênio do século XX, sua experiência iniciou aos 15 anos com a fundação do jornal *O Manelik* (SP, 1915), na mesma época que era aluno do curso de contabilidade no Liceu Salesiano, onde obteve o grau de guarda-livros.¹⁸⁰ Respondeu pela direção do *Auriverde* (SP, 1928) e colaborou com outros periódicos, como *Kosmos* (SP, 1922-1925), *Elite* (SP, 1924) e *O Clarim da Alvorada*.¹⁸¹ Nascimento afastou-se do cargo de diretor da *Voz* após dois

¹⁷⁸ Data aproximada, uma vez que a edição 48 não está disponível.

¹⁷⁹ PROCLAMA de casamento. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 2, 10 jun. 1933.

¹⁸⁰ GENTE e fatos de outras épocas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 4, 1 abr. 1933.

¹⁸¹ DOMINGUES, Petrônio; REIS, Ruan Levy Andrade. Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 32, p. 148-170, 2020; REIS, Ruan Levy Andrade. *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1915-1931)*. 2017. Dissertação

meses, “devido aos seus muitos afazeres”,¹⁸² o único dos redatores que justificou sua demissão.

No editorial do número 14, de 26 de junho, Mario Campos de Abreu informou que assumiu a direção “por obra do acaso”. Os diminutos dados biográficos indicam que, em 1934, era despachante aduaneiro.¹⁸³ A ausência de contributos em outros periódicos aponta para inexperiência no ramo, motivo pelo qual na apresentação aos leitores reconheceu o peso da responsabilidade de editar o periódico. E, de fato, apenas um mês e meio depois, em cinco de agosto, Raul Joviano Amaral, advogado,¹⁸⁴ que anteriormente atuou como secretário da publicação, passou a ocupar o cargo de redator-chefe, enquanto Campos passou a figurar como redator responsável. Amaral, em agosto de 1934, tornou-se chefe de instrução militar da milícia fretenegrina,¹⁸⁵ indicativo de sua força na entidade e concordância com o moralismo e conservadorismo que orientavam a Frente.

Em 25 de novembro de 1933, Deocleciano Nascimento substituiu Campos na redação, juntamente com Raul Amaral que, juntos responderam por 23 edições, maior quantidade sob a batuta dos mesmos indivíduos. Cabe notar que ambos contribuíram para a fundação da FNB, além de serem intelectuais que somavam contribuições junto à imprensa negra, aspectos que os distinguiam dos demais diretores.

No número 49, de novembro de 1935, Raul Amaral foi substituído pelo interino Rubens Ribeiro Costa, administrador do departamento de publicidade da FNB desde junho de 1933.¹⁸⁶ Na edição seguinte, o engenheiro Antonio Martins dos Santos¹⁸⁷ integrou a direção, ao lado de Nascimento, porém em 10 de março de 1936 tornou-se membro do Grande Conselho,¹⁸⁸ possivelmente razão para deixar o cargo de diretor do jornal. A partir desse momento, Rubens Costa tornou-se figura proeminente da segunda fase d’*A Voz*, em razão da

(Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

¹⁸² CAMPOS, Mário de. Apresento-me assim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 1, 26 jun. 1933.

¹⁸³ GAZETA Social: aniversários. *Gazeta Popular*, Santos, SP, v. 4, n. 1038, p. 3, 18 jun. 1934.

¹⁸⁴ Formou-se advogado pela Escola de Comércio Dr. Bernardino de Campos. Em: PELAS escolas. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 76, n. 23751, p. 5, 2 jan. 1930.

¹⁸⁵ GRANDE festival de aniversário do grupo “Rosas Negras”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 41, p. 4, 11 ago. 1934.

¹⁸⁶ Também comandou o departamento esportivo a partir de abril de 1937 e organizou eventos. Em: VIDA social. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 14, p. 4, 24 jun. 1937.; NOITE brasileira!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 19, p. 2, 19 ago. 1937.

¹⁸⁷ Nascido em 2 de setembro de 1911 em Bom Sucesso, Minas Gerais, formou-se em engenharia com especialização em eletricidade em 1936, foi esportista do time mackenzista de futebol. Em 24 de abril de 1937, a morte do jovem Antonio Martins causou comoção, motivou homenagens na *Voz*, inclusive em editoriais. EM: ENG. Antonio Martins dos Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 64, p. 4, jul. 1937; ANTONIO Martins dos Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 65, p. 1, mai. 1937.

¹⁸⁸ LUCRÉCIO, F. A Frente Negra Brasileira e seus conselheiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 2, mar. 1936.

quantidade de números que editou (vinte) e pelo tom moderado que o jornal adquiriu pela sua batuta, em consonância com as mudanças no posicionamento da FNB.

Os cinco indivíduos que passaram pela direção do jornal pertenciam à elite intelectual negra, sendo que Raul Amaral, Mário Campos e Antonio M. dos Santos tinham cursos superiores. Já Deocleciano Nascimento possuía experiência de longa data na imprensa negra, enquanto Amaral e Rubens Costa desempenharam outros cargos de liderança na FNB. No caso dos três últimos, diferenciaram-se dos demais pela longevidade da atuação como redatores. É interessante considerar que Grande Conselho poderia ordenar a substituição do corpo editorial a qualquer momento,¹⁸⁹ e que não há indícios que o fez, indício de que o desempenho dos indicados atingiram as expectativas.

As incumbências dos redatores incluíam convidar autores, selecionar excertos de outros órgãos da imprensa e transcrevê-los, definir a estrutura interna dos conteúdos e escrever editoriais. O jornal publicou 16 desses textos, que estabeleciam, de maneira mais direta, diálogo com os leitores. Na geografia do jornal esses textos situavam-se, geralmente, nas colunas à direita na primeira página, e foram assinados por Deocleciano Nascimento (12),¹⁹⁰ Raul Amaral (cinco), Mario Campos (três) e Rubens Costa (dois). Tais escritos podem ser categorizados em dois tipos: os meramente informativos sobre campanhas da FNB e mudanças na redação, ou, os mais comuns, de caráter opinativo. Estes últimos exerceram papel fundamental na disseminação do ideário fretenegrino, como reconhece Mario Campos ao afirmar que “por tratar-se de um jornal como este, que sendo doutrinário, e órgão de uma associação poderosa como é a Frente Negra Brasileira, imensa responsabilidade temos, principalmente o seu redator responsável”.¹⁹¹ O posicionamento explícito ante as questões referentes aos negros e à política brasileira em geral ganhou força durante a segunda fase da imprensa negra,¹⁹² marcada pela “passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política”,¹⁹³ na qual a *Voz da Raça* destacou-se. Mais do que mero veículo de informações, o periódico reproduziu a doutrina fretenegrina e os ideais de seus líderes, como Deocleciano Nascimento e Raul do Amaral, que opinaram com frequência nos editoriais e defenderam a FNB e a *Voz* das críticas, além de se posicionarem politicamente frente aos acontecimentos do

¹⁸⁹ As reprimendas da FNB a fretenegrinos eram divulgadas no jornal e nenhuma delas tratou sobre o corpo editorial. As repreensões públicas na *Voz* serão abordadas no próximo capítulo.

¹⁹⁰ Assinou cinco destes junto a Raul Amaral.

¹⁹¹ CAMPOS, Mario. Apresento-me assim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 1, 24 jun. 1933.

¹⁹² Roger Bastide propôs a seguinte subdivisão em fases: a primeira, que se estendeu de 1915 a 1930; outra até 1937 e, por fim, uma terceira, posterior a 1945. Por outro lado, Miriam Ferrara data a segunda fase entre 1924 e 1937, inaugurada com *O Clarim da Alvorada*. Ver: BASTIDE, Roger. *Op. cit.*, p. 131-132; FERRARA, Miriam Nicolau. *Op. cit.*, p. 41-54.

¹⁹³ BASTIDE, Roger. *Op. cit.*, p. 132.

período. Destaca-se a luta contra a imigração, como se observa no excerto: “Vá o ‘gângster’ a sua terra e escreva as impressões ‘maravilhosas’ sobre o Brasil, como quase todos... sobre esse país de ‘pretos e imbecis’, como disse há pouco um francês! Talvez um dia o brasileiro, com tanta lição, deixará de sentimentalismo a favor de piratas estrangeiros”.¹⁹⁴

Nos periódicos, a presença de ideias diversas e mesmo divergentes é, em geral, determinada pelos redatores, responsáveis pela linha editorial da publicação. *A Voz da Raça* tinha caráter doutrinário, ou seja, o seu conteúdo refletia os princípios da FNB, fator determinante para a homogeneidade no discurso veiculado pelo jornal. A exemplo, Rubens Costa, que rejeitou artigo intitulado “Notas para o Folclore Negro do Brasil”, do autor identificado F.L, por discordar de alguns trechos, sem, contudo, especificá-los.¹⁹⁵ Em outro caso, os redatores Deocleciano Nascimento e Antônio M. dos Santos recusaram a publicação de carta enviada por Olavo Alencar, visto seu nome ser estranho ao quadro social da FNB e dos responsáveis pelo jornal.¹⁹⁶ Isso não impediu que o jornal declarasse que “A redação não se responsabiliza pelos conceitos contidos nos artigos publicados e devidamente assinados”,¹⁹⁷ como se os ideais professados pelos colaboradores não tivessem que estar em sintonia com as posições da FNB. Os 657 textos publicados no jornal foram produzidos por 203 colaboradores, a maioria deles, mais precisamente 126, colaboraram apenas uma vez e representam 19% do total, conforme se observa na sistematização apresentada na Tabela 4.

Tabela 4. Colaboradores do jornal (1933-1937)

Quantidade/Autoria(s)	Quantidade individual/Total	Porcentagem
(1) Raul Joviano Amaral ¹⁹⁸	47	7,1
(1) Arlindo Veiga	45	6,8
(1) Loluar	35	5,3
(1) Silverio de Lima	28	4,2
(1) Francisco Lucrécio	22	3,3
(1) Arlindo Alves Soares	19	2,8
(2) Deocleciano Nascimento, Olimpio Moreira da Silva	14/28	4,2
(2) Horacio da Cunha, Pedro Paulo Barbosa	13/26	3,9
(2) Maristér, Príncipe Negro	12/24	3,6
(1) Castelo Alves (1)	11	1,6
(4) Ismail Amaral, João Candido dos Santos, José Bueno Feliciano, Jayme de	10/40	6

¹⁹⁴ PREOCUPAÇÃO de proteger estrangeiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 44, p. 1, 29 dez. 1933.

¹⁹⁵ CAIXA Postal d’A Voz da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 67, p. 2, jul. 1937.

¹⁹⁶ C. Postal d’A Voz da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 50, p. 3, 31 dez. 1935.

¹⁹⁷ AVISO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 25, p. 4, 11 nov. 1933.

¹⁹⁸ Também assinava como Rajovia, Raja, Rajah, Jovial e R. J. de A.

Aguiar ¹⁹⁹		
(1) Salti	9	1,3
(3) Aristides Assis Negreiros, David Rodolfo de Castro, Níger	8/24	3,6
(2) Cesario Gonçalves, Duque (	7/14	2,1
(5) Benedito Vaz Costa, Cantidio C. Alves, João B. Mariano, João Baptista Galvão, Maria de Lourdes Rosario	6/30	4,5
(1) Adalberto Pires de Freitas	5	0,7
(11) Aristides Teixeira, Imil Acarat, Isaltino Veiga, J.O. Servatino de Campos, João Francisco de Araújo, Justiniano Costa, Lili, Luiz Leopoldino Mascarenhas, Manelik, Marcos Rangel, Mario da Silva Junior	4/44	6,7
(12) Alberto Faria, Antonio M. dos Santos, B., Benedito Glicerio de Andrade, Cesario G. de Freitas, Henrique Dias, Humberto de Campos, Jersen de Paula Barbosa, João do Campo, Olavo Xavier, Pedro Rodrigues, Raul, V. Paula, Wilson (12)	3/36	5,4
(22) Alves, Artilheiro, Dolores Silva, Dr. J. S. Camargo, Emilio de Paula Batista, Frabruno, Isneam, João de Souza, João Eugênio da Costa, João Moura Campos, José da Silva, Leão Peixoto, Lino Guedes, Manoel Buarque, Nelson de Wilson, Nick e Norden, Noemia de Campos, Paulo de Mélo, Pérola de Castro Lima, Roque Antônio dos Santos, Sebastiana Vieira, Viriato Corrêa (22)	2/44	6,7
(126) Bento de Souza, A.A Oliveira, A.Amaral, A.M. dos Reis, A.M.S, Abel B. de Freitas, Abercio P. Barbosa, Alberto de Oliveira, Alvaro Mattos Lima, Amaral, Amazonas, Amelia Araujo de Oliveira, Antonio Marcondes de Camargo, Aro, Arthur Hesck Hall, Asas da Esperança, Ascanio de Saxa,	1/126	19,1

¹⁹⁹ Por vezes utilizava o pseudônimo Jim de Araguay e Moysés Cintra. Dados de: FERRARA, Miriam Nicolau. *Op. cit.*, p. 57.

Augusto Eusebio Oliveira, Augustus, Barãozinho de Ogramae, Behenne Deó, Beija-Flor de Lili, Benedita Ramos da Fonseca, Blida-Alegria, C. Silva, Carlos de Salles Bloch, Caxangá, Cecilia de Campos, Celina Veiga, Claudio das Dores, Colú Barbosa, Corita, Creoulo Leugin, Crousbetan, Dario, Definho, Dr. Coração Sofredor, Dutra Ferreira, Euzebio, Fortunato de Souza Pinto, Genoveva, Geraldo M. Silva, Guilherme Enfeldt, H. da S. Paranhos, Henrique Martins, Ina, Irmão branco, Isabel Venancio, Ismael Ferreira Alves, Israel F. Jordão, J. Amaral, J. Camargo, J. Sotnas, J.B.M, Jacobus, Jenner Cuba dos Santos, João Barros de Oliveira, João Grave, João Maria de Camargo, João Rodrigues Marth das Santos, Joaquim Pedro Kiel, José de Nazareth, Juberlo, Juscy, Kadengo, Lacy do X, Laurindo de Britto, Lima, Lord Cartolinha, Manoel Ambrósio, Manoela C. Silva, Manuel Alves da Silva, Marcondes, Marcos Rodrigues dos Santos, Maria Aparecida dos Santos, Maria da Conceição Silva, Mario Campos, Mario Vaz Costa, Marquez D'Enido, Martins D'Alvarez, Mauricio P. Queiroz, Murillo Araujo, Nelly, Nize, Nobrega Siqueira, Oicreba, Olegário Soares, Olegário Xavier, Olivio Lopes de Oliveira, Oswaldo Orico, P., Paulo, Paulo Forte, Pedro Nunes, Plinea Penteado Primo, Princesa X., Príncipe Dançarino, R. A, R. A Campos, R. Chaparro, R. Saint Claire, Raluco, Ranelson, Ribeiro, Rosicler, Rudolpho Xavier, S. Joe, Salathiel Campos, Saturnino José Santos, Sebastião José Soter, Sergio,		
--	--	--

Silva, Silvia de Oliveira, Silvio Aires, Sultana, Tide, V. L Pereira Duarte, Vaz, Victor Aurelio, Vieira Fazenda, Villette Corrêa Netto, Wenceslau Brandão, Zav, Zé do Congo		
Total de contribuições	657	

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzidas pela autora.

As 40 pessoas que colaboraram quatro vezes ou mais no jornal foram responsáveis por 67,7% do material publicado, indicativo da influência desses indivíduos na construção do discurso do periódico. A assiduidade também assinala o prestígio desses sujeitos na entidade, pois parcela dos colaboradores ocuparam a redação do jornal, caso de Raul Joviano (47),²⁰⁰ Deocleciano Nascimento (14), Pedro Paulo Barbosa (13), Ismail Amaral (10), e Benedito Vaz Costa (6). Igualmente comum era a colaboração de presidentes da Frente e demais membros do Grande Conselho, como Arlindo Veiga (45), Francisco Lucrécio (22), David Rodolfo de Castro (8), Aristides Assis Negreiros (8), Isaltino Veiga (4), Justiniano Costa (4) e João Francisco de Araújo (4).²⁰¹ Outros indivíduos que ocuparam postos na FNB e escreveram no jornal foram: Arlindo Alves Soares (19), secretário e correspondente da FNB em Jundiá,²⁰² Olimpio Moreira da Silva (14), delegado especial da FNB em Sorocaba²⁰³ e Mario da Silva Junior (4), comissário dos cabos, que em fevereiro de 1934 tornou-se visitador das delegações.²⁰⁴ Por fim, cabe destacar José Bueno Feliciano (10), pela proximidade com movimentos católicos, como a Ação Imperial Patrianovista Brasileira.²⁰⁵ Logo, é possível afirmar que esses indivíduos, os principais responsáveis pelo conteúdo d'*A Voz*, eram, em sua maioria, dirigentes e, conseqüentemente, os ideais disseminados pelo jornal correspondiam às suas convicções, não necessariamente compartilhadas por outros colaboradores que não estavam diretamente ligados à entidade e ao jornal.

1.4 Organização interna do periódico

²⁰⁰ Referente ao número de colaborações.

²⁰¹ ESCALA de plantões do mês de julho. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 15, p. 4, 1 jul. 1933.

²⁰² DELEGAÇÃO da FNB em Jundiá. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 31, p. 4, 3 fev. 1934.

²⁰³ SILVA, Olimpio Moreira da. Pesamos a Sorocaba. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 4, 5 ago. 1933.

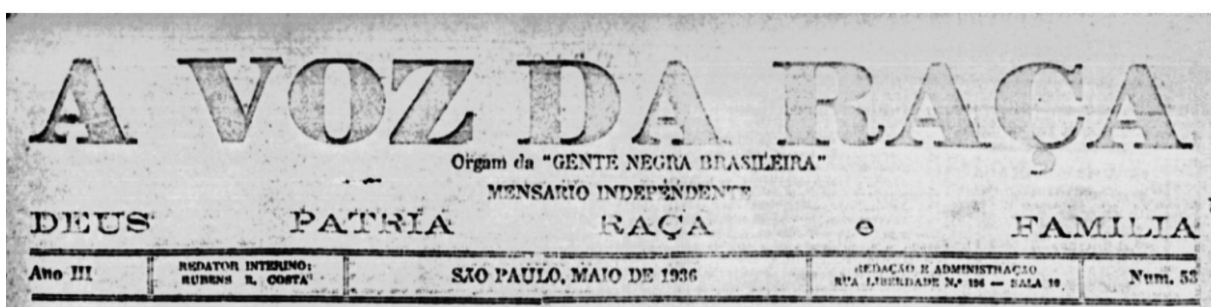
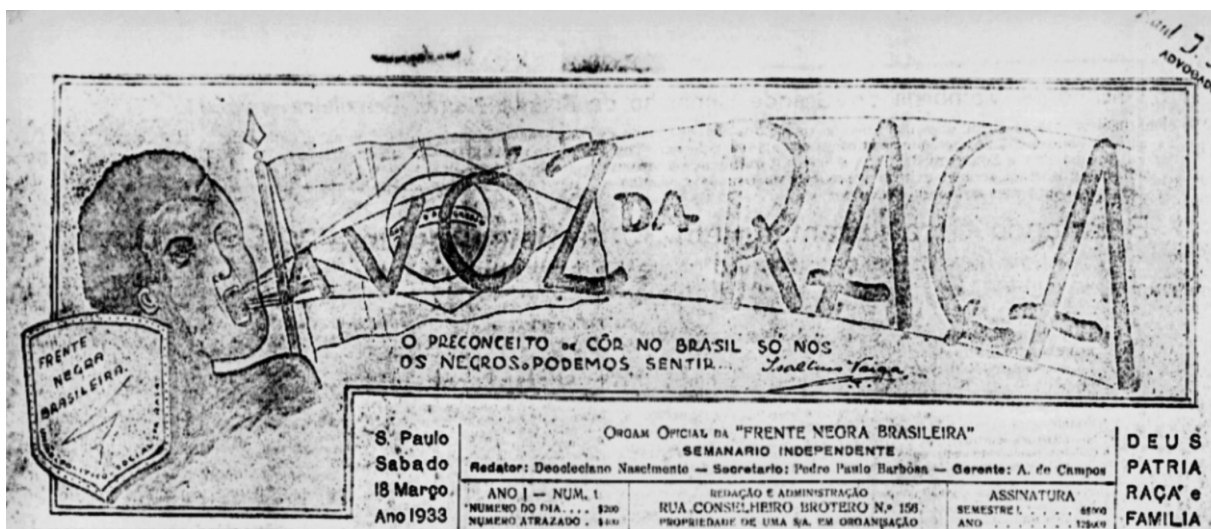
²⁰⁴ DEMISSÃO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 4, 17 fev. 1934.

²⁰⁵ A filiação ao patrianovismo foi confirmada em um necrológio publicado na *Voz*. Ver: MOCIDADE gloriosa. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 1, 11 mai. 1935.

Ao analisar a organização de um jornal, cabe observar as escolhas realizadas por parte dos redatores, não apenas em termos de conteúdo, mas também da sua apresentação gráfica. No cabeçalho, a *Voz* estampou, da primeira até a quinquagésima terceira edição, a máxima de Isaltino Veiga, que era uma resposta aos que negavam a existência do racismo: “O preconceito de cor, no Brasil, só nós, os negros, o podemos sentir”. Nesse mesmo sentido, outro aspecto da ideologia fretenegrina marca presença no cabeçalho, o *slogan* “Deus, Pátria, Raça e Família”, lema integralista, acrescido do termo “raça”. O mote representa os ideais de extrema-direita, compartilhados por parcela dos integrantes da FNB desde a sua criação e acentuados após a saída da ala à esquerda em 1932. Embora Maria Pinto Silva indique²⁰⁶ que *A Voz* incluiu o lema somente a partir do número 36, durante a presidência de Justiniano Costa, ao analisar o jornal, verifica-se que o mesmo se fez presente em todos os números e permaneceu mesmo após duas reformulações, tendo, inclusive recebido maior destaque, conforme se observa nas imagens abaixo.

Figuras 1, 2 e 3. Três versões de cabeçalhos utilizadas pela *Voz*

²⁰⁶ SILVA, Maria Aparecida Pinto. *A Voz da Raça: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003. p. 134.



Fonte: *A Voz da Raça*, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933; *A Voz da Raça*, ano 1, n. 2, p. 1, 25 mar. 1933; *A Voz da Raça*, ano 4, n. 53, p. 1, mai. 1936.

Datar o emprego do *slogan* contribui para compreender o processo de aproximação entre a FNB e a AIB. Arlindo Veiga é tido como o responsável por inserir o lema integralista no cabeçalho, possivelmente devido à proximidade com Plínio Salgado,²⁰⁷ ambos

²⁰⁷ BUTLER, Kim D. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition Sao Paulo and Salvador*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998. p. 117.

compartilhavam visões organicistas da sociedade e defendiam estrutura hierarquizada, aspectos presentes nos movimentos aos quais pertenciam, além de colaborarem com as mesmas revistas antiliberais e anticomunistas da década de 1930.²⁰⁸ Tal vínculo teria, segundo alguns estudiosos,²⁰⁹ culminado na colaboração frequente de Plínio Salgado para com o jornal. Todavia, como revela a Tabela 4, Salgado não figura entre os colaboradores d'*A Voz da Raça*, aliás aspecto já destacado por Lima.²¹⁰ Em vez disso, Salgado comparece em reprodução parcial de artigo veiculado n'*A Tribuna* (SP, 1894 -), em 26 de maio de 1934,²¹¹ escolha que indica conformidade dos redatores com as ideias nele contidas. Outras evidências da proximidade da FNB com o integralismo são as menções diretas e indiretas ao movimento n'*A Voz*.²¹² Também é interessante observar que o lema permaneceu no cabeçalho mesmo após a saída de Veiga da presidência, aqueles – redatores, conselheiros, vice e presidente – cujo cargo permitia excluir ou modificar o *slogan*, não o fizeram. Logo, as principais lideranças da FNB demonstraram considerá-lo congruente com os propósitos da organização, e uma vez que o jornal expressa sua doutrina, é possível afirmar que “Deus, Pátria, Raça e Família” norteou o teor do jornal durante toda sua existência.

Sabe-se que o conteúdo de um periódico se relaciona com seu ordenamento interno, nesse sentido, na análise das seções da *Voz* cumpre notar os temas abordados e sua frequência, bem como a associação desses aspectos organizacionais com a ideologia da FNB. Maria Pinto Silva identifica três seções fixas no jornal (notícias, correspondência e sociais),²¹³ além delas, foram identificadas outras catorze, a maioria de duração efêmera, por vezes, algumas deixavam de figurar em diversos números e retornavam posteriormente. Assim como a irregularidade, mudanças na nomenclatura eram comuns. Devido ao espaço limitado, os conteúdos eram ordenados de forma a garantir o máximo de aproveitamento das páginas, por esse motivo, as seções não possuíam local fixo, além de serem substituídas por outros conteúdos, caso necessário. Todas as seções estão listadas na Tabela 5.

Tabela 5. Seções presentes no jornal

Título	Frequência (em edições)	Assunto	Localização (em páginas)	Responsável
Sociais/Vida Social	57	Notícias sociais sobre a	2-4	Direção

²⁰⁸ MALATIAN, Teresa Maria. *Op. cit.*, 2001, p. 99-110.

²⁰⁹ CARVALHO, Gilmar Luiz de. *Op. cit.*, p. 169; OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Op. Cit.*, 2002, p. 73; JACINO, Ramatis. *Op. cit.*, p. 19.

²¹⁰ LIMA, Alex Benjamin de. *Op. cit.*, p. 79-81.

²¹¹ A VOZ DA RAÇA. São Paulo, ano 1, n. 38, p. 4, 26 mai. 1934.

²¹² A convergência dos ideais fretenegrino e integralista serão analisados nos próximos capítulos.

²¹³ SILVA, Maria Pinto. *Op. cit.*, p. 113.

		comunidade fretenegrina e poemas.		
Pela Imprensa	30	Reprodução de notícias publicadas em outros jornais e menções a exemplares recebidos pela <i>A Voz da Raça</i> .	2-4	Direção
Notícias de Jundiaí/Impressões de Jundiaí/De Jundiaí	21	Informações sobre a unidade fretenegrina em Jundiaí, São Paulo.	3-4	Correspondente da FNB em Jundiaí
Notícias de Sorocaba/Sorocaba	17	Sobre a unidade de Sorocaba.	2-3	Correspondente em Sorocaba
Comunicados da FNB/Comunicados	16	Avisos aos fretenegrinos.	2-4	Chefe da portaria
Esporte/ Pelo esporte/Página esportiva	13	Campeonatos entre clubes negros.	2-4	Direção
Seção doméstica	12	Dicas para o cuidado com o lar.	2-4	Maristér
Diversas notícias/Notícias várias/Notícias diversas	8	Notícias da comunidade negra.	2-3	Direção
Notícias de Minas/notícias de Guaxupé	7	Informações sobre a unidade de Guaxupé, MG.	2-3	Correspondente em Guaxupé
Vida Religiosa	5	Orações e reflexões religiosas.	2-3	Colaboradores
Notícias do interior/Do interior	4	Informações sobre diversas unidades da FNB.	2-4	Correspondentes
Seção livre	3	Comunicados e colaborações.	3	Colaboradores
Escritas avulsas	3	Textos de fretenegrinos.	3-4	Colaboradores
Em Tietê/Tietê	3	Sobre a FNB em Tietê.	3-4	Correspondente em Tietê
Jóias Literárias	3	Textos literários, geralmente de fretenegrinos.	3	Colaboradores
Telegramas	2	Telegramas recebidos pela FNB.	3	Direção
Seção Feminina	1	Produção literária feminina e conselhos de beleza.	3	Colaboradoras

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

A coluna mais frequente, intitulada “Social”, consistia na divulgação de aniversários, casamentos, falecimentos, festividades da FNB, mudanças nos cargos – também presentes, por vezes, em “Comunicados” – além disso, o espaço se destinava a colaborações literárias, geralmente poemas dos fretenegrinos. Já as notícias sobre os membros das subsedes encontram-se nas seções referentes à Jundiaí, Sorocaba, Minas Gerais, Tietê e em “Notícias do Interior”, portanto, observa-se a diversidade de colunas destinadas aos comunicados das delegações do estado de São Paulo e Minas Gerais. Também havia coluna esportiva, que figurou treze vezes e que continha notas sobre jogos de futebol e de tênis de mesa de times

negros. Já “Pela Imprensa”, com 30 ocorrências, a segunda seção mais frequente, comentava notícias e artigos envolvendo a FNB ou a comunidade negra em geral, divulgados por outros jornais, além de citar os periódicos recebidos pela *Voz*. O dado é importante por indicar que o ideário fretenegrino circulou dentro e fora do meio negro, pois mantinha, com frequência, proximidade com folhas de pequena circulação, principalmente interior paulista ou mineiro. Todas essas seções eram informativas, localizavam-se na segunda ou terceira páginas, o que poderia variar, a depender do espaço disponível, pois ocupavam parcela considerável do jornal, que, por sua vez, era o principal meio dos membros atualizarem-se sobre os acontecimentos na entidade.

Algumas colunas dialogaram com o público de forma mais estreita, por transmitir conselhos aos leitores e reproduzir valores morais. Sobressaíram duas delas voltadas para o público feminino, a “Seção Doméstica”, que figurou doze vezes, sob responsabilidade de Maristér, com orientações sobre o lar, e a “Seção Feminina”, com apenas uma ocorrência. Na estreia da última, no número 70, não há menção à tentativa anterior do jornal dialogar com as leitoras, afirma-se indica somente que: “com este número, *A Voz da Raça* inicia mais uma de suas aspirações, que é a página dedicada especialmente à mulher fretenegrina”.²¹⁴ Diferentemente da “Seção Doméstica”, teve como proposta veicular produções literárias femininas, além de dicas de beleza. De outra feita, a coluna “Vida Religiosa”, que estampava orações, textos católicos e ensinamentos morais aos leitores, foi significativa, embora de curta duração, por ratificar a relevância da questão para a folha, já expressa, anteriormente, pela evocação de Deus no cabeçalho.

A presença de imagens no jornal, ainda que pouco frequentes – vinte e sete ocorrências – também revela aspectos organizacionais. O ano de 1933 apresentou maior quantidade de estampas, quinze no total, às vezes com mais de uma por edição, por outro lado, a partir de 1934 rarearam, ausentaram-se em 1935 e no ano seguinte houve publicação de apenas uma imagem. A diminuição coincide com a mudança de periodicidade, como a passagem de quinzenário para mensário no início de 1935, momento em que a FNB levou adiante campanhas de arrecadação de fundos, ambos indicativos da crise financeira. É igualmente significativo que, a partir de dezembro de 1934, o jornal passou a ser impresso pela Tipografia Paulista, o que, por um lado, profissionalizou a impressão e, de outro, aumentou os dispêndios. Dada a necessidade de manter a circulação, não surpreende, portanto, que a Frente optasse por minorar as estampas: apenas nove das 27 figuras totais

²¹⁴ SEÇÃO Feminina: apresentação. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 70, p. 3, nov. 1937.

foram publicadas após o início das despesas com os serviços gráficos. Apenas em 1937 houve aumento das estampas, indício de que possivelmente as dificuldades econômicas abrandaram, como indica a tabela a seguir:

Tabela 6. Listagem de figuras do jornal

N.	Edição	Página	Descrição	Data
1	1	1	Retrato de Francisco Costa Santos.	18/3/33
2		3	Isaltino Veiga ao lado de Getúlio Vargas.	
3	2	1	Fachada da sede.	25/3/33
4	6	3	Taça Arthur Friedenreich oferecida pela FNB ao vencedor do carnaval.	22/4/33
5	7	1	Retrato de Arlindo Veiga.	29/4/33
6	8	1	Retrato de Getúlio Vargas.	6/5/33
7	9	1	Retrato de Isaltino Veiga, com a legenda “Gandhi brasileiro”.	13/5/33
8	14	1	Retrato de Vargas*	24/6/33
9		3	Charge humorística sobre adultério.	
10	15	4	Charge humorística sobre o mercado de peixe.	1/7/33
11	16	4	Charge crítica ao alcoolismo e ao tabagismo.	8/7/33
12	17	4	Charge humorística sobre a ira.	15/7/33
13	18	3	Ilustração de Jesus Cristo.	5/8/33
14	21	1	Retrato de Francisco Costa**	16/9/33
15	28	1	Ilustração de Jesus Cristo infante.	23/12/33
16	34	1	Ilustração de Jesus***	31/3/34
17	40	3	Retrato de Arlindo Veiga ****	7/7/34
18	41	1	Retrato do conselheiro Alfredo Eugenio da Silva.	11/8/34
19	44	1	Fotografia de Humberto de Campos.	29/12/34
20			Retrato de Coelho Neto.	
21	51	1	Foto de Aristides Teixeira.	03/1936
22	61	4	Foto de Argentino Celso Wanderlei, presidente do Grupo Carnavalesco Campos Elíseos.	01/37
23			Foto de Bento Bueno Paiva, diretor da Sociedade Recreativa 28 de setembro.	
24	63	3	Retrato do fretenegrino Mario Santiago.	03/37
25	64	2	Foto de Aristides Teixeira, da FNB.	04/37
26		4	Foto do grupo musical da FNB.	
27	66	5	Aristides Teixeira*****	06/37

* Igual imagem seis.

** Idêntico ao item um.

*** Repetição da figura 13.

**** Imagem número cinco, em menor proporção.

***** Repete a foto 25.

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

Publicar material iconográfico aumentava os custos de produção, logo, são significativas aquelas escolhidas pelos redatores, o tamanho, frequência e a localização delas indicam sua importância para a redação, nota-se que doze das vinte e sete situam-se na primeira página, local de maior destaque. Os retratos são maioria e podem ser subdivididos em três grupos: os de fretenegrinos e outras figuras negras, políticos e ilustrações de Jesus. No primeiro grupo estão Francisco Costa, Isaltino Veiga, Arlindo Veiga, Alfredo Eugênio da Silva, Argentino Celso Wanderlei, Mario Santiago, Aristides Teixeira, Bento Bueno Paiva e o grupo musical fretenegrino. Verifica-se que o retrato de Arlindo Veiga, na edição sete, centralizado na primeira página com texto sobre sua candidatura à Constituinte, supera em tamanho os demais. Isaltino Veiga recebeu reconhecimento similar, merecendo a legenda “Gandhi brasileiro”. As outras fotografias dos indivíduos citados eram diminutas. Outra figura de destaque foi Getúlio Vargas, publicado três vezes só e ao lado de Isaltino Veiga. Além dele, políticos e escritores como Coelho Neto e Humberto de Campos ganharam espaço. Quanto às ilustrações de Jesus, marcaram presença três vezes. Além dos retratos, há também charges, fotografias de objetos e lugares importantes à FNB, como a fachada da sede e a taça carnavalesca. No caso das charges, há críticas a condutas sociais (como adultério, alcoolismo, tabagismo) e à alta dos preços de alimentos. Aspecto a ser notado é que cinco imagens, entre ilustrações e fotografias, repetem-se duas vezes cada, ou seja, há 10 figuras idênticas que correspondem à 58, 8% do total, indicativo da quantidade limitada de clichês, relacionada à crise financeira que enfrentava a FNB. Além disso, notabilizam-se as representações de pessoas brancas, 25,9% das imagens, que incluíam as estampas de Jesus, políticos e literatos.

Em artigos alguns publicados no periódico, principalmente na seção “Pela Imprensa”, há conexões com outros impressos, alguns deles negros, como a revista *Evolução* (SP, 1933), cuja inauguração foi divulgada na *Voz*, o jornal *A Alvorada*, de Pelotas, (RS, 1907-1965), que a defendeu de ofensas, teve artigos e notícias reproduzidos por ela e *A Raça* (MG, 1935), em que houve envio mútuo de edições. Também Jayme de Aguiar prestou homenagens aos periódicos negros extintos *O Clarim da Alvorada*, *O Patrocínio* e *Getulino* (SP, 1923-1926).²¹⁵ Enquanto a *Voz* expressou relações positivas com periódicos de baixa vendagem, com a grande imprensa a receptividade foi diversa.²¹⁶ A criação da *Voz* foi noticiada de forma positiva pelo *Correio de S. Paulo*, que afirmou: “Deus, Pátria, Raça e Família constituem o lema desse novo jornal, que além de ser informativo, se apresenta com

²¹⁵ AGUIAR, J. Uma Justiça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 1, 17 mar. 1933.

²¹⁶ Nesse último caso, a pesquisadora consultou a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, utilizou a palavra-chave “*A Voz da Raça*” para encontrar menções ao jornal pelos seus congêneres, as edições consultadas são mencionadas nas notas de rodapé.

ótimas colaborações. Quanto à sua feitura material é bem cuidada”, e, por fim, desejou felicidades ao novo colega.²¹⁷ Mais adiante, em 1935, Nelson Napoleão, repórter do mesmo veículo, visitou a sede da FNB.²¹⁸ Em abril de 1933, o jornal fretenegrino reproduziu artigo do associado Vicente Ferreira para o *Correio da Manhã*, em campanha à candidatura de Arlindo Veiga para a Assembleia Constituinte.²¹⁹ Outra oportunidade de divulgação dos ideais ocorreu em novembro de 1936, na entrevista concedida por Francisco Lucrécio, secretário-geral da FNB, ao *Diário Popular*, reproduzida na *Voz*.²²⁰ Já o reconhecimento internacional adveio da visita da cantora estadunidense Mary Anderson à sede da FNB, em outubro de 1937, que retornou para Chicago com números do jornal. No mês seguinte, *The Chicago Defender* (EUA, 1907-) publicou fotos de fretenegrinos, o acontecido foi anunciado na última edição do porta-voz da Frente.²²¹

Por outro lado, o impresso recebeu críticas impiedosas e se posicionou contra artigos veiculados na grande imprensa. A reprimenda à FNB por Austregesilo Athayde no *Diário de S. Paulo* em fevereiro de 1932, já citada, foi rebatida por Arlindo Veiga, que expôs os princípios da organização e negou envolvimento com o comunismo.²²² Em maio de 1933, Isaltino Veiga também criticou artigo do *Diário* em que considerava os direitos reivindicados pela entidade como regalias.²²³ Mesmo em meio ao conflito ideológico, a *Voz* transcreveu artigo sobre raça do *Diário*,²²⁴ que por sua vez entrevistou Francisco Lucrécio, em 1937, sobre congresso a ser realizado pela Frente.²²⁵ Em outubro de 1935, Athayde escreveu improperios para o *Diário da Noite*: “A Frente Negra ainda existe e nada fez de apreciável exceto um jornalzinho que a gente lê com desgosto e pena, que serve somente para testemunhar a inferioridade em que, de fato, vivem alguns negros no Brasil, a avaliar pelo teor mental de seus *leaders*”.²²⁶ Ismail Amaral, ex-gerente da *Voz*, na edição do mês seguinte replicou mordazmente: “pequeno em tamanho, despido de folhas, e no entanto, grande e ilimitado por matérias, é que tem o dito jornalzinho, que nem por sombra é igual a esse que sua excelência

²¹⁷ PUBLICAÇÕES. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 1, n. 242, p. 3, 24 mar. 1933.

²¹⁸ VISITAS à FNB. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 4, 11 mai. 1935.

²¹⁹ PARA a constituinte, negros do Brasil!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 22 abr. 1933.

²²⁰ A FRENTE Negra Brasileira do lado da Bandeira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 59, p. 4, 4 nov. 1936.

²²¹ NEGRO, Príncipe. Comentando.... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 70, p. 4, nov. 1937.

²²² SANTOS, Arlindo Veiga dos. A Frente Negra Brasileira e um artigo do sr. Austregesilo de Athayde, *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 1, 25 mar. 1933.

²²³ SANTOS, Isaltino Veiga dos. Liberdade utópica. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 1, 13 mai. 1933.

²²⁴ O DESTINO da raça negra no Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 4, 25 nov. 1933.

²²⁵ A FRENTE Negra Brasileira está organizando um grande congresso nesta capital. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 68, p. 5, ago. 1937.

²²⁶ ATHAYDE, Austregesilo de. Um partido de pretos. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 110, n. 240, p. 2, 13 out. 1933.

dirige há tanto tempo, que ninguém, e nós não conhecemos”.²²⁷ As alfinetadas continuaram, e, em dezembro daquele mesmo ano, Athayde foi tema de artigo de Pedro Paulo Barbosa, que respondeu às suas críticas ao partido recém-criado pela instituição.²²⁸ Também, Arlindo Alves Soares respondeu ao *Diário Carioca* que negou a existência do racismo e considerou a FNB perigosa ao Brasil.²²⁹ Ainda no número 29, o periódico desaprovou duas reportagens veiculadas na grande imprensa envolvendo pessoas negras, numa delas, o *Estado de S. Paulo* noticiou esfaqueamento em que o vitimado era sírio e o infrator fretenegrino, a *Voz* apresentou outra versão para a história e criticou a abordagem do *Estado*.²³⁰ Já João Francisco de Araújo, a pedido de Arlindo Veiga, em carta aberta para o redator d’*O Dia* (PR, 1923-1961), Gonçalves da Motta, desaprovou a postura de um repórter daquele jornal perante o entrevistado, por questionamentos de cunho racista.²³¹

A Voz da Raça foi um dos periódicos negros mais relevantes da década de 1930, engajado em questões raciais, políticas, sociais e econômicas que impactavam a sociedade do período. O impresso, cujo objetivo era divulgar a doutrina da FNB, não conseguiu “desprezar as polêmicas em geral”, como declarou no primeiro editorial,²³² ao contrário, envolveu-se ativamente na luta por melhores condições de vida aos negros, no combate ao racismo e debates políticos sobre os rumos que o país deveria tomar, ademais, ultrapassou fronteiras estaduais e internacionais. Tais aspectos fazem do jornal fonte privilegiada para o estudo das concepções de raça que fundamentaram o pensamento de parcela da intelectualidade negra da década de 1930. O próximo capítulo examina o tema circunstanciadamente, a partir da análise sistemática do conteúdo do jornal, em conjunto com a compreensão do contexto sociopolítico do período. Afinal, é imprescindível esquadriñar o conceito de raça, presente no título do impresso.

²²⁷ AMARAL, Ismail N. Quota de pagamento. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 49, p. 4, 23 nov. 1935.

²²⁸ BARBOSA, Pedro Paulo. Um partido de pretos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 50, p. 4, 31 dez. 1935.

²²⁹ PROTESTANDO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 5, 17 mar. 1934.

²³⁰ UM caso de \$ 400. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 2, 6 jan. 1934.

²³¹ ARAÚJO, João Francisco de. Carta Aberta. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 2, 17 fev. 1934.

²³² A VOZ da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933.

CAPÍTULO 2

Concepções acerca da raça na *Voz*

A divisão da espécie humana em raças pelo racismo científico, ainda que ilusória, impactou grupos considerados inferiores pelo seu fenótipo, caso dos afrodescendentes, motivo pelo qual, organizados no movimento negro reivindicaram melhores condições de vida. No segundo decênio do século XX, o ativismo negro em São Paulo foi impulsionado pelo surgimento da classe média em seu interior, momento que inaugurou a segunda fase da imprensa negra paulista com o jornal *Getulino* (Campinas-SP, 1923-1926), em 1923. São características do período o aprofundamento do caráter político-reivindicatório do movimento, aglutinado principalmente no Centro Cívico Palmares, criado em 1926. Além de frequentarem espaços em comum, os intelectuais negros publicavam, por vezes, nos mesmos jornais, a exemplo de alguns colaboradores da *Voz*, que já na década de 1920 demonstraram preocupação com o tema racial, presente em 45 textos veiculados em quatro jornais.

A relevância de analisar o assunto deve-se a sua centralidade para o movimento negro, que cria suas próprias definições para o conceito. No caso, o estudo das produções sobre raça de colaboradores da *Voz* em periódicos de circulação anterior permite identificar rupturas e permanências no discurso desses indivíduos acerca do tema, a partir de comparações com textos escritos por eles e outros colaboradores no jornal *frentenegrino*. Para isso, é imprescindível quantificar as produções sobre raça de cada autor, além de identificar os principais subtópicos, os quais giravam em torno de conceitualizações de raça, posicionamentos sobre o preconceito, escolha de ícones e símbolos para representar a negritude, pareceres morais sobre a comunidade, bem como demandas por melhores condições de vida. Assim, identifica-se que em alguns aspectos a *Voz* manteve posicionamentos semelhantes a periódicos negros anteriores, em outros defendeu diferentes perspectivas, principalmente no que concerne à discriminação racial no Brasil.

2.1 Presença do termo “raça” em jornais negros dos anos 1920

O racismo científico baseia-se no determinismo biológico, ou seja, defende a existência de diferentes raças que comporiam a espécie humana, definidas pelo fenótipo e cujo ápice caberia aos brancos, principalmente europeus do norte do continente, tidos como superiores aos demais subgrupos. Essa ideia ganhou espaço no pensamento social brasileiro a partir de meados do século XIX, frente ao fim iminente da escravidão, que impulsionou a formulação de explicações que dessem conta da sociedade brasileira: miscigenada e com

número elevado de afrodescendentes que após a Abolição adquiriram, pelo menos em termos legais, direitos de cidadania.

A Lei Áurea não trouxe melhorias significativas aos libertados, que foram relegados à sua própria sorte, pois, enquanto os abolicionistas consideravam que sua missão humanitária em prol dos escravizados fora concluída em 13 de maio de 1888, os fazendeiros preocupavam-se com a substituição do trabalho cativo pelo imigrante.²³³ A opção pela imigração recebeu incentivo do governo brasileiro, que além de oferecer mão de obra às lavouras e às indústrias, tinha em vista promover, em sintonia com os ideais das elites dominantes, o embranquecimento populacional, aspecto evidenciado pelo Decreto número 528, de 26 de junho de 1890, que regulamentou “o serviço da introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil”, cujo primeiro artigo estabeleceu que:

É inteiramente livre a entrada, nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país, *excetuados os indígenas da Ásia, ou da África que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos* de acordo com as condições que forem então estipuladas.²³⁴

Diante do contraste entre o desenvolvimento de São Paulo e a conjuntura socioeconômica precária vivenciada pelos negros, o que incluía o preconceito racial, parcela desse contingente mobilizou-se para lutar contra tais mazelas.²³⁵ Assim, o pós-abolição no estado paulista foi marcado pela presença de organizações criadas por e para afrodescendentes, com caráter recreativo, cultural e político.²³⁶ Além disso, a despeito do contingente populacional alfabetizado na Primeira República ser reduzido, e ainda menor entre negros, os impressos criados por esses últimos possibilitaram o compartilhamento de notícias, denúncias e demandas entre a comunidade. Dessa forma, as categorias “raça” e “cor”

²³³ COSTA, Emília Viotti da. *A Abolição*. 9. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 135-137.

²³⁴ Em: BRASIL. Decreto-lei nº 528, de 26 de junho de 1890. Regulariza o serviço da introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil. In: Coleção de Leis do Brasil, 1890, p. 1424. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 25 ago. 2024. Grifos da autora.

²³⁵ ANDREWS, George Reid. *Op. cit.*, p. 222.

²³⁶ A mais antiga delas é o Clube 28 de Setembro (SP, 1897-), criado em Jundiaí, outros exemplos de agremiações em São Paulo são: o Clube 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917) e o clube Dramático e Recreativo Kosmos (SP, 1908-1925). Ver: DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, 2007, p. 103.

constituíram-se como aglutinadores para as organizações e periódicos negros em São Paulo no início do século XX.²³⁷

Na década de 1920, a classe média negra paulista, de formação recente, foi responsável por fundar periódicos com caráter político e reivindicatório, isso num momento marcado pela inauguração da segunda fase da imprensa negra, com a criação dos jornais *Getulino* e o *Clarim da Alvorada*.²³⁸ Parcela dos colaboradores e membros do corpo editorial dos periódicos pertencentes à segunda fase da imprensa negra filiaram-se à FNB, além de redigirem textos veiculados na *Voz da Raça*. Ademais, como salientado anteriormente, entre 1926 e 1929, a maioria dos fundadores da Frente participaram do Centro Cívico Palmares. Assim, mesmo que nos anos 1930 a FNB fosse a maior e mais influente organização negra do Brasil, não se pode perder de vista que o repertório epistemológico de parcela dos fretenegrinos remete a momentos anteriores à fundação da entidade, tendo em vista a existência de periódicos que antecederam a *Voz*, e a formação de grupos ainda nos anos 1920, aspecto importante para compreender como a temática da cor e da raça foi tratada pelo periódico porta-voz da FNB.

Assim, o esforço é o de analisar as concepções raciais propostas por colaboradores e redatores em publicações que antecederam *A Voz da Raça*, mais precisamente nos seguintes títulos: *Getulino*; *Clarim da Alvorada*; *Elite* (SP, 1924); *Auriverde* (SP, 1928); *Patrocínio* (SP, 1928-1930) e *Progresso* (SP, 1928-1931).²³⁹ Entre os diversos assuntos e autores presentes nos periódicos listados, interessa apenas os textos sobre raça produzidos por colaboradores da *Voz*, identificados por meio da leitura pormenorizada do conteúdo. Cabe esclarecer a quantidade de exemplares consultados: 64 para *Getulino*, 57 números do *Clarim da Alvorada*, 24 do *Progresso* e 4 do *Auriverde*. A Tabela 7 apresenta as autorias, quantidade de textos e local de publicação, incluindo o que foi estampado n’*A Voz*, folha que tematizou a questão em 76 oportunidades, enquanto todos os seus antecessores o fizeram 45 vezes.

Tabela 7. Textos de colaboradores da *Voz* com o tema “raça” em jornais negros (SP, 1923-1932)

²³⁷ PEREIRA, Amílcar Araújo. “Sou negro”: raça e racismo na perspectiva do movimento negro contemporâneo. In: SAMPAIO, Gabriela dos Reis; LIMA, Ivana Stolze; BALABAN, Marcelo. (orgs.). *Marcadores da diferença: raça e racismo na História do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 286.

²³⁸ FERRARA, Miriam Nicolau. *Op. cit.*, p. 201, 1985.

²³⁹ Periódicos listados por Miriam Ferrara no artigo “A imprensa Negra Paulista (1915/1963)”, pesquisados nos acervos de imprensa negra paulista da Universidade de São Paulo e da Hemeroteca Digital Brasileira. Em: Idem.

Autor	<i>Voz da Raça</i> (1933-1937)	<i>Getulino</i> (1923-26)	<i>Clarim da Alvorada</i> (1924-32)	<i>Auriverde</i> (1928)	<i>Progresso</i> (1928-31)	Total antes de <i>A Voz</i>
Arlindo Veiga	39	—	3	—	—	3
David Rudolpho de Castro	2	—	—	—	2	2
Deocleciano Nascimento	13	4	1	2	—	7
Horácio Cunha	11	—	9	1	3	13
Jayme de Aguiar	9	—	10	—	—	10
João Eugênio da Costa	1	—	1	—	—	1
Lino Guedes	1	3	—	—	6	9
Total por periódico	76	7	24	3	11	—

Fonte: *Getulino*, 1923-1926; *Clarim da Alvorada*, 1924-1932; *Auriverde*, 1928; *Patrocínio*, 1928-1930; *Progresso*, 1928-1931. Tabela produzida pela autora.

Os dois colaboradores que abordaram com maior frequência a raça em impressos anteriores à *Voz*, foram Horácio da Cunha e Jayme de Aguiar, responsáveis por 23 dos 45 textos, presentes sobretudo no *Clarim da Alvorada*, fundado e dirigido por Aguiar. Caso semelhante observa-se em relação a Deocleciano Nascimento, com sete contribuições e, que se destacou como o diretor mais perene da *Voz* e que já dirigira o *Auriverde*. Esses indivíduos emitiram, assiduamente, opiniões sobre a situação dos negros no Brasil, o que demonstra envolvimento com a causa e explica a presença de ambos entre os fundadores da FNB. Curiosamente, o primeiro presidente da organização, Arlindo Veiga, teve participação diminuta nos jornais consultados. Os dados evidenciam que a maioria dos autores mencionados na tabela – quatro de sete – estiveram entre os fundadores da FNB, enquanto Lino Guedes, que ajudou a fundar o *Getulino* e editou o *Progresso*, David Rudolpho de Castro e João Eugênio da Costa foram fretenegrinos, mas não ocuparam cargos na entidade. Nota-se a presença de alguns dos colaboradores que integraram o corpo editorial de jornais fundados antes da *Voz*, indicativo da experiência de longa data na imprensa.

Os textos acerca da questão racial perpassaram os seguintes três grandes temas tratados nos textos: 14 sobre o preconceito racial e situação dos negros no pós-abolição, 12 acerca de prescrições de ordem moral, 10 para a escravidão e 4 para o conceito de raça. Sobre esse último tópico não se pode perder de vista que “raça” é um conceito construído socialmente, ou seja, cada sociedade e grupo é capaz de formar suas próprias ideias acerca do assunto e mobilizá-las em diferentes circunstâncias e com sentidos próprios, daí a importância de investigar de que forma o termo compareceu nas páginas dos jornais listados. Apenas o *Clarim* publicou conceitualizações de raça, sendo três textos de Arlindo Veiga e um de Horácio da Cunha. A escolha do *Clarim* para veicular a temática possivelmente decorreu da

sua posição de destaque na reivindicação política dos negros, além de sua longevidade. Ademais, as publicações datam entre março de 1926 e maio de 1927, coincidiram com a criação do Centro Cívico Palmares, organização responsável por congregar a intelectualidade negra do período, que posteriormente fundaria a FNB. Não surpreende Veiga e Cunha trazerem à baila o significado de raça e negritude no momento em que o caráter reivindicativo do movimento se acentuava e o CCP recrutava membros, pois definir o que era ser negro significava delinear quais indivíduos faziam parte da comunidade.

Em artigo, Veiga define que havia duas “raças de cor” no Brasil, o negro e o indígena, contudo, no número comemorativo de 13 de maio de 1927, o autor apresenta outra perspectiva ao caracterizar o negro como “toda gente de cor, preto, mulato, moreno, etc., descendente do africano e do indígena,”²⁴⁰ justificando a inclusão dos povos originários com base na tonalidade da epiderme, que os diferenciava dos brancos. Nos textos, os termos “preto” e “negro” são usados como sinônimos e admitem o uso de terminologias variadas para referir-se a grupos de afrodescendentes miscigenados, os reconhecendo como parte da comunidade. Veiga, demonstra orgulho em ser descendente de africanos, em possuir “sangue de escravos”,²⁴¹ pois os negros colaboram com a construção do Brasil pelo trabalho físico e intelectual e por isso seriam os maiores representantes da nacionalidade brasileira, “por essa definição natural e patente – A COR”.²⁴² Assim, a raça determinada pelo fenótipo era relacionada com a descendência e permitia diferentes categorizações, não havendo consenso quanto à inclusão dos povos originários como negros. Quanto a hierarquização racial, Horácio Cunha considerava que não havia raças superiores ou inferiores, mas sim civilizações mais ou menos desenvolvidas, porém denota não relacionar o desenvolvimento social com o determinismo biológico, pois as mazelas sofridas pelos negros não decorriam de uma suposta debilidade racial.

A questão da descendência negra relaciona-se com os quase 400 anos de escravidão, daí a necessidade de compreender as interpretações dos autores sobre o tema e seus impactos nos afrodescendentes. O tópico foi retratado em dez textos, quatro de Jayme de Aguiar, três de Deocleciano Nascimento, duas de David Rudolpho de Castro e uma de Horácio da Cunha. Para Aguiar:

²⁴⁰ VEIGA, Arlindo. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 4, n. 33, p. 3, 13 mai. 1927.

²⁴¹ VEIGA, Arlindo. A gente negra. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 4, n. 28, p. 4, 15 jan. 1927.

²⁴² VEIGA, Arlindo. A ação dos negros brasileiros. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 4, n. 28, p. 5, 15 jan. 1927.

Os primeiros homens que se empenharam na colonização de nossa terra encontraram grandes dificuldades na aquisição de elementos para formar os primeiros engenhos, os primeiros plantios e conseguir as primeiras conquistas de ouro e a dos outros minerais; *era mister que um povo fosse sacrificado para todas essas conquistas*, para que pudesse se nivelar os alicerces básicos deste país colosso, e coube então aos nossos avoengos das terras longínquas das palmeiras verdejantes a triste sorte de serem escolhidos para sacrificar-se.²⁴³

O escravismo fora caracterizado como essencial à colonização, com o inevitável sacrifício de africanos, traficados, marginalizados e forçados a trabalhar.²⁴⁴ A resistência ao cativeiro, considerado uma nódoa,²⁴⁵ recebeu destaque em apenas um dos textos, de David Rudolpho de Castro, no qual o quilombo dos Palmares fora exaltado.²⁴⁶ Castro também abordou os suplícios do período ao retratar as negras amas de leite como as mães legítimas dos brasileiros, que nutriram a prole dos senhores, enquanto seus filhos eram vendidos na tenra idade.²⁴⁷ Mesmo assim, Aguiar aconselhou os afrodescendentes a perdoarem as iniquidades do escravismo, em nome de seus antepassados. Essa atitude, somada à rara abordagem das formas de resistência à escravidão, minoram os impactos do conflituoso processo no qual se envolveram escravizados e seus descendentes,²⁴⁸ uma vez que a abolição representaria “o perdão que a pátria brasileira reconhecida, de joelhos, pediria ao universo, pelo crime bárbaro que praticara até contra seus próprios filhos”.²⁴⁹ Assim, afirma-se que os escravizados “suportaram os tormentos resignados até que apareceram homens de senso, de caridade que sabiam o quanto padeciam aqueles pobres infelizes”.²⁵⁰

Dessa forma, a Lei Áurea era concebida pelos autores como um ato benevolente, que, por si, corrigiu os danos da escravidão, motivo pelo qual a efeméride de 13 de maio era aludida e comemorada com júbilo. Os jornais negros estudados dedicaram números comemorativos à data, alguns com páginas adicionais, como o *Clarim* que veiculou 18 em vez das tradicionais quatro, na edição 33 de 1927.²⁵¹ O notório investimento financeiro explica-se pelo significado atribuído ao acontecimento, ao que se somava a reflexões acerca da realidade

²⁴³ AGUIAR, Jayme. A liberdade. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 2, n. 16, p. 1, 15 nov. 1925.

²⁴⁴ A LEI Áurea. *Auriverde*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 13 mai. 1928.

²⁴⁵ NASCIMENTO, Deocleciano. Treze de maio. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 4, n. 33, p. 10, 13 mai. 1927.

²⁴⁶ CASTRO, David Rudolpho de. Palmares. *Progresso*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 5, 23 jun. 1928.

²⁴⁷ CASTRO, David Rudolpho de. Mãe negra. *Progresso*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 2, 19 ago. 1928.

²⁴⁸ AGUIAR, Jayme. A liberdade. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 2, n. 16, p. 1, 15 nov. 1925.

²⁴⁹ AGUIAR, Jayme. 13 de maio. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 7, n. 26, p. 2, 13 mai. 1930.

²⁵⁰ A REDENÇÃO de nossa raça. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 13 mai. 1924.

²⁵¹ *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 4, n. 33, 13 mai. 1933.

então vivenciada pelos negros, as suas contribuições para o Brasil, além de exprimir expectativas acerca do futuro da comunidade. No que respeita à abolição, a princesa Isabel era denominada “redentora”, inclusive Deocleciano Nascimento, em dois momentos, a caracterizou como “anjo redentor”,²⁵² e Aguiar a intitulou “mãe de todos os cativos”.²⁵³ Também eram exaltadas outras figuras abolicionistas: José Antônio Bento, Barão do Rio Branco, Euzébio de Queiroz e Rui Barbosa, além de Luiz Gama e José do Patrocínio,²⁵⁴ todos considerados heróis e exemplos para os negros brasileiros. Assim, os colaboradores definiam que a partir da promulgação da Lei Áurea os negros adquiriram cidadania e condições de se inserirem na sociedade. Nesse sentido Nascimento afirmou: “agora a nossa evolução depende unicamente de nós, educando cada vez mais a intelectualidade”.²⁵⁵

Tal aspecto associa-se às posições dos autores sobre o preconceito racial e as desigualdades enfrentadas pelos negros, temática de 14 dos 45 textos, sendo seis escritos por Jayme de Aguiar, cinco por Horácio da Cunha e três por Lino Guedes, entre 1924 e 1929 no *Getulino*, *Clarim* e *Progresso*. Os dados quantitativos evidenciam que os intelectuais fretenegrinos trataram com maior frequência o preconceito racial, relacionando-o à temática da raça, assunto particularmente sensível à Arlindo Veiga, haja vista que três dentre os seus quatro textos localizados trataram do tema. Essa postura indica que definir a raça ocupava lugar menos importante para a maioria dos autores do que a questão do preconceito e condições de vida, possivelmente pela diferenciação racial ser percebida naquele meio negro como um fato biológico indiscutível, manifesto na cor da pele, como o próprio Veiga argumentou. Logo, os autores preferiram dedicar-se à situação dos negros perante a sociedade do período.

Sabe-se que um dos principais objetivos da imprensa negra é o combate ao preconceito racial, aspecto amplamente abordado na historiografia,²⁵⁶ contudo, ao analisar os 14 textos sobre o tema, escritos por futuros fretenegrinos, a questão apresenta-se de forma complexa. Jayme de Aguiar, no *Clarim*, em 1924 afirmou: “Hoje que todos nós somos livres, que vivemos em comunhão com todos os homens tendo as mesmas regalias e que já constituímos uma raça forte e poderosa que promete muito cooperar em prol de seus

²⁵² Isabel é adjetivada como redentora nas seguintes publicações: A Redenção de nossa raça. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 13 mai.1924.; A Lei Áurea. *Auriverde*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 13 mai. 1928.

²⁵³ A REDENÇÃO de nossa raça. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 13 mai. 1924.

²⁵⁴ AGUIAR, Jayme de. “13 de maio”. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 7, n. 26, p. 2, 13 mai. 1930.

²⁵⁵ A LEI Áurea. *Auriverde*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 13 mai. 1928.

²⁵⁶ Gilmar Luiz de. *Op. cit.* p. 110-160.

descendentes do Brasil”.²⁵⁷ A noção de igualdade, independentemente da cor da pele, era compartilhada por Lino Guedes que no *Progresso*, ao abordar o pioneirismo do Ceará na abolição da escravatura, afirmou que, a partir daquele momento, viveram “brancos e negros na maior harmonia”.²⁵⁸

Além disso, Aguiar culpabilizava os próprios negros por sua condição precária, assim como Horácio da Cunha, que criticava o alto número de meninos pretos em situação de abandono na capital paulista, mesmo que já fizesse quase quatro décadas da libertação.²⁵⁹ Na compreensão do autor, aquele intervalo de tempo era suficiente para ex-escravizados e seus descendentes integrarem-se à ordem social vigente, sem ponderar acerca dos séculos de escravatura e das condições nas quais os ex-escravizados tornaram-se livres. Aguiar afirmou que os negros brasileiros tinham o dever de lembrar que “temos o governo que nos auxilia tanto, porém são poucos os que procuram compreender tudo isso”.²⁶⁰ Já Lino Guedes manifestou opinião diversa ao criticar a rejeição de candidata negra, mesmo que a cumprisse com os requisitos, à Escola de Enfermeiras de Saúde Pública, comandada pela estadunidense Ethel Parsons, circunstância que, segundo o autor, remetia para a indiferença do governo brasileiro frente à situação.²⁶¹ Tal afirmação relacionava-se ao posicionamento dos intelectuais negros sobre o racismo, que segundo, Horácio da Cunha:

Há muitos pretos que afirmam a existência de um pequeno preconceito em nossa terra. Não é verdade, meus patrícios de cor. Existem uns incultos e invejosos que sempre procuram obstruir a ascensão de alguns dos nossos de cor, em benefício dos seus candidatos. Isso sempre acontece e tem de acontecer com todas as classes ou pessoas que procuram o bem-estar para seus dias.²⁶²

Ao negar a existência do racismo, Cunha atribuiu aos obstáculos enfrentados pelos negros para ascender socialmente a uma atitude invejosa, pois, com a abolição os negros tornaram iguais em direitos a outros cidadãos, o que lhes permitiria buscar e alcançar o progresso pessoal. Na mesma publicação, Cunha reconheceu a defasagem educacional entre os negros, ao se ver em um entrave dos mais significativos, e evocou Silvio Romero,²⁶³ que no

²⁵⁷ A REDENÇÃO de nossa raça. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 13 mai. 1924.

²⁵⁸ GUEDES, Lino. A nossa Virgínia. *Getulino*, Campinas, SP, ano 2, n. 56, p. 1, 12 out. 1924.

²⁵⁹ CUNHA, Horácio da. Os homens pretos e a instrução. *Progresso*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 23 jun. 1928.

²⁶⁰ AGUIAR, Jayme. Do que necessitamos. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 22 jun. 1924.

²⁶¹ GUEDES, Lino. “Black”. *Getulino*, Campinas, SP, ano 3, n. 1, p. 3, 13 mai. 1926.

²⁶² CUNHA, Horácio da. Os homens pretos e a evolução social. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 4, n. 30, p. 2, 20 fev. 1927.

²⁶³ Sílvio Vasconcelos Silveira Ramos Romero (1851-1914) nasceu em Lagarto, Sergipe, graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife em 1873, produziu obras nas áreas de Sociologia, Filosofia, Ciência Política,

livro *Moral e Civil*, afirmou que os indivíduos preparados intelectualmente ou profissionalmente conquistariam espaços a partir do seu esforço, independentemente da cor ou de qualquer outra característica. Cunha, assim como Jayme Aguiar, concordava com a concepção de Romero sobre o caráter harmonioso da sociedade brasileira, na qual não haveria conflitos entre as raças.²⁶⁴ Ao subscrever essas ideais, os textos estampados nos jornais denotam ausência de maior questionamento acerca do processo de subjugação de africanos, assim como das teorias raciais em voga, que inferiorizaram os negros e que continuavam a circular no imaginário social, inclusive no âmbito de parte da intelectualidade negra.

Embora Jayme de Aguiar, Horácio da Cunha e Lino Guedes, em determinados momentos, considerassem o Brasil um país destituído de conflitos sociais, em outros reconheciam a existência de atitudes preconceituosas contra negros. Em 1928, Cunha alterou sua posição ao afirmar: “há muitos pretos que afirmam a existência de um *pequeno* preconceito nesta terra!! não digo o contrário”.²⁶⁵ Nota-se que o colaborador não reconhecia a discriminação contra negros como um fenômeno generalizado, mas sim, pontual, tal como se verifica em outras contribuições. No mesmo período, Cunha criticou a postura de um maestro ao definir pejorativamente o jazz como “música de negro”, rebatendo-o sob o argumento de que o gênero seria de todos aqueles que soubessem apreciá-lo e que os negros também ouviam música clássica.²⁶⁶ Além disso, lamentou o veto do ingresso de negros na Guarda Civil e saudou Júlio Prestes, qualificado como exímio paulista por colocar fim às medidas restritivas.²⁶⁷

Jayme de Aguiar reconhecia que no Brasil os negros eram os que menos possuíam, mesmo tendo contribuído para o desenvolvimento do país durante o período escravista.²⁶⁸ Porém, se antes da abolição havia negros que viviam em estado financeiro precário em razão

Direito, Literatura e História, a partir de estudos etnográficos e antropológicos. Ver: MACHADO, Alexandre Bartilotti; LYRA, Talita Souza. Silvio Romero e a problemática do Brasil mestiço. In: SEMANA DE HISTÓRIA, 16., 2018. Campo Grande, MS: Associação Nacional de História, 2018.

²⁶⁴ Convém pontuar que Romero, em seus estudos etnográficos e folclóricos abordou os negros em suas obras a partir de uma ideia positiva de mestiçagem, em que a partir da fusão de raças e culturas surgiu o mulato, elemento tipicamente brasileiro. Contudo, afirmava a superioridade dos brancos e, influenciado pelo determinismo e evolucionismo, visava o progresso no Brasil, a partir do branqueamento racial, alcançado por meio da miscigenação. Assim, considerava o papel dos negros na constituição racial do país, mas os julgava inferiores, atrasados em relação aos brancos. Ver: COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jun. 2009, p. 95.

²⁶⁵ CUNHA, Horácio da. Os pretos da América do Norte e os pretos da América do Sul. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 5 fev. 1928. Grifo da autora.

²⁶⁶ CUNHA, Horácio da. Os pretos e a música. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 3, n. 31, p. 3, 17 abr. 1927.

²⁶⁷ CUNHA, Horácio da. A Guarda Civil e os pretos. *Progresso*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 2, 19 ago. 1928.

²⁶⁸ AGUIAR, Jayme de. Maldade ou mal-entendido. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 3, n. 18, p. 1, 26 jan. 1926.

do regime exploratório, depois de 13 de maio, mesmo livres, alguns indivíduos continuaram a ser escravizados devido aos vícios, principalmente do álcool que ocasionaria uma vida desequilibrada, dificultaria a execução do trabalho – base da vida material –, deturbava o caráter e a moral. Aguiar concluiu que os viciados mereciam compaixão e necessitavam de regeneração, considerava que a maioria desses indivíduos eram homens de bem (com exceção dos degenerados por hereditariedade).²⁶⁹ Alinhava-se à perspectiva higienista, segundo a qual para alcançar certo grau de civilidade, a população deveria adotar hábitos de higiene, pois além de ambientes insalubres serem perigosos pela manifestação de doenças contagiosas, provocariam o adoecimento do corpo e a degeneração moral, manifestados na ociosidade e nos vícios.²⁷⁰

A questão moral esteve presente em 12 textos, cinco escritos por Horácio Cunha, três por Deocleciano Nascimento, dois por Jayme Aguiar, Arlindo Veiga e João Eugênio da Costa com um cada. O tema foi o segundo mais frequente, atrás apenas do preconceito racial, indicativo da relevância atribuída pelos autores. Nascimento, em um de seus contos descreveu um gigante negro recém-chegado no “reino da civilização” e que objetivava a união universal dos negros.²⁷¹ Em outras produções do autor,²⁷² predomina a ideia de que os negros deveriam ocupar-se com progresso e a evolução da raça e, de fato, para a concretização de tal propósito, as publicações constantemente insistiam em orientações à comunidade negra sobre comportamentos considerados positivos e que deveriam ser reproduzidos, em contraposição aos julgados nocivos a serem eliminados.

Em diversos jornais os colaboradores orientavam os negros a se dedicarem ao trabalho e se planejarem financeiramente, pois mesmo que fossem um povo alegre por excelência, não se podia esquecer de outras áreas da vida para além do entretenimento, afirmação que, por si só, reproduz estereótipo que remete à vadiagem e malandragem no meio negro.²⁷³ Como Cunha pontuou, deveriam seguir os passos dos imigrantes: “Belo exemplo que nos dá a numerosa colônia estrangeira, nesta capital que, com seu trabalho incessante e proveitoso conseguira já reunir a sua economia e é a que atualmente adquire por compra casas e terrenos nesta capital e mesmo no interior”.²⁷⁴ Ainda sobre o lazer, Cunha censurou homens negros,

²⁶⁹ AGUIAR, Jayme de. Um dever. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 2, 2 mar. 1924.

²⁷⁰ SOBRINHO, Afonso Soares de Oliveira. São Paulo e a ideologia higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 213, jan. 2013.

²⁷¹ NASCIMENTO, Deocleciano. O gigante negro. *Getulino*, Campinas, SP, ano 1, n. 20, p. 1, 9 dez. 1923.

²⁷² NASCIMENTO, Deocleciano. Evolução. *Getulino*, Campinas, SP, ano 1, n. 18, p. 2, 25 nov. 1923.; NASCIMENTO, Deocleciano. Do meu canto. *Getulino*, Campinas, SP, ano 2, n. 26, p. 2, 20 jan. 1924.

²⁷³ AGUIAR, Jayme de. O negro no Brasil. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 5, n. 5, p. 1, 3 jun. 1928.

²⁷⁴ CUNHA, Horácio da. Evolução. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 3, n. 23, p. 1, 30 set. 1926.

que em jardins públicos, assediavam as mulheres, a elas, o escritor recomendou frequentar outros espaços nos quais fossem tratadas com o devido respeito.²⁷⁵ Aconselhou, ainda, que não cortassem os cabelos “embora sejam encarapinhados”, à moda *la garçonne*, pois apenas coisas que engrandeciam a raça deveriam ser imitadas, e tal corte era considerado pouco indicado para moças honestas.²⁷⁶

Segundo o mesmo intelectual, muitos homens e mulheres negras envergonhavam a raça por falta de instrução, razão pela qual eram repreendidos em seus textos, pois acreditava que jovens negros brasileiros deveriam progredir de tal sorte a alcançar padrões semelhantes aos dos Estados Unidos,²⁷⁷ que inspiravam pelo sucesso financeiro conquistado, devido ao fato de serem livres a mais tempo e terem se instruído, mesmo com todas as dificuldades, a exemplo de alguns negros de São Paulo que avançaram muito e se tornaram advogados, professores, deputados etc.²⁷⁸ Porém, Veiga foi taxativo: “não queremos que os filhos da plebe (a não ser em condições de inteligência excepcional) venham a ser bacharéis de alta esfera e se metam em estudos que existem grandes posses para não causar sofrimentos e desenganos”, almejava somente profissionais hábeis que entendam a necessidade de organização social em prol da comunidade.²⁷⁹ Ao mesmo tempo que defendia o progresso da raça, opunha-se à mobilidade social da camada mais pobre, salvo em casos específicos, evidência do distanciamento estabelecido pela classe média negra dos menos favorecidos economicamente.

Para Arlindo Veiga, o engrandecimento dos negros no Brasil deveria começar pelos pais, aos quais caberia a função de polir, cuidar e aperfeiçoar os filhos, ensinar a disciplina e corrigir severamente para evitar a desmoralização, enquanto a mãe bastava ser solícita e carinhosa. Logo, o papel de instruir pelo levantamento moral, intelectual e físico cabia ao progenitor, sendo os dois primeiros aspectos centrais na educação, pois era preciso evitar o analfabetismo, não apenas em relação à leitura, mas ao desconhecimento das condutas morais adequadas.²⁸⁰ Nesse mesmo sentido, Cunha condenava o fato de crianças negras

²⁷⁵ CUNHA, Horácio da. Os pretos e o jardim público. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 5, n. 3, p. 3, 1 abr. 1928.

²⁷⁶ CUNHA, Horácio da. *La garçonne*. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 1, 15 nov. 1925.

²⁷⁷ Os negros estadunidenses, ora são tratados como exemplo, ora com aversão, por Cunha ao considerar que os imigrantes dos EUA instalados no Brasil apenas reuniam-se com seus conterrâneos, o que sinalizaria o sentimento de superioridade em relação aos afrodescendentes da América do Sul.

²⁷⁸ CUNHA, Horácio da. Os homens pretos e a instrução. *Progresso*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 23 jun. 1928.

²⁷⁹ VEIGA, Arlindo. Palavras aos pais negros. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 4, n. 33, p. 3-4, 13 mai. 1927.

²⁸⁰ Idem.

permanecerem em praças perturbando transeuntes, principalmente os idosos, pois se a instrução era ofício dos professores, a educação era responsabilidade da família.²⁸¹

Em suma, os autores da amostra não negavam a noção de raça como um marcador social determinado pelo fenótipo, porém, lutavam contra a inferiorização dos negros, de forma a valorizá-los em seus diversos aspectos, principalmente enquanto construtores da nação brasileira. A existência do preconceito racial dividia opiniões, e se por um lado apontavam casos específicos de discriminação, por outro não a reconheciam enquanto fenômeno amplo, presente em diversas estruturas da sociedade do período. Em vez disso, prevaleceu a ideia de que os reais obstáculos para progresso da raça, ou seja, melhorias das condições sociais, resultavam da falta de ação da própria comunidade negra, que, segundo os autores, não se preocupava com a educação moral, intelectual e empenho no trabalho.

É plausível afirmar que as noções sobre raça formuladas pelos autores que escreveram na imprensa negra dos anos 1920 possivelmente permaneceram, ao menos em parte, na *Voz*. Por outro lado, a conjuntura política e socioeconômica dos afrodescendentes na década de 1930 deu margem a diferentes apreensões, tanto em função de posturas governamentais em relação à composição étnica do povo brasileiro, quanto pelas novas teorias em voga no campo acadêmico. Além disso, as mudanças na trajetória dos líderes negros, também são fatores a serem considerados tanto a defesa de posicionamentos distintos sobre a raça quanto a frequência com que abordaram o tema. Por fim, soma-se o fato de outros intelectuais negros, além dos citados na Tabela 7, terem contribuíram para compor o discurso racial difundido pela *Voz*.

2.2 Panorama do discurso racial na *Voz*

Em geral, o movimento negro adota o conceito de raça como marcador social que orienta os negros em torno de um projeto comum de ação,²⁸² pois a discriminação racial legítima e perpetua desigualdades sociais, culturais e políticas, ancorada na falácia do determinismo biológico. Logo, a imprensa negra, de forma abrangente, emprega tal noção nas suas páginas, a exemplo da escolha do título *A Voz da Raça* para denominar o porta-voz da Frente Negra, indicativo da importância do conceito para a formação da identidade dos

²⁸¹ CUNHA, Horácio da. As crianças da minha terra. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 4, n. 35, p. 2, 17 jul. 1927.

²⁸² DOMINGUES, Petrônio José. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 101-102, 2007.

afrodescendentes, unidos pelo fenótipo. Por sua vez, a FNB autodeclarava-se a máxima representante desse segmento da população, ideia recorrente no jornal, principalmente nos informes e notas relativos à própria entidade, como analisado no capítulo anterior. Além disso, a organização afirmava-se defensora dos negros, aspecto evidente no cabeçalho que, desde seu lançamento até o número 53, estampou a frase de Isaltino Veiga: “O preconceito de cor, no Brasil, só nós, os negros o podemos sentir”, afirmação categórica acerca da discriminação que pesava sobre os afrodescendentes. A tônica do periódico diferenciava-se dos impressos da década de 1920, nos quais não havia acordo sobre a existência de preconceito racial, a ponto de Horácio da Cunha negá-lo com veemência para pouco tempo depois, reconhecê-lo.

A partir da análise dos editoriais que abordaram de forma direta a questão, é possível identificar a linha adotada pelos redatores que trataram do tema: Deocleciano Nascimento (20 vezes), Raul Amaral (11),²⁸³ Rubens Costa (6) e Mário Campos (2). O conteúdo da *Voz*, segundo esclareceu Nascimento na primeira edição, objetivava tratar de assuntos relativos aos negros e em prol da concórdia entre eles.²⁸⁴ Campos considerava a *Voz* como reflexo do “cérebro pensante negro do Brasil”,²⁸⁵ ideia sintetizada por Costa, segundo a qual o periódico promovia “a consciência de seus dirigentes, afirmando, ensinando e *doutrinando o negro* para a conquista de melhorias que ele tem direito, e destarte, sem modéstia, o mais eficiente elemento de propaganda que conta a cruzada da raça negra, empenhada na educação de seus filhos”.²⁸⁶ Logo, o jornal admitia explicitamente e considerava louvável o papel de doutrinador da comunidade negra, segundo os princípios dos dirigentes da entidade, que poderiam ser resumidos em “educar, instruir e defender” os negros.²⁸⁷

Sendo assim, prevalecia na *Voz* a noção de que os afrodescendentes deveriam ser instruídos moral e intelectualmente, pois a educação era considerada essencial para o engrandecimento da raça e do Brasil.²⁸⁸ Não por acaso, a Frente fundou, em março de 1933, o Liceu Palmares, que ministrava cursos de alfabetização destinados não apenas a fretenegrinos, mas também a não sócios, inclusive brancos, fossem brasileiros ou estrangeiros.²⁸⁹ Nascimento, ao abordar o projeto educacional, alertava para a necessidade da

²⁸³ Todos os textos escritos em coautoria com Deocleciano Nascimento.

²⁸⁴ A VOZ da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933.

²⁸⁵ AOS amáveis leitores d’A Voz da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 4, 24 jun. 1933.

²⁸⁶ O NOSSO Jornal!... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 53, p. 2, mai. 1936.

²⁸⁷ AOS amáveis leitores d’A Voz da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 1, 5 ago. 1933.

²⁸⁸ RUMO à escola. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 3, 17 jun. 1933.

²⁸⁹ Os fundadores e docentes foram Arlindo Veiga, Isaltino Veiga, Pedro Paulo Barbosa, Dr. José de Camargo, Agripino de Sá, Aurelio Araujo, José Salles Arcuri, Altino Guimarães, João Miguel, José M. Assis Pinheiro e

alfabetização e do afastamento dos vícios, como forma de não serem “vencidos na concorrência com os mais aparelhados e com estrangeiros que imigram para cá”.²⁹⁰ Assim, além do letramento, o jornal defendia a retidão em termos morais, especialmente dos jovens, que deveriam ser “uma mocidade sadia, despida de vícios, bastante obediente e liberta da ignorância,”²⁹¹ e não faltaram editoriais com conselhos de Nascimento sobre como os leitores deveriam se comportar em público.²⁹²

Outra característica dos editoriais era o reconhecimento de antepassados heróicos, figuras exemplares que deveriam inspirar todos os brasileiros, a exemplo de Henrique Dias, Zumbi dos Palmares, José do Patrocínio e Luiz Gama.²⁹³ No caso do último, reconhecido pela posição de advogado e abolicionista, teve herma inaugurada em São Paulo em 1931, patrocinada por fretenegrinos, o que foi exaltado por Nascimento.²⁹⁴ A redação também homenageou alguns companheiros da Frente recém-falecidos por sua dedicação à causa, caso de Vicente Ferreira – comparado a José do Patrocínio –,²⁹⁵ o sambista Aristides Teixeira²⁹⁶ e o cantor Ciro Costa.²⁹⁷ Em outra ocasião, no concurso carnavalesco de 1933, a FNB ofereceu aos ganhadores taça intitulada Arthur Friedenreich, em homenagem ao futebolista amador e negro.²⁹⁸ Além disso, a partir do Natal de 1933, a Frente substituiu a tradicional figura do Papai Noel pelo Pai João, negro idoso de cabelo e cavanhaque alvos, que distribuía brinquedos às crianças negras.²⁹⁹ Os casos mencionados demonstram que a FNB reconhecia personalidades já festejadas por periódicos negros anteriores, como Luiz Gama e José do Patrocínio, porém, esforçava-se para estabelecer seus próprios ícones.

Já no que concerne à defesa da raça, na *Voz* prevalece a ideia de que “a união se faz por meio de uma associação, para o negro ela já existe: é a Frente Negra Brasileira”,³⁰⁰ sempre

Egas pinheiro. Em: A Frente Negra Brasileira e a instrução. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 4, 25 mar. 1933.

²⁹⁰ PENSANDO na vida. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 22 abr. 1933.

²⁹¹ No mesmo texto, Rubens Costa afirma que o respeito à moral é necessário para o progresso. Em: VÁRIAS. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 52, p. 3, abr. 1936.

²⁹² Conselhos: o que nós os pretos devemos saber. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 4, 10 jun. 1933.; Conselhos: o que nós os pretos devemos saber. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 4, 10 jun. 1933.

²⁹³ PATRÍCIO! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 2, 17 fev. 1934.

²⁹⁴ Obra de Argentino Celso Wanderley, Horacio da Cunha, Adalberto Pires de Freitas, Benedito Henrique Dias, Euclides Silvério dos Santos, João Eugênio da Costa, Raul de Moraes e Lino Guedes. Ver: LUIZ Gama. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 2, 25 nov. 1933.

²⁹⁵ O Homem que passou. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 3, 20 mai. 1935.

²⁹⁶ O REI do samba. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 1, mar. 1936.

²⁹⁷ A FRENTE Negra presta uma homenagem à memória do poeta Ciro Costa. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 67, p. 1, jul. 1937.

²⁹⁸ CLUBE São Paulo (dramático, recreativo, dançante). *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 3, 1 abr. 1933.

²⁹⁹ NATAL das crianças de cor. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 29, p. 1, 23 dez. 1933.; NATAL das crianças de cor. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 42, p. 2, 15 dez. 1934.

³⁰⁰ PENSANDO na vida. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 22 abr. 1933.

apresentada como a representante dos negros. O aspecto torna-se evidente em diversos momentos, a exemplo do prédio próprio, almejado pela Frente, mas nunca concretizado, referido como “a casa do negro,” um chamamento para que a comunidade se unisse e viabilizasse a construção do recinto.³⁰¹ No intento de aglutinar os afrodescendentes em prol da mesma causa, a FNB idealizou o Congresso da Gente Negra, realizado na sua sede em 1º de janeiro de 1934. Porém, a ausência injustificada de algumas agremiações levou Deocleciano Nascimento a ponderar que “o negro tem péssima mania de indiferentismo em vista das coisas que lhe pertencem, ou que deva fazer em relação ao seu convívio social. Grita pela união e foge das oportunidades”.³⁰²

Porém, não seria apenas responsabilidade dos negros lutar por igualdade, o mesmo redator apontou que, depois mais de 400 anos de escravidão, os negros não alcançaram nivelamento moral perante as leis do país, do que resultava a necessidade de lutar pela paridade de direitos,³⁰³ em benefício de toda a nação.³⁰⁴ Ainda segundo o redator, a única finalidade da FNB era o engrandecimento moral e social da “grande raça”, a negra.³⁰⁵ Esta, “constituiria um dos elementos etnográficos da população brasileira”, assim como os brancos, identificados como descendentes dos portugueses, e os indígenas, denominados americanos.³⁰⁶ Em outro texto, o negro é identificado como o “expoente máximo de brasilidade”,³⁰⁷ aquele que ajudou a construir o Brasil e que, por esse motivo, a nação deveria ajudá-lo e esta era a razão de ser do periódico.³⁰⁸ Nessa mesma lógica, sobre as comemorações de 13 de maio de 1937, organizadas pela FNB, Rubens Costa considerou a data como uma celebração de todo o Brasil, pois “inaugurou nesse dia o trabalho livre no país”.³⁰⁹ Assim, não apenas os negros deveriam comemorar a abolição, inclusive o redator saudou o branco brasileiro, encorajando-o a celebrar a data, e evocou figuras negras de destaque, motivos de orgulho para todo o país e não apenas para os negros.³¹⁰

As convicções acerca da raça expostas nos editoriais articulam-se com aquelas presentes nos 365 artigos que focalizaram o tema, isto é, 55,8% dos 657 textos publicados durante a circulação do jornal, prevalência que denota a importância do tópico, tratado por

³⁰¹ PATRÍCIO! PATRÍCIO! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 2, 17 fev. 1934.

³⁰² COM o negro e suas agremiações. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 1, 20 jan. 1934.

³⁰³ FÉ e união. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1933.

³⁰⁴ PELA liberdade da raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 4, 26 jun. 1935.

³⁰⁵ A FRENTE Negra Brasileira e a instrução. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 4, 25 mar. 1933.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ APRESENTO-ME assim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 1, 24 jun. 1933.

³⁰⁸ CONTRA fatos não há argumentos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 36, p. 2, 28 abr. 1934.

³⁰⁹ COMO foi comemorado o 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 66, p. 1, jun. 1937.

³¹⁰ Idem.

111 autores. Outrossim, é importante ressaltar que a maioria dos escritos tangenciam a questão racial sem abordá-la propriamente, haja vista seu impacto em diversos aspectos da vida de afrodescendentes, temática que predominava nos conteúdos que compunham a *Voz*. As trajetórias dos colaboradores, seja na vida pessoal ou no movimento negro, influenciaram suas perspectivas acerca da questão racial, o que indica a necessidade de quantificar os textos sobre raça estampados na *Voz*, analisá-los e os entrecruzar com dados biográficos de seus respectivos autores, especificados na tabela a seguir de acordo com a quantidade de artigos sobre raça que cada um escreveu.

Tabela 8. Colaborações sobre o tema raça na *Voz* (1933-1937)

Quantidade/Autoria(s)	Quantidade individual/total
(1) Raul Amaral	41
(1) Arlindo Veiga	39
(1) Francisco Lucrécio	18
(1) Silverio Lima	14
(1) Deocleciano Nascimento	13
(2) Arlindo Alves Soares/ Castelo Alves	12/24
(2) Horácio da Cunha/ José Bueno Feliciano	11/22
(1) Pedro Paulo Barbosa	10
(1) Jayme de Aguiar	9
(1) Olímpio Moreira da Silva	8
(1) Manelik)	7
(3) Cantidio Castelo Alves/ João B. Mariano/ Maria de Lourdes Rosário (3)	6/18
(1) Niger	5
(5) Cesário Gonçalves/ Isaltino Veiga/ João Batista Galvão/ Loluar/ Luiz Leopoldo Mascarenhas	4/20
(7) Aristides Assis Negreiros/ Ismail Amaral/ J.O Servatino de Campos/ João do Campo/ Justiniano Costa/ Príncipe Negro/ Wilson)	3/21
(13) Abrécio P. Barbosa/ Antonio M. Santos/ Aristides Teixeira/ Benedito Vaz Costa/ David Rudolpho de Castro/ Duque/ Henrique Dias/ Jersen de Paula Barbosa/ Noemia de Campos/ Pedro Rodrigues/ Pérola de Castro/ Roque Antonio dos Santos/ Salti	2/26
(68) A. Amaral/ Abel B. Freitas/ Alberto Faria/ Alves/ Aro/ A.M.S/ Ascanio de Saxa/ Beija flor de Lili/ Corita/ Benedita Ramos da Fonseca/ Bento de Souza/ C. Silva/ Carlos de Salles Bloch/ Cecilia de Campos/ Celina Veiga/ Cesário Freitas/ Colú Barbosa/ Criolo Leugim/ Cyro Costa/ Dutra Ferreira/ Emilio de Paula Batista/ Euzebio/ Fra Bruno/ Geraldo M. Silva/ Guilherme Enfeldt/ Humberto Campos/ Ismael	1/68

Ferreira Alves/ I.N.A/ Iná/ Isneam/ Israel F. Jordão/ Joaquim Pedro Kiel/ Jacobus/ Jenner Cuba dos Santos/ João de Moura Campos/ João de Souza/ João Eugenio da Costa/ João Francisco de Araujo/ João Maria de Camargo/ Juberlo/ Lacy do X/ Lima/ Lino Guedes/ Marcos Rangel/ Marcos Rodrigues dos Santos/ Manoel Ambrosio/ Manoel Alves da Silva/ Maria Aparecida dos Santos/ Mario Silva Jor/ Mario Vaz Costa/ Nick e Nordem/ Nigner/ Oicreba/ Olavo Xavier/ Olegario Soares/ Paulo Forte/ Pedro Nunes/ Peixoto/ Plínea Penteadó Primo/ Ranelson/ R. Saint-Claire/ Ribeiro/ Rudolpho Xavier/ S. Joe/ Sebastião José Soter/ Silva/ V.L Pereira Duarte/ Vítor Aurelio/ Zé do Congo	
Total de autores = 111	Total de textos = 365

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

Ao comparar os dados acima com os apresentados na Tabela 7, percebe-se que Horácio da Cunha e Jayme de Aguiar registraram montantes de colaborações sobre raça próximos ao registrado nos periódicos da década anterior, ou seja, a questão continuou a ter a mesma importância para esses autores. Já Lino Guedes passou de nove escritos para apenas um, sendo que enviou apenas dois textos para *Voz*, pois o intelectual optou por se dedicar a outras atividades, visto que participou de diversos eventos da FNB como declamador e musicista.³¹¹ Deocleciano Nascimento aumentou de sete produções para 13, possivelmente em função do posto de redator do jornal, que carrega o termo raça no título, aspecto que deve ter pesado em suas escolhas. Porém a maior oscilação entre os dois períodos ficou por conta de Arlindo Veiga, que somou 41 colaborações na *Voz*, das quais apenas seis não tocaram na temática, ou seja, 13 vezes mais do que em periódicos de circulação anterior, indicativo da importância que a raça adquiriu para ele no decorrer dos anos. Na posição de presidente da FNB, assumiu o papel de guia da comunidade afrodescendente e tendo em vista que a raça é uma das questões que fundamentam o movimento negro, o destaque dado ao assunto por Veiga não surpreende. Mesmo após a saída da chefia da FNB, continuou a debater o tópico e a se posicionar enquanto importante liderança da comunidade.

Percebe-se que os 18 indivíduos que escreveram cinco ou mais textos acerca da temática, foram responsáveis por 236 colaborações, o que representa 64,6% dos escritos sobre o tópico. Ao contrapor esses dados às informações bibliográficas dos sujeitos, observa-se fenômeno já referido no capítulo anterior: a maioria dos colaboradores assíduos ocupava

³¹¹ GRANDIOSO Festival Lítero e Musical. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 2, 25 mar. 1933.; A CASTRO Alves. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 63, p. 2, mar. 1937.

cargos de liderança na FNB. Esse foi o caso de Arlindo Veiga (39 vezes), Francisco Lucrécio (18), Arlindo Alves Soares (12), Olímpio Moreira da Silva (8), enquanto outros integraram o corpo editorial, a saber: Raul Amaral (41), Deocleciano Nascimento (13), Pedro Paulo Barbosa (10), já João Cândido dos Santos (5) atuou em Guaxupé (MG) como conselheiro da FNB.³¹² Mesmo no caso de Maria de Lourdes Rosário (6), que não exercia cargos de chefia, dispunha de certa influência enquanto professora do curso de alfabetização da Frente da unidade de Rio Claro, além de ser filha do delegado especial da FNB daquela cidade.³¹³ Assim, não obstante a presença de diversos indivíduos que abordaram a raça, a maior parte do discurso produzido pelo jornal adveio dos próprios dirigentes, ou seja, da elite intelectual fretenegrina. Contudo, quase um quinto dos autores, 18,6%, colaboraram apenas uma vez, o que sugere certa polifonia nas ideias veiculadas sobre o assunto, mesmo com a preponderância dos líderes, não se verifica a homogeneidade sugerida pelo título *A Voz da Raça*.

As colaborações de brasileiros brancos, como Joaquim Pedro Kiel (1) e o proeminente jornalista Humberto de Campos (1), são exemplos de indivíduos cujas vivências propiciaram posicionamentos distintos dos elaborados por fretenegrinos. Outra singularidade foi a presença de mulheres negras, inclusive entre os autores mais frequentes, caso de Maria de Lourdes Rosário e outras 10 que analisaram o tópico: Jersen de Paula Barbosa, Pérola de Castro e Noemia de Campos, com duas colaborações cada, bem como, com apenas um texto: Corita, Benedita Ramos da Fonseca, Cecília de Campos, Celina Veiga, Iná, Maria Aparecida dos Santos e Plínea Penteado Primo. Juntas produziram 19 textos, isto é, responderam por apenas 5,3% do discurso racial difundido pela *Voz*, o que, se por um lado indica a clara preponderância masculina, por outro demonstra a preocupação feminina sobre o assunto, mesmo que de forma diminuta. Embora exíguos, os artigos apresentam peculiaridades que perpassam a experiência das mulheres negras que, para além da raça, enfrentam questões de gênero.

É frequente que um artigo aborde mais de um assunto, assim houve esforço para identificar outros temas presentes nos 365 artigos sobre raça. Assim, o progresso e união dos afrodescendentes, mencionados em 160 textos, ou seja, em 43,8%, era, evidentemente, a preocupação fundamental dos autores, seguida pela defesa da raça se fez presente em 54 textos (14,7%). Já a moralidade e a disciplina no meio negro foi o terceiro mais frequente, (47

³¹² A OBRA da FNB, numa expansão entusiasta, repercute pelo interior afora. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 2, 29 abr. 1933.

³¹³ VISITAS: delegação rioclarense da FNB. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 28, p. 2, 23 dez. 1933.

textos, 12,8%), o que demonstra a relevância das normas sociais, relacionadas com o ideal de negritude desejado pela FNB, atestado nos ícones e símbolos que orgulhavam a comunidade (40 textos, 10,9%). Por fim, os assuntos menos frequentes foram: educação (25 textos, 6,8%); escravatura e abolição (20 textos, 5,4%), e acerca das mulheres negras (19 textos, 5,2%). Ao analisar os escritos dos 18 intelectuais mais assíduos na *Voz*, identifica-se a relevância de cada subtópico para cada um deles, conforme se verifica na Tabela 9.

Tabela 9. Subtópicos abordados nos textos sobre raça dos 18 autores mais frequentes na *Voz*, em ordem decrescente

Autoria/Total de colaborações	Subtópicos dos artigos sobre raça						
	Progresso	Defesa da raça	Moral	Ícones	Instrução	Mulheres negras	Escravidão
Raul Amaral (41)	18	6	10	2	4	1	—
Arlindo Veiga (39)	17	12	6	3	—	2	1
Silvério Lima (14)	3	5	—	5	—	—	1
Arlindo Alves Soares (12)	6	3	2	—	—	—	1
Francisco Lucrécio (18)	11	2	2	1	1	—	1
Horácio da Cunha (11)	2	—	6	—	1	2	—
Castelo Alves (12)	7	1	3	1	—	—	—
Jayme de Aguiar (9)	2	—	—	2	3	1	1
João Candido dos Santos (5)	4	—	—	—	—	—	1
Deocleciano Nascimento (13)	2	—	1	7	3	—	—
Pedro Paulo Barbosa (10)	4	4	1	—	—	—	1
Manelik (7)	5	1	1	—	—	—	—
Canditio Castelo Alves (6)	3	2	1	—	—	—	—
João B. Mariano (6)	4	—	—	—	1	1	—
José Bueno Feliciano (11)	7	2	—	2	—	—	—
Maria de Lourdes Rosário (6)	4	1	1	—	—	—	—
Olimpio Moreira da Silva (8)	4	3	—	1	—	—	—
Niger (5)	3	—	—	1	1	1	—

Subtotal	106	42	34	25	14	8	7
Total	236						

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

A partir da relação entre o total de textos escritos pelos 18 autores e a quantidade de textos em cada subgrupo, identifica-se a prevalência de determinados assuntos em relação a outros, com preponderância do progresso, 44,6%, o que também se verifica para os autores menos frequentes. Já a defesa da raça comparece com 17,8%, enquanto a moral, os ícones negros e a instrução atingiram menores frequências, estas ainda menores entre os tópicos mulheres negras e a escravidão, com, respectivamente 3,3% e 2,9%.

Alguns colaboradores revelaram predileção por determinados temas, e consequentemente, a análise individualizada modifica o cenário descrito, tanto em relação aos mais assíduos, quanto ao quadro geral de colaboradores. Quase metade dos escritos de Raul Amaral, 18 de 41, abordaram o progresso dos negros o que corresponde a 4,9% dos 365 textos sobre raça, caso semelhante à de Arlindo Veiga, que contribuiu com 4,6%. Quando comparados apenas com os 18 autores mais frequentes, os índices sobem para, respectivamente 11,2% e 10,6%, dados que apontam que ambos se posicionavam como os principais guias dos negros na busca por melhorias na condição socioeconômica. De forma geral, a prevalência da evolução da comunidade converge com o objetivo central da Frente, determinada pelos estatutos: a elevação dos negros em seus mais diversos aspectos.³¹⁴

Veiga destacou-se também pela defesa da raça, a ponto de produzir 22,2% de todos os artigos sobre o tópico no jornal, o que denota aprofundamento da preocupação já presente nos jornais negros da década de 1920. Na *Voz*, abordou a composição racial brasileira, as definições de negritude, críticas ao preconceito racial e a valorização dos negros na nacionalidade brasileira, logo na primeira página do número de lançamento do jornal, Veiga pediu pela “defesa da gente negra e a defesa da pátria, porque uma coisa e outra andam juntas”.³¹⁵ A afirmação está em sintonia com as ideias defendidas por ele no *Clarim* acerca de os negros serem a máxima representação da brasilidade, um dos motivos pelos quais enfatizou o progresso e a glorificação dos negros, postura semelhante à adotada por Raul Amaral e Pedro Paulo Barbosa.

Já Amaral ocupou-se, desde os primeiros números da *Voz*, da questão da moralidade no meio negro e respondeu por 21,2% dos textos acerca do assunto, o que possivelmente

³¹⁴ ESTATUTOS da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 3, 15 abr. 1933.

³¹⁵ VEIGA, Arlindo. Aos Frentenegrinos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933.

contribuiu para que se tornasse chefe militar da milícia fretenegrina em agosto de 1934, órgão marcado pela valorização da hierarquia e do moralismo.³¹⁶ Além dele, Veiga e Horácio da Cunha dedicaram seis artigos cada à matéria, empenhados em censurar comportamentos considerados impróprios aos afrodescendentes, matéria tratada por Cunha desde a década anterior nos jornais negros, porém de forma menos incisiva do que na *Voz*.

Já quanto às representações de figuras negras surgem na exaltação de ícones inspiradores, objeto de apreciação por Deocleciano Nascimento e Silvério de Lima, que produziu uma série de textos sobre heróis negros na história do Brasil, considerados merecedores de reconhecimento nacional. Lima, além de elencar negros ilustres brasileiros, homenageou negros estrangeiros, como Blaise Diagne, político senegalês que atuou na França,³¹⁷ tal como Francisco Lucrécio, que elogiou o desempenho do pugilista estadunidense Joe Louis.³¹⁸ Com exceção dos dois casos, os demais textos retratam apenas figuras brasileiras, indicando novamente a relação entre raça e nacionalismo na *Voz*.

No caso da educação, foi frequentemente mencionada nos textos sobre o progresso da raça, contudo, para fins quantitativos considerou-se apenas os textos em que a instrução recebeu destaque. Juntos, os líderes fretenegrinos Raul Amaral, Deocleciano Nascimento e Jayme de Aguiar produziram 40% dos artigos sobre o tema, 10 em 25, com o principal objetivo de conscientizar os negros sobre o indispensável letramento, meio de ascender social e economicamente. Os autores convidavam o público às aulas de alfabetização promovidas pela FNB, ministradas no período noturno para facilitar o acesso de trabalhadores. Além disso, os líderes acreditavam que dissipar a ignorância acerca do mundo letrado contribuiria para o conhecimento das regras morais e, conseqüentemente, para a polidez no comportamento, o que novamente aponta para a permanência de noção presente em periódicos da década anterior.

Acerca das mulheres negras, curiosamente a única colaboradora do sexo feminino na tabela não tratou do tema, assim como a maioria das autoras que publicaram no jornal, com exceção de Celina Veiga³¹⁹ e Iná,³²⁰ ambas com um texto, e Noemia de Campos com dois.³²¹ Logo, 15 dos 19 escritos sobre mulheres negras foram produzidos por homens, que

³¹⁶ GRANDE festival de aniversário do grupo “Rosas Negras”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 41, p. 4, 11 ago. 1934.

³¹⁷ LIMA, Silvério. In memoriam. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 39, p. 1, 23 jun. 1934.

³¹⁸ LUCRÉCIO, Francisco. Joe Louis. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 62, p. 1, fev. 1937.

³¹⁹ VEIGA, Celina. 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 1, 11 mai. 1935.

³²⁰ INÁ. Crônica afeminada. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 3, jun. 1936.

³²¹ CAMPOS, Noemia de. As futuristas... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 3, 30 set. 1933; CAMPOS, Noemia de. As futuristas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 4, 6 jan. 1934.

geralmente apresentavam concepções sobre o ideal de feminilidade e papéis de gênero, manifestos também nos escritos femininos, estes, preocupados, em maior medida, com o recato das vestimentas. Se, por um lado, as fretenegrinas também eram atingidas pelo moralismo da organização, por outro, mesmo que de forma limitada, participaram dos debates raciais ao produzirem textos sobre diversos subtópicos, como a importância da união da comunidade, a ascensão dos negros e a defesa da raça.

Por fim, sobre o escravismo e a abolição nos jornais da década anterior, foram registrados 10 textos, quatro de Jayme de Aguiar, enquanto Horácio da Cunha e Deocleciano Nascimento produziram três cada. Se comparado com outras matérias estampadas na *Voz*, o tópico suscitou pouco interesse. Em geral, o periódico abordou a escravidão quase exclusivamente nas edições comemorativas do 13 de maio, ao passo que o espaço das páginas dos outros números era reservado às demandas do movimento negro contemporâneo ao jornal, pauta significativa para a FNB.

Portanto, os 365 artigos que abordaram a raça na *Voz* discutiram diversos assuntos profundamente entrelaçados, assim um único texto contemplava mais de um subtópico, porém, para fins analíticos, o agrupamento realizado levou em consideração o tema que recebeu maior destaque em cada uma das colaborações. Uma vez que os dirigentes foram os principais responsáveis pelo conteúdo, interpretar, ainda que de forma panorâmica, seus posicionamentos, colabora para sistematizar a concepção racial do periódico. Percebe-se que a realidade vivenciada pelos negros brasileiros do período, ou seja, a discriminação, fragilidade socioeconômica, analfabetismo e comportamentos considerados imorais estiveram presentes na maioria das colaborações, o que convergia com o objetivo da Frente de elevar as condições de vida a que estavam submetidos os negros. Porém, para entender de que forma os autores abordaram cada temática, é preciso perscrutar seus escritos, compará-los entre si e relacioná-los com o contexto histórico da época, afinal, o periódico abordou com frequência as questões raciais no mesmo período em que novas teorias sobre o tema foram desenvolvidas no campo acadêmico.

2.3 O conceito de raça, a crítica ao preconceito e a relação com outros grupos sociais

Mediante a análise circunstanciada dos 365 artigos arrolados, compreende-se, na íntegra, as características e particularidades do discurso racial fretenegrino. A única definição direta de raça foi fornecida por Sebastião José Soter, que colaborou apenas uma vez

com o periódico, para ele o conceito apresentava-se como o “conjunto de indivíduos semelhantes, pertencentes a uma mesma espécie pela sua forma orgânica”.³²² Os pareceres do autor coadunam com a perspectiva geral do periódico e, inclusive, com impressos analisados da década de 1920: a espécie humana seria dividida em raças, consideradas fatos biológicos e diferenciadas a partir de características fenotípicas.

Diversos colaboradores da *Voz* forneceram interpretações sobre o assunto, especialmente acerca da relevância dos afrodescendentes na composição étnica do Brasil, no que se destacou o mito das três raças formadoras enquanto recurso argumentativo legitimador da importância dos negros no desenvolvimento da nação.³²³ Nesse sentido, Arlindo Veiga defendia a existência da “raça brasileira”, uma singular mesclagem “negro-luso-índia”,³²⁴ que seria a matriz da formação nacional. Semelhantemente, Rubens Costa, sob a redação da *Voz*, demonstrou conhecimento sobre debates raciais de seu período ao transcrever texto do cronista, teatrólogo e jornalista Joracy Camargo, sobre notas de viagem de Hekel Tavares, compositor e maestro folclorista brasileiro, que percorreu o Brasil em busca de inspirações musicais.³²⁵ O texto, que ocupava cerca de um terço da página, apontou que nos primórdios da colonização prevalecia no país “a revolta surda, o tédio e a nostalgia”, pois os portugueses eram degredados, os negros escravizados e os indígenas perseguidos. Para Camargo, a união das três raças enriqueceu a cultura nacional e promoveu “manifestações de alegria, júbilo e entusiasmo”.³²⁶ A transcrição do texto denota otimismo da *Voz*, presente em diversos artigos, acerca da miscigenação.

Em outro caso, Arlindo Veiga transcreveu texto publicado na *Revista do Brasil* (SP, 1916-1990), em 1916, por Sílvio Romero,³²⁷ no qual o teórico mencionou a influência dos africanos no Brasil, percebida no trabalho cativo e na mesclagem racial, que, supostamente, “modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu o mestiço que constitui a massa da população E EM CERTO GRAU A BELEZA DA RAÇA e

³²² SOTER, Sebastião José. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 2, 11 mai. 1934.

³²³ OLIVEIRA, André. *Op. cit.*, p. 200.

³²⁴ VEIGA, Arlindo. Fogo neles!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 1, 16 jan. 1934.

³²⁵ O título refere-se ao apelido dado pelo historiador Ernesto Ennes ao quilombo Palmares. Ver: CAMARGO, Joracy. A Troia Negra: das notas de viagem de Hekel Tavares. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 52, p. 3, abr. 1936.

³²⁶ *Idem*.

³²⁷ Sílvio Vasconcelos da Silveira Romero nasceu na Vila de Lagarto, na província de Sergipe, em 1851, concluiu a Faculdade de Direito do Recife em 1873, dois anos mais tarde foi eleito deputado provincial por Estância, no mesmo estado em que nasceu, contribuiu com a fundação da Academia Brasileira de letras em 1897 e em 1900 tornou-se deputado federal. Além de destacar-se pela atuação política, foi crítico literário e publicou constantemente em periódicos. Em: SOUZA, Cristiane Vitorio de. *As leituras pedagógicas de Sílvio Romero*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2006, p. 15-16.

ainda hoje mais lindos tipos de nossas mulheres, com o sangue africano diluído.”³²⁸ No excerto destacado, Romero considerava a miscigenação intrínseca à formação e aperfeiçoamento étnico dos brasileiros, desde a colonização, por isso a História do Brasil não se definiria como exclusivamente portuguesa, indígena ou mesmo negra, de forma que o teórico criticava o africanismo.³²⁹ Cabe destacar que Romero foi um dos primeiros ensaístas brasileiros a discutir o branqueamento no país, considerado consequência direta à extinção do tráfico negreiro e a tendência de crescimento da imigração europeia.³³⁰ Percebe-se que Romero, em suas obras, mencionava apenas a capacidade física dos negros, frisava a beleza e a força de trabalho que ajudou a desenvolver economicamente o país. Porém, considerava inferior o intelecto do grupo, postura evidente na abertura do livro *Os Africanos no Brasil*,³³¹ em que pontuou: “O negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e *mau grado sua ignorância*, um objeto de ciência”.³³² Ainda sim, Horácio da Cunha demonstrou apreço pelas obras do sergipano ao caracterizá-lo como “ilustre escritor patricio”, que “dissera que depois de 1888, ninguém jamais lembrou do negro”.³³³

Adotava postura semelhante a Romero o geógrafo francês, radicado no Brasil, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, mencionado por Arlindo Veiga por reconhecer o vigor físico dos africanos durante a escravidão.³³⁴ Carvalho estudava os negros sob a perspectiva evolucionista, considerava que a partir da mescla os aspectos positivos das três raças, aperfeiçoariam suas características, sendo os brancos aprimorados no sentido físico e os outros dois grupos no campo do intelecto, de modo que focalizava a força física dos negros, sem, todavia, reconhecer suas contribuições na cultura nacional.³³⁵

³²⁸ VEIGA, Arlindo. Os negros e algumas afirmações de brancos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 41, p. 1, 11 ago. 1934.

³²⁹ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 100.

³³⁰ FALEIROS, Jônatas Corrêa Nery Rogério. Teorias raciais, luta de classes e implementação de políticas para reparação: percurso do movimento negro no Brasil. *Temporalis*, Brasília, v. 19, n. 37, jan/jun. 2019, p. 33.

³³¹ Obra de Raimundo Nina Rodrigues, com introdução de Sílvio Romero.

³³² RODRIGUES, Raimundo Nina. Prefácio. In: *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 7.

³³³ CUNHA, Horácio. Alvorada da “Frente Negra”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 55, p. 2, jul. 1936.

³³⁴ VEIGA, Arlindo. O que se tem dito sobre o negro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 1, 29 jun. 1935.

³³⁵ Ver: MOTA, Edmilson Antônio. O Livro Didático: do Determinismo Geográfico de Delgado de Carvalho à Educação das relações étnico-raciais. *Terra Livre*, [S. l.], v. 2, n. 45, p. 174–196, 2017.

Deocleciano Nascimento e Raul Amaral, enquanto partilhavam a redação, transcreveram texto de Humberto de Campos,³³⁶ publicado no *Diário de São Paulo*,³³⁷ em que previa o desaparecimento da raça negra no país, absorvida pela “dominadora”, cuja presença no país fora intensificada com a imigração. Assim, da influência negra restaria apenas a “sentimentalidade na alma dos homens [...] e uma tonalidade mais dourada no olhar e na tez das mulheres”.³³⁸ Assim como os demais intelectuais citados pelo jornal, Humberto de Campos considerava a colaboração dos negros para a miscigenação apenas no aspecto físico, mas não no campo da cultura e intelectualidade. Ainda no mesmo trecho publicado na *Voz*, Campos citou Raimundo Nina Rodrigues³³⁹ e sua obra *Africanos no Brasil*, onde avaliou como complexo o estudo da presença africana no país, devido à imprecisão dos censos, que dependiam da autoidentificação, em um território onde “só se considera negro aquele que não encontra o menor pretexto para se dizer moreno”.³⁴⁰ Rodrigues era adepto de teorias deterministas, contrário a tese de evolucionismo social e crítico da mestiçagem, que, para ele, causaria degeneração física e moral dos povos, hierarquizados por níveis de desenvolvimento civilizacional, em que os brancos seriam superiores.³⁴¹

³³⁶ Humberto de Campos Veras foi jornalista, literato e político, nasceu na cidade de Miritiba (MA), que atualmente carrega seu nome, em 25 de outubro de 1886. Iniciou a carreira jornalística em 1905 no jornal *Folha do Norte* (PA, 1896-1974), em 1913 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde teve contato com diversos escritores como Goulart de Andrade, Rui Barbosa, Olavo Bilac, Paulo Barreto, João Ribeiro e Emílio de Menezes. Foi o terceiro ocupante da Cadeira 20, da Academia Brasileira de Letras, eleito em 30 de outubro de 1919, em 8 de maio de 1920 passou a ocupar a vaga de Emílio de Menezes, falecido dois anos antes. Em 1927 elegeu-se deputado federal pelo Maranhão e reeleito após três anos, porém, teve mandato interrompido pela chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930. Faleceu em 5 de dezembro de 1934, no Rio de Janeiro. Em: ROCHA, Alexandre Caroli. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2008. p. 18-24.

³³⁷ Não foram encontradas informações sobre início e fim da publicação de jornal com esse título em circulação na capital paulista em 1933.

³³⁸ CAMPOS, Humberto de. O destino da raça negra no Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 4, 25 nov. 1933.

³³⁹ Raimundo Nina Rodrigues nasceu no Maranhão em 1862, formou-se em medicina em 1887, exerceu a profissão, além de ter sido professor, etnólogo e escritor, foi defensor da eugenia, considerava maléfica a influência dos negros na cultura e formação étnica do Brasil. Em: CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a “garantia da ordem social”. *Revista USP*, São Paulo, v. 17, n. 68, p. 130-139, 2006.

³⁴⁰ CAMPOS, Humberto de. O destino da raça negra no Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 4, 25 nov. 1933.

³⁴¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a desigualdade é diferença: reflexões sobre antropologia criminal e mestiçagem na obra de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, ano 140, n. 76, p. 52, 2006.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nina Rodrigues: um radical do pessimismo. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 90-103.

Já Arthur Ramos,³⁴² publicou sua primeira obra dedicada ao estudo dos negros em 1934, intitulada *O negro brasileiro*, onde, a partir de uma visão psicanalítica, caracterizou a cultura negra como atrasada, primitiva, situada no campo pré-lógico, ou seja, dotada de sentimentalismo, em detrimento da racionalidade.³⁴³ Contudo, considerava que condições sociais e culturais deficitárias causariam atraso civilizatório, não a raça, assim, reconhecia que a cultura não era biologicamente determinada, e que grupos tidos como atrasados poderiam evoluir pelo contato com os mais evoluídos. Assim, Ramos definia a colonização brasileira, por esse motivo negava a existência de discriminação racial como fenômeno generalizado no país. É interessante pontuar que em colaboração para a *Voz*, Cesário Gonçalves³⁴⁴ caracterizou uma conferência de Ramos como “formosa” por abordar aspectos culturais de povos africanos, como o domínio da agricultura pelo Congo.³⁴⁵

Como analisado, os colaboradores Horácio da Cunha, Arlindo Veiga e Cesário Gonçalves, bem como os redatores Rubens Costa, Deocleciano Nascimento e Raul Amaral, transcreveram ou produziram artigos em elogio a estudiosos do tema racial – Sílvio Romero, Delgado de Carvalho, Nina Rodrigues e Arthur Ramos – que, embora fossem defensores de diferentes abordagens, assemelhavam-se por julgar os negros como inferiores, não obstante sua contribuição no processo de mestiçagem. Nota-se, entre as menções aos pensadores, a ausência de críticas, pelos colaboradores e redatores, à inferioridade atribuída aos afrodescendentes, à ideia de branqueamento, ou mesmo à negação do preconceito racial contra negros no Brasil, como defendia Arthur Ramos. As alusões às obras dos intelectuais tematizaram, exclusivamente, a presença africana e sua colaboração para a sociedade brasileira. Ou seja, a *Voz* mencionou indivíduos reconhecidos no meio científico da época como argumento de autoridade para enfatizar a importância dos negros para o país, ou, como o caso de Horácio Cunha,³⁴⁶ criticar a escassez de estudos sobre o grupo e a falta de reconhecimento social.

Embora fossem ausentes críticas os estudiosos da raça nos artigos que os mencionam, em outros textos da *Voz* há pareceres que reprovavam, indiretamente, algumas posturas

³⁴² Arthur Ramos de Araújo Pereira, nasceu em Pilar no estado de Alagoas em 1903, formou-se em medicina em 1926 e nas suas obras articulou conhecimentos da psicanálise, psicologia social e antropologia. Fez parte da Escola Nina Rodrigues juntamente a outros teóricos como Afrânio Peixoto, Edison Carneiro e Aydano Couto Ferraz. Em: TAMANO, Luana Tiek Omena. O Pensamento e Atuação de Arthur Ramos Frente ao Racismo nos Decênios de 1930 e 1940. *Revista Crítica Histórica*, Alagoas, v. 4, n. 8, p. 81-90, 2013.

³⁴³ *Ibidem*, p. 82-83.

³⁴⁴ Possivelmente Cesário Gonçalves de Freitas, carteiro na cidade de São Paulo. Em: CORREIOS e telégrafos. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 83, v. 24731, p. 20, 29 out. 1936.

³⁴⁵ GONÇALVES, Cesário. O castigo de Patrocínio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 4, ago 1936.

³⁴⁶ CUNHA, Horácio. Alvorada da “Frente Negra”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 55, p. 2, jul. 1936.

assumidas pelos teóricos. A saber, a seguinte afirmação de Arlindo Veiga enquadra-se no caso: “a FNB ergueu-se com S. Paulo, herdeira legítima do espírito unitarista e racista (sic)”³⁴⁷ das Bandeiras antigas que, embora os falsos historiadores (os historiadores!) de dolicocefalos BRANCOS, se compunham quase que exclusivamente de mestiços de toda espécie [...]”.³⁴⁸ A figura do bandeirante, especialmente vangloriada em São Paulo, representava, no imaginário do estado, a união dos portugueses, espanhóis, indígenas e negros,³⁴⁹ esses últimos, receberam particular destaque de Veiga, no ímpeto de defender a participação dos negros para a construção da identidade paulista, representada pelos bandeirantes, símbolo de progresso e bravura para a sociedade do período Logo, Veiga afirmava a condição de negros como sujeitos históricos primordiais no processo de formação nacional. Assim como seu irmão Isaltino, criticava os teóricos que consideravam figuras negras como “temíveis facínoras”,³⁵⁰ ou que as ignoravam como partícipe de acontecimentos históricos. No mesmo sentido, Arlindo Veiga defendia que a economia interna brasileira fora, quase exclusivamente, dependente do trabalho de africanos durante grande parte da história do país.³⁵¹ A valorização dos negros como essenciais à formação da identidade nacional constituía parte do programa da FNB e canalizou discussões no seu periódico oficial. Nos eventos da organização os membros entoavam o “Hino da Gente Negra Brasileira” (anexo 1) – escrito por Arlindo Veiga, publicado pela primeira vez sétima edição da *Voz* –³⁵² cuja letra sintetizava o posicionamento da agremiação sobre a raça, consonantemente a artigos publicados no jornal. No hino, os negros, identificados como descendentes de “tupis e africanos”, eram caracterizados como fortes e varonis, representavam a honra e grandiosidade brasileiras. Tanto em publicações do periódico, quanto no cântico, além da tez negra ser associada a poder, glória e beleza,³⁵³ a autoestima intelectual dos afrodescendentes fora estimulada, pois seriam “herdeiros dos lauréis, do trabalho, a ciência, a guerra”, de forma que suas capacidades mentais eram equiparadas às dos brancos,³⁵⁴ como num dos textos que exaltou a riqueza de

³⁴⁷ Diferentemente da conotação atual do termo “racista”, Veiga o utilizou para se referir ao posicionamento favorável à divisão da espécie em raças, que no contexto significava reconhecer os negros como grupo racial legítimo, com características próprias e problemas específicos, como o preconceito em relação à cor da pele.

³⁴⁸ VEIGA, Arlindo. Marchando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 36, p. 4, 28 abr. 1934.

³⁴⁹ LOVE, Joseph. *Op. cit.*, p. 300.

³⁵⁰ VEIGA, Arlindo. Um batalhador sincero. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 4, 17 jun. 1933.

³⁵¹ VEIGA, Arlindo. Que o negro não se iluda. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 42, p. 1, 15 dez. 1934.

³⁵² Republicado na segunda página do número 24.

³⁵³ FORTE, Paulo. O canto da raça negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 40, p. 3, 7 jul. 1934.

³⁵⁴ CAMPOS, J.H. Valor próprio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 1, 25 nov. 1933.; ALVES, Castelo. Flores do campo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 2, 6 mai. 1933.

conhecimentos astronômicos, militares e religiosos da civilização africana antes da colonização europeia.³⁵⁵

Acima de tudo, Veiga considerava que o principal objetivo da Frente era defender e “o negro e o mestiço”, pois significaria “defender a tradição do Brasil eterno, imortal”.³⁵⁶ A afirmação levanta questionamentos acerca dos aspectos que diferenciavam, segundo a organização, dos dois grupos raciais mencionados. No artigo de Sebastião José Soter, mencionado anteriormente, expressava-se que a mestiçagem foi responsável pelo surgimento de “sub-raças”, como o mulato e o caboclo, “cujas existências no Brasil são tradicionalmente honrosas, sendo a raça etiópica o seu fator principal”.³⁵⁷ Nota-se, assim, a diferenciação entre indivíduos de pele retinta, denominados negros ou pretos pelo jornal e os afrodescendentes miscigenados, chamados de mestiços ou mulatos, grupos que a Frente também considerava integrantes da comunidade negra.

Mesmo que, por um lado, a Frente defendesse a união de negros e os chamados mestiços, em artigo do periódico oficial salienta-se o conflito entre os dois agrupamentos pois o negro brasileiro deveria reconhecer o próprio valor, e que por não correr “nas veias o sangue mestiço”, não deveria temer ante um branco qualquer, pois este não teria “sangue brasileiro”. Além disso, Francisco Lucrécio afirmou que se os mestiços brasileiros soubessem que nos Estados Unidos viveriam em bairros de negros, perderiam a “mania de estrelismo”,³⁵⁸ por sentirem-se superiores aos retintos, o que seria preconceito com a própria comunidade. Também se criticava os afrodescendentes que defendiam a não existência de “raças puras”, como forma de negar a própria negritude.³⁵⁹

Assim, entende-se que a miscigenação era valorizada pela Frente enquanto um fato histórico e social, como forma de reconhecer a herança negra na formação da identidade brasileira. Porém, o discurso raciológico e nacionalista da organização,³⁶⁰ recusava a ideia de embranquecimento populacional por meio da miscigenação, ao contrário, afirmava-se que mesmo em meio a uma nação mestiça, aqueles que apresentavam fenótipo afrodescendente recebiam tratamento desigual na sociedade e deveriam unir-se em busca de melhores condições. A FNB, por meio da *Voz*, produziu um discurso racial *sui generis*: caracterizava o

³⁵⁵ SILVA, Olímpio Moreira da Silva. O que foi a raça negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 20, p. 4, 2 set. 1933.

³⁵⁶ VEIGA, Arlindo. Marchando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 36, p. 4, 28 abr. 1934.

³⁵⁷ SOTER, Sebastião José. Comentando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 2, 17 mar. 1934.

³⁵⁸ LUCRÉCIO, Francisco. Joe Luis. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 62, p. 1, fev. 1937.

³⁵⁹ LEUGIM, Criolo. A Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 1, 17 fev. 1934.

³⁶⁰ OLIVEIRA, André. *Op. cit.*, p. 100.

Brasil como um país mestiço, não como forma de negar a existência de raças e do preconceito racial, ou defender o embranquecimento, mas como estratégia de legitimação histórica da comunidade negra no país deliberadamente marginalizada pela nação. Nesse sentido, Arlindo Veiga afirmou:

Dessa Raça Brasileira, é a Gente Negra Brasileira uma distinção e não uma separação. É o prejuízo que lhe causaram fatores históricos e fatores atuais, de atitudes falsas da nossa política e da nossa sociedade, faz com que seja o negro mais necessitado de proteção e defesa do que os outros elementos raciais.³⁶¹

As publicações da *Voz*, analisadas até o momento, suscitam discussões sobre o posicionamento da Frente sobre o mito da democracia racial, fundamentada na, suposta, convivência harmoniosa entre as três raças formadoras. São diversas as interpretações sobre o complexo tópico, Liana Trindade afirma que a FNB adequou-se a democracia racial, já para André Oliveira, mesmo que a *Voz* defendesse a ideia de mestiçagem, não se perdia de vista a valorização dos negros nessa mistura.³⁶² De forma geral, o periódico fretenegrino não mencionou o conceito de democracia racial explicitamente, porém, veiculou alguns textos que, parcialmente, coadunavam com a ideia. O aspecto é evidente na bandeira da Frente, na qual, segundo Justiniano Costa, a cor branca simbolizava os colonizadores portugueses, o vermelho os indígenas, o preto representava os africanos, que, segundo Costa, se aclimataram “perfeitamente bem ao Brasil”, e por fim, a palmeira verde simbolizava o Quilombo dos Palmares.³⁶³ Juntos, os elementos pressupunham certa harmonia entre as três raças, ideia reforçada em um dos artigos da *Voz* que afirma ser o ódio contra negros profundamente atenuado no Brasil em relação aos Estados Unidos da América.³⁶⁴ Francisco Lucrécio, ex-secretário do jornal, em artigo, também comparou os dois países e concluiu que não existia, propriamente, ódio racial na sociedade brasileira, mas sim tratamento diferente conferido aos mestiços e os “evidentemente negros”.³⁶⁵

³⁶¹ VEIGA, Arlindo. Discurso oficial pronunciado pelo Dr. Arlindo Veiga na sessão solene de 22 de setembro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 49, p. 4, 23 nov. 1935.

³⁶² OLIVEIRA, André. Op. cit., p. 45.; TRINDADE, Liana Salvia. Op. cit., p. 117.

³⁶³ Não foram encontradas imagens da bandeira da Frente Negra, apenas sua descrição, fornecida por Justiniano Costa. Em: COSTA, Justiniano. A bandeira da Frente Negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 56, p. 1, ago. 1936.

³⁶⁴ XAVIER, Rudolpho. Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 4, 20 mai. 1933.

³⁶⁵ LUCRÉCIO, Francisco. Joe Luis. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 62, p. 1, fev. 1937.

A comparação com os EUA esteve presente no discurso legitimador da democracia racial no Brasil,³⁶⁶ que contrapunha as violências explícitas sofridas pelos negros estadunidenses com a sociedade brasileira, vista como harmoniosa, sem considerar a discriminação velada contra afrodescendentes no país. A noção tornou-se comum nas décadas de 1930 e 1940, um dos teóricos responsáveis por popularizá-la foi Gilberto Freyre, com a obra *Casa Grande e Senzala*, publicada no mesmo ano de inauguração da *Voz*, ou seja, 1933. O autor, baseado na ideia de mestiçagem, negava a existência de raças no Brasil, e do racismo como fenômeno generalizado, haveria, apenas, opiniões preconceituosas individuais.³⁶⁷ Ao analisar o porta-voz da FNB percebe-se que o mote de Isaltino Veiga no cabeçalho, “o preconceito de cor, no Brasil, só nós, os negros, o podemos sentir”, contraria a tese de que a sociedade brasileira seria harmônica, ausente de conflitos raciais. Semelhantemente, Arlindo Veiga lastimou a recusa de negros pelo mercado de trabalho brasileiro,³⁶⁸ no que Arlindo Alves também protestou: “Para os serviços domésticos, anunciam os jornais com indescritível frieza: ‘precisa-se de uma empregada de cor branca’. Sendo branca, não importa que seja estrangeira, que tenha ou não moral”. Alves também pontuou que “a não ser a campanha abolicionista a qual muitos brancos de destaque se aliaram, não houve um branco que tivesse os seus olhos voltados para a coletividade da gente negra no Brasil”,³⁶⁹ inclusive, Cantídio Alves indicou como inimigos dos negros os brancos que desejavam a derrocada do grupo e o retorno da escravidão.³⁷⁰ Por fim, Francisco Lucrécio rebateu a ideia de “alma branca” para se referir a negros intelectuais, pois tinham alma própria, no mesmo sentido criticou o uso do adjetivo “negro” para se referir a coisas negativas.³⁷¹

Embora o jornal considerasse moderado o preconceito racial no Brasil em relação aos EUA, não negava a existência de discriminação contra negros na sociedade brasileira. Assim, a *Voz*, mesmo que não rejeitasse todos os aspectos que envolviam o mito da democracia racial, reconhecia e denunciava o preconceito contra afrodescendentes. Nesse sentido, o jornal veiculava críticas constantes ao preconceito e à falta de reconhecimento da comunidade negra pela pátria brasileira, o que denota a singularidade das concepções da FNB: a adaptação das

³⁶⁶ AMORIM, Diego Uchoa. Teorias raciais no Brasil: um pouco de História e historiografia. *Revista Cantareira*, Niterói, RJ, v. 11, n. 19, p. 75, 2013.

³⁶⁷ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça e o estudo das relações raciais no Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 18, n. 54, p. 149, 1999.

³⁶⁸ VEIGA, Arlindo. Resposta a um boletim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 27, p. 1, 9 dez. 1933.

³⁶⁹ ALVES, Arlindo. Protestando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 5, 17 mar. 1934.

³⁷⁰ ALVES, Cantídio. Os nossos inimigos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 4, 5 ago. 1933.

³⁷¹ LUCRÉCIO, Francisco. O preto que tem alma própria. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 60, p. 1, dez. 1936.

teorias raciais e o pensamento social brasileiro em voga no período para as demandas do movimento negro, bem como adequação às inclinações políticas de seus líderes.

Por exemplo, Arlindo Veiga destacou-se por reivindicar a integração dos afrodescendentes nos mais diversos meios sociais, além de combater, incisivamente, a discriminação contra estes,³⁷² ademais, apoiava o cientificismo no estudo sociológico da miscigenação, que para ele resultaria na glorificação dos afrodescendentes, em busca da “reabilitação nacional”.³⁷³ Contudo, Veiga particularizou-se por conciliar tais ideais com o apreço por alguns aspectos da política racial hitlerista, que, segundo Veiga, deveria inspirar o Brasil, “acovardado” na valorização de sua raça, com destaque para os negros.³⁷⁴ Nesse sentido, Veiga defendia que o negro deveria “conquistar *violentamente* o SEU LUGAR na História do Brasil”.³⁷⁵ Assim, o intelectual defendia a postura nacionalista de elevação do que ele intitulava como “raça brasileira”,³⁷⁶ que na perspectiva de Veiga, seria semelhantemente ao arianismo na Alemanha, ao ponto de declarar:

Que nos importa que Hitler não queira, na sua terra, o sangue negro? Isso mostra unicamente que a Nova Alemanha se orgulha de sua raça! Não queremos saber de arianos. QUEREMOS O BRASILEIRO NEGRO E MESTIÇO, que nunca traiu nem trairá a Nação. Nós somos contra a importação do sangue estrangeiro que vem atrapalhar a vida do Brasil, a unidade da Nossa Pátria, da nossa Raça, da nossa língua. Hitler afirma a raça alemã. Nós queremos a raça brasileira, sobretudo o seu elemento mais forte: o NEGRO BRASILEIRO.”³⁷⁷

Na *Voz*, apenas Arlindo Veiga defendeu explicitamente as posições de Adolf Hitler, menções publicadas entre 1933 e 1934,³⁷⁸ no período em que o líder alemão exerceu o cargo de chanceler, a convite do presidente Von Hindenburg.³⁷⁹ É relevante ponderar que o apoio de Veiga às posições de Hitler sobre raça ocorreu em momentos anteriores ou iniciais à ditadura deste último, que se iniciou, propriamente, em 2 de agosto de 1934, com o falecimento de Hindenburg. Nesse ínterim foram instaurados os primeiros campos de concentração, com

³⁷² MALATIAN, Teresa. “O cavaleiro negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira (1931-1934)”. *Revista brasileira de história das religiões*, v. 5, n. 15, 2013. p. 4.

³⁷³ VEIGA, Arlindo. Datas históricas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 63, p. 1, mar. 1937.

³⁷⁴ VEIGA, Arlindo. Obra frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 47, p. 1, 31 ago. 1935.

³⁷⁵ VEIGA, Arlindo. Que o negro não se iluda. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 42, p. 1, 15 dez. 1934. Grifo da autora.

³⁷⁶ Veiga preocupou-se exclusivamente com os afrodescendentes brasileiros, em razão de sua postura nacionalista, por esse motivo não mencionou negros estrangeiros em suas publicações.

³⁷⁷ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Resposta a um boletim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 27, p. 1, 9 dez. 1933.

³⁷⁸ Outros elogios à política de Hitler serão abordados no próximo capítulo, assim como possíveis motivos de sua aproximação com o autoritarismo.

³⁷⁹ SHIRER, William L. *The rise and fall of Adolf Hitler*. New York: Random House, 1961, p. 46.

estruturas improvisadas voltadas principalmente aos judeus, cujas violências sofridas eram referidas com o eufemismo “tratamento especial”.³⁸⁰ Soma-se a este aspecto que discussões sobre os efeitos devastadores dos campos de concentração do Terceiro Reich, e posteriormente, acerca dos direitos humanos intensificaram-se somente a partir da década de 1940, inspirados pelos horrores de Auschwitz. Portanto, nos anos 1930, tais debates não figuravam com a mesma intensidade, além disso, o governo de Getúlio Vargas, admirado pela Frente, aproximou-se de Hitler,³⁸¹ conjuntura que possibilitou que Arlindo Veiga tivesse postura semelhante.

Contudo, em 1936, após constatar os efeitos discriminatórios do arianismo no país, em seu sentido restrito, o líder fretenegrino criticou sua adoção por “um governo anti-racista”³⁸² preocupado com a ARIANIZAÇÃO da nação brasileira”.³⁸³ Outros articulistas desaprovaram a política arianista, Arlindo Soares evidenciou que ela impactava negativamente não apenas negros brasileiros, uma vez que protestou contra a exclusão de quatro atletas afrodescendentes estrangeiros dos Jogos Olímpicos de Verão de 1936, realizados em Berlim, mesmo que tivessem desempenhos elogiáveis, comparáveis a de Jesse Owens.³⁸⁴ Diante da popularização do arianismo no Brasil, Niger ponderou: “nós então deveríamos desejar a decadência da nossa raça, nesta época em que o grande Hitler quer arianizar seu povo? Não, sejamos assim negros para a perfeita união de todos nós”.³⁸⁵ A valorização dos negros também foi defendida por Jayme de Aguiar, sob o pseudônimo Jim de Araguay, em que afirmou: “Cogita-se no momento, na grande Prússia, de arianismo de seu povo, e, enquanto isso se passa, o nosso Brasil procura dar caldeamento dos povos que aqui vivem uma complexa mesclagem”.³⁸⁶ O pontamento do autor demonstrava a preocupação com o desaparecimento dos negros no país por meio da miscigenação, visto que finalizou a reflexão lamentando-se: “tudo passa, o negro também passa”.³⁸⁷

A inquietação de Jayme de Aguiar adveio das transformações sofridas na composição étnica no país e, principalmente, em São Paulo, desde o final do século XIX. Entre 1891 e 1900, 1.130.000 estrangeiros entraram no Brasil, dos quais 700.000 direcionaram-se para São

³⁸⁰ WÜNSCHMANN, Kim. *Antes de Auschwitz*: os judeus nos campos de concentração antes da Segunda Guerra Mundial. Lisboa: Edições 70, 2016, p. 42-43.

³⁸¹ Essa proximidade será discutida no próximo capítulo.

³⁸² O termo “anti-racista” na frase referia-se à negação da existência de raças no Brasil, o que constantemente acompanhava a desconsideração do preconceito racial, a exemplo das teorias de Gilberto Freyre.

³⁸³ VEIGA, Arlindo. A situação aparente dos negros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 52, p. 1, abr. 1936.

³⁸⁴ SOARES, Arlindo. São negros... mas são atletas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 59, p. 4, nov. 1936.

³⁸⁵ NIGER. Negro! Sim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 1, 5 ago 1933.

³⁸⁶ ARAGUARY, Jim. Alerta! negro... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 2, 8 jul. 1933.

³⁸⁷ Idem.

Paulo,³⁸⁸ em 1893 compunham 54, 6% da população da cidade.³⁸⁹ Uma das consequências do fluxo migratório foi a diminuição de negros na composição étnica e racial dos paulistas, com os brancos predominando durante o primeiro quinquênio da República.³⁹⁰ Em 1890, 37% dos paulistanos identificavam-se como pretos ou mestiços,³⁹¹ e, em 1940, a taxa baixou para 12%.³⁹² A queda da porcentagem de afrodescendentes também esteve relacionada à sobrelevação da mortalidade em relação aos nascimentos no conjunto dessa população, em razão da baixa expectativa de vida.³⁹³

Discussões eugênicas ganharam força no Brasil na década de 1930, fenômeno prenunciado pelo I Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado pela Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, entre 30 de junho e 7 de julho de 1929.³⁹⁴ A FNB, ciente que um dos pretextos para o incentivo do governo brasileiro às imigrações europeias foi a busca pelo branqueamento, veiculou artigos, no seu porta-voz, que criticavam o fluxo migratório, especialmente entre 1933 e 1934, quando Veiga elogiou, em diversos artigos, a política racial de Hitler, aspectos possivelmente relacionados entre si. Corrobora para esse liame o posicionamento de Veiga na sua propaganda para a Assembleia Constituinte, realizada em maio de 1933, em que defendeu a suspensão da imigração por vinte anos.³⁹⁵ A limitação à vinda de estrangeiros para o país foi amplamente debatida durante a eleição e no decorrer das sessões da Assembleia, na qual parte de seus integrantes participaram do referido congresso eugenista e colaboraram com a criação do decreto nº 24.215 de 9 de maio de 1934, conhecido como Lei de Cotas, que restringiu a entrada de imigrantes.³⁹⁶ As motivações para a medida diferiam daquelas mantidas por Veiga ao defender a proibição migratória, enquanto este

³⁸⁸ LOVE, Richard. *Op. cit.*, p. 27.

³⁸⁹ HALL, Michael. *Op. cit.*, p. 121.

³⁹⁰ A partir de 1914 o fluxo migratório diminuiu drasticamente em razão da Primeira Guerra Mundial. Na década de 1920, em que os estrangeiros correspondiam a 35% da população, o estado passou a atrair habitantes de outras regiões do país e incorporou quantias cada vez maiores de trabalhadores migrantes. Em 1928, o governo de São Paulo aboliu os subsídios migratórios e, em pouco tempo, foi a vez da federação os limitar. Ver: QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Política e poder público na cidade de São Paulo – 1889-1954. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo – A cidade na primeira metade do século XX 1890 – 1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 41; MARTINS, José de Souza. O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo – A cidade na primeira metade do século XX 1890 – 1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 163.; HALL, Michael. *Op. cit.*, p. 121.

³⁹¹ Utilizava-se o termo pardo ou mestiço entre as classificações raciais do censo daquele ano.

³⁹² LOVE, Richard. *Op. cit.*, p. 29.

³⁹³ Idem.

³⁹⁴ GERALDO, Endrica. *O “perigo alienígena”: política migratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)*. 2007. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007, p. 22-23.

³⁹⁵ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Aos Frenenegrinos, aos Negros em geral e aos demais Patrícios, especialmente Trabalhadores e Produtores. *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 1, n. 7, p. 1, 29 abr. 1933.

³⁹⁶ GERALDO, Endrica. *Op. cit.*, p. 27.

clamava pela valorização dos negros, um dos argumentos para a criação da Lei de Cotas era a necessidade de impedir a vinda de estrangeiros cujo comportamento e condições de vida eram considerados contrários à ordem social, tal como ciganos, cegos, surdos, ou aqueles que tivessem “costumes manifestamente imorais”.³⁹⁷ O teórico integralista Oliveira Vianna, foi assessor jurídico do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio entre 1932 e 1940, durante o governo de Getúlio Vargas, e se destacou pelo posicionamento favorável a eugenia, acreditava que a seleção dos imigrantes pelo governo livraria o país da degeneração, pois permitiria embranquecer o fenótipo e aprimorar o comportamento da população, ideias presentes na obra do autor, *Raça e Assimilação*, de 1932.³⁹⁸ Em 1934 Veiga criticou explicitamente Vianna e seus adeptos por conspirarem a favor da arianização do Brasil,³⁹⁹ e em outra ocasião, em 1936, afirmou que as imigrações “vieram arianizar o Brasil, a mando dos estadistas brasileiros”,⁴⁰⁰ censura que poderia ser atribuída ao trabalho de Vianna no governo.

Outra motivação para as críticas aos imigrantes elaboradas pelos articulistas da *Voz* foi a questão trabalhista, pois a maioria dos trabalhadores rurais e do comércio eram estrangeiros, além de atuarem, com frequência, como operários e em profissões liberais, uma vez que havia a crença, nas primeiras décadas da República, de que os imigrantes seriam mais eficientes em comparação aos brasileiros, em especial os ex-escravizados.⁴⁰¹ Olímpio Moreira, delegado especial da Frente em Sorocaba, argumentou em artigo que o país objetivava progredir, “deixando de lado os iniciadores e mestres no cultivo da terra”, que cooperaram para o crescimento econômico da nação, e salientou que os negros eram, inclusive, rejeitados por empregadores estrangeiros.⁴⁰² Veiga partia do pressuposto que imigrantes ocupavam vagas de emprego que poderiam ser preenchidas por negros brasileiros, que teriam cada vez menos oportunidades no comércio.⁴⁰³ É interessante observar que apoiadores de Getúlio Vargas, independente da cor, faziam alegações semelhantes sobre os estrangeiros.⁴⁰⁴

³⁹⁷ Em: BRASIL. Decreto nº 24.215, artigo 2, de 9 de maio de 1934. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros em território nacional. In: Diário Oficial da União, 18 mai. 1934, p. 9451. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24215-9-maio-1934-557900-publicacaooriginal-78647-pe.html>.

³⁹⁸ GERALDO, Endrica. *Op. cit.*, p. 30-32.

³⁹⁹ VEIGA, Arlindo. Que o negro brasileiro não se iluda. *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 2, n. 42, p. 1, 15 dez. 1934.

⁴⁰⁰ VEIGA, Arlindo. Negros e o comércio. *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 4, n. 56, p. 1, ago. 1936.

⁴⁰¹ MORSE, Richard. *Op. cit.*, p. 179; LOVE, Richard. *Op. cit.*, p. 112-113.

⁴⁰² MOREIRA, Olímpio. O que foi a raça negra. *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 2, n. 31, p. 3, 3 fev. 1934.

⁴⁰³ VEIGA, Arlindo. Negros e o comércio. *A Voz da Raça*. São Paulo, ano 4, n. 56, p. 1, ago. 1936.

⁴⁰⁴ TRINDADE, Liana Salvia. *Op. cit.*, p. 114.

A questão racial na *Voz* estava intrinsecamente relacionada ao nacionalismo, a exemplo de Pérola de Castro, única mulher a comentar o assunto, pediu por nacionalização “em tudo e por tudo”, fazendo-se necessário “o braço forte do negro, a união da raça sofredora”.⁴⁰⁵ Nesse sentido, Abel de Freitas comentou que a vinda de imigrantes colaborava para “o aniquilamento da força social do negro, que é de fato brasileiro, pelas credenciais confirmadoras que datam da descoberta da sua terra”. Além disso, lembrou que o projeto de lei apresentado por Fidelis Reis em 22 de outubro de 1923 vetava a entrada de colonos negros.⁴⁰⁶ A ideia negativa sobre a imigração foi reproduzida também por Aristides Negreiros,⁴⁰⁷ ao considerar negros e indígenas como construtores da grandiosidade brasileira, que os brancos teriam destruído com o incentivo à imigração, em resposta a situação, pediu pela união dos afrodescendentes e dos “bugres”,⁴⁰⁸ contra a suposta imoralidade estrangeira.⁴⁰⁹

A ocupação dos postos de trabalho por imigrantes gerava descontentamento entre a população brasileira e causava debates políticos como a nacionalização trabalhista, uma das consequências foi o decreto nº 20.291 de 12 de agosto de 1931, que no primeiro artigo determinou aos empregadores a seleção, “entre os seus empregados, de todas as categorias, dois terços, pelo menos, de brasileiros natos”.⁴¹⁰ Os líderes da Frente consideraram a medida insuficiente de modo que pediram pela interrupção completa da imigração, por meio de telegrama enviado, sob chefia de Arlindo Veiga, a Getúlio Vargas, em 23 de dezembro de 1933. No texto, publicado na *Voz*, lê-se que: “O Grande Conselho da Frente Negra, representando milhares de patrícios, protesta perante V. Excia. contra a contínua entrada de imigrantes estrangeiros, quando nada se faz para melhorar a situação da infinidade de negros desempregados”.⁴¹¹ O contato direto com o presidente indica que os líderes fretenegrinos

⁴⁰⁵ CASTRO, Pérola de. Palavras de rioclarence. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 4, 5 ago. 1933.

⁴⁰⁶ FREITAS, Abel. Crescei e multiplicai-vos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 31, p. 1, 3 fev. 1934.

⁴⁰⁷ Aristides de Assis Negreiros era contador, foi segundo secretário da Frente em 1933, conselheiro substituto em maio daquele ano e no mês seguinte se tornou Diretor Geral do curso de alfabetização da Frente. Em: *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 2, 20 mai. 1933.; *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 3, 3 jun. 1933.; *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 2, 8 jul. 1933.; *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 3, 5 ago. 1933.

⁴⁰⁸ Denominação pejorativa, cujo significado remete a um indivíduo selvagem, inculto e pagão, foi utilizada frequentemente por colaboradores do jornal para se referirem aos indígenas.

⁴⁰⁹ NEGREIROS, Aristides. Aos negros de verdade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 7, 17 mar. 1934.

⁴¹⁰ Em: BRASIL. Decreto nº 20.291, de 12 de agosto de 1931. Aprova o regulamento para execução do art. 3º do decreto n. 19.482, de 12 de dezembro de 1930. In: Diário Oficial da União, 25 ago. 1931, p. 13552. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20291-12-agosto-1931-514687-publicacaoorigin-al-1-pe.html>

⁴¹¹ A FRENTE Negra Brasileira protesta contra a invasão de imigrantes que vêm agravar ainda mais a situação precária dos nacionais. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 28, p. 1, 23 dez. 1933.

reconheciam a autoridade do presidente e consideravam que este aceitaria o apelo, dado seu histórico de limitação do fluxo migratório, o que não ocorreu.

Ao final da primeira fase do jornal e início da segunda, a partir de dezembro de 1934, o discurso crítico aos estrangeiros pela FNB atenuou-se, o porta-voz contou, inclusive, com a veiculação de textos que abordaram a imigração de forma positiva.⁴¹² Na edição 44 o periódico publicou a primeira menção positiva à presença imigrante no Brasil, em texto escrito por Horácio da Cunha – elogio semelhante ao que o autor fizera em 1926 no *Clarim*⁴¹³ – ao sugerir que os negros se inspirassem em membros das colônias japonesas e chinesas no país, pois estes não mendigavam.⁴¹⁴ Em abril de 1937, Francisco Lucrécio, um dos conselheiros e ex-secretário da *Voz*, a convite de Antonio Koch, pintor contratado pela Frente, discursou em sessão cívica do grupo União Ucraniana Livre, ocasião em que Lucrécio comparou Castro Alves ao literato e pintor ucraniano Taras Chevtchenko.⁴¹⁵ No mês seguinte, um coral de ucranianos apresentou-se no evento comemorativo do dia 13 de maio, organizado pela FNB e segundo a *Voz*, sob a direção “competentíssima” do professor Demitrio Chevmancio o coro foi recebido com aplausos pelo público.⁴¹⁶ A aproximação amistosa da FNB com a organização ucraniana denota mudança discursiva, haja vista o telegrama enviado a Getúlio Vargas, quatro anos antes, em protesto contra a imigração.

Durante a presidência de Arlindo Veiga, diversos artigos da *Voz*, em grande parte escritos por ele, criticaram não somente o governo brasileiro por incentivar a imigração, como também os próprios imigrantes que se deslocavam para o Brasil em busca de melhores condições de vida, eles eram caracterizados como imorais, acusados de usurpar empregos dos negros e de corromper a ordem nacional. Conquanto, Laiana de Oliveira afirma que, embora Veiga defendesse alguns ideais hitleristas, ele não hierarquizava as raças.⁴¹⁷ Contudo, o fretenegrino acreditava na existência e superioridade da “raça brasileira”, pois considerava “suspeitos de alta traição os que não têm o sangue negro-luso-índio, tronco soberbo da raça”.⁴¹⁸ Daí adveio o argumento *sui generis*, a favor de um arianismo à brasileira na busca da integridade na composição étnica nacional, um dos motivos pelos quais era contrário às imigrações. Além disso, para Veiga e outros colaboradores da *Voz* – Abel de Freitas, Pérola de

⁴¹² A *Voz* também publicou posturas contrárias a imigrantes, formuladas por Arlindo Veiga, porém, com menor frequência do que anteriormente.

⁴¹³ CUNHA, Horácio da. Evolução. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 3, n. 23, p. 1, 30 set. 1926.

⁴¹⁴ CUNHA, Horácio da. Precisamos acabar com isso! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 44, p. 3, 29 dez. 1934.

⁴¹⁵ “UNIÃO Ucraniana Livre”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 64, p. 4, abr. 1937.

⁴¹⁶ COMO foi comemorado o 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 66, p. 1, jun. 1937.

⁴¹⁷ OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Op. cit.*, 2008, p. 106.

⁴¹⁸ VEIGA, Arlindo. Marchando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 36, p. 4, 28 abr. 1934.

Castro, Olímpio Moreira e Aristides Negreiros – recriminar a imigração representava combater as tentativas de embranquecimento e as taxas de desemprego entre negros, de forma que os imigrantes, para estes indivíduos, personificavam os governos oligárquicos e liberais, que marginalizaram os negros.⁴¹⁹

Por outro lado, durante a presidência de Justiniano Costa, a partir de julho de 1935, a Frente estabeleceu contato amistoso com imigrantes, contudo, não obstante a presença massiva de europeus ocidentais em São Paulo, principalmente de italianos, a aproximação restringiu-se a apenas aos oriundos do Leste Europeu ou da Ásia (ucranicanos, chineses e japoneses). Nota-se que estes não desfrutavam de prestígio social equivalente aos originários da Europa Ocidental, evidente na proibição da entrada de asiáticos no Brasil, como já apontado, pelo decreto número 528. Ou seja, a Frente aproximou-se apenas de grupos imigrantes minoritários, considerando-os, inclusive, como inspiração de ordem social, o que reforça a ideia de que a oposição fretenegrina à vinda de estrangeiros era uma forma de protesto contra as concessões governamentais a esses indivíduos, e que os menos favorecidos nesse sentido recebiam afeição dos líderes da Frente.

2.4 Representações e idealizações sobre a negritude

Na década de 1930 aproximava-se de 50 anos do pós a abolição, tempo considerado suficiente pela *Voz* para a total integração dos afrodescendentes,⁴²⁰ missão considerada sagrada, exercida pelos “paladinos da raça”, isto é, os líderes.⁴²¹ Nas palavras de Arlindo Veiga, a Frente tinha por finalidade “integrar completamente os netos de Zumbi”,⁴²² o que

⁴¹⁹ Cabe aqui pontuar que, embora a *Voz* não reconhecesse, aqueles que imigraram para o Brasil também lidavam com adversidades, entre elas, dificuldades financeiras, de forma que os cortiços tornaram-se abundantes na cidade de São Paulo durante o final do século XIX e início do XX. Esse tipo de moradia, com condições de saneamento básico precárias, era uma alternativa aos trabalhadores estrangeiros, especialmente operários, cujos salários não permitiam custear habitações melhor estruturadas. Ainda, moradores dos cortiços eram estigmatizados pela perspectiva higienista que apontava os locais como potenciais propagadores de epidemias e degradação moral. Ademais, o próprio processo de imigração poderia ser intrincado, a exemplo de famílias desagregadas em razão de alguns de seus membros terem o visto negado. A situação agravou-se após a Lei de Cotas, de 1934, pois, entre outros impedimentos, proibiu a entrada de pessoas com deficiência, doentes crônicos, menores de 18 anos e maiores de 60. Outras informações sobre as habitações dos imigrantes em: LUCCHESI, Bianca Melzi de Domenicis. Transformações urbanas e habitação no final do século XIX: proibição e permanência dos cortiços na cidade de São Paulo. In: XVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Florianópolis, SC, 2015.

⁴²⁰ COSTA, João. Sejamos fortes. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 2, 3 jun. 1933.

⁴²¹ BARBOSA, Pedro Paulo. 16 de Setembro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 4, 16 set. 1933.

⁴²² VEIGA, Arlindo. Em Marcha. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 1, 3 jun. 1933.

para Justiniano Costa significava uma cruzada pela redenção social dos negros,⁴²³ ou seja,, promover o progresso socioeconômico entre a negritude brasileira, o que a *Voz* denominou como a segunda liberdade para o grupo,⁴²⁴ para que “possam entrar em uma sociedade com o mesmo carinho que os brancos entram”.⁴²⁵ Segundo Olímpio Moreira, delegado especial em Sorocaba, a diretoria da organização tinha quatro objetivos: auxiliar o governo tanto quanto possível; organizar cursos voltados ao desenvolvimento físico, intelectual e moral da comunidade; inserir os fretenegrinos em diversos espaços e, por fim, extinguir o preconceito racial existente no Brasil.⁴²⁶

Como pontuado anteriormente, a Frente considerava-se a máxima representante dos negros brasileiros, inclusive, em dezembro de 1933, o cabo João Batista Galvão⁴²⁷ comentou sobre a reunião de diversas agremiações negras em prol da união da comunidade, no que a FNB teria sido indicada para chefiar o movimento.⁴²⁸ Nesse sentido, a Frente exerceu influência entre a comunidade negra do período no que tange os significados e significâncias de ser negro brasileiro, isto é, para além de suas definições, analisadas no tópico anterior, envolvia os acontecimentos históricos evocados como símbolo de luta da comunidade, bem como a defesa de determinadas condutas e normas sociais em detrimento de outras. No geral, o discurso fretenegrino baseava-se na ideia de que o progresso social e econômico dos afrodescendentes, dependiam do seu ingresso na organização, pois, a luta exitosa pelos direitos da comunidade ocorreria pela “união de elementos homogêneos”,⁴²⁹ orientados pela mesma doutrina,⁴³⁰ e que “apenas às Sociedades com S maiúsculo cabe a responsabilidade pela evolução da raça”.⁴³¹ Em um dos artigos do jornal define-se: “seja qual for a obra que tentarem, fora do programa, fretenegrino, nada presta, tudo é inútil”,⁴³² ideia também presente na afirmação de Arlindo Veiga: “Ou o negro se torna fretenegrino ou será desmoralizado, aniquilado no Brasil. Só o negro liga para ele mesmo”.⁴³³

⁴²³ COSTA, Justiniano. Saudação aos homens negros do Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 58, p. 1, out. 1936.

⁴²⁴ ENFELDT, Guilherme. Labor omnia vincit improbus. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 8, 17 mar. 1934.

⁴²⁵ MOREIRA, Olímpio. O que se faz é recebido como prêmio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 25, p. 4, 11 nov. 1933.

⁴²⁶ MOREIRA, Olímpio. O que foi a raça negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 31, p. 3, 3 fev. 1934.

⁴²⁷ JÚNIOR, Mário da Silva. Boletim dos cabos da FNB. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 3, 10 jun. 1933.

⁴²⁸ GALVÃO, João Batista. Belo Gesto. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 4, 6 jan. 1934.

⁴²⁹ BARBOSA, Jersen. O exemplo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 2, 11 mai. 1935.

⁴³⁰ MANELIK. Do meu canto. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 2, 17 mar. 1934.

⁴³¹ SOARES, Arlindo. Evoluindo a raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 66, p. 6, jun. 1937.

⁴³² MARIANO, João. Aos negros e mestiços. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 3, 25 nov. 1933.

⁴³³ VEIGA, Arlindo. Que o negro não se iluda. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 42, p. 1, 15 dez. 1934.

Ademais, tornar-se membro da Frente, era simbolizado, na *Voz*, como forma de reconhecimento da própria negritude. Segundo Castelo Alves, o termo fretenegrino designava “o homem que tem a pele mais escura de que a do outro homem”,⁴³⁴ nota-se que o conceito considerava os termos “negro” e “fretenegrino” sinônimos, aspecto também presente no relato de Cantídio Alves:⁴³⁵ “Sou fretenegrino porque o meu pai é preto e minha mãe é branca, eu, mestiço, não quero absolutamente passar por branco”. A consciência racial era um dos aspectos importantes na identificação dos negros com o projeto da Frente, no que Sebastião José Soter criticou um “mulato” que se recusou a participar da organização por não se considerar negro.⁴³⁶ Assim, a FNB propunha que aos afrodescendentes era imprescindível o ingresso na organização, pois contribuiria para o processo individual de aceitação da negritude e, no âmbito coletivo, proporcionaria a comunhão de indivíduos fenotipicamente semelhantes vivenciavam em busca de melhores condições de vida.

Arlindo Veiga denominava os membros da comunidade negra não envolvidos com a Frente de caranguejos, pois acreditava que prejudicavam a ansiada evolução da raça, além de os denominar de papagaios, por reproduzirem, de maneira impensada, críticas à entidade.⁴³⁷ Esse último grupo também era referido como formado por “falsos negros”, considerados “mais perigosos que os brancos”,⁴³⁸ para Cantídio Alves eram indivíduos repugnantes, uma vez que afirmou categoricamente: “o negro que não apoia a Frente não é negro, é um ser pior que animal, que ao menos reconhece quem lhe faz o bem”.⁴³⁹ Diversos artigos do jornal partem do princípio que o “inimigo do negro é o próprio negro”, frase, supostamente, de autoria de José do Patrocínio,⁴⁴⁰ utilizada como crítica ao preconceito entre os afrodescendentes,⁴⁴¹ a inércia de alguns indivíduos e atitudes invejosas para com membros da própria comunidade. Mesmo os fretenegrinos que pouco ou nada faziam em benefício da organização eram abominados,⁴⁴² pois se partia do pressuposto que a evolução somente ocorreria por meio do cumprimento de suas obrigações na agremiação, como o pagamento das mensalidades.⁴⁴³

⁴³⁴ ALVES, Castelo. Flores do Campo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 2, 6 mai. 1933.

⁴³⁵ Foi primeiro secretário arquivista e secretário geral da FNB de Sorocaba, São Paulo. Em: NASCIMENTO, Benedito A. De Sorocaba. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 4, 15 abr. 1933.

⁴³⁶ SOTER, Sebastião José. Comentando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 2, 17 mar. 1934.

⁴³⁷ VEIGA, Arlindo. Em Marcha. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 1, 3 jun. 1933.

⁴³⁸ CAMPO, João do. Falsos negros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 17, p. 4, 15 jul. 1933.

⁴³⁹ ALVES, Cantídio. Dever do negro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 2, 30 set. 1933.

⁴⁴⁰ VEIGA, Isaltino. Dois caminhos a seguir. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 3, 10 jun. 1933.

⁴⁴¹ ARAGUARY, Jim. Alerta! negro... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 2, 8 jul. 1933.

⁴⁴² ALVES, Cantídio. Os nossos inimigos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 4, 5 ago. 1933.

⁴⁴³ PAULA, Emílio de. Cumpra o seu dever. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 31, p. 1, 3 fev. 1934.

A hostilidade da Frente contra os afrodescendentes não engajados com o movimento negro chegou ao ponto de Cesário Gonçalves, ocupante do segundo maior posto na unidade de Sorocaba, sugerir medidas coercitivas: “Tivera eu uma chibata grossa, um relho de pontas de aço e chicotear-te-ia, traidor de minha raça, que tanto poderia ter feito e nada fizestes”.⁴⁴⁴ Ao encarnar a figura de algoz, o autor evocou a reprodução de violências do período escravista contra afrodescendentes, enquanto demandava a união da comunidade. O paradoxo tornou-se possível por meio da separação entre as categorias “nós” e “eles”, identificadas na frase pelos termos “eu” e “minha raça”, opostos à “traidor”, ou seja, se por um lado os líderes da FNB incentivavam o senso de pertencimento à comunidade negra pela consciência racial, por outro, de forma dicotômica, distanciavam-se de grupos e indivíduos afrodescendentes que adotavam determinados comportamentos considerados imorais. Mesmo assim, Arlindo Alves afirmou que a existência de homens e mulheres negras “que cooperam grandemente para o retrocesso de seus irmãos” não era motivo para o preconceito racial.⁴⁴⁵

O jornal admitiu a permanência de menção do jornal ao desprezo por desigualdades e preconceitos que dificultavam a ascensão social dos afrodescendentes mesmo após a abolição, pois ex-escravizados e descendentes eram desprezados por daqueles que usufruíram das benesses de seus trabalhos.⁴⁴⁶ Ainda sim, alguns articulistas reverenciavam a princesa Isabel como ídola, redentora dos negros,⁴⁴⁷ pois se acreditava que do contrário seriam ingratos,⁴⁴⁸ à Isabel bastava a assinatura da Lei Áurea, e não se aludia a falta de reparação da Coroa aos séculos de escravidão. Sobre outros abolicionistas, como José do Patrocínio e Luiz Gama, Raul Amaral defendia que não conseguiram concretizar um programa de desenvolvimento aos ex-escravizados por forças maiores, mas que suas obras foram relevantes, visto que alicerçaram a luta dos contemporâneos.⁴⁴⁹

Para a *Voz*, além da união da comunidade, outro elemento fundamental para o progresso dos negros, e engrandecimento do país,⁴⁵⁰ era o desenvolvimento educacional,⁴⁵¹ pois a ignorância era um obstáculo a ser superado,⁴⁵² Amaral considerava: “a culpa cabe aos

⁴⁴⁴ GONÇALVES, Cesário. Gato preto. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 4, jun. 1936.

⁴⁴⁵ ALVES, Arlindo. Protestando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 5, 17 mar. 1934.

⁴⁴⁶ BUENO, José Feliciano. O negro na formação do Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 4, 24 jun. 1933.

⁴⁴⁷ D'ALVARES, Martins. Morte de pai João. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 3, 13 mai. 1933; MOREIRA, Olímpio. O que foi a raça negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 31, p. 3, 3 fev. 1934.

⁴⁴⁸ SANTOS, João C. In posterum. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 38, p. 1, 26 mai. 1934.

⁴⁴⁹ RAJAH. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 15, p. 2, 1 jul. 1933.

⁴⁵⁰ NEGROS. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 31, p. 4, 3 fev. 1934.

⁴⁵¹ MARIANO, João. A vitória do negro está no livro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 4, 17 jun. 1933; AGUIAR, Jayme. Justa vaidade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 2, 10 jun. 1933.

⁴⁵² CASTRO, Pérola de. Comentando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 2, 17 jun. 1933.

senhores que outrora evitavam que negros tivessem contato com os estudos”.⁴⁵³ Diferentemente, para José Feliciano, os abolicionistas, no qual se incluíam negros, esqueceram-se de seu papel desempenhado pelo fim da escravidão, deixaram os libertos à própria sorte e, como consequência se perpetuou a desigualdade, inclusive quanto à instrução.⁴⁵⁴ Por outro lado, Jacobus, que publicou apenas uma vez, considerou os negros como os únicos responsáveis pelo analfabetismo, devido à própria passividade, por não planejarem um futuro melhor.⁴⁵⁵ Independente dos culpados, os colaboradores concordavam que cabia aos negros contemporâneos a obrigação de investir no seu desenvolvimento educacional.

O jornal defendia que “a inferioridade dos pretos está simplesmente no seu pouco desenvolvimento intelectual”,⁴⁵⁶ reconhecia-se que os afrodescendentes necessitavam de instrução primária, secundária e superior,⁴⁵⁷ o que justificava os constantes aconselhamentos na *Voz* para que pais prezassem pela alfabetização de seus filhos.⁴⁵⁸ Nesse sentido, Deocleciano Nascimento, enquanto redator, homenageou alguns periódicos negros em extintos pela luta contra o preconceito e o incentivo à educação, foram eles: *A Pérola* (SP, 1912), *O Patrocínio* (SP, 1913), *O Manelik* (SP, 1915), *Binóculo* (SP, 1915), *A Rua* (SP, 1915), *O Xauter* (SP, 1915), *O Alfinete* (SP, 1919), *A Liberdade* (SP, 1920), *Princesa do Norte* (SP, 1920), *Kosmos* (SP, 1922), *Elite* (SP, 1923), *O Tamoio* (SP, 1923), *Nosso jornal* (SP, 1923), *Clarim da Alvorada* (SP, 1924-1932), *Auriverde* (SP, 1928), *Progresso* (SP, 1928-1932), *Chibata* (SP, 1932), *Quilombo* (SP, 1926), *A Promissão* (SP, 1932), *Azulão* (SP, s.d).⁴⁵⁹ É interessante observar a menção ao pasquim *Chibata*, criado por José Correia Leite em protesto à indiferença de Arlindo Veiga quanto ao adultério cometido por seu irmão Isaltino, que ocupava o segundo maior cargo na época, a presença do periódico entre os homenageados, referido como órgão de humor e combate, propõe, de forma indireta, a superação das divergências em prol do progresso da comunidade, principalmente quanto à questão educacional.

⁴⁵³ AMARAL, Raul. Burrice. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 39, p. 1, 23 jun. 1933.

⁴⁵⁴ FELICIANO, José Bueno. A situação da gente negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 28, p. 4, 23 dez. 1933.

⁴⁵⁵ JACOBUS, Nunca é tarde! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 4, 8 jun. 1933.

⁴⁵⁶ AURÉLIO, Vitor. Igualdade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 3, 19 ago. 1933.

⁴⁵⁷ ARAGUARY, Jim. Alerta! negro... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 2, 8 jul. 1933.

⁴⁵⁸ CUNHA, Horácio. Apelo aos pretos brasileiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 68, p. 2, ago. 1937; NIGER. Cipicchia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 2, 28 out. 1933.

⁴⁵⁹ GENTE e fatos de outras épocas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 4, 1 abr. 1933.

Era esperado que o desenvolvimento nessa área favoreceria a formação de negros artistas, doutores e cientistas, pois “a arte não tem cor, as ciências também”,⁴⁶⁰ com destaque para o estímulo do estudo, pela comunidade, de questões sociais relacionadas aos afrodescendentes, tema que carecia de estudos no Brasil.⁴⁶¹ Durante a presidência de Arlindo Veiga, Jayme de Aguiar afirmou que a organização objetivava estruturar uma academia de intelectuais negros,⁴⁶² já sob a direção de Justiniano Costa, Raul Amaral sugeriu uma ideia mais flexível: a formação um clube de intelectuais, em que participariam escritores, jornalistas, estudantes e poetas, sem dogmas da academia e tampouco distinções políticas. Ambas idealizações não se concretizaram, mesmo porque a organização foi proibida de atuar 3 meses depois de publicada a última proposta.

Arlindo Veiga considerava a Frente uma obra cultural de educação e reeducação dos negros,⁴⁶³ tanto por promover a alfabetização e formação profissional, quanto por instruí-los moralmente, aspectos concebidos, pelos colaboradores, como inerentemente relacionados.⁴⁶⁴ Ou seja, o periódico considerava que a luta pelo progresso dos negros era inseparável do aprimoramento educacional e moral, perceptível nos anúncios das aulas de alfabetização da FNB,⁴⁶⁵ pois, a sociedade seria “irmã da moralidade e vice-versa”.⁴⁶⁶ Por exemplo, Raul Amaral, considerava que a ignorância entre os negros causava anarquia entre a comunidade,⁴⁶⁷ motivo pelo qual defendia que todos os clubes negros, inclusive os dançantes, não aceitassem associados analfabetos.⁴⁶⁸ Assim, nas palavras de Amaral e Castelo Alves,⁴⁶⁹ os negros deveriam civilizar-se, pois, o motivo de não alcançarem todas suas reivindicações seria o “indiferentismo da gente negra que passa horas nas esquinas e botequins na mais completa balburdia”.⁴⁷⁰ Contrapondo-se a esse cenário, a *Voz* posicionava-se como essencial ao processo de educação da comunidade, a exemplo, Deocleciano Nascimento afirmou que o periódico propagava harmonia, disciplina, moralidade e ensinamentos intelectuais.⁴⁷¹

⁴⁶⁰ NIGER. Cipicchia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 2, 28 out. 1933.

⁴⁶¹ A.M.S. Palestra, meio de aprender e ensinar a cultura. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 53, p. 4, mai. 1936.

⁴⁶² AGUIAR, Jayme. Justa vaidade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 2, 10 jun. 1933.

⁴⁶³ VEIGA, Arlindo. Papagaios negros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 1, 17 jun. 1933.

⁴⁶⁴ SOUZA, João. Educação. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 20, p. 2, 2 set. 1933.

⁴⁶⁵ FRENTE Negra Brasileira e a instrução. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 4, 25 mar. 1933.

⁴⁶⁶ SOARES, Arlindo. Pelas Sociedades. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 42, p. 4, 15 dez. 1934.

⁴⁶⁷ AMARAL, Raul. Males Funéreos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 1, jun. 1936.

⁴⁶⁸ AMARAL, Raul. Campanha humilde. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 42, p. 4, 15 dez. 1934.

⁴⁶⁹ ALVES, Castelo. Despertar do gigante. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 1, 28 out. 1933; AMARAL, Raul. A verdade do momento. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 1, mar. 1936; AMARAL, Raul. Porque pelejamos... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 52, p. 4, abr. 1936.

⁴⁷⁰ SOARES, Arlindo. X do problema. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 64, p. 4, abr. 1937.

⁴⁷¹ NASCIMENTO, Deocleciano. Contrassensos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 44, p. 2, 29 dez. 1934.

A folha caracterizava os membros do Grande Conselho como “pessoas de alto valor moral e intelectual, negros de verdade, mas em todos os sentidos, e mui principalmente nas ações, porque a verdadeira ação de negro, é moralizada, objetivando unicamente a grandeza e o respeito à sua raça”.⁴⁷² Ou seja, eram considerados figuras exemplares pela conduta na vida pessoal e em favor da cooperação em prol da FNB.⁴⁷³ Esses líderes frentenegrinos julgavam-se responsáveis por doutrinar os negros,⁴⁷⁴ a fim de os inculcar a ordem, disciplina⁴⁷⁵ e respeito à moral.⁴⁷⁶ Aos demais membros da comunidade cabia a total obediência à chefia,⁴⁷⁷ uma vez que, de acordo com Arlindo Veiga: “O FRENTENEGRINO OBEDECE A UMA DISCIPLINA. Há uma unidade de comando e todos defendem a autoridade do chefe. Ninguém discute com o chefe”.⁴⁷⁸ Tais artigos expressam o autoritarismo⁴⁷⁹ da FNB, em que a questão hierárquica relacionava-se diretamente com a disciplinarização dos membros, Francisco Lucrécio, um dos líderes, criticou os negros que se pretendiam iguais, no mesmo nível social e de conduta que todos os outros da comunidade,⁴⁸⁰ por acreditar que os indivíduos exemplares conduziriam os demais ao aprimoramento moral.

Nesse sentido, o quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, Alagoas, era considerado um exemplo de respeito à hierarquia,⁴⁸¹ tendo Zumbi como líder militar, uma vez que representava para o jornal “o negro organizado, um dos mais perfeitos governos da América, justamente quando os corifeus da perpétua escravatura o apresentava como naturalmente ignorante e ‘incapaz de evoluir’”.⁴⁸² Para a Frente, outro ícone negro exemplar, além dos referidos José do Patrocínio e Luiz Gama, foi Henrique Dias,⁴⁸³ reverenciado por

⁴⁷² RIBEIRO. 16 de setembro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 2, 30 set. 1933.

⁴⁷³ LUCRÉCIO, Francisco. A Frente Negra Brasileira e seus conselheiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 2, mar. 1936.

⁴⁷⁴ ALVES, Ismael Ferreira. *A Voz da Raça*. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 2, 3 jun. 1933.

⁴⁷⁵ VEIGA, Arlindo. Aos frentenegrinos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933.

⁴⁷⁶ COSTA, João da. Sejamos fortes. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 2, 3 jun. 1933; BARBOSA, Pedro. Perdoai-lhe, Senhor. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 3, 10 jun. 1933; XAVIER, Olavo. Análise fria. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 17, p. 3, 15 jul. 1933.

⁴⁷⁷ DUARTE, V.L. Apelo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 1, 20 jan. 1934.

⁴⁷⁸ No caso, Veiga defende a autoridade do presidente da FNB, porém, em outros artigos considera que as ordens de todos os líderes da organização devem ser acatadas em totalidade, de maneira a prestigiar a autoridade dos chefes. Em: VEIGA, Arlindo. Lição do passado. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 1, mar. 1936; VEIGA, Arlindo. O maior louvor da obra frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 57, p. 1, set. 1936.

⁴⁷⁹ Ideologia da ordem, marcado por estruturas hierárquicas, que negam a igualdade dos indivíduos e estabelece a necessidade de obediência incondicional aos líderes, comumente, organizações autoritárias apresentam estratégias de coerção de seus membros. O pensamento autoritário moderno opõe-se ao liberalismo e à democracia. Ver: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 1, p. 93-102.

⁴⁸⁰ LUCRÉCIO, Francisco. Inimigo do negro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 47, p. 2, 31 ago. 1935.

⁴⁸¹ AMARAL, Raul. Avante. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 8, 17 mar. 1934.

⁴⁸² MARIANO, João. Em defesa de Palmares. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 1, 20 mai. 1933.

⁴⁸³ Militar nascido no início do século XVII, filho de escravizados libertos, lutou contra a invasão holandesa de Pernambuco (1630-1638) e na guerra que restaurou a dominância portuguesa na capitania (1640-1654). Em 21

Arlindo Veiga como “o maior exemplo de brasileiro negro íntegro”.⁴⁸⁴ Numa ocasião, o jornal reproduziu artigo publicado na revista *A Exposição de 1922* (RJ, 1922-1923), nomeado “Henrique Dias” e com o subtítulo “O concurso da raça negra para a grandeza do Brasil – um Múcio Cévola da cor preta”.⁴⁸⁵ A comparação entre Dias e o guerreiro romano foi justificada da seguinte forma: “Na Grécia os poetas orgulhavam-se de seus heróis e exaltavam a raça; no Brasil já é tempo de se reconhecer que a raça negra deu sangue e suor para a grandeza comum”. Os principais responsáveis pelas menções a Henrique Dias foram os patrianovistas Arlindo e Isaltino Veiga, bem como José Feliciano, por conseguinte, as homenagens foram, possivelmente, motivadas pelo contributo de Dias à monarquia portuguesa e por professar a fé católica.⁴⁸⁶ Identificar os ícones negros exaltados pelos articulistas da *Voz* contribui para a compreensão, por meio de exemplos, dos ideais valorizados e os comportamentos desejáveis entre afrodescendentes. Patrocínio, Gama, Dias e Zumbi, a despeito de suas diferentes trajetórias, eram enaltecidos no jornal por sua coragem, contribuição para os negros brasileiros, inteligência, liderança e integridade moral.

Inspirados a guiar o progresso da raça, os líderes fretenegrinos Arlindo Veiga, Olímpio Moreira, Horácio da Cunha e, especialmente, Raul Amaral, foram os principais responsáveis por publicações de caráter moralista no periódico. Instruíam os leitores, principalmente membros da FNB, a adotarem determinados comportamentos vistos como cordiais, respeitosos e honestos, pois se partia do princípio que “o negro não é inferior ao branco, a mesma rusticidade que caracterizou o branco há milênios pode, como tem sido, ser lapidada”.⁴⁸⁷ Era incentivada a dedicação ao trabalho, vista como a “alavanca possante da humanidade”,⁴⁸⁸ assim como eram constantes os conselhos sobre a necessidade de economizar, para que os negros conquistassem a casa própria individual e coletiva, no caso, a sede da FNB.⁴⁸⁹ Por sua vez, alguns dos aconselhamentos de Horácio da Cunha estiveram

de julho de 1638, por carta régia, recebeu de Felipe III de Portugal e IV da Espanha o título de fidalgo e de Cavaleiro, a quatro de setembro de 1639 recebeu o título de Governador dos Crioulos, Negros e Mulatos, quando passou a comandar o Terço de Homens Pretos e Mulatos, conhecidos como Henriques, nas Batalhas dos Guararapes (1648-1649) contra o domínio holandês. Em março de 1656 recebeu a patente de Mestre de Campo. Após a Restauração Portuguesa, Dias foi homenageado por D. João IV com a comenda do Moinho de Soure, da Ordem de Cristo. Ver: MATTOS, Hebe. Da guerra preta às hierarquias de cor no Atlântico português. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Leopoldo, RS, 2007, p. 1.

⁴⁸⁴ VEIGA, Arlindo. Aos negros de boa vontade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 4, 29 abr. 1933.

⁴⁸⁵ HENRIQUE Dias: O concurso da raça negra para a grandeza do Brasil – Um Múcio Scévola de cor preta. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 2, 13 mai. 1933.

⁴⁸⁶ Mesmo que os patrianovistas mencionassem os outros símbolos negros citados nesta pesquisa, deram enfoque especial a Henrique Dias.

⁴⁸⁷ LOURDES, Maria de. Filosofando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 4, 3 jun. 1933.

⁴⁸⁸ AMARAL, Raul. Redenção. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 2, 24 jun. 1933.

⁴⁸⁹ VEIGA, Arlindo. Apelo à economia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 1, 28 out. 1933.

presentes em uma série de três publicações intituladas “O que os pretos devemos saber”, com orientações variadas e sumárias. Os tópicos se concentraram no comportamento em público, abordaram desde o vocabulário, ao sugerir o uso do pronome de tratamento “senhor” ou “senhora” em vez de “você”, até a importância do asseio.⁴⁹⁰ Numa ocasião sugeriu que pobres não deveriam manter amizade com pessoas da comunidade com melhores condições financeiras, caso contrário seriam considerados capangas ou criados perante a sociedade.⁴⁹¹

Textos escritos por outros autores evidenciam que, especialmente aos fretenegrinos, era exigida a polidez na linguagem, na qual calúnias e zombarias eram desaprovadas,⁴⁹² assim como ditados, por, de acordo com o gerente do periódico, Ismail Amaral, causarem confusão, a exemplo do estrangeirismo “tchau”.⁴⁹³ Também haveria palavras especialmente impróprias para crianças e mulheres, algumas por serem gírias, e outras pelo baixo calão.⁴⁹⁴ Partindo do mesmo princípio, Raul Amaral censurou o envio de cartas indecentes enviadas a duas mulheres conhecidas entre a elite negra,⁴⁹⁵ por “atassalhadores”. Esses tipos de indivíduos, para Amaral, dividiam-se em dois grupos, o primeiro, de jovens e inexperientes, a serem combatidos e educados pela sociedade, e o segundo formado por sujeitos torpes, merecedores de banimento do meio social.⁴⁹⁶

Tamanha era a preocupação da Frente com a moralidade, que utilizou seu periódico para repreender membros que descumpriam normas de conduta. Logo na primeira edição, o subinspetor Messias M. do Nascimento e o cabo Manoel Bernardes de Freitas⁴⁹⁷ foram censurados pelo Grande Conselho por “terem-se portado inconvenientemente na reunião”.⁴⁹⁸ A primeira advertência não bastou, no que quase um mês depois, no número quatro da *Voz*,

⁴⁹⁰ CUNHA, Horácio. O que os pretos devemos saber. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 4, 19 ago. 1933; CUNHA, Horácio. O que os pretos devemos saber. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 35, p. 4, 14 abr. 1934.

⁴⁹¹ CUNHA, Horácio. O que os pretos devemos saber. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 1, 20 jan. 1934.

⁴⁹² BARBOSA, Jersen. O hábito de caçoar. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 2, mar. 1936; AMARAL, Raul. Calúnia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 53, p. 1, mai. 1936.

⁴⁹³ Eram elas: palpite, sanfona, gaiola, cocô, põe a cara e sujeira. Em: AMARAL, Ismail. Veja-se o dicionário. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 52, p. 2, abr. 1936.

⁴⁹⁴ *Idem*.

⁴⁹⁵ AMARAL, Raul. Atassalhadores. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 3, 25 nov. 1933.

⁴⁹⁶ AMARAL, Raul. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 50, p. 1, 31 dez. 1935.

⁴⁹⁷ Os cabos na FNB tinham a função de recolher mensalidades da organização, bem como pagamentos e subscrição de assinaturas do jornal, além de comunicar falecimentos, matrimônios e nascimentos envolvendo fretenegrinos. Os cabos eram divididos em zonas distritais de forma a abranger toda a cidade de São Paulo, cada agrupamento era fiscalizado pelos subinspetores e inspetores, enquanto o comissário, Mario da Silva Júnior, chefiava.

⁴⁹⁸ JÚNIOR, Mário da Silva. Proclamações: repreensão pública. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 3, 18 mar. 1933.

Freitas, e mais quatro cabos,⁴⁹⁹ foi destituído do cargo por “incapacidade moral”.⁵⁰⁰ Também, o comportamento de três membros, não identificados, foi criticado por Raul Amaral, por dormirem nas reuniões dominicais.⁵⁰¹ Ainda assim, naquele mesmo ano, o jornal veiculou o único caso de crítica de membro aos líderes, João Galvão opinou que os dirigentes da organização não repeliam devidamente a desmoralização entre os negros o quanto deveriam, pois alguns membros descumpriam os estatutos e não eram punidos.⁵⁰²

Os aconselhamentos e censuras relacionavam-se com tentativas de distanciamento dos afrodescendentes da classe média em relação às camadas menos favorecidas economicamente, como forma de evitar serem confundidos com os negros mais pobres.⁵⁰³ O grupo emergente reforçava a adoção de valores estabelecidos pelos brancos, tal aspecto é percebido na crítica mordaz de Raul Amaral à Rua Direita, situada no centro de São Paulo, e que era, desde o início do século XX, o principal ponto de encontro da negritude, especialmente os membros de classes baixas.⁵⁰⁴ Mesmo que o líder não mencionasse a situação econômica dos frequentadores, há evidente esforço de dissociar a Frente das condutas e expressões culturais manifestas naquele local. Segundo Amaral, era:

Um passeio funesto, atestado de corrompimento e de degradação moral. De derrocada em derrocada, chafurdam-se no lamaçal, do abismo à beira, e se tornam um inútil, um pária, desligado dos bons sentimentos, da noção do deter, um dândi de péssima reputação, um abutre.⁵⁰⁵

Uma das características do discurso moralista frentenegrino era o moralismo presente na etiqueta burguesa enquanto elemento de distinção social em relação aos mais pobres, comportamento comum a grupos que ascenderam socialmente.⁵⁰⁶ Nota-se que na busca por se enquadrar em padrões morais da burguesia, a Frente incorporou, em seu jornal, críticas aos vícios, caracterizados como “taras”, entre eles estavam o alcoolismo e o tabagismo.⁵⁰⁷ Inclusive, a sífilis tornou-se tema de publicações moralizantes,⁵⁰⁸ as quais a associava com

⁴⁹⁹ Marciano Ferreira Mota, Constantino Nóbrega, Braz Antonio Custódio e Carmelino Rocha. Em: *Idem*.

⁵⁰⁰ BOLETIM nº 5: exclusão. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 2, 8 abr. 1933.

⁵⁰¹ AMARAL, Raul. Radiouvindo, espiando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 3, 16 set. 1933.

⁵⁰² Publicou apenas uma vez. Em: GALVÃO, João. Tudo pela raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 3, 25 nov. 1933.

⁵⁰³ FERRARA, Miriam Nicolau. *Op. cit.*, 1986, p. 35-36.

⁵⁰⁴ PAOLI, Maria Celia; DUARTE, Adriano. São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade. In: PORTA, Paula. (org.). *História da cidade de São Paulo – A cidade na primeira metade do século XX 1890 – 1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 60.

⁵⁰⁵ AMARAL, Raul. A Rua Direita. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 63, p. 1, mar. 1937.

⁵⁰⁶ DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, 2002, p. 577.

⁵⁰⁷ ALVES, Castelo. Tarados. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 27, p. 1, 9 dez. 1933.

⁵⁰⁸ *Idem*.

comportamentos libertinos, que por sua vez, eram reprovados pela FNB, a exemplo, Raul Amaral criticou, sem mencionar nomes, uma jovem fretenegrina por ultrapassar os limites da respeitabilidade em seu namoro.⁵⁰⁹

Dentre as substâncias potencialmente viciantes, o álcool recebeu especial atenção dos colaboradores, considerado o principal inimigo da humanidade,⁵¹⁰ por provocar “grandes males raciais e sociais, como fator de degenerescência psico-orgânica, incentivo à prática que o bom senso e a normalidade condenam”.⁵¹¹ A preocupação afligia tanto homens quanto mulheres negras, uma vez que estas produziram duas das oito publicações sobre o assunto, foram elas Benedita Ramos da Fonseca⁵¹² e Maria do Rosário, a qual aconselhou em sua crônica cuja personagem principal era uma negra alcoólatra: “da pinga devemos nos abster”.⁵¹³ Tamanha era a oposição da FNB ao vício que um dos cabos, Orlando Bento, foi excluído da função, “a bem da moral, porque este senhor fazia uso demasiado do álcool”.⁵¹⁴ O combate ao alcoolismo também foi adotado pelas subsedes da Frente, como de Sorocaba, que promoveu a “semana antialcoólica”, com destaque para o dia 11 de outubro de 1933, pois contou com palestra do inspetor da Delegacia de Saúde daquela cidade sobre os males do vício em questão, pela ideia de que comprometeria “seriamente a moral, a pátria, a família, o futuro da raça e até a própria religião”.⁵¹⁵ Em suma, a Frente defendia a sobriedade como sinônimo de caráter virtuoso e promotora da felicidade dos negros,⁵¹⁶ posto que colaboraria para a luta pelos direitos da comunidade e ao engrandecimento do país,⁵¹⁷ dos quais apenas indivíduos saudáveis e moralizados seriam capazes de cooperar.

O puritanismo também é percebido em diversas publicações do jornal acerca dos bailes negros, assim denominados os festejos dançantes tendo como única finalidade o entretenimento. Logo na primeira edição, a *Voz* informou que a FNB não promovia festivais dançantes,⁵¹⁸ três meses depois, o evento em homenagem ao periódico foi caracterizado como “coisa fina de elite”, com o informe de que “não tem nada a ver Frente Negra com baile”.⁵¹⁹ A

⁵⁰⁹ AMARAL, Raul. Radiouvindo, espiando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 3, 16 set. 1933.

⁵¹⁰ LIMA, Silvério. Em defesa da raça mártir. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 61, p. 1, jan. 1937.

⁵¹¹ RODRIGUES, Pedro. O alcoolismo, um dos flagelos da humanidade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 2, 16 set. 1933.

⁵¹² Listou 21 males causados pelo consumo do álcool, como perda dos amigos, do trabalho, da família e da honra. Ver: FONSECA, Benedita Ramos da. Conheces-me? *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 3, 20 mai. 1933.

⁵¹³ ROSÁRIO, Maria. Estamos bem! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 4, 19 ago. 1933.

⁵¹⁴ JÚNIOR, Mário da Silva. Transferência de talão. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 3, 25 mar. 1933.

⁵¹⁵ NOTÍCIAS de Sorocaba: semana anti-alcoólica. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 4, 20 out. 1933.

⁵¹⁶ ALVES, Castelo. Tarados. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 25, p. 1, 11 nov. 1933.

⁵¹⁷ BRUNO, Fra. Uma campanha necessária. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 4, 6 mai. 1933.

⁵¹⁸ CAMARGO, Dr. J.S. Uma explicação necessária. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 3, 18 mar. 1933.

⁵¹⁹ SALTI. Acerca do Festival da Voz da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 3, 17 jun. 1933.

entidade retratava esse tipo de atividade como nefasta, inútil, causadora de corrompimento entre os negros,⁵²⁰ descrita até mesmo como “como cancro social que deve ser exterminado”.⁵²¹ O cabo Roque dos Santos, frequentou esse ambiente e mesmo que não o detestasse por completo, ponderou a necessidade de “moralizá-lo, para salvação total de milhões de irmãs, que servem de chamariz, aos inescrupulosos ‘donos’ de salões, que vivem em São Paulo, principalmente, à custa da honra alheia.”⁵²² Nota-se a dinâmica dos papéis de gênero, no qual as mulheres negras eram especialmente alertadas sobre os perigos de tal divertimento, Horácio da Cunha nutria preocupação semelhante, aconselhou às mães que somente permitissem as filhas irem aos bailes acompanhadas de pais ou irmãos, “de acordo com os bons costumes da família”, pois defendia que tinham o direito ao lazer, “porém, lícito, com ordem e respeito, que são as principais Bases da Educação”.⁵²³

Ainda sim, as danças fizeram parte de diversos eventos da Frente, porém, associadas a atividades literárias, discursos, apresentações musicais e humorísticas, palestras e teatros como nas “domingueiras”, reuniões realizadas aos domingos na sede.⁵²⁴ Como Arlindo Soares sintetizou, a organização defendia que “dançar evoluindo ou evoluir dançando ainda é suportável, porém, o que nenhum código leal pode admitir é dançar destruindo ou destruir dançando”,⁵²⁵ no mesmo sentido, o sambista fretenegrino Aristides Teixeira afirmou que para além do divertimento, os negros deveriam preocupar-se com a melhoria de sua condição social e para isso, precisavam ingressar na FNB.⁵²⁶ Ou seja, a dança em si não representava problema para a Frente, as preocupações concentravam-se no ambiente em que ela ocorria, os princípios morais dos envolvidos e a presença de outras atividades tidas como dignificantes, de forma que a arte de dançar, para os colaboradores da *Voz*, poderia contribuir positivamente no progresso dos negros, a depender do contexto de sua prática.

Na *Voz*, o samba fora caracterizado como dança derivada do ritmo musical macumba, de origem africana, mesclada com os instrumentos de percussão indígenas,⁵²⁷ logo, o jornal reconhecia que a dança fazia parte da identidade brasileira. O enaltecimento desse aspecto

⁵²⁰ CAMPO, João do. O que o negro deve saber. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 3, 19 ago. 1933.

⁵²¹ SAXA, Ascânio de. União. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 38, p. 1, 26 mai. 1934.

⁵²² SANTOS, Roque dos. Recordação. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 2, 8 jul. 1933.

⁵²³ CUNHA, Horácio. O samba e os bailes. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 3, 30 set. 1933.

⁵²⁴ A mesma lógica aplica-se para os eventos de associações negras divulgadas pela *Voz*. Ver: MOVIMENTO associativo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 3, 29 abr. 1933; SOARES, Arlindo. Ainda uma saudação. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 58, p. 3, out. 1936.

⁵²⁵ SOARES, Arlindo. Evoluindo a raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 66, p. 6, jun. 1937.

⁵²⁶ TEIXEIRA, Aristides. Por acaso. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 47, p. 4, 31 ago. 1935.

⁵²⁷ BARBOSA, Albércio. Sua majestade o samba. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 63, p. 2, 16 set. mar. 1937.

cultural enquanto herança afrodescendente era percebido na inclusão do samba em eventos da FNB, fossem nas “domingueiras” ou em festejos abertos ao público, como o Grandioso Festival Litero Musical, de março de 1933, que homenageou os cordões carnavalescos negros.⁵²⁸ Também, Raul Amaral divulgou, em fevereiro de 1934, o cronograma das comemorações e bailes de Carnaval a serem realizados na cidade de São Paulo,⁵²⁹ incentivando a comunidade a participar. Nota-se no periódico, inclusive, a reverência a sambistas como Martins Fontes, Randal de Chocolate e Pixinguinha, que para Cantídio Alves eram “os verdadeiros representantes da nossa raça nessa modalidade artística”,⁵³⁰ somado à já referida homenagem ao fretenegrino, músico do gênero, Aristides Teixeira, após seu falecimento, denominado “rei do samba” por Antonio M. dos Santos.⁵³¹

Por outro lado, Deocleciano Nascimento e Raul Amaral em publicações críticas a libertinos e alcoólatras, caracterizaram o samba produzido nesse meio como uma dança exótica, tal qual o congo, ambas consideradas “antros de perdição”,⁵³² ou em outras palavras, para a Frente, a imoralidade corromperia as práticas culturais do meio negro, inclusive aquelas bem quistas pela organização. A separação entre as expressões aprovadas e repelidas fica evidente na declaração de Amaral: “DO RACHA-PÉ, SAMBA DE TERREIRO, CONGADAS etc., subiu as diplomáticas casacas, que vai se envernizando de civilização nos diplomáticos salões”.⁵³³ Os três primeiros tipos de manifestações do samba citados pelo articulista têm em comum seu caráter popular, com apresentações nas ruas, e nos casos do samba de terreiro e congadas assoma-se a influência das religiões de matriz africana. Evidentemente, Amaral considerava essas manifestações inferiores ao samba dos salões, característicos da classe média afrodescendente, sinônimo de civilidade para o autor, possível de ser alcançada por qualquer negro, com a devida moralização.

Os esportes foram outros aspectos culturais ressaltados no periódico, com foco no futebol, âmbito em que, nas palavras de Cantídio Alves, “o negro tem um papel tão saliente que chega a entusiasmar os próprios brancos”.⁵³⁴ A organização manteve, inclusive o Fretenegrino Futebol Clube, que disputava partidas com outros times negros associativos, informadas nas seções “Esporte”, “Pelo Esporte” ou “Página Esportiva”, presentes em 13

⁵²⁸ GRANDIOSO Festival Litero Musical. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 4, 18 mar. 1933.

⁵²⁹ CARNAVAL!!! Os festejos que realizar-se-ão nesta capital. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 31, p. 2, 3 fev. 1934.

⁵³⁰ ALVES, Cantídio. O negro em face do progresso. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 3, 16 set. 1933.

⁵³¹ O REI do samba. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 1, mar. 1936.

⁵³² PELA liberdade da raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 1, 4, 29 jun. 1935.

⁵³³ RAJOVIA. Expressão da vontade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 1, ago. 1936.

⁵³⁴ ALVES, Cantídio. O negro em face do progresso. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 3, 16 set. 1933.

edições, como descrito na tabela 5. Naquelas páginas, Artur Friedenreich, campeão mundial, sul-americano e brasileiro de futebol, teve a taça do campeonato negro de futebol organizado pela Frente homenageada com seu nome. A organização considerava a prática de qualquer modalidade esportiva um dos meios para o aperfeiçoamento físico da raça, não perdendo de vista à necessidade de retidão moral entre os praticantes, uma vez que se valorizava os times negros compostos por jogadores “ordeiros e disciplinados, verdadeiros cavalheiros, tanto no campo como fora dele”.⁵³⁵ Esportistas afrodescendentes de diferentes categorias receberam menções elogiosas, como os pugilistas Benedito dos Santos⁵³⁶ e Peter Johnson⁵³⁷ e os corredores Mateus Marcondes, competidor das Olimpíadas de Los Angeles de 1932,⁵³⁸ e Xavier de Almeida, campeão no oitavo campeonato latino-americano de atletismo realizado em oito de abril de 1933, dia em que ultrapassou o recorde brasileiro na corrida de 100 metros rasos.⁵³⁹ Mesmo com a preponderância masculina no jornal, mulheres negras também foram reconhecidas como desportistas por Deocleciano Nascimento, ao parabenizar as fretenegrinas que formaram um time de tênis.⁵⁴⁰

Mulheres negras eram constantemente convidadas a ingressarem na organização e participarem de atividades, como no texto produzido pelo jovem S. Joe, parabenizado pela redação pelas seguintes palavras “caras irmãs: já que a maioria dos nossos [homens negros] não estão cumprindo o seu dever, vamos substituí-los, imitando o exemplo do grande brasileiro, lutando para também levarmos ao apogeu da glória o nome da nossa amada raça”.⁵⁴¹ Em 1933, o evento da FNB em comemoração ao dia 13 de maio, contou com peça intitulada “Marieta, a Heroína”, adaptada do livro homônimo de Isaltino Veiga, ambientado durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), na qual a personagem principal, fictícia, lutou a favor do Brasil.⁵⁴² Segundo a redação, tal homenagem demonstrava “o valor indiscutível da mulher negra em todas as ocasiões que o Brasil precisava”.⁵⁴³

Em 11 de agosto de 1933 a Frente criou o grupo musical formado apenas por mulheres, denominado Rosas Negras,⁵⁴⁴ o qual, até a extinção da entidade, promoveu eventos

⁵³⁵ ARTILHEIRO. Página esportiva: prova 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 64, p. 2, abr. 1937.

⁵³⁶ Conhecido como Ditão, iniciou carreira em 1922, porém a encerrou em 1924 em razão de AVC sofrido na luta com o italiano Erminio Spalla, Cantídio Alves lamentou o ocorrido.

⁵³⁷ Imigrante sul-africano que constituiu carreira no Brasil entre 1926 e 1933.

⁵³⁸ ALVES, Cantídio. O negro em face do progresso. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 3, 16 set. 1933.

⁵³⁹ PELO esporte: um atleta que honra a nossa raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 3, 22 abr. 1933.

⁵⁴⁰ REALIZAÇÕES. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 4, 6 mai. 1933.

⁵⁴¹ JOE, S. Despertar de uma raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 38, p. 2, 26 mai. 1934.

⁵⁴² NASCIMENTO, Deocleciano. Bibliografia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 3, 8 abr. 1933.

⁵⁴³ TREZE de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 2, 29 abr. 1933.

⁵⁴⁴ Em 11 de agosto de 1934 comemoraram seu primeiro ano com um evento. Ver: GRANDE festival de aniversário do grupo Rosas Negras. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 41, p. 4, 11 ago. 1934.

mensais no salão Lega Lombarda,⁵⁴⁵ o conjunto, inclusive, organizou a comemoração do segundo aniversário da FNB.⁵⁴⁶ Os festivais contavam com apresentações do grupo e de outros cantores, peças teatrais, declamações de poesias e danças, ambiente descrito como “um salão florido com boa música”, enquanto as cantoras eram “damas elegantes, que em vestidos luxuosos borboleteiam irradiando a sua graça feminil”.⁵⁴⁷ Tanto a presença de propagandas constantes dos festejos quanto elogios presentes no jornal demonstram a valorização do grupo pela Frente.

Outras fretenegrinas que cantavam e recitavam poesias nas reuniões dominicais da FNB foram elogiadas pelo jornal,⁵⁴⁸ aliás, o curso de declamação poética oferecido pela organização era dirigido pela professora Dolores Silva.⁵⁴⁹ Já Francisca Andrade⁵⁵⁰ e Jersen de Paula Barbosa⁵⁵¹ foram docentes nas aulas de alfabetização fretenegrinas e também estiveram presentes na direção da companha Cruzada Feminina, conjuntamente a Celina Veiga e Aracy de Oliveira,⁵⁵² pela angariação de fundos e aumento das vendas do jornal, como abordado no primeiro capítulo. Na busca por valorizar a presença feminina, em julho de 1937 a delegação de Muzambinho, em Minas Gerais, e a sede da FNB coroaram suas rainhas, respectivamente, descritas como uma das mais astutas batalhadoras e, uma apreciada declamadora.⁵⁵³ Ainda, a *Voz* mencionou positivamente a cantora estadunidense Marian Anderson em três publicações, descrita por Arlindo Alves como “gênio em forma de mulher”,⁵⁵⁴ exaltada por sua visita à sede da FNB⁵⁵⁵ e enviar exemplares do jornal ao *Chicago Defender*.⁵⁵⁶ Em suma, a Frente almejava pela participação ativa das mulheres negras em prol da organização, incentivava a apresentarem performances artísticas nos eventos (música, dança e poemas), a atuarem como professoras dos cursos fretenegrinos, organizarem eventos e campanhas financeiras, ou mesmo criarem times esportivos, inclusive, na *Voz* admitia-se, por meio da narrativa ficcional, a retratação da mulher negra enquanto heroína. Observa-se,

⁵⁴⁵ NEGRO, Príncipe. Comentando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 67, p. 2, jul. 1937.

⁵⁴⁶ AMARAL, Raul Joviano. A Frente Negra Brasileira e o seu primeiro aniversário. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 1, 30 set. 1933.

⁵⁴⁷ NEGRO, Príncipe. Comentando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 67, p. 2, jul. 1937.

⁵⁴⁸ NEGRO, Príncipe. Comentando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 61, p. 2, jan. 1937.

⁵⁴⁹ SILVA, Dolores. Curso de declamação fretenegrino. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 3, jul. 1936.

⁵⁵⁰ ESCOLA da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 41, p. 2, 11 ago. 1934.

⁵⁵¹ Também atuava na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Em: ATOS oficiais. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 80, n. 24126, p. 9, 17 nov. 1934; NEGRO, Príncipe. Comentando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 68, p. 3, ago. 1937.

⁵⁵² FRENTE Negra Brasileira. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 81, n. 24334, p. 2, 21 jul. 1935.

⁵⁵³ NEGRO, Príncipe. Comentando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 67, p. 2, jul. 1937.

⁵⁵⁴ ARLINDO. Gênio em forma de mulher. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 67, p. 4, jul. 1937.

⁵⁵⁵ HOMENAGEANDO uma grande cantora negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 66, p. 3, jun. 1937.

⁵⁵⁶ NEGRO, Príncipe. Comentando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 70, p. 4, nov. 1937.

dessa forma, o rompimento, ainda que parcial, com os costumes da sociedade do período, que frequentemente associava a passividade ao gênero feminino.

Contudo, outras publicações expressavam opiniões consonantes com os papéis de gênero em voga na época, pois, se por um lado, no âmbito coletivo em prol progresso dos negros, *A Voz* defendia que as afrodescendentes tinham tanta responsabilidade quanto os homens, por outro, quanto à vida privada, prezava pela manutenção dos costumes tradicionais, respeitados até mesmo pelas colaboradoras do jornal, como Iná, que afirmou a fragilidade do gênero feminino.⁵⁵⁷ Entre os textos há definições, pelas próprias autoras, dos significados entorno da mulheridade, por exemplo, Celina Veiga, distinguia a categoria feminina em dois grupos e os contrapunha a partir da perspectiva de que “a mulher negra, precisa hoje em dia enfrentar a mulher branca, para isso temos armas de combate, são as seguintes: tenhamos moralidade, amor aos nossos negrinhos, fazendo-lhes ver seu dever para com a pátria”.⁵⁵⁸ Também sobre a moral, Noemia Campos, aprendiz de costura, dedicou suas duas publicações a censurar trajes e acessórios femininos tais como: blusas sem mangas, brincos de argolas grandes e sapatos sem meias, este último, alvo de críticas nos dois textos da autora.⁵⁵⁹ A autora justificou que além de indecorosos, os itens citados causariam riso e vergonha entre as mulheres negras, assim a escolha do título “futuristas” em ambos os escritos adquire tom pejorativo e reforça a adoção do conservadorismo como contraponto. Homens fretenegrinos incentivavam o relacionamento entre negros, em detrimento de relações inter-raciais, pela ideia de que apenas os afrodescendentes teriam real consideração entre si,⁵⁶⁰ o que levou à publicação de Mário Campos enquanto diretor: “trouxas, brancos não acham as pretas bonitas, apenas podem achá-las boas mulheres”.⁵⁶¹ Horácio da Cunha discorreu sobre o assunto em três ocasiões, numa delas reclamou: “Muitas pretas e mulatas quando moças ajudam os outros a fazerem fortunas; quando velhas e desprezadas lembram-se dos sus irmãos negros para as auxiliar”,⁵⁶² ou seja, estas deveriam amparar, preferencialmente, homens negros, em vez dos brancos. Ainda sobre a dinâmica familiar, o jornal reforçava que as responsabilidades domésticas eram invariavelmente atribuídas às mulheres,⁵⁶³ e suas

⁵⁵⁷ INÁ. Crônica afeminada. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 3, jun. 1936.

⁵⁵⁸ VEIGA, Celina. 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 2, 11 mai. 1935.

⁵⁵⁹ CAMPOS, Noêmia. As futuristas! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 3, 30 set. 1933; CAMPOS, Noêmia. As futuristas! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 4, 6 jan. 1934.

⁵⁶⁰ CUNHA, Horácio. Que defesa!... os pretos e seus compadres. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 4, 19 ago. 1933.

⁵⁶¹ UM pouco caso. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 17, p. 3, 15 jul. 1933.

⁵⁶² CUNHA, Horácio. O que nós, os negros, devemos saber. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 35, p. 4, 14 abr. 1934.

⁵⁶³ AMARAL, A. Economia doméstica. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 68, p. 4, ago. 1937.

principais funções seriam a intransigência e inflexibilidade “nas aplicações dos deveres familiares e inspirar aos vindouros os grandes exemplos para a raça”.⁵⁶⁴ Segundo o anúncio de aulas de corte e costura da FNB: “nada mais triste, mais desolador, mais digno de lástima do que uma moça ou senhora não possuir uma educação completa para saber ser uma boa dona de casa”.⁵⁶⁵ Não surpreende, portanto, que a primeira seção do jornal inaugurada para o público feminino fosse voltada para assuntos domésticos, com dicas para o cuidado do lar.

As figuras históricas escolhidas pelo jornal como símbolo de luta ilustram concepções acerca dos papéis de gênero reproduzidos no interior da organização, pois enquanto homens negros eram representados por escritores e abolicionistas, as mulheres foram representadas, tão somente, pela “Mãe Negra”, evocada apenas por colaboradores do gênero masculino. A figura era considerada “símbolo de gratidão, respeito, carinho, resignação, amor e penitência”,⁵⁶⁶ pois durante o cativeiro, “soube ser mulher, soube ser mãe”,⁵⁶⁷ em convergência com artigos sobre mulheres negras analisados anteriormente, pode-se inferir que a organização enaltecia atributos semelhantes entre as fretenegrinas. Na *Voz*, a Mãe Negra era representada pela ama de leite, que “dava com verdadeiro amor, carinho, o seu leite branco, o seu sangue, a sua própria vida”, era caracterizada pela resignação,⁵⁶⁸ uma vez que realizava a tarefa mesmo “sob soluços, contemplando o fruto das suas entranhas, abandonado, a soluçar”.⁵⁶⁹ Ao mesmo tempo era símbolo de e esse símbolo de força, que superou as opressões da escravatura, como comentou Arlindo Soares, e inspirava a comunidade a “instruir-se e impor-se”.⁵⁷⁰ Para a *Voz*, dia 28 de setembro deveria ser comemorado o dia da Mãe Preta, por corresponder à data da promulgação da Lei do Ventre-Livre, em 1871, pois caberia ao Brasil valorizar a figura mártir que trabalhou e enriqueceu o país.⁵⁷¹

Por outro lado, a “Mãe Negra” era mencionada como a origem do conformismo entre as mulheres negras, que assistiriam às transformações “próprias da evolução do povo brasileiro, com a indiferença própria das mães, com o sorriso de uma reflexão toda adquirida de um coração magnânimo. A crioula é no momento que passa, destinada a ser mais conformada sentimentalista”.⁵⁷² Nota-se a conotação positiva conferida ao suposto

⁵⁶⁴ SAXA, Ascânio de. Irmão de origem. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 40, p. 4, 7 jul. 1934.

⁵⁶⁵ FRENTENEGRINAS mães e filhas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 42, p. 1, 15 dez. 1934.

⁵⁶⁶ AGUIAR, Jayme. Mãe Preta. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 58, p. 4, out. 1936.

⁵⁶⁷ MARIANO, João. Heroísmo e dor. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 4, 30 set. 1933.

⁵⁶⁸ AMARAL, Raul. 28 de setembro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 1, 30 set. 1933.

⁵⁶⁹ NIGER. Cântico da raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 1, 19 ago. 1933.

⁵⁷⁰ SOARES, Arlindo. O negro não precisa de justiça? *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 44, p. 4, 29 dez. 1933.

⁵⁷¹ AMARAL, Raul. 28 de setembro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 1, 30 set. 1933.

⁵⁷² NIGER. O cetro da crioula. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 2, 17 mar. 1934.

conformismo das afrodescendentes, semelhante a lógica dos papéis de gênero tradicionais, que supunham passividade às mulheres, não obstante o incentivo da participação ativa feminina em prol da organização. Em síntese: os membros da comunidade, independente do gênero deveriam colaborar pelo progresso da raça, o que garantia certa autonomia às mulheres, contudo, a FNB, enquanto organização conservadora, reforçava estereótipos de gênero acerca das relações familiares, nesse sentido, preservando o *status quo*.

As representações históricas selecionadas pelo periódico revelam características do ideário fretenegrino, como é o caso das narrativas sobre a escravidão, pois estão presentes em seis das dez menções à África e africanos, as demais concentraram-se na contemporaneidade, ou seja, o tema foi mais frequentemente associado à ancestralidade e a História dos negros na formação do Brasil. Em artigo, José Feliciano, afirmou que os africanos traficados no período escravista poderiam “ter-se negado a trabalhar e embrenhar-se nas florestas lá vivendo em plena liberdade, *preferiu* ficar sujeito a mais negra escravidão, construindo os alicerces e formando as bases da economia nacional”.⁵⁷³ Nessa concepção, os escravizados trabalharam por escolha própria, pelo sentimento de pertencimento à nação que, supostamente, almejavam construir, essa visão desconsidera as múltiplas violências sofridas pelos cativos e a impossibilidade de escolha de sua posição. Ainda sim, outros textos focalizavam a melancolia do cativo por meio de poemas, como “Banzo” de Lino Guedes⁵⁷⁴ e a glorificação da liberdade por David Rudolpho de Castro, na poesia “13 de maio”, onde saudou os antepassados de Angola, Zanguebar,⁵⁷⁵ Moçambique e Congo.⁵⁷⁶ A data era especialmente comemorada pelo jornal, inclusive, em maio de 1935, sob a presidência de Justiniano Costa, a FNB enviou ofício para Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, presidente da Câmara dos Deputados solicitando que dia 13 de maio se tornasse feriado, como forma de celebrar o “esforço do negro”.⁵⁷⁷ Quanto à África contemporânea, além das menções já referidas ao atleta sul-africano Peter Johnson⁵⁷⁸ e o político senegalês que atuava na França, Blaise Diagne,⁵⁷⁹ o jornal abordou a questão da guerra ítalo-etíope quanto a questão da Abissínia. Discutida em duas publicações de Silverio de Lima, a Etiópia fora caracterizada

⁵⁷³ FELICIANO, José Bueno. O negro na formação do Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 4, 24 jun. 1933.

⁵⁷⁴ GUEDES, Lino. Banzo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 39, p. 2, 23 jun. 1934.

⁵⁷⁵ Corresponde aos atuais territórios da Tanzânia, Quênia, norte de Moçambique e sul da Somália.

⁵⁷⁶ CASTRO, David. 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 3, 13 mai. 1933.

⁵⁷⁷ COSTA, Justiniano; LUCRÉCIO, Francisco. O 13 de maio deve ser feriado. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 4, 11 mai. 1935.

⁵⁷⁸ ALVES, Cantídio. O negro em face do progresso. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 3, 16 set. 1933.

⁵⁷⁹ LIMA, Silvério. In memoriam. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 39, p. 1, 23 jun. 1933.

como o império mais longo do mundo, a gênese da humanidade, e que a justificativa para a invasão violenta italiana fora a escravidão que se mantia no local,⁵⁸⁰ mesmo que os etíopes fossem pacíficos.⁵⁸¹ Nas raras referências ao continente africano, os articulistas o reconheciam como o local de origem de seus antepassados, fonte de enaltecimento, contudo, as experiências contemporâneas dos negros brasileiros e africanos foram abordadas como duas realidades distintas que não se convergiam, pois como afirma André Oliveira, “o negro fretenegrino, antes de tudo é brasileiro”.⁵⁸²

A partir das análises acerca das idealizações sobre a comunidade negra produzidas pela Frente identifica-se a adoção ao moralismo e puritanismo que se inserem numa complexa dicotomia: a reprodução da ideologia do branqueamento. Por um lado, a *Voz* criticava o preconceito racial, defendia que quando “os negros estiverem no meio de brancos, não devem esquecer de sua raça”,⁵⁸³ incentivava o reconhecimento da própria negritude pelos afrodescendentes e determinava: “mulato, para ser bom, precisa ter carapinha, ou é falsificação. Mulato sem carapinha vem a ser mulato manco: não é negro... não é branco.”⁵⁸⁴ Mesmo assim, o salão de beleza mantido pela Frente anunciava no jornal: “frentenegrinas, quereis ter os vossos cabelos lisos e sedosos!”,⁵⁸⁵ também, outra publicidade, desta vez paga, publicou: “cabelos crespos!... Tem quem os quer [...] alisa-se qualquer cabelo crespo sem dor”.⁵⁸⁶ Somado a isso, têm-se a busca pelo reconhecimento social dos fretenegrinos e – o constantemente aludido – progresso, obstaculizado pela discriminação, por estereótipos negativos relacionados aos negros, entre eles o alcoolismo, o ócio e manifestações culturais tidas como desordeiras, a exemplo do samba e dos bailes. Por esse motivo, a Frente defendia, na busca pela ascensão social, a necessidade de ser “negro da essência da brancura”,⁵⁸⁷ pela adoção de parâmetros morais instituídos pelos brancos, como forma de se dissociar dos reducionismos preconceituosos, de terem suas capacidades reconhecidas e estabelecer “concordia digna com o branco”.⁵⁸⁸ O comportamento descrito converge com o argumento de Jurandir Freire Costa:

⁵⁸⁰ LIMA, Silvério. Uma tradição que se destruiu. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 55, p. 1, jul. 1936.

⁵⁸¹ LIMA, Silvério. O lobo e o cordeiro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 49, p. 4, 23 dez. 1935.

⁵⁸² OLIVEIRA, André. *Op. cit.*, p. 41.

⁵⁸³ MOREIRA, Olímpio. Aos irmãos de raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 4, 20 mai. 1933.

⁵⁸⁴ VEIGA, Arlindo. Mulato. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 28, p. 2, 23 dez. 1933.

⁵⁸⁵ FRENTENEGRINAS. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 4, 8 abr. 1933.

⁵⁸⁶ CABELOS crespos!... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 3, 6 jan. 1934.

⁵⁸⁷ DOMINGUES, Petrônio José. *Op. cit.*, 2002, p. 576.

⁵⁸⁸ RODRIGUES, Pedro. A Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 1, 3 jun. 1933.

A brancura transcende o branco. Eles – indivíduo, povo, nação ou estado branco – podem “enegrecer-se”. Ela, a brancura permanece branca. Nada pode macular esta brancura que, a ferro e fogo, cravou-se na consciência negra como sinônimo de pureza artística; nobreza; estética; majestade moral; sabedoria científica etc. O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos. O branco é, foi e continua sendo a manifestação do espírito, da ideia, da razão. O branco, a brancura são os únicos artífices e legítimos herdeiros do progresso e desenvolvimento do homem.⁵⁸⁹

As primeiras décadas republicanas foram marcadas por intensas transformações sociais, políticas e econômicas, ancoradas na ideia de progresso que, deliberadamente, marginalizou os afrodescendentes, considerados selvagens, imorais e ignorantes. Após mais de três séculos de escravidão, aqueles que alicerçaram o desenvolvimento da economia nacional foram desamparados pelo governo brasileiro, haja vista a ausência de indenizações. Além disso, nos trabalhos acadêmicos, os negros, quando mencionados, eram caracterizados como intelectual e culturalmente inferiores, nos raros casos de reconhecimento de suas contribuições, os estudos se referiam apenas à força física. Assim, até meados do século XX, prevaleceu a noção de que os preconceitos raciais estavam ausentes da sociedade brasileira, marcada pela mestiçagem, supostamente tomada como harmônica. Havia, ainda, os críticos à miscigenação, que a consideravam prejudicial por incorporar características negativas, presumidamente advindas das raças consideradas inferiores. De toda forma, a sociedade brasileira, mesmo após o fim da escravidão e a Proclamação da República, continuou a erguer obstáculos contra a ascensão socioeconômica dos negros, ao apartá-los do projeto de progresso nacional e os desvincular do ideal de civilização.

Em contraponto a esse cenário, na São Paulo da década de 1920, uma minoria afrodescendente superou o analfabetismo, um dos principais entraves à ascensão socioeconômica do grupo. Três principais meios contribuíram para o ocorrido: financiamento dos estudos pelo sistema de apadrinhamento, aulas gratuitas promovidas pela Igreja Católica e técnicas autodidatas de aprendizagem. O acesso ao mundo letrado ampliou o contato com informações, obras literárias, bem como debates políticos, fossem produzidos por membros da comunidade negra ou outros grupos, havendo significativas conexões entre os afrodescendentes e a produção cultural dos brancos. Além disso, em um país majoritariamente analfabeto, os letrados disponham de vantagens no campo profissional, como frequentar cursos superiores e se inserir em carreiras com remunerações mais altas, tal qual o

⁵⁸⁹ COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SANTOS, Neusa Souza. *Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p. 5.

funcionalismo público ou as profissões liberais. São esses aspectos comuns nas trajetórias pessoais daqueles que atuaram como líderes da Frente Negra no decênio seguinte.

Nos anos 1920, alguns futuros líderes fretenegrinos titubeavam em afirmar a existência da discriminação racial e chegavam mesmo a referirem-se à igualdade de oportunidades entre brancos e negros no pós-abolição, ainda que empregadores, proprietários do comércio e os indivíduos com maior prestígio social fossem majoritariamente brancos. Ou seja, os afrodescendentes dependiam do aval dos brancos para serem admitidos nos meios em que estes preponderavam, daí advém pelo menos parte do conservadorismo disseminado na comunidade negra, que tentava comprovar sua capacidade de seguir regras e tradições estabelecidas, de trabalhar dignamente e de se abster de vícios. Em outras palavras, a postura conservadora adotada pela Frente Negra Brasileira teve origem nos anos 1920, quando seus idealizadores adentraram espaços dominados por brancos e moldaram seu comportamento a fim de serem aceitos, como indicam os artigos analisados dos jornais *Getulino*, *Clarim da Alvorada*, *Auriverde* e *Progresso*.

Esses negros emergentes foram diretamente impactados pelo preconceito, mesmo que nem sempre o reconhecessem, pois ainda que superassem a barreira educacional e se adequassem às normas vigentes numa sociedade dominada pelos brancos, eram inferiorizados pelas suas características fenotípicas. Assim, a criação da FNB marcou o reconhecimento, por seus líderes, da discriminação racial como fenômeno generalizado no Brasil, o que aponta para um outro momento do discurso do movimento, que, de forma tensa e contraditória, se radicalizou em três sentidos diferentes e nem sempre harmônicos: fortalecimento do conservadorismo, exigência de medidas governamentais em prol dos negros e denúncias de casos de preconceito. Em suma, as tentativas de integração dos negros foram recebidas, em muitos casos, com resistência por parte dos brancos, o que resultou em posicionamentos cada vez mais conservadores por parte dos afrodescendentes, em seu anseio de comprovar dignidade, mas também em posturas críticas quanto à situação a que estavam submetidos. Ainda que a *Voz* repudiasse a discriminação racial, seus líderes e outros membros foram transpassados por ela de tal forma que introjetaram o preconceito. Um exemplo eloquente é o fato de expressões culturais como o samba só serem aceitas pela FNB se seguissem a moral estabelecida pela branquitude e subscrita pelo jornal, enquanto o salão de beleza fretenegrino divulgava a prática de alisamento de cabelos crespos. A adoção do conservadorismo pela Frente como estratégia de enfrentamento ao preconceito, por um lado, facilitou a adequação dos negros ao *status quo*, porém o preço foi a renúncia de parcela da própria identidade racial.

Isto posto, *A Voz da Raça* mencionou constantemente seu objetivo de integrar os negros na sociedade, de forma que o termo “integração” pressupõe assimilar comportamentos e discursos de determinado meio social pelos indivíduos que desejam a ele se agregar, ou seja, traduz um posicionamento conservador. A única mudança que a FNB exigia da sociedade brasileira era a eliminação do preconceito racial, que aliado à busca por integração garantiria o progresso da comunidade, frequentemente referido. Os vocábulos “integração” e “progresso” compareceram no jornal com o objetivo de associar os negros ao avanço civilizacional, à ordem social e ao engrandecimento do país. Nesse sentido, as menções aos teóricos que trataram sobre a raça – Sílvia Romero, Delgado de Carvalho, Nina Rodrigues e Arthur Ramos – valorizavam o reconhecimento dos negros na construção da economia nacional. Citar estudiosos de diversos campos científicos de forma acrítica, era, possivelmente, uma estratégia de demonstrar erudição, postura que acabava por subscrever teóricos prestigiados no pensamento social brasileiro, mas que insistiam, a partir de diferentes perspectivas, na inferioridade do negro. Além disso, durante a circulação do periódico, os colaboradores frisavam a capacidade intelectual dos negros, suas habilidades no campo literário e artístico, o que aponta para a tensão e contradição que marcavam as páginas da publicação.

Sabe-se que o preconceito racial afetava o ingresso de negros, mesmo qualificados, em empregos melhor remunerados, situação que se tornou ainda mais complexa com o aumento do fluxo migratório, pois frequentemente os empregadores optavam pelos estrangeiros. Esse foi o principal motivo para a crítica da FNB em relação à política governamental que incentivava a vinda de imigrantes ao Brasil, pelo mesmo motivo que, paradoxalmente, Arlindo Veiga elogiou a política racial nazista. Cabe lembrar que a exclusão dos ex-escravizados no mercado de trabalho no pós-abolição não fez parte da estratégia dos cafeicultores paulistas, à época os grandes responsáveis pela política de imigração subvencionada. A Frente criticava os imigrantes por se ressentir em relação aos benefícios governamentais concedidos a tal grupo, enquanto os negros brasileiros eram desvalorizados pelo Estado, as críticas também expressavam o receio quanto à reprodução do desamparo, patente desde o fim do regime escravista, ao que se somava o temor quanto à mudança na composição étnica do brasileiro, resultado da miscigenação. Mais de um teórico, ancorado numa leitura particular do darwinismo, chegou a pregar o desaparecimento do negro em algumas décadas, isso em função da suposta superioridade racial do branco, que acabaria por se impor nos cruzamentos interétnicos.

O discurso da *Voz* em prol da união dos negros, além de incentivar a organização da comunidade na luta coletiva por seus direitos, também convidava os afrodescendentes a ingressar na FNB, autorreferida como sua máxima representante. Dos membros era exigida total obediência à doutrina da entidade e qualquer desvio era punido com censuras públicas, como exemplificam as tentativas da Frente de se distanciar de indivíduos considerados imorais, com base no argumento de que a raça, em si, não tinha relação com atitudes desrespeitosas e imorais. Os comentários exasperados de frentenegrinos que acusavam outros afrodescendentes de traidores da raça, baseavam-se na ideia de que maus exemplos reforçavam os estereótipos negativos e, conseqüentemente, dificultavam a aceitação dos negros em ambientes dominados por brancos. Assim, as críticas morais aos negros exerciam dupla função: orientar o comportamento da comunidade e se diferenciar dos sujeitos considerados indignos.

CAPÍTULO 3

“Deus, pátria e família” no ideário fretenegrino

Este capítulo tem como objetivo analisar os três elementos que compõem o lema integralista, presente no cabeçalho da *Voz*. Trata-se de compreender as aproximações entre as ideias desenvolvidas pelos colaboradores do periódico e as propugnadas pelo integralismo e pelo patrianovismo, representado pelo presidente fretenegrino Arlindo Veiga. Para tal, foram perscrutados os textos escritos pela redação da *Voz*, artigos publicados por articulistas, imagens veiculadas, bem como identificadas referências, em outros periódicos de circulação concomitante, de aproximação da FNB com as doutrinas integralista e patrianovista. Por fim, tratou-se de comparar documentos oficiais desses movimentos que, aliados à análise historiográfica, permitiram identificar similaridades e diferenças entre eles.

Assim, na primeira parte do capítulo, analisa-se a proximidade entre o ideário da Frente Negra Brasileira e a AIB, por meio de declarações de apoio veiculadas na imprensa do período e, principalmente, com base em publicações no próprio periódico fretenegrino. Também é pertinente pontuar as conexões entre ambas as organizações e o patrianovismo, uma vez que Arlindo Veiga presidiu o movimento concomitantemente à sua liderança na FNB. Além disso, o posicionamento dessa última em relação ao fascismo adquire relevância, tendo em vista que a ideologia estava em plena ascensão na década de 1930 e inspirava diversas agremiações conservadoras pelo mundo.

Já a seção seguinte aborda as publicações do jornal em que os autores elaboraram conceitos acerca da pátria, como defesa de determinadas ideologias em detrimento de outras, críticas a modelos políticos específicos e posicionamentos em relação ao regime instaurado por Getúlio Vargas. As menções foram contabilizadas, bem como seus autores discriminados, a fim de compreender as diferenças nas concepções sobre a sociedade, política e economia brasileiras entre as duas fases do jornal, definidas por esta pesquisa. Para isso, considera-se a conjuntura do período, que envolvia conflitos entre grupos do espectro de esquerda e apoiadores do varguismo, discussões em torno da Assembleia Constituinte e das eleições presidenciais de 1938, não realizadas devido à instauração do Estado Novo em novembro de 1937. Assim, compreende-se a conexão entre as concepções de pátria defendidas pelo jornal com as do integralismo e o patrianovismo.

Por fim, examina-se como a abordagem acerca da religião e da família se inseriram nas discussões sobre a nação brasileira, assim, completa-se a análise de todos os elementos que constituem o lema integralista “Deus, pátria e família”. É fundamental observar que sua inserção no cabeçalho da *Voz* incluiu o termo “raça”, de forma que a questão esteve profundamente atrelada aos demais elementos do *slogan*. Dessa forma, observa-se a conexão

entre a população negra e a Igreja Católica para compreender sua influência nas concepções religiosas dos fretenegrinos. As concepções acerca da família negra incluíam a valorização do papel dos antepassados, tanto na história nacional quanto na luta pelo progresso do país, temas que se cruzavam com a religião.

3.1 Conexões entre a FNB e o integralismo (1932-1937)

Roger Bastide, em 1951, em obra canônica sobre a imprensa negra paulista, assinalou a aproximação da Frente Negra Brasileira com o fascismo,⁵⁹⁰ desde então, a entidade e seu jornal têm sido foco de diversos estudos no campo historiográfico. Alguns deles, como o célebre *A Imprensa Negra Paulista*, publicado em 1981 por Miriam Ferrara, embora traga contribuições significativas para a área, não menciona o aspecto identificado por Bastide.⁵⁹¹ Já outras obras, como *Freedoms Given, Freedoms Won* de Kim Butler e *Negros e brancos em São Paulo*, escrito por George Andrews, ambos de 1998, além de enfatizarem a presença do fascismo na FNB, mencionaram possíveis conexões com o integralismo.⁵⁹² Durante a primeira década do século XXI, semelhanças entre o ideário fretenegrino e integralista ganharam cada vez mais destaque nas discussões acadêmicas, como nas obras de Teresa Malatian,⁵⁹³ Petrônio Domingues,⁵⁹⁴ André Oliveira⁵⁹⁵ e Laianna de Oliveira.⁵⁹⁶ No segundo decênio deste século, destacam-se as produções de Matheus Dias⁵⁹⁷ e Ramatis Jacino⁵⁹⁸ por abordarem de forma direta a conexão com o fascismo e integralismo na FNB por meio de análises de trechos do jornal *A Voz da Raça*, buscando compreender as causas de tal aproximação.

Vê-se que a FNB e seu periódico foram amplamente examinados pela historiografia, seja na obra de Bastide, que há 70 anos reconheceu características fascistas na organização, seja há quase três décadas nas de Butler e Andrews, que insistiram na proximidade com o integralismo. Todavia, as extensões da proximidade entre a Ação Integralista Brasileira e a FNB ainda “permanecem desconhecidas, a não ser por relatos

⁵⁹⁰ BASTIDE, Roger. *Op. cit.*, p. 132-133.

⁵⁹¹ FERRARA, Miriam Nicolau., *Op. cit.*, 1986.

⁵⁹² BUTLER, Kim. *Op. cit.*; ANDREWS, George Reid. *Op. cit.*

⁵⁹³ As contribuições de Malatian enfatizaram também as influências do patrianovismo, representado pela liderança de Arlindo Veiga.

⁵⁹⁴ Domingues analisou o discurso da organização a partir das redes de sociabilidades na qual estava inserida, confrontando com a história do movimento negro e da imprensa produzida por esses indivíduos.

⁵⁹⁵ OLIVEIRA, André. *Op. cit.*

⁵⁹⁶ OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Op. cit.*

⁵⁹⁷ DIAS, Matheus Felipe Gomes. *Op. cit.*

⁵⁹⁸ JACINO, Ramatis. *Op. cit.*

esparços”.⁵⁹⁹ Até mesmo porque “são incipientes as pesquisas que abordam a relação entre o integralismo e a questão racial e menos ainda aquelas que buscam compreender as razões de parte da intelectualidade e lideranças negras terem integrado os quadros da AIB.”⁶⁰⁰ Entre os fatores que contribuíram para esse cenário, talvez se possa citar a dificuldade de acesso integral ao jornal *A Voz da Raça*, pois analisar o discurso fretenegrino apenas com base em poucos exemplares sobreviventes limitava a compreensão do todo. O desafio foi superado na última década com a criação do acervo digital da imprensa negra paulista pela Universidade de São Paulo, também acessível na Hemeroteca Digital Brasileira, que disponibiliza 66 das 70 edições do periódico. Todavia, falhas na digitalização e imperfeições nos exemplares originais prejudicam a busca por palavras-chave, a exemplo, o termo “integralismo”, localizando apenas uma, ainda que o tema seja tratado direta e indiretamente múltiplas vezes. Ou seja, é necessário percorrer suas 270 páginas disponíveis para compreender como o assunto foi tratado no periódico. Somado a isso, o tema revela-se complexo, uma vez que envolve o posicionamento da Frente em relação ao fascismo, integralismo, patrianovismo, à Igreja Católica e ao próprio movimento negro, sendo necessário elucidar o contexto político, social e econômico nacional, bem como internacional.

A década de 1920 foi um período de crise do capitalismo liberal em âmbito global, de forma que movimentos de extrema-direita fortaleceram-se em meio à instabilidade, com discursos sobre a necessidade de restaurar a ordem, tal qual o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, fundado em 1920, e o Partido Nacional Fascista de 1921. Ambos defendiam a necessidade de um Estado autoritário, fortemente hierarquizado, antidemocrático, antiliberal e insistiam na importância do nacionalismo. Essas características estão presentes nos ideais propagados pela Ação Imperial Patrianovista Brasileira (AIPB), criada em 1928 por Arlindo Veiga. A crise mundial de 1929 decorrente da queda da bolsa de valores de Nova York em 24 de outubro, desencadeou o colapso das oligarquias exportadoras brasileiras, frente à queda abrupta do preço do café, nosso principal produto. Outras consequências da crise foram o alto índice de desemprego, diminuição do poder de compra da população, instabilidades sociais e políticas.

De forma geral, o intervencionismo estatal na economia destacava-se cada vez mais como alternativa ao sistema anterior, inclusive no Brasil.⁶⁰¹ Esse cenário contribuiu para a

⁵⁹⁹ MALATIAN, Teresa. *Memória e contra-memória da Frente Negra Brasileira*. Op. cit., p. 9.

⁶⁰⁰ JACINO, Ramatis. Op. cit., p. 4.

⁶⁰¹ LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. Revolução de 1930 e República Nova (1930-1937): Vargas e a sua “herança”. In: LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 647-649.

tomada do poder por Getúlio Vargas em 3 de outubro de 1930, que pôs fim à República Oligárquica ao impedir Júlio Prestes, candidato paulista eleito, a assumir a presidência,⁶⁰² o que representou a convergência de forças políticas que se opunham à hegemonia de São Paulo.⁶⁰³ O regime caracterizou-se pela interferência do Estado na economia e pelo fortalecimento do militarismo, aliado à remodelação da máquina burocrática estatal, com a perda de protagonismo das elites empresariais, oligárquicas e industriais,⁶⁰⁴ de São Paulo, por ser um dos principais centros econômicos do país, abrigava grande parte desses grupos, o que tornou a região um destacado polo de oposição ao Governo Provisório.

A Revolta Constitucionalista de 9 de julho de 1932 foi uma resposta a tal conjuntura, encabeçada por líderes do PRP, do Partido Democrático e oligarquias paulistas a favor do cumprimento dos princípios federalistas estabelecidos pela Constituição de 1891.⁶⁰⁵ Em meio ao conflito, cerca de 2 a 3,5 mil afrodescendentes reunidos em torno da Legião Negra alistaram-se em batalhões constitucionalistas⁶⁰⁶ e em razão do estímulo à participação de fretenegrinos, criou-se embate com a FNB.⁶⁰⁷ Isaltino Veiga, em carta de apoio enviada a Getúlio Vargas, publicada em 12 de outubro de 1932, informou, poucos dias após o presidente suprimir a revolta, que logo após o início do movimento, o presidente da FNB dirigiu-se à sede, convocou os membros do Grande Conselho e juntos definiram que a organização posicionava-se contra o levante,⁶⁰⁸ o que está em sintonia com o ingresso da Frente no Clube 3 de Outubro, em 29 de março daquele ano.⁶⁰⁹ O posicionamento da FNB motivou censuras à entidade por parte dos constitucionalistas,⁶¹⁰ enquanto para Isaltino se tratava de uma atitude nacionalista a favor da ordem. Mesmo assim, alguns fretenegrinos participaram da Legião

⁶⁰² As eleições de 1930 ocorreram em primeiro de março, Getúlio Vargas com João Pessoa como vice concorreu pelo Partido Aliança Liberal, enquanto Júlio Prestes e Vital Soares foram candidatos pelo Partido Republicano Paulista (PRP). Em: *Idem*, p. 640.

⁶⁰³ *Idem*, p. 644.

⁶⁰⁴ *Idem*, p. 659.

⁶⁰⁵ *Idem*, p. 666.

⁶⁰⁶ DOMINGUES, Petrônio. “Os ‘Pérolas Negras’: A participação do negro na Revolução Constitucionalista de 1932”. *Afro-Ásia*, n. 29-30, p. 233-234, 2003.

⁶⁰⁷ SANTOS, Isaltino Veiga dos. A Frente Negra de S. Paulo e a contrarrevolução. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 133, p. 7, 18 out. 1932.

⁶⁰⁸ *Idem*.

⁶⁰⁹ POLÍTICA. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 647, p. 5, 30 mar. 1932.

⁶¹⁰ OLIVEIRA, Laiana Lannes de. Entre a miscigenação e a multirracialização, *Op. cit.*, p. 104.

Negra,⁶¹¹ a exemplo de Vicente Ferreira,⁶¹² como também pertenceram a outros batalhões na luta armada contra o governo, tal qual Francisco Lucrécio.⁶¹³

Além da revolta paulista, o ano de 1932 marcou a cisão da Frente Negra, com a saída da ala à esquerda, o que possibilitou que, meses mais tarde, a organização apoiasse a Ação Integralista Brasileira.⁶¹⁴ Dessa forma, a breve experiência da FNB enquanto frente única restringiu-se ao período de setembro de 1931 a fevereiro de 1932, tendo em vista a subsequente defesa cada vez mais explícita de ideais do campo da direita.⁶¹⁵ O presidente fretenegrino Arlindo Veiga é apontado pela historiografia como o principal responsável pela mudança, pois além de também presidir o patrianovismo, movimento monarquista católico e conservador, colaborava com as mesmas revistas antiliberais e anticomunistas da década de 1930 de Plínio Salgado, com quem compartilhava visões similares sobre a sociedade e a política.⁶¹⁶ Não sem motivo a Ação Patrianovista integrou a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), criada em 1932 por Plínio Salgado e considerada a gênese do integralismo, na qual congregava pensadores e grupos de extrema-direita em prol de pesquisas e discussões sobre as possíveis soluções para os problemas nacionais.⁶¹⁷

Essa proximidade entre os dois movimentos foi documentada pela imprensa do período, por meio de entrevistas e comunicados promovidos por lideranças fretenegrinas, em notícias sobre eventos em que integralistas e membros da FNB compareceram, bem como em artigos opinativos sobre os posicionamentos políticos da Frente. A tabela abaixo apresenta os resultados obtidos mediante pesquisa por palavras-chave na Hemeroteca Digital Brasileira,

⁶¹¹ WEINSTEIN, Bárbara. *A Cor da Modernidade: A branquitude e a formação da identidade paulista*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2022, p. 246.

⁶¹² NASCIMENTO, Deocleciano. Contrassensos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 44, p. 2, 29 dez. 1934.

⁶¹³ Fez parte do Batalhão General Osório no levante constitucionalista de 1932. Posteriormente, em 1934 e 1937 como integrante da Associação dos Ex-Combatentes de São Paulo, formada por membros fundadores e soldados do movimento constitucionalista, participou de festividades em comemoração ao dia 9 de julho e o dia 21 de abril. Ver: FESTEJANDO o 21 de abril: a associação dos ex-combatentes patrocinou ontem entusiástica sessão cívica. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 5, n. 1478, p. 8, 22 abr. 1937; ASSOCIAÇÃO dos ex-combatentes de São Paulo. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 81, n. 24013, p. 12, 8 jul. 1934.

⁶¹⁴ Inclusive, Laiana de Oliveira aponta que o patrianovismo contribuiu para a fundação da AIB. Em: OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *A Frente Negra Brasileira*. *Op. cit.*, p. 106.

⁶¹⁵ As raízes históricas da direita brasileira remetem ao período imperial, em que autoritarismo oligárquico e hierarquizado, baseavam a política nacional, de forma que mesmo os partidos liberal e conservador representavam interesses de grupos sociais semelhantes. Entre os anos 1920 e a década de 30, durante o governo Vargas, a direita brasileira dividia-se entre três núcleos: o autoritarismo nacional cientificista, herdeiro do pensamento positivista; a direita católica e a fascista, a exemplo do integralismo, inspirado no fascismo italiano. Em: TRINDADE, Hêlgio. *Op.cit.*; CARVALHO, José Murilo. *A construção da Ordem: A Elite Política Imperial*. Brasília: Ed UnB, 1981.

⁶¹⁶ MALATIAN, Teresa. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. *Op. cit.*, p. 99-110.

⁶¹⁷ NETO, Odilon Caldeira. Miguel Reale e o integralismo: entre a memória militante e as disputas políticas. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, PR, v. 11, n. 126, p. 179, nov. 2011.

pela combinação dos termos “Frente Negra Brasileira” com: fascismo; fascista; integralismo; integralista; AIB; Ação Integralista Brasileira e Plínio Salgado.⁶¹⁸

Tabela 10. Menções sobre a aproximação da FNB com integralismo (1932-1937)

Data	Periódico/local	Edição	Página	Título da matéria
7/11/32	A Noite (RJ)	7528	9	A Ação integralista brasileira realizou sua primeira reunião pública
	O Radical (RJ)	153	1	Traçando novos rumos às forças vivas do povo paulista
11/11/32	A Tribuna (SP)	228	3	Movimento associativo Frente Negra Brasileira
12/11/32	A Batalha (RJ)	893	1	O ponto de vista da Frente Negra Brasileira de S. Paulo em face do atual momento nacional
22/11/32	O Radical (RJ)	167	11	A Frente Negra Brasileira e o Congresso Revolucionário
27/11/32	Correio da Manhã (RJ)	11650	3	Frente Negra Brasileira de Santos
25/12/32	O Radical (RJ)	140	5	De S. Paulo
14/2/33	Correio de S. Paulo (SP)	210	2	Ação integralista vai disputar as eleições constituintes
27/5/33	Homem Livre (SP)	1	3	Frente Negra, problema do negro, fascismo e as conclusões de Stoddard
3/6/33		2	1-2	Como o “duce” integralista viu a Itália Fascista
			4	Frente Negra “união política e social da raça”
14/8/33		11	1-2	Na barrafunda do fascismo brasileiro
21/10/33		17	2	Depois da parada
2/1/34		21	1	Guerra de camisas
11/33	A Ordem (RJ)	41	1-12	1932-1933
14/10/35	A Manhã (RJ)	147	3	O negro e o fascismo

Fonte: *A Noite*, (RJ, 1932); *O Radical*, (RJ, 1932); *A Tribuna*, (SP, 1932); *A Batalha*, (RJ, 1932); *Correio da Manhã*, (RJ, 1932); *Correio de S. Paulo*, (SP, 1933); *Homem Livre*, (SP, 1933-1934); *A Ordem*, (RJ, 1933); *A Manhã*, (RJ, 1935). Tabela produzida pela autora.

Em momentos anteriores à circulação da *Voz da Raça*, os seguintes jornais da capital já indicavam a proximidade entre a FNB e AIB: *A Noite* (RJ, 1911-1957), *O Radical* (RJ, 1932-1943), *A Batalha* (RJ, 1929-1940) e *Correio da Manhã* (RJ, 1901-), assim como em São Paulo assinalavam o fato os periódicos *A Tribuna* (SP, 1894-) e *Correio de S. Paulo* (SP, 1932- 1937).⁶¹⁹ Após a criação do jornal frentenegrino, encarregaram-se de comentar o tema o *Homem Livre* (SP, 1933-1934), *A Ordem* (RJ, 1921-) e *A Manhã* (RJ, 1925-1953). Cinco do

⁶¹⁸ Como comentado anteriormente, a ferramenta de buscas, ainda que útil ao trabalho do pesquisador, está sujeita a falhas por diversos motivos, um deles é pela capacidade da linguagem referir-se a algo de forma implícita, de forma que possivelmente outras publicações trataram do tema, porém não foram identificadas neste levantamento.

⁶¹⁹ É digno de nota que a FNB veiculava anúncios de eventos na *Tribuna*, no *Correio de S. Paulo* e n’*O Radical*.

total de quatorze menções ocorreram em novembro de 1932, um mês após a criação da AIB, momento em que a entidade se organizava e buscava aliados. Ademais, nesse mesmo período, os jornais divulgavam amplamente o Congresso Revolucionário, realizado entre os dias 15 e 24 daquele mês no Rio de Janeiro, organizado pela Legião Cívica 5 de Julho, formada por tenentes de orientação socialista, que se posicionavam contra o governo provisório. Logo, o cenário político brasileiro pós-Revolta Constitucionalista continuava marcado por forças antagônicas, motivo pelo qual os posicionamentos políticos de Arlindo Veiga – chefe da maior organização negra do período – geraram embates com opositores e até mesmo no seio da própria organização.

A primeira conexão que se tem registro entre o integralismo e a FNB encontra-se no discurso de Arlindo Veiga, em nome da organização, em assembleia promovida pela AIB no Teatro Municipal de São Paulo em seis de novembro de 1932, noticiada no dia seguinte por dois jornais da capital, *A Noite*⁶²⁰ e *O Radical*.⁶²¹ Estavam presentes Plínio Salgado e Ataliba Nogueira, representante do patrianovismo no evento. Segundo *O Radical* “todos os oradores declararam, sob respeitosos aplausos, ser preciso mover guerra contra todos os velhos partidos políticos e manter o puro pensamento revolucionário,⁶²² nacionalização das escolas, da imprensa e do cinema”.⁶²³ O encontro evidenciou a convergência entre a AIPB, AIB e FNB, com seus representantes reunidos em prol de ideais semelhantes,⁶²⁴ ou seja, criticavam a democracia liberal e o comunismo, ao passo que valorizavam o “nacionalismo integral”⁶²⁵ em todas as áreas da vida social, política e econômica brasileiras. Além disso, o cristianismo exercia influência significativa nas três organizações, inclusive *A Noite*, ao noticiar a assembleia integralista, definiu a AIB como “um partido fascista católico”.⁶²⁶ Outro aspecto relevante é a defesa do Estado orgânico,⁶²⁷ tanto pelo integralismo quanto por Arlindo Veiga,

⁶²⁰ A AÇÃO integralista brasileira realizou sua primeira reunião pública. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 7528, p. 9, 7 nov. 1932.

⁶²¹ TRAÇANDO novos rumos às forças vivas do povo paulista. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, 153, p. 1, 7 nov. 1932.

⁶²² O termo “revolucionário” foi utilizado no período por distintos grupos políticos como sinônimo de apoio a mudanças profundas na sociedade de forma geral, mesmo por aqueles que defendiam posicionamentos conservadores em outros aspectos.

⁶²³ TRAÇANDO novos rumos às forças vivas do povo paulista. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, 153, p. 1, 7 nov. 1932.

⁶²⁴ Em determinada ocasião, a AIPB comentou sua proximidade com o integralismo “ambos tendo ideais comuns, sociam-se mutuamente, Patria-Nova, sendo, porém, um integralismo mais ‘integral’, mais completo”. Em: INTEGRALISMO e patrianovismo. *O Império*, Fortaleza, CE, ano 3, n. 23, 20 jan. 1934, p. 5

⁶²⁵ Princípio era assim denominado pelos próprios patrianovistas, integralistas e frentenegrinos.

⁶²⁶ A AÇÃO integralista brasileira realizou sua primeira reunião pública. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 7528, p. 9, 7 nov. 1932.

⁶²⁷ O Estado Orgânico garante o desempenho adequado das instituições sociais, sendo que algumas prerrogativas tornam-se responsabilidade dos indivíduos e coletivos, de maneira que estes adquirem maior autonomia em

presidente da AIPB⁶²⁸ e da FNB. Segundo entrevista concedida ao jornal *A Batalha* em 12 de novembro de 1932, a Frente era favorável à sindicalização bem como ao Estado orgânico com autoridade forte e que “para a realização deste pensamento, a Frente Negra Brasileira, unir-se-á às demais correntes já formadas, e que estão se formando em São Paulo, para a defesa das mesmas ideias – A Ação Integralista Brasileira, o Patrianovismo etc.”⁶²⁹

Contudo, dez dias após a declaração de seu irmão, em 22 de novembro de 1932, Isaltino Veiga o contradisse, pois negou quaisquer vínculos entre a FNB com o patrianovismo ou a AIB. Assegurou que a organização se associava apenas com o Clube 3 de Outubro, mas afirmou que os membros poderiam participar de outras associações, desde que não contrariassem a finalidade orgânico-nacionalista da Frente.⁶³⁰ Mesmo que Isaltino negasse a relação da FNB com o integralismo, no mês seguinte, em entrevista para o mesmo jornal, demonstrou sua admiração por Plínio Salgado ao defini-lo como “grande chefe nacionalista”.⁶³¹ Além disso, a FNB e a Ação Patrianovista apoiaram a candidatura da AIB à Assembleia Constituinte mesmo antes da definição de candidatos.⁶³² Os episódios mencionados atestam a defesa do programa integralista por Arlindo Veiga logo nos primeiros meses de criação do movimento, a ponto de declarar que a Frente e o integralismo defendiam os mesmos ideais. Assim, a negação revela-se como um mero artifício discursivo – possivelmente para evitar críticas – posto que demonstrações de apoio não cessaram após a declaração.

A manobra de Isaltino não impediu conflitos no interior da organização e, em 11 de novembro de 1932, o jornal *A Tribuna* noticiou que a Frente santista contou com a presença de Plínio Salgado em evento.⁶³³ É digno de nota que o então representante oficial da FNB de

relação ao modelo tradicional de governo. Essa forma de Estado não é necessariamente autoritária, mas adquire essa característica no discurso fascista, integralista, fretenegrino e patrianovista. Para esses movimentos, além da definição geral de Estado Orgânico, defende-se a hierarquia e o unipartidarismo inspirado no corporativismo, divergindo do parlamentarismo democrático. Exemplos do estatismo orgânico fascista são o Estado Novo português, tendências corporativas no fascismo italiano e no franquismo espanhol. Em: ARAQUE, Carlos Henrique Sosa. *O paradigma orgânico e seus reflexos no indivíduo, na sociedade, no Estado e nas organizações*. 2000. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000, p. 106; BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Op. cit.*, p. 102.

⁶²⁸ Ver: PROGRAMA patrianovista estabelecido em 1928: IV. nova divisão administrativa - concentração política e descentralização administrativa. Capital no centro do império. Monarquia, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 8; ESTATUTOS da Ação Integralista Brasileira. *A Razão*, Pouso Alegre, MG, ano 1, n. 3, p. 1-2, 16 abr. 1936.

⁶²⁹ O PONTO de vista da Frente Negra Brasileira de S. Paulo em face do atual momento nacional. *A Batalha*, Rio de Janeiro, n. 893, ano 4, p. 1, 12 nov. 1932.

⁶³⁰ A FRENTE Negra Brasileira e o Congresso Revolucionário. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 167, p. 11, 22 nov. 1932.

⁶³¹ DE S. Paulo. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, 140, p. 5, 25 dez. 1932.

⁶³² AÇÃO integralista vai disputar as eleições constituintes. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 1, n. 210, p. 2, 14 fev. 1933.

⁶³³ MOVIMENTO associativo Frente Negra Brasileira. *A Tribuna*, Santos, SP, ano 38, n. 228 p. 3, 11 nov. 1932.

Santos, Alberto Orlando, foi orador e membro do conselho que redigiu os Estatutos da FNB paulistana, lidos dia 12 de outubro em assembleia,⁶³⁴ momento que oficializou as medidas autoritárias de Arlindo Veiga. Contudo, em 27 de dezembro de 1932, *O Correio da Manhã* informou que em visita à sede do jornal, o delegado da FNB de Santos, Lauro Barbosa, comunicou a desassociação do núcleo em relação a sua, até então, sede de São Paulo, devido aos posicionamentos de Arlindo Veiga, elogiosos ao patrianovismo e integralismo, pois a unidade santista seria formada por “negros revolucionários”.⁶³⁵ Logo, pela segunda vez em menos de um ano, a FNB perdeu membros por divergirem ideologicamente da liderança, o que no último caso relatado envolveu a extinção do controle sob a mais antiga das duas únicas delegações frentenegrinas⁶³⁶ em atividade.⁶³⁷

Nesse contexto conturbado, em 18 de março de 1933, foi criado o jornal *A Voz da Raça*, com o lema “Deus, Pátria, Raça e Família”, sempre estampado no seu cabeçalho. Arlindo Veiga é apontado pela historiografia como responsável pela inserção da máxima,⁶³⁸ símbolo da proximidade da FNB com o ideário integralista, firmada em momentos anteriores ao início da circulação do periódico. Portanto, a partir de 1933, a FNB se defendeu, por meio de seu jornal, das críticas veiculadas na imprensa, ao mesmo tempo que os colaboradores, principalmente os líderes, argumentavam a favor dos ideais da entidade e da importância da coesão interna, de forma que esse canal de comunicação direto com os membros provavelmente colaborou para que, de 1933 em diante, não ocorressem mais cisões na entidade.

Ao mesmo tempo em que os problemas internos da FNB se resolviam, novos conflitos externos se configuravam, a exemplo das críticas tecidas pelo jornal *Homem Livre* (SP, 1933-1934), porta-voz da Frente Única Antifascista. Entre os periódicos localizados pela pesquisa por palavras-chave (ver Tabela 13), ele foi o único que censurou a aproximação da FNB com ideologias de extrema-direita, aliás, desde seu primeiro número. O jornal censurava o apoio da Frente aos “governos fortes de Hitler e Mussolini, combatendo até com

⁶³⁴ ESTATUTOS da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 3, 15 abr. 1933.

⁶³⁵ Representantes da Frente santista participaram do Congresso Revolucionário, iniciado em 15 de novembro, evento no qual Arlindo Veiga esteve presente representando a FNB, porém retirou-se antes do término, ocasião em que foi fundado o Partido Socialista Brasileiro (1932-1937). Em: FRENTE Negra Brasileira de Santos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 31, n. 11650, p. 3, 27 nov. 1932; GRANDE Congresso Revolucionário. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, ano 31, n. 11648, 25 nov. 1932.

⁶³⁶ Para informações sobre as sub-sedes da FNB consultar o primeiro capítulo.

⁶³⁷ A FNB de Santos foi fundada em 22 de novembro de 1931, e a de Campinas em 13 de março de 1932. Ver: FRENTE Negra Brasileira. *Diário Nacional*, São Paulo, ano 4, n. 1316, p. 5, 22 nov. 1931; EM Campinas. *Diário Nacional*, São Paulo, ano 6, n. 1413, p. 5, 18 mar. 1932.

⁶³⁸ MALATIAN, Teresa Maria. *Op. cit.*, 2001, p. 99-110; BUTLER, Kim D. *Op. cit.*, p. 117.

propaganda literária do monarquismo (patrianovista), os governos fracos ‘liberais-democráticos’ (a mesma cantiga do integralismo). São pela política de raça, talvez como se pratica na Alemanha hoje.”⁶³⁹ Em outro artigo, o jornal afirmou que a Frente “já se estendeu em capacho até os palácios dos governos, e aí estabelece suas ligações com o integralismo atalibano”, referente a Ataliba Nogueira, patrianovista que esteve presente em eventos mencionados na última tabela junto a integralistas.⁶⁴⁰ O mesmo periódico declarou, ainda, a pobreza intelectual do fascismo brasileiro, referindo-se ao integralismo e ao patrianovismo. Por fim, a última menção encontrada indica que Arlindo Veiga publicou em periódico integralista, não nomeado, sobre o pioneirismo do uniforme da milícia patrianovista.⁶⁴¹

A *Voz* não rebateu diretamente essas críticas, embora Arlindo Veiga não se calasse diante de outras que desaprovavam a organização, como relativas à influência da sua ideologia patrianovista no programa de atuação frentenegrino. No porta-voz, o chefe escreveu três textos sobre o assunto, enquanto a redação encarregou-se de dois e o conselheiro Olavo Xavier redigiu um. No terceiro número, Veiga declarou que “atacar-se a FNB por causa de ser eu, com toda honra, patrianovista, como com toda honra sou frentenegrino (por ser negro brasileiro) — é estupidez e má-fé, pois o Patrianovismo começou três anos antes da FNB, isto é, em 1928”.⁶⁴² Ainda na mesma edição, o redator Deocleciano Nascimento transcreveu entrevista do chefe concedida para o jornal *A Plateia*, em 26 de janeiro de 1933, onde foi categórico em declarar que “nada há entre a F.N.B e a Ação Imperial Patrianovista”, pois a orientação política da FNB era “puramente republicana”, baseada no sindicalismo cristão e no repúdio ao liberalismo democrático.⁶⁴³ Para enfatizar que os membros não eram manipulados pelo patrianovismo, os números quatro e cinco do jornal estamparam abaixo-assinado com rubrica de integrantes que concordavam “com os irmãos Veiga dos Santos na direção da Frente Negra Brasileira, assim como dos demais diretores”.⁶⁴⁴ Com base na relativa estabilidade interna alcançada pela Frente Negra a partir de 1933, pode-se afirmar que os frentenegrinos restantes pertenciam a duas categorias: os concordavam com os ideais de Veiga

⁶³⁹ FRENTE Negra “união política e social da raça”. *Homem Livre*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 4, 3 jun. 1933.

⁶⁴⁰ MOVIMENTO associativo Frente Negra Brasileira. *A Tribuna*, Santos, SP, ano 38, n. 228 p. 3, 11 nov. 1932.; A AÇÃO integralista brasileira realizou sua primeira reunião pública. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 7528, p. 9, 7 nov. 1932; TRAÇANDO novos rumos às forças vivas do povo paulista. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, 153, p. 1, 7 nov. 1932.

⁶⁴¹ GUERRA de camisas. *Homem Livre*, São Paulo, ano 2, n. 21, p. 1, 2 jan. 1934.

⁶⁴² SANTOS, Arlindo Veiga dos. Alerta! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1933.

⁶⁴³ A FRENTE Negra Brasileira e o Patrianovismo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1933.

⁶⁴⁴ PROTESTO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 4, 8 abr. 1933; PROTESTO. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 2, 15 abr. 1933.

ou os que adotavam ideologias divergentes, porém, em prol da união dos negros, independente de suas visões políticas, permaneciam na entidade. Contudo, com o abaixo-assinado se pretendia negar a influência dos ideais do presidente entre os membros, pois os assinantes concordaram com a seguinte afirmação: “nada temos a ver com a ideologia política do Dr. Arlindo Veiga dos Santos”,⁶⁴⁵ contraditoriamente, entre os signatários estavam os patrianovistas José Bueno Feliciano⁶⁴⁶ e Salathiel Campos.⁶⁴⁷ Também assinaram fretenegrinos que em suas colaborações para a *Voz* defenderam ideais semelhantes aos de Veiga, caso de Pedro Paulo Barbosa, Raul Amaral, Jayme de Aguiar e Olavo Xavier. O último, ainda que classificasse o regime monarquista como passadista, ponderou: “o negro pode pensar politicamente como lhe convenha, contanto que não convenha a Moscou”.⁶⁴⁸ Afinal, entre os críticos da FNB havia a Frente Negra Socialista, criada em julho de 1933, que acusava a primeira de ser formada por negros monarquistas.⁶⁴⁹

O apoio declarado de Arlindo Veiga ao patrianovismo, em nome da FNB,⁶⁵⁰ evidencia a tentativa de disseminar sua ideologia entre os fretenegrinos, ainda que na *Voz*, em resposta aos opositores, negasse veementemente. A partir da análise do periódico identifica-se diversos colaboradores que propagavam ideais semelhantes aos de Veiga, de forma que para compreender a aproximação da organização com a AIB, é necessário mapear todas as menções, diretas ou indiretas no jornal. Também são significativas as referências ao fascismo italiano, uma vez que o integralismo é considerado sua versão brasileira.⁶⁵¹ A tabela a seguir apresenta os autores que abordaram os assuntos e quantidade de publicações segundo as fases do jornal apresentadas no primeiro capítulo.

Tabela 11. Referências diretas ao integralismo e ao fascismo na *Voz*

Quantidade/Autoria(s)	Publicações por autor	Primeira fase (3/33-8/35)	Segunda fase (9/35-11/37)
(1) Arlindo Veiga	4	4	—
(4) Castelo Alves, Salti, Olavo Xavier, Viriato Corrêa	1	1	—
(4) Francisco Lucrécio, Imil	1	—	1

⁶⁴⁵ *Idem.*

⁶⁴⁶ Ver: MOCIDADE gloriosa. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 1, 11 mai. 1935.

⁶⁴⁷ Jornalista e redator do Correio Paulistano, colaborou para a fundação da AIPB. Ver: MALATIAN, Teresa. *O tradicionalismo monarquista (1928-1945)*. *Op. cit.*, p. 79.

⁶⁴⁸ XAVIER, Olavo. Análise fria. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 17, p. 3, 15 jul. 1933.

⁶⁴⁹ É O cúmulo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 1, 20 jan. 1934.

⁶⁵⁰ O PONTO de vista da Frente Negra Brasileira de S. Paulo em face do atual momento nacional. *A Batalha*, Rio de Janeiro, n. 893, ano 4, p. 1, 12 nov. 1932.

⁶⁵¹ TRINDADE, Hégio. *Op. cit.*

Acarat, Pedro Paulo Barbosa, Raul Amaral			
Total	12	8	4

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

Embora a historiografia enfatize a figura de Arlindo Veiga no que se refere à proximidade da FNB com o integralismo e o fascismo, a tabela acima identifica, além dele, outros oito indivíduos, e o total de doze textos sobre o assunto, 75% deles na primeira fase do jornal, aspecto possivelmente influenciado pelo fato da liderança declarar abertamente apoio ao integralismo entre 1932 e 1933. Por esse motivo, nota-se a preponderância de Veiga na abordagem do tema, com quatro contribuições, correspondentes a um terço dos escritos, todas veiculadas durante a primeira fase do jornal. Entre os outros autores estavam os conselheiros Olavo Xavier, Pedro Paulo Barbosa e Raul Amaral, os dois últimos, inclusive, foram chefes da milícia fretenegrina,⁶⁵² logo, lidavam constantemente com questões relacionadas à hierarquia e autoridade, também prezadas pelo movimento integralista. Mesmo que a liderança de Arlindo Veiga tenha influenciado posicionamentos políticos de fretenegrinos, estes, por vezes, apresentaram, nas suas contribuições para o periódico, análises específicas e particulares sobre a política brasileira. Assim, para compreender a proximidade da FNB com o integralismo e fascismo italiano é necessário voltar-se para os sujeitos que colaboraram na *Voz* para além de Veiga, sem desconsiderar sua influência.

Como visto anteriormente, grupos contemporâneos à FNB do espectro de esquerda identificavam aspectos fascistas em seu discurso, reiterados pela historiografia desde 1951 sobre a imprensa paulista. Cabe, dessa forma, compreender como a própria organização abordava o assunto. Entre as publicações mencionadas na tabela acima, nove trataram sobre o fascismo, cinco na primeira fase, sendo quatro textos de Arlindo Veiga e um de Castelo Alves, enquanto no segundo momento do periódico colaboraram uma única vez: Imil Acarat, Raul Amaral, Pedro Paulo Barbosa e Francisco Lucrécio. A primeira menção coube a Castelo Alves, que assegurou “nós os negros não queremos dominar, não queremos ser fascistas, queremos apenas o nosso direito e o nosso lugar na comunhão nacional”.⁶⁵³ Contudo, no mês seguinte, Arlindo Veiga o contradisse ao comparar a luta dos afrodescendentes por seus direitos a um símbolo fascista: “lembremo-nos da lição do feixe de varas, o inimigo está

⁶⁵² MILÍCIA Fretenequina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 3, 8 abr. 1933. GRANDE festival de aniversário do grupo “Rosas Negras”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 41, p. 4, 11 ago. 1934.

⁶⁵³ ALVES, Castelo. Flores do Campo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 6, 6 mai. 1933.

tentando desmanchar o feixe para dominar”.⁶⁵⁴ Na mesma linha, em outro artigo, Veiga foi categórico: “contra as tramas dos inimigos da pátria, os verdadeiros brasileiros são SÓ BRASILEIROS: não há negros, não há brancos, não há fretenegrinos, não há chapa única, não há patrianovista, não há fascista, HÁ SÓ BRASILEIROS”.⁶⁵⁵ A frase pressupõe a existência de dois grupos opostos, um formado pelos “inimigos da pátria”, tal qual os comunistas, na visão de Veiga, e outro constituído por “verdadeiros brasileiros”, como fretenegrinos, patrianovistas e fascistas, unidos contra o rival em comum. Novamente, em outro texto, Veiga demonstrou sua admiração pelo fascismo, ao declarar:

Nações que se prezam, que têm uma doutrina nova e séria como a Itália e a Alemanha atuais, não podem permitir que uns pândegos da democracia liberal, os bobões que até hoje vivem gritando os "imortais princípios" da revolução francesa, os socialistas anarquizadores e os comunistas criminosos preguem libertariamente a sua estupidez.⁶⁵⁶

É evidente a defesa da censura estatal no trecho, reforçada no elogio subsequente à queima de livros pela Alemanha nazista,⁶⁵⁷ a ponto de recomendar que o Brasil se inspirasse e implantasse medida similar. Por fim, no seu último comentário sobre o assunto, Veiga definiu as nações fortes politicamente, em razão da disciplina e por não serem governados pela democracia liberal, como a Itália, Portugal e Alemanha,⁶⁵⁸ que tinham em comum o autoritarismo estatal e o culto aos líderes, respectivamente Mussolini, António de Oliveira Salazar e Hitler. É evidente que Arlindo Veiga admirava ideologias autoritárias de extrema-direita, como o fascismo, e que enquanto presidente da FNB a guiava partindo desse princípio, ao que indica suas publicações na *Voz*.

Já Justiniano Costa, o sucessor na presidência a partir de agosto de 1934, assinou apenas quatro textos para o jornal e neles não há defesa do autoritarismo, indicativo da mudança de rumos da entidade. Com a transformação da FNB em partido político, em setembro de 1935 iniciou-se a segunda fase da *Voz*, a partir da edição 49, momento em que Veiga não mais tratou do assunto, ao passo que outros membros opinaram, tanto contra, mas

⁶⁵⁴ O termo “fascismo”, cunhado por Benito Mussolini, advém de *fascio littorio*, machados empunhados pelos lictores na Roma Antiga, constituídos por longos cabos reforçados por diversas varas amarradas ao redor, formando um feixe. Eram usados em cerimônias oficiais em representação ao poder, autoridade e hierarquia. O fascismo adotou esse feixe de varas como símbolo da coesão de um grupo em torno de um líder e dos mesmos ideais. Em: KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 63.

⁶⁵⁵ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Resposta a um boletim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 27, p. 1, 9 dez. 1933.

⁶⁵⁶ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Fogo neles!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 1, 6 jan. 1934.

⁶⁵⁷ *Idem*.

⁶⁵⁸ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Povos que mandam e povos que obedecem. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 40, p. 1, 7 jul. 1934.

principalmente, a favor do fascismo. Imil Acarat criticou o comunismo, fascismo “e tantos outros ismos” no Brasil, por serem, segundo o autor, resultados da influência estrangeira.⁶⁵⁹ Por outro lado, Raul Amaral considerava que as nações, de forma geral, alimentavam expectativas em relação aos “super-homens”,⁶⁶⁰ que as conduziriam à “verdadeira independência”. Ainda para o autor, os países que preconizavam uma autocracia,⁶⁶¹ se organizavam, preparavam e adestravam econômica, física e intelectualmente, em vista de fortalecer o “espírito-uno”, ideia que remete ao conceito de feixe de varas mencionado por Veiga.⁶⁶² No mesmo sentido, Pedro Paulo Barbosa opinou:

A Itália de ontem vivia a vida da desorganização, sofrendo consequência das revoluções contínuas dos pequenos estados e a consequente descentralização do que se possa exprimir por pátria. Nos tempos de hoje vive a Itália de Mussolini, a nova organização de vida, o novo conceito de pátria, a nova escola do patriotismo renovador e onde cada cidadão forma uma forte e indestrutível pilastra em que repousa a tranquilidade do país. [...] E a Alemanha vem na mesma ordem, trilhando o mesmo caminho. Educando e preparando o espírito do seu povo.⁶⁶³

Na mesma publicação, o chefe da milícia fretenegrina, formada principalmente por jovens, entusiasmou a mocidade ao apontar sua importância na manutenção de regimes políticos e do progresso do país, inclusive no caso dos governos europeus autocráticos, apreciados por Pedro Barbosa. Por fim, Francisco Lucrécio, na segunda fase do periódico, fez o último comentário sobre o assunto, no qual afirmou que o programa traçado pela FNB não era influenciado por extremismos como o comunismo e o fascismo, “que só serviam para ampliar a confusão”, além disso, a entidade seria contra regimes que escravizavam povos, raças e nações.⁶⁶⁴ Isaltino Veiga, no jornal *A Manhã* de outubro de 1935, também negou a associação da FNB com tais movimentos, pontou: “querem ainda FASCISTIZAR o negro, mas não conseguiram os agentes do Duce, inclusive o Sr. Plínio Salgado”.⁶⁶⁵ Contudo, entre as publicações da *Voz* que abordaram o fascismo prevaleceram opiniões favoráveis ao regime, em sete dos nove textos, sendo a maioria produzidos pelo próprio presidente da organização.

⁶⁵⁹ ACARAT, Imil. Questão de brasilidade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 50, p. 3, 31 dez. 1935.

⁶⁶⁰ Conceito filosófico que remete à Friedrich Nietzsche, de modo geral, representa um indivíduo que supera seus próprios limites e valores tradicionais como “bem” e “mal”. Durante o fascismo, o resgate da ideia deu-se de maneira a afirmar a superioridade moral e de caráter necessária ao líder da nação.

⁶⁶¹ Sistema de governo antidemocrático ou não-democrático, autoritário, baseado na figura do chefe, e portanto, na noção de respeito à hierarquia, podendo ou não ser ditatorial, no primeiro caso incluem-se o fascismo e nazismo, e no segundo enquadram-se as monarquias. Em: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Op. cit.*, p. 372.

⁶⁶² AMARAL, Raul. A Expressão da vontade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 1, ago. 1936.

⁶⁶³ BARBOSA, Pedro Paulo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 58, p. 1, out. 1936.

⁶⁶⁴ LUCRÉCIO, Francisco. Congresso cultural. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 69, p. 4, set. 1937.

⁶⁶⁵ O NEGRO e o fascismo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, ano 10, n. 147, p. 4, 14 out. 1935.

Inclusive, após sua saída da liderança e ausência diante deste debate, outros dois frentenegrinos – Raul Amaral e Pedro Paulo Barbosa – defenderam posicionamentos semelhantes aos do líder.

Ocorria dinâmica semelhante em relação ao integralismo, em certas ocasiões a FNB tentou se dissociar do movimento, ao mesmo tempo que alguns frentenegrinos demonstraram apoio aos ideais da AIB. É revelante pontuar que Arlindo Veiga firmou apoio da FNB ao integralismo ao menos quatro vezes na imprensa entre novembro de 1932 e fevereiro de 1933.⁶⁶⁶ Logo, é significativo o fato de Veiga não figurar entre os autores das três diminutas menções explícitas ao integralismo na *Voz*, de autoria de: Olavo Xavier, Salti e do jornalista Viriato Corrêa, todas na primeira fase. As raras citações diretas revelam uma escolha estratégica da FNB na tentativa de dissociá-la do movimento, tarefa que representava o esforço em afirmar a autonomia da organização, em contraponto aos críticos que a consideravam sob influência da AIB.

Um dos poucos colaboradores da *Voz* que não integravam a FNB, Viriato Corrêa, caracterizou como “belo livro”, a obra *O Caso do Império* de Oliveira Vianna, afirmando que em 1889 a ideia republicana fora adotada pela minoria no Brasil.⁶⁶⁷ Já outro colaborador, Salti, rebateu o bispo católico Salomão Ferraz que no seu livro *A Fé Nacional* afirmou: “em S. Paulo, o integralismo procura influenciar os elementos da raça preta, constituindo a Frente Negra Brasileira, com tendência acentuadamente monárquicas”. O articulista argumentou que mesmo sendo Veiga o chefe do movimento patrianovista, na FNB era “somente negro e nada mais” e que a entidade não tinha conexão com nenhuma outra.⁶⁶⁸ Por outro lado, Olavo Xavier comparou a milícia frentenegrina com a integralista:

Os jornais focalizam, com insistência, a criação, em São Paulo, de uma milícia à semelhança das formadas na Itália e na Alemanha. Esta nossa é obra do chefe do Partido Integralista. [...] o que queremos frisar bem é que a milícia, composta de 200 homens, que o integralismo criou e vai exhibir, conforme anúncio, em praça pública, tem uma razão poderosa de ser. [...] A criação de milícias em S. Paulo ou no Brasil não pode, absolutamente, ser criticada e mui principalmente, a milícia da Frente Negra Brasileira, que já tendo dado mostras de seu

⁶⁶⁶A AÇÃO integralista brasileira realizou sua primeira reunião pública. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 7528, p. 9, 7 nov. 1932; TRAÇANDO novos rumos às forças vivas do povo paulista. *O Radical*, Rio de Janeiro, ano 1, 153, p. 1, 7 nov. 1932; O PONTO de vista da Frente Negra Brasileira de S. Paulo em face do atual momento nacional. *A Batalha*, Rio de Janeiro, n. 893, ano 4, p. 1, 12 nov. 1932; AÇÃO integralista vai disputar as eleições constituintes. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 1, n. 210, p. 2, 14 fev. 1933; MOVIMENTO associativo Frente Negra Brasileira. *A Tribuna*, Santos, SP, ano 38, n. 228 p. 3, 11 nov. 1932.

⁶⁶⁷CORRÊA, Viriato. Deodoro e a ideia republicana. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 3, 24 jun. 1933.

⁶⁶⁸SALTI. Agindo de má fé. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 1, 25 mar. 1933.

acendrado amor à ORDEM, não está com Sancho nem com Martins – está somente com a Pátria.⁶⁶⁹

Uma das soluções indicadas pela *Voz* para o estabelecimento da ordem nacional era a organização unificada de militantes, tanto que o jornal incentivava o pertencimento às fileiras da milícia frentenegrina, contra “o inimigo da pátria” que, de acordo com artigos veiculados no periódico, seriam os comunistas e adeptos ao internacionalismo, comumente associados com pela FNB com a figura do estrangeiro.⁶⁷⁰ Para Olavo Xavier, as milícias frentenegrina e integralista eram motivadas por objetivos semelhantes, a saber, a promoção da ordem social na luta contra grupos que prejudicavam o desenvolvimento da nação. A historiografia⁶⁷¹ aponta que a criação da milícia pela Frente foi inspirada nos camisas-negras do fascismo italiano.⁶⁷² Nas páginas da *Voz*, oito anúncios, veiculados entre as edições quatro e treze, intimaram: “toda a mocidade frentenegrina deve alistar-se para fazer parte da MILÍCIA FRENTENEGRINA, que defenderá a sociedade e a pátria dos extremistas”.⁶⁷³ A atuação da milícia era considerada complementar ao projeto educacional da Frente que incluía, além da alfabetização, ensinamentos morais e pautas políticas. Argumentava-se que, uma vez que os negros eram “naturalmente” dotados de espírito militar, não poderiam permanecer indiferentes em face à iniciativa da Frente em educar a comunidade “para os percalços da vida nacional, porque a força do inimigo da Pátria que um dia nos poderá surpreender, devemos opor a nossa força disciplinada e coesa”.⁶⁷⁴

Além da milícia frentenegrina, o lema “Deus, Pátria, Raça e Família” estampado no jornal refere-se ao *slogan* que desde outubro de 1932 os camisas-verdes exibiam, com exceção do termo “raça”. Uma vez que Veiga foi, provavelmente, o autor dessa adaptação, torna-se pertinente analisar as similaridades entre o programa patrianovista, instituído em

⁶⁶⁹ XAVIER, Olavo. Milicianos de fê. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 4, 29 abr. 1933.

⁶⁷⁰ *Idem*.

⁶⁷¹ DOMINGUES, Petrônio José. *Op. cit.*, 2007, p. 107.

⁶⁷² Grupo também conhecido como Milícia Voluntária para a Segurança Nacional (MVSN), criada em janeiro de 1923 por Benito Mussolini e incorporada ao aparelho estatal em 1924, como auxiliar do exército na manutenção da ordem pública. Em: BERTONHA, João Fábio. O monopólio da violência no fascismo italiano: as Forças Armadas, a MVSN e as relações entre partido e Estado na Itália de Mussolini. *Antíteses*, Londrina, v. 15, n. 29, p. 73-74, jan-jul. 2022.

⁶⁷³ MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 3, 8 abr. 1933; MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 4, 15 abr. 1933.

⁶⁷⁴ MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 3, 29 abr. 1933; MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 2, 6 mai. 1933; MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 2, 20 mai. 1933; MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 4, 3 jun. 1933; MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 2, 10 jun. 1933; MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 3, 17 jun. 1933.

1928, sob sua chefia, em relação ao integralista.⁶⁷⁵ No terceiro artigo de seus estatutos, a AIB define como objetivo “o culto de Deus, da pátria e da família”, reafirmado no tópico que define a busca pela “paz entre famílias brasileiras e as forças vivas da nação mediante o sistema orgânico e cristão das corporações”.⁶⁷⁶ No caso da Pátria-Nova, defendia-se o “respeito às prerrogativas essenciais” do catolicismo, e se partia do pressuposto de que a nação brasileira “nasceu católica” e monarquista, motivo pelo qual defendia o estado imperial orgânico, além de objetivar a proteção da família “contra os males modernos”.⁶⁷⁷ Aliás, é interessante apontar que os estatutos integralistas mencionaram a questão racial ao indicarem a necessidade do ensino da tradição brasileira, da admiração pelos heróis nacionais e o culto aos “grandes feitos de nossa raça”, ou seja, de todos os brasileiros. Já no programa patrianovista, com um afrodescendente na liderança, tinha entre seus propósitos a solução definitiva do “problema negro-índio-sertanejo”. De forma geral, o integralismo e o patrianovismo baseavam-se em princípios semelhantes, o que não surpreende, portanto, que Arlindo Veiga se identificasse com o lema integralista “Deus, Pátria e Família”, a ponto de inseri-lo no periódico oficial da FNB. É notável a influência de Veiga tanto na definição ideológica da organização quanto no conteúdo do periódico fretenegrino, sendo assim, fundamental compreender a recepção e incorporação do lema nas suas publicações. O quadro a seguir identifica os textos que fazem alusão direta ou indireta ao *slogan* presente no cabeçalho da *Voz*:

Tabela 12. Publicações que mencionam o lema “Deus, pátria, raça e família” na *Voz*

Quantidade/Autoria(s)	Publicações por autor	Primeira fase (3/33-8/35)	Segunda fase (9/35-11/37)
(1) Redação	5	4	1
(1) Arlindo Veiga	4	3	1
(1) Henrique dias	2	2	–
(1) Francisco Lucrécio	2	–	2
(6) Colú Barbosa, Isaltino Veiga, Jayme de Aguiar, José Bueno Feliciano, Olímpio Moreira da Silva, Pedro Paulo Barbosa	1	1	–
(3) Arlindo Alves, Celina Veiga, Raul Amaral	1	–	1
Total	22	15	7

⁶⁷⁵ Este último, mesmo que formulado em 1935, depois da inauguração do jornal, mostra-se relevante ao abordar os três elementos do lema integralista e sua importância para o movimento.

⁶⁷⁶ ESTATUTOS da Ação Integralista Brasileira. *A Razão*, Pouso Alegre, MG, ano 1, n. 3, p. 1-2, 16 abr. 1936.

⁶⁷⁷ PROGRAMA Patrianovista estabelecido em 1928. *Monarquia*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 4, 1955.

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

Constam nove textos com menções diretas, duas de autoria da redação e sete escritos de Colú Barbosa, Henrique Dias, Isaltino e Arlindo Veiga, José Bueno, Arlindo Alves e Francisco Lucrécio. Já os casos de referências indiretas foram selecionados diante da presença simultânea de temas religiosos, nacionalistas, que abordassem a raça e a família. Ao todo, a tabela apresenta 13 indivíduos que aludiram ao lema, sendo três deles redatores, representados pela primeira linha – Deocleciano em três ocasiões, Raul Amaral e Rubens Costa uma vez cada – 68% das menções ocorreram na primeira fase do jornal, enquanto a segunda apresentou cerca de metade de publicações da anterior. Mesmo que Arlindo Veiga tenha assinado a maior quantidade de referências, 82% das menções foram realizadas por outros autores, principalmente membros do Grande Conselho, que tinham contato direto com Veiga, em razão de suas funções: Raul Amaral, Isaltino Veiga, Jayme de Aguiar, Deocleciano Nascimento, Pedro Paulo Barbosa e Francisco Lucrécio.

Este último, inclusive, definia o lema dos conselheiros que guiavam a FNB como “aprender a praticar atos nobres para a pátria, raça e família”,⁶⁷⁸ o que se confirma na homenagem da redação, feita por Deocleciano Nascimento e Raul Amaral a Francisco Costa Santos, um dos criadores e conselheiro da Frente, bem como idealizador do jornal, descrito como alguém que amou com sinceridade a Deus, a raça, a pátria e a família.⁶⁷⁹ Além disso, após o pedido de demissão do cargo de redator-chefe, Raul Amaral recebeu conselhos do diretor Nascimento para continuar pregando o *slogan* presente no cabeçalho.⁶⁸⁰ Em geral, nas demais menções diretas ao lema, os negros são caracterizados como fundamentais na formação da nacionalidade brasileira e, por esse motivo, deveriam lutar pela defesa pátria. Analogias religiosas eram comuns, solicitava-se que os negros tivessem “fé no Brasil”,⁶⁸¹ ao passo que classificavam os inimigos como “Judas da nacionalidade”.⁶⁸²

As publicações com referências indiretas ao lema seguem a mesma linha. Arlindo Veiga defendeu o estado orgânico sindicalista baseado no cooperativismo cristão,⁶⁸³ pois

⁶⁷⁸ LUCRÉCIO, Francisco. A Frente Negra e seus conselheiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 2, mar. 1936.

⁶⁷⁹ FRANCISCO Costa Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 34, p. 4, 17 fev. 1934.

⁶⁸⁰ RAUL J. Amaral. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 35, p. 4, 23 nov. 1935.

⁶⁸¹ DIAS, Henrique. CREIO!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 4, 13 mai. 1933; ALVES, Arlindo. Liberdade... Liberdade... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 4, 11 mai. 1935.

⁶⁸² DIAS, Henrique. CREIO!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 4, 13 mai. 1933.

⁶⁸³ O DR. Arlindo Veiga dos Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 1, 29 abr. 1933.

prezava a associação entre nacionalismo e religião.⁶⁸⁴ Sua admiração pelo país, contrastava com a concepção sobre São Paulo, numa das raras vezes em que mencionou a cidade denominou-a de “Babel paulistana”,⁶⁸⁵ referência bíblica que remete ao secularismo, uma vez que Veiga lamentava que “a lei cristã” não determinasse toda a vida social, econômica e política.⁶⁸⁶ Francisco Lucrécio também se apoiava em argumentos religiosos, considerava que a preponderância do cristianismo não permitiu o fortalecimento de “pensamentos saudosistas bárbaros”, que pediam pelo retorno à escravidão.⁶⁸⁷ Aliás, os antepassados eram descritos como gloriosos, construtores da nacionalidade, que se sacrificaram pela pátria dentro “da ordem e do progresso, de uma justiça social e cristã”.⁶⁸⁸ A própria redação do jornal definia os fretenegrinos como “soldados da fé”, esperançosos acerca do futuro do Brasil,⁶⁸⁹ e que deveriam seguir “o caminho destinado ao papel que lhe está determinado, quer por Deus, por seu chefe ou por um regulamento que lhe seja dado a executar”.⁶⁹⁰

Ainda sobre a pátria, o apoio da FNB a Getúlio Vargas se explicita em artigo de Olímpio Moreira, que considerou que o golpe de 1930 impactou positivamente a comunidade, pois o negro vivia abandonado e “pode respirar, conseguindo organizar o centro de civilização onde será ampliado o grau intelectual”.⁶⁹¹ Com base nessa ideia de certa tranquilidade propiciada pelo regime, Pedro Barbosa pontuou, “o negro não irá mais para revoluções, não marchará mais para o campo da luta, afim de defender partidos ou políticos, mas murchará como os bravos soldados do Brasil na defesa da integridade da Pátria”, uma vez que um dos objetivos dos afrodescendentes era constituir família e viver em paz com ela.⁶⁹²

Outro alvo de crítica foram os movimentos comunistas e socialistas, classificados por Arlindo Veiga como ideologias infames, iníquas e bandalhas,⁶⁹³ propagadas por inimigos da nacionalidade, como o “bolchevista judeu-cosmopolita”.⁶⁹⁴ No caso de Francisco Lucrécio, posicionou-se contra exotismos ideológicos, “coisas vindas da Europa psicopata”,⁶⁹⁵ ou seja,

⁶⁸⁴ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Resposta a um boletim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 27, p. 1, 9 dez. 1933.

⁶⁸⁵ SANTOS, Arlindo Veiga dos. A obra fretenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 47, p. 1, 31 ago. 1935.

⁶⁸⁶ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Apelo à economia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 1, 28 out. 1933.

⁶⁸⁷ LUCRÉCIO, Francisco. Paraíso de estrangeiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 61, p. 1, jan. 1937.

⁶⁸⁸ RAJOVIA. Paladinos e aspirações. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 65, p. 1, mai. 1937.

⁶⁸⁹ FÉ e união. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1937.

⁶⁹⁰ MOREIRA, Olímpio. O que foi a raça negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 4, 17 mar. 1934.

⁶⁹¹ *Idem.*

⁶⁹² BARBOSA, Pedro Paulo. Com que interesse?! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 1, 8 abr. 1933.

⁶⁹³ *Idem.*

⁶⁹⁴ O DR. Arlindo Veiga dos Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 1, 29 abr. 1933.

⁶⁹⁵ LUCRÉCIO, Francisco. Paraíso de estrangeiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 61, p. 1, jan. 1937.

quaisquer influências, até mesmo o fascismo, que criticou no mesmo período.⁶⁹⁶ Já Veiga julgava-se em “campanha, nacionalista, contra a vaza semi-estrangeira ou toda estrangeira que máquina separatismos, bolchevismos, socialismos e outras coisas mais ou menos canalhas”,⁶⁹⁷ o que somado aos seus elogios aos governos de Mussolini e Hitler indica que para o presidente da FNB o ataque a ideologias estrangeiras não incluía regimes de extrema-direita.

Com base no que foi exposto, conclui-se que durante a presidência de Arlindo Veiga, seus ideais foram incorporados à organização, com simpatia declarada ao integralismo, ao patrianovismo e ao fascismo, fosse em declarações de apoio em jornais do período, em menções indiretas e nas explícitas presentes na *Voz da Raça*. As suas tentativas em negar essa conexão, talvez possam ser explicadas, por um lado, como resposta aos críticos que questionavam a autonomia da organização e a julgavam manipulada pelos propósitos de Veiga, ou mesmo do integralismo. Por outro, representa a busca pela coesão da FNB, uma vez que em apenas um ano de existência sofreu duas fragmentações devido aos posicionamentos de sua liderança. O fato é que o discurso oficial da FNB sobre a proximidade com o patrianovismo, integralismo e fascismo era vacilante e ambíguo, alternando-se entre o apoio explícito e a negação dessa proximidade.

Tal postura pode ser observada entre os membros do Grande Conselho, aliás, escolhidos pelo próprio chefe, e que, presumivelmente, comungavam ideias semelhantes às dele. Esse aspecto, somado à influência de Veiga, resultou na presença de artigos na *Voz*, escritos pelos conselheiros, que convergiam com o discurso do presidente e continuaram a ser publicados, ainda que em menor frequência, mesmo depois de sua saída do cargo. Assim, Arlindo Veiga representava a ala da extrema-direita da Frente, um grupo minoritário em termos quantitativos, porém influente na organização, haja vista que dos 203 colaboradores da *Voz*, apenas nove (4%) poderiam ser enquadrados nessa categoria, ou seja: Raul Amaral (47),⁶⁹⁸ Arlindo Veiga (45), Olímpio Moreira da Silva (14), Pedro Paulo Barbosa (13), José Bueno Feliciano (10), Imil Acarat (4), Isaltino Veiga (4), Henrique Dias (3) e Olavo Xavier (3), cujas contribuições somam 139 textos, 21% do total de 657. Não obstante, de forma geral, o nacionalismo e conservadorismo formaram as bases da organização, mesmo durante a presidência de Justiniano Costa, o que justifica a permanência do lema com inspiração integralista, momento em que a frequência de textos escritos pelos setes indivíduos citados diminuiu e outras interpretações acerca da religião, da pátria e da família foram incorporadas

⁶⁹⁶ LUCRÉCIO, Francisco. Congresso cultural. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 69, p. 4, set. 1937.

⁶⁹⁷ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Apelo à economia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 1, 28 out. 1933.

⁶⁹⁸ Número referente à quantidade de colaborações totais para o jornal, vide a tabela 4.

no periódico.

3.2 Noções acerca da pátria no jornal

Já se destacou que, para a FNB, a luta pelos direitos dos negros era indissociável da defesa da pátria, de modo que as publicações no jornal relacionavam-se profundamente com pautas sobre a questão racial no país, Arlindo Veiga, inclusive, defendia a existência de uma “raça brasileira”.⁶⁹⁹ Não à toa, duas das três versões do cabeçalho, tinham a bandeira do Brasil como plano de fundo do título,⁷⁰⁰ além de também exibirem a máxima de Isaltino Veiga, “O preconceito de cor, no Brasil, só nós, os negros o podemos sentir”, crítica especificamente voltada para o contexto nacional. Dessa forma, o periódico envolveu-se ativamente nas discussões políticas presentes no cenário nacional, de maneira que os colaboradores forneceram interpretações e posicionamentos diversos, pois o periódico permitia certo grau de heterogeneidade, desde que não se contrapusesse aos princípios da organização. Na tabela abaixo estão especificados os autores que elaboraram interpretações em relação à sociedade, economia ou política brasileiras, ou seja, que abordaram o tema “pátria”.

Tabela 13. Textos que abordaram a pátria na *Voz*

Quantidade/Autoria(s)	Publicações por autor	Primeira fase (3/33-8/35)	Segunda fase (9/35-11/37)
(1) Arlindo Veiga	24	21	3
(1) Redação	21	11	10
(1) Raul Amaral	14	5	9
(1) Silvério de Lima	13	5	8
(1) José Bueno Feliciano	9	9	—
(1) Pedro Paulo Barbosa	8	2	6
(1) Francisco Lucrécio	7	2	5
(2) João B. Mariano, Castelo Alves	4	4	—
(2) Adalberto Pires de Freitas, João Batista Galvão	3	3	—
(8) Henrique Dias, Isaltino Veiga, João Francisco de Araújo, Justiniano Costa, Maria de Lourdes Rosário, Olímpio Moreira, Pérola de Castro, V. Paula	2	2	—
(1) Cesário Gonçalves	2	—	2
(20) Abel de Freitas, Aristides Assis Negreiros, Behenne Deó, C. Silva, Cantídio C. Alves,	1	1	—

⁶⁹⁹ VEIGA, Arlindo. Fogo neles!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 1, 16 jan. 1934.

⁷⁰⁰ *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1934; *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 1, 25 mar. 1934.

Deocleciano Nascimento, Humberto de Campos, Jacobus, João de Souza, Joaquim Pedro Kiel, Leão Peixoto, Mário da Silva Júnior, Mário de Campos, Niger, Olavo Xavier, Pedro Rodrigues, Ribeiro, Roque A. Santos, Tide			
(5) Antonio Martins dos Santos, Celina Veiga, Imil Acarat, João Candido dos Santos, Loluar	1	–	1
Total	153	105	48

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

Ao todo, 46 indivíduos⁷⁰¹ produziram 153 textos, a maioria publicou apenas uma vez (25), o que corresponde a 16% do total, indicativo de que o tema despertou amplo interesse na comunidade, especialmente na primeira fase do jornal, quando foram veiculados 68% dos escritos. Arlindo Veiga assinou cerca de 16% do total de produções, embora na segunda fase tenha produzido cerca de quatro vezes menos do que na anterior. Além do chefe fretenegrino, outros cinco indivíduos, com ideais próximos à extrema-direita, trataram do tema: Raul Amaral (17),⁷⁰² José Bueno Feliciano (9), Pedro Paulo Barbosa (8), Henrique Dias (2), Isaltino Veiga (2) e Olavo Xavier (1), o que soma 63 textos, considerando Veiga, 42 deles veiculados na primeira fase e 21 na segunda. É evidente que houve diminuição da influência da extrema-direita no jornal, mesmo que a ausência não tenha sido completa, o que não impediu que dois sujeitos, Pedro Paulo Barbosa e Raul Amaral, publicassem com mais frequência na segunda fase. Nesse mesmo momento, em vez dos 38 autores envolvidos na primeira fase, apenas 11 trataram do assunto, sendo Silvério de Lima (8) o mais presente, além de nove textos da redação, assinados por Rubens Costa. Os dados evidenciam que, na primeira fase, simpatizantes da extrema-direita se ocuparam do tema pátria, enquanto na fase seguinte outros sujeitos se ocuparam da questão, o que indica uma possível mudança no âmbito do discurso difundido, mesmo que os elementos anteriores não desaparecessem por completo, como atesta a presença de Arlindo Veiga, Raul Amaral e Pedro Barbosa. Entre os diversos tópicos que cercavam a pátria, alguns destacaram-se pela frequência com que foram mencionados, presentes na tabela a seguir, com a indicação dos três autores mais frequentes:

Tabela 14. Tópicos mais frequentes sobre a pátria no jornal

⁷⁰¹ Considerando o redator Rubens Costa cujo nome não consta na tabela, mas está representado pela segunda linha, da “redação”, junto a Deocleciano Nascimento, Mário de Campos e Raul Amaral, que enviaram colaborações.

⁷⁰² Número de publicações de responsabilidade de cada, no caso de Raul Amaral considera-se seis textos da redação que ajudou a produzir.

Tema	Menções totais	1ª fase	2ª fase	Autores mais frequentes/textos
Patriotismo/nacionalismo	81	54	27	Raul Amaral (10), Arlindo Veiga (7), Silvério de Lima (6)
Socialismo/comunismo	33	23	10	Arlindo Veiga (14), Pedro Paulo Barbosa (4), Redação (3)
Democracia	19	12	7	Arlindo Veiga (7), Silvério de Lima (4), Redação (2)
Imigrantes/estrangeiros	18	13	5	Arlindo Veiga (5), José Bueno Feliciano (3), Raul Amaral (2)
Getúlio Vargas e Revolta Constitucionalista	18	13	5	Redação (5), Arlindo Veiga (2), João Galvão (1)
Monarquia e republicanismo	13	10	3	Arlindo Veiga (4), Redação (2)
Heróis nacionais	9	4	5	Silvério de Lima (3), Raul Amaral (3), Arlindo Veiga (1)
Partidos políticos e eleições	8	2	6	Redação (3), José Bueno Feliciano (1), Raul Amaral (1)
Liberalismo	8	7	1	Arlindo Veiga (5), José Bueno Feliciano (2), Raul Amaral (1)

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

O quadro acima foi organizado a partir do conteúdo dos 153 textos que se ocuparam da pátria, de forma que cada menção representa um artigo no qual o tópico foi abordado, considerando que um texto pode discutir diversos assuntos. Os nove tópicos listados contribuem para a reflexão acerca dos temas considerados relevantes para o jornal no que se refere à nação brasileira, a exemplo da defesa de distintos sistemas políticos e econômicos e seu impacto no país (democracia, monarquia, república, socialismo, comunismo e liberalismo), além de organizações de cunho político, como a milícia fretenegrina e os partidos políticos, bem como a dicotomia entre a defesa do patriotismo e o posicionamento acerca dos imigrantes. Quanto aos três assuntos mais frequentes, a preponderância do nacionalismo e do patriotismo justificava-se pela ideia de progresso da nação, que embasou as discussões sobre socialismo, comunismo e democracia. O único tema mais frequente na segunda fase, em contraposição à anterior, foram os partidos políticos e as eleições, o que se explica pelo contexto do período e aumento das discussões diante da proximidade das eleições presidenciais.

Entre as figuras históricas exaltadas no âmbito cultural, Carlos Gomes se destacou por ser considerado como alguém que honrava as tradições brasileiras.⁷⁰³ Já no campo da política, mereceram destaque D. Pedro I, pela proclamação da independência;⁷⁰⁴ José Maria da Silva

⁷⁰³ LIMA, Silvério de. Desagravo que se impunha. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 1, ago. 1936.

⁷⁰⁴ AMARAL, Raul. Vencendo urzes.... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 57, p. 1, set. 1936.

Paranhos, pois sob seu gabinete foi aprovada a Lei do Ventre Livre;⁷⁰⁵ Joaquim José da Silva Xavier, por sacrificar-se “abnegada e patrioticamente” pelo Brasil,⁷⁰⁶ sendo um exemplo moral na luta dos negros pela emancipação política;⁷⁰⁷ Felipe Camarão, Vidal de Negreiros e Henrique Dias⁷⁰⁸ por defenderem o território brasileiro da ocupação holandesa.⁷⁰⁹ Além desse último, outros afrodescendentes foram exaltados, como os abolicionistas José do Patrocínio e Luiz da Gama,⁷¹⁰ representados no jornal como símbolos de civismo, moralidade e esperança para os negros brasileiros.⁷¹¹ Sete das oito figuras enaltecidas pela *Voz*, excetuando-se apenas Carlos Gomes, participaram de conflitos políticos, armados ou não, e foram valorizados pelo seu sacrifício em prol da pátria.

Esse fator contribui para o entendimento dos significados de “patriotismo” e “nacionalismo” para os colaboradores, que, de forma geral, os utilizavam como sinônimos. Embora sejam conceitos distintos, estão relacionados, pois ambos dizem respeito a aspectos identitários específicos de um povo, que o distingue dos demais. No caso do patriotismo, valoriza-se o amor pela pátria, o local de nascimento e a terra dos antepassados, de forma que a herança e a memória coletiva são os principais elementos aglutinadores. No jornal, os colaboradores referiram-se ao programa da FNB como patriótico, na busca por infundir nos negros⁷¹² “o amor por esta terra que tanto lhes deve”,⁷¹³ e que seu objetivo era lutar, defender e se sacrificar pela pátria,⁷¹⁴ com sua própria vida se preciso,⁷¹⁵ assim como os mártires exaltados no jornal, com base na ideia de que “todos sentimentos grandes são benignos, residem, originariamente, no amor pátrio, no próprio patriotismo armado”.⁷¹⁶ Essas características são evidentes nos textos que afirmam a contribuição dos negros para a construção da “pátria imortal”,⁷¹⁷ motivo pelo qual eram os legítimos brasileiros.⁷¹⁸ Esses textos insistiam na defesa das tradições brasileiras, representadas na figura dos antepassados. Assim, argumentava-se que “todo aquele que o coração arde fervorosamente pela sua pátria

⁷⁰⁵ MARIANO, João. Heroísmo e dor. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 22, p. 4, 30 set. 1933.

⁷⁰⁶ AMARAL, Raul. Tiradentes. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 36, p. 1, 28 abr. 1934.

⁷⁰⁷ LUCRÉCIO, Francisco. A Rua Direita. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 64, p. 1, abr. 1937.

⁷⁰⁸ AMARAL, Raul. Avante. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 33, p. 8, 17 mar. 1933.

⁷⁰⁹ MARTINS, Antônio. Novo rumo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 1, jun. 1936.

⁷¹⁰ AMARAL, Raul. Avante. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 33, p. 8, 17 mar. 1933.

⁷¹¹ *Idem*.

⁷¹² RODRIGUES, Pedro. A Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 1, 3 jun. 1933.

⁷¹³ KIEL, Joaquim Pedro. Frente Negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 4, 25 mar. 1933.

⁷¹⁴ MARIANO, João B. Espiritualidade negra.. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 4, 8 abr. 1933.

⁷¹⁵ CASTRO, Pérola de. Comentando. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 2, 17 jun. 1933.

⁷¹⁶ FREITAS, Adalberto Pires de. A nossa pátria. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 3, 19 ago. 1933.

⁷¹⁷ DIAS, Henrique. Discurso que eu não disse! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 15 abr. 1933.

⁷¹⁸ MARIANO, João B. Chegou o momento. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 17 mar. 1933.

estremecida jamais negará aquela raça que irrigou com seu sangue forte o seu torrão natal”,⁷¹⁹ inclusive, considerava-se que os negros cultuavam a pátria, tal qual uma religião.⁷²⁰

Por outro lado, o nacionalismo perpassa estruturas burocráticas e centralizadoras, no desenvolvimento de um projeto político que una o Estado e a nação, ou seja, uma sociedade coletivamente organizada, num território e que compartilham língua, política, cultura, tradições e sistema de governo, elementos formadores da identidade nacional.⁷²¹ No jornal, entre os traços definidores da identidade nacional, destaca-se o nacionalismo cultural, baseado nos costumes, etnia e língua,⁷²² considerados pela *Voz* como naturais e não socialmente construídos. Em menor medida, é possível identificar propugnadores do nacionalismo católico, vertente em que as tradições brasileiras estão corporificadas na Igreja Católica, um dos pilares do patrianovismo.⁷²³ Para Arlindo Veiga, os negros estavam promovendo intensa transformação no Brasil, “em sentido profundamente nacionalista e cristão”,⁷²⁴ de forma que os dois aspectos se complementavam.⁷²⁵ A afirmação do caráter “profundamente nacionalista”⁷²⁶ da FNB acompanhou o culto à bandeira brasileira, tida como símbolo sagrado,⁷²⁷ no qual os termos “ordem” e “progresso” representariam valores inerentemente prezados pelos brasileiros,⁷²⁸ em sintonia com a afirmação de Veiga de que os negros sempre foram e serão nacionalistas.⁷²⁹ Os líderes fretenegrinos Isaltino Veiga, Arlindo Veiga, Pedro Paulo Barbosa defendiam o que denominavam de “nacionalismo integral” e, assim como o integralismo e patriotismo, desejavam a nacionalização de todos os aspectos da vida social, política e econômica dos brasileiros. Além disso, havia a noção de que os negros só teriam êxito na luta pelos seus direitos por meio do fortalecimento do “nacionalismo radical”,⁷³⁰ o que motivou Isaltino Veiga a defender a “ditadura para a grandeza da raça”,⁷³¹ ao mesmo tempo em que incentivava a união dos brasileiros, independente de opiniões políticas ou da

⁷¹⁹ ROSÁRIO, Maria de Lourdes. Filosofando.... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 4, 3 jun. 1933.

⁷²⁰ LIMA, Silvério de. Irmão de origem. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 41, p. 4, 11 ago 1934.

⁷²¹ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Op. cit.*, p. 799.

⁷²² OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 190.

⁷²³ *Idem*.

⁷²⁴ VEIGA, Arlindo. A obra fretenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 47, p. 1, 31 ago 1935.

⁷²⁵ Na próxima seção será aprofundada a questão religiosa no jornal.

⁷²⁶ AMARAL, Raul. Expressão da vontade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 1, ago 1936.

⁷²⁷ FREITAS, Adalberto Pires de. A nossa bandeira e o nosso dever. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 2, 17 mar. 1934.

⁷²⁸ DEÓ, Behenne. Modificação da bandeira nacional. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 2, 22 abr. 1933.

⁷²⁹ VEIGA, Arlindo. Resposta a um boletim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 27, p. 1, 9 dez. 1933.

⁷³⁰ LUCRÉCIO, Francisco. A constante fundação de núcleos fretenegrinos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 57, p. 4, set. 1936.

⁷³¹ VEIGA, Isaltino. Um batalhador sincero. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 13, p. 4, 17 jun. 1933.

cor.⁷³² Comumente, às propostas nacionalistas se atribuía uma missão salvadora, capaz de recuperar honras pretéritas e construir um futuro glorioso,⁷³³ tal como clamou Aristides Negreiros, para “todos unidos, debaixo de uma só bandeira, imbuídos dum mesmo sentimento racial, coeso, firme e resoluto, trabalhe para novamente repor o Brasil no seu lugar de honra, de onde fora subjugado pelos falsos patriotas e maus brasileiros”.⁷³⁴

As defesas do patriotismo e do nacionalismo acompanharam interpretações sobre os regimes políticos e sua aplicabilidade ao Brasil, sendo os mais comentados o socialismo e o comunismo, sempre desaprovados. Arlindo Veiga, o principal colaborador no que respeita à temática, afirmou que, nas reuniões da FNB, eram comuns apelos anti-bolchevistas.⁷³⁵ No jornal, os países socialistas eram considerados tiranos por não admitirem outras ideologias⁷³⁶ e o governo russo, por exemplo, era definido como “o mais despótico regime que se há notícia”, em razão do controle estatal.⁷³⁷ Por outro lado, Arlindo Veiga defendeu que o Brasil deveria inspirar-se na queima de livros pela Alemanha nazista, o que incluiria a destruição de escritos socialistas e comunistas, evidência de que a crítica do presidente à tirania era direcionada apenas ao espectro político da esquerda.⁷³⁸ Em artigo de Plínio Salgado, parcialmente transcrito d’*A Tribuna* pela *Voz*, percebe-se a semelhança do discurso integralista e fretenegrino sobre conexão entre a defesa da nacionalidade e o combate ao comunismo:

O Brasil está devendo até a raiz dos cabelos. O Brasil está dividido em 20 naçõezinhas petulantes que não respeitam a Grande Nação. O Brasil está repleto de companhias, sindicatos, bancos estrangeiros que lhe desceram as entranhas. O Brasil tem na barriga uma flora de partidos imorais. O Brasil sofre a sarna de uma imprensa escandalosa, quase toda vendida a grupos de panelinhas. O Brasil está atacado de gangrenas comunistas. O Brasil está deformado, feio, triste, gafento. Sempre deitado, até o Hino Nacional. Um gigante “deitado eternamente em berço esplêndido”. Ridículo. Alerta! Alerta! Alerta! Mocidade da Pátria. De pé, moços! Entremos violentamente na História! Salvemos o Brasil.⁷³⁹

O trecho representa a defesa da nação integral, como defendido no Manifesto de Outubro, sob o argumento de que “a nação brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso, é necessária a união de todos os

⁷³² VEIGA, Isaltino. Liberdade utópica. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 1, 13 mai. 1933.

⁷³³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. cit.*, p. 190-193.

⁷³⁴ NEGREIROS, Aristides Assis. Palavras de fé. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 3, 16 set. 1933.

⁷³⁵ VEIGA, Arlindo. Frente Negra Brasileira e um artigo do Sr. Austregesilo de Athayde. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 1, 25 mar. 1933.

⁷³⁶ VEIGA, Arlindo. O Dr. Arlindo Veiga. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 1, 29 abr. 1933.

⁷³⁷ PAULA, V. Rabisco... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 1, 19 ago. 1933.

⁷³⁸ VEIGA, Arlindo. Fogo neles! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 1, 6 jan. 1934.

⁷³⁹ *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 38, p. 4, 26 mai. 1934.

brasileiros.”⁷⁴⁰ Assim como no artigo de Salgado, Arlindo Veiga considerava o separatismo, o comunismo e o internacionalismo⁷⁴¹ como traições à nacionalidade, propugnados por canalhas⁷⁴² e “inimigos da Unidade da Pátria”,⁷⁴³ uma vez que defendiam separatismos, planejavam aniquilar a nacionalidade⁷⁴⁴ e corromper a juventude por meio de livros marxistas.⁷⁴⁵ Entre 1933 e 1934, artigos da *Voz* confrontavam a Frente Negra Socialista (FNS), que, aliás, participou em 1933 de comício da Frente Única Antifascista, organização que mantinha o *Homem Livre*, que fez diversas críticas à FNB.⁷⁴⁶ Esta, além de acusar a FNS de se passar por ela para cobrar mensalidades de seus membros,⁷⁴⁷ considerava que os elogios dos jornais à FNS estavam relacionados às críticas à FNB.⁷⁴⁸ Logo, embora na primeira fase do jornal houvesse ataques ao espectro da esquerda de forma geral, os embates focalizavam frequentemente a extrema-esquerda, baseada na ideia de que a sociedade é permeada pela luta de classes entre o proletariado, oprimido, e a burguesia, detentora dos meios de produção e opressora do primeiro. Assim, a extrema-esquerda busca por meios revolucionários a mudança radical do sistema político e econômico, com efeitos na organização social.⁷⁴⁹

Em vista do contexto político brasileiro, eventos como a intentona comunista, de 23 de novembro de 1935, e o plano Cohen, de setembro de 1937,⁷⁵⁰ marcaram o governo Vargas pelo combate direto aos comunistas. Mesmo que no jornal não haja menções diretas aos eventos, parte de seu conteúdo atravessava tal conjuntura, especificamente a partir da edição 49. O momento também marca o início da segunda fase do periódico quando, além do menosprezo aos movimentos do espectro da esquerda, já presentes na anterior, propugnou-se pelo combate direto. Nos meses seguintes à intentona, Imil Acarat encorajou: “vamos pegar em armas e defender o Brasil com o nosso sangue”,⁷⁵¹ semelhante a Pedro Barbosa, que os

⁷⁴⁰ SALGADO, Plínio. Manifesto de Outubro. *Ação Integralista Brasileira*, São Paulo, 7 out. 1932, p. 2.

⁷⁴¹ VEIGA, Arlindo. Alerta!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1933.

⁷⁴² VEIGA, Arlindo. Apelo à economia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 1, 28 out. 1933.

⁷⁴³ VEIGA, Arlindo. Irmãos negros!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 15 abr. 1933.

⁷⁴⁴ VEIGA, Arlindo. Resposta a um boletim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 27, p. 1, 9 dez. 1933.

⁷⁴⁵ VEIGA, Arlindo. Em marcha. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 1, 3 jun. 1933.

⁷⁴⁶ O COMÍCIO da Frente Única na Lega Lombarda. *Homem Livre*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 1, 17 jul. 1933.

⁷⁴⁷ ARAÚJO, João Francisco de. Fretenegrinos: Abram os olhos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 15, p. 2, 1 jul. 1933.

⁷⁴⁸ É o cúmulo!... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 1, 20 jan. 1934.

⁷⁴⁹ Bobbio analisa que o aspecto antidemocrático marca os extremos tanto da direita quanto da esquerda, assim como o autoritarismo de Estado, contudo, divergem radicalmente quanto aos objetivos e práticas. Acrescento ainda, que diferentemente da interpretação do autor, o discurso da extrema-esquerda crítica o conceito de democracia instituído pela denominada classe burguesa e por esse motivo considera a revolução do proletariado, oprimido, um legítimo ato de democracia. De toda forma, os extremos da direita e da esquerda são antitéticos, mutuamente excludentes e mais do que meras ideologias, orientam e determinam formas de estruturar a vida social, política, econômica e mesmo cultural. Em: BOBBIO, Norberto. *Op. cit.*, 1995, p. 52-53.

⁷⁵⁰ LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *Op. cit.*, p. 674, 684.

⁷⁵¹ ACARAT, Imil. Questão de brasilidade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 50, p. 3, 31 dez. 1935.

legisladores apelavam para o direito constitucional para lidar com os comunistas, mas que no caso de “uma força abalar o país, o único remédio cabível seria, sem dúvida, o extremo: o fuzilamento”.⁷⁵² Arlindo Veiga também ponderou: “ninguém discute com o chefe. Foi debaixo dessa disciplina que pudemos vencer os mais terríveis elementos da desordem soprada em nosso meio pelos elementos socialistas”.⁷⁵³ Nesse contexto, os comunistas eram considerados como sérias ameaças à ordem social,⁷⁵⁴ às tradições da pátria e à justiça,⁷⁵⁵ receio sintetizado por Pedro Paulo Barbosa:

É preciso combater o perigo do comunismo. É o perigo vermelho. É o perigo execrado e violento onde o homem não passa de instrumentos, digo melhor, máquina de produção. E a Rússia é o exemplo, impraticável sob todas as formas, tanto que os telégrafos anunciam os fuzilamentos em massa. Resta ao mundo, fraternalmente, precaver-se de mal tão terrível.⁷⁵⁶

É interessante observar que alguns colaboradores criticavam o comunismo por considerar que se tratava de ideologia de brancos ociosos,⁷⁵⁷ “carcomidos pela lepra soviética”.⁷⁵⁸ Castelo Alves opinou: “Karl Marx quando decodificou sua obra nem sequer lembrou-se que no mundo havia gente negra carecendo de reivindicações máximas ou mínimas”.⁷⁵⁹ Ao analisar o contexto histórico dos movimentos do espectro de esquerda no Brasil, entende-se que uma das motivações para essas críticas⁷⁶⁰ foi o pouco destaque dado à questão racial brasileira nesses meios, a exemplo do Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, que somente passou a debater a questão racial dos negros nacionais a partir de 1934.⁷⁶¹ Já a AIB, no seu manifesto de 1932, afirmou: “pretendemos criar com *todos os elementos raciais*, segundo os imperativos mesológicos e econômicos da nação brasileira, salvando-a dos erros da síndrome capitalista e dos erros da barbárie comunista”.⁷⁶² Plínio

⁷⁵² BARBOSA, Pedro. Enquanto pelejamos.... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 51, p. 1, mar. 1936.

⁷⁵³ VEIGA, Arlindo. O maior louvor da obra frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 57, p. 1, set. 1936.

⁷⁵⁴ SANTOS, Antonio Martins dos. As comemorações do Tricentenário da chegada de Nassau ao Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 1, jun. 1936.

⁷⁵⁵ BARBOSA, Pedro. A Frente Negra Brasileira em face dos últimos acontecimentos - a Frente Negra Brasileira frente à raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 2, ago. 1936.

⁷⁵⁶ BARBOSA, Pedro. O perigo vermelho. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 59, p. 1, nov. 1936.

⁷⁵⁷ FREITAS, Adalberto Pires. Ociosidade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 4, 29 jun. 1935.

⁷⁵⁸ XAVIER, Olavo. Análise fria. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 17, p. 3, 15 jul. 1933.

⁷⁵⁹ ALVES, Castelo. Flores do Campo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 17, p. 1, 15 jul. 1933.

⁷⁶⁰ Arlindo Veiga, Isaltino Veiga, João Mariano, João Araújo, Castelo Alves, Tide, Olavo Xavier, V. Paula, Adalberto Pires, Imil Acarat, Pedro Barbosa, Antonio M. dos Santos, João Candido e Francisco Lucrécio.

⁷⁶¹ CHADAREVIAN, Pedro. Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964). *Política & Sociedade*, Florianópolis, SC, v. 11, n. 20, p. 257, 2012.

⁷⁶² SALGADO, Plínio. Manifesto de Outubro. *Ação Integralista Brasileira*, São Paulo, 7 out. 1932, p. 12. Grifo da autora.

Salgado defendia, assim como Arlindo Veiga, a contribuição positiva da miscigenação e a singularidade da “raça brasileira”. Dessa forma, a abordagem da questão pelo integralismo contrastava com a pouca atenção conferida por movimentos do espectro de esquerda, um dos motivos pelos quais alguns membros da FNB identificaram-se com pautas da direita e extrema-direita, como as defendidas pela AIB.

O discurso contrário à imigração na *Voz* foi motivado, em grande medida, pela crítica, seja ao ideal de branqueamento, seja em face do preconceito racial de empregadores, que preteriam os negros em favor de imigrantes. Apoiadores de regimes de extrema-direita na *Voz* – Arlindo Veiga, Raul Amaral, José Bueno Feliciano, Imil Acarat – foram os principais responsáveis por abordar o tema, de forma que a imigração, além de social, tinha cunho político. É importante pontuar que, ao se candidatar à Assembleia Constituinte, Veiga Arlindo Veiga criticou o comunismo e propôs suspender a imigração por 20 anos.⁷⁶³ Isso porque o imigrante, “além de vir tomar o nosso trabalho, ainda quer dominar, por um regime iníquo e bandalho, o Brasil dos nossos avós”,⁷⁶⁴ pois, para o autor, os comunistas eram “quase sempre estrangeiros”.⁷⁶⁵ Por sua vez, Imil Acarat defendeu que, independentemente do tempo que os imigrantes estivessem no Brasil, nunca seriam brasileiros, e a maior prova eram as tentativas destes de impor o comunismo, o fascismo e outras ideologias estrangeiras no país.⁷⁶⁶ A ideia geral do jornal era a busca pela “nacionalização em tudo e por tudo”.⁷⁶⁷ Francisco Lucrécio, por sua vez, protestou contra os que, direta ou indiretamente, contribuíram para que estrangeiros dispersassem seus “entoamentos confusos” sobre a pátria brasileira, a fim de instaurar a desordem.⁷⁶⁸ Indignava-se pelo fato deles progredirem sem esforço, enquanto os negros, construtores da nação, necessitavam lutar pela própria integridade.⁷⁶⁹

Dos 18 textos que abordaram a imigração, somente dois a defenderam, um em cada fase do jornal. Adalberto Pires de Freitas pontuou que “amando a nossa pátria e todos que nascemos aqui não estamos absolutamente dispensados de acolher, de agasalhar o estrangeiro, honesto e diligente, que colabora para a grandeza da terra de que somos filhos”, pois o amor à pátria não justificava desconfianças contra os estrangeiros.⁷⁷⁰ Já Silvério de Lima, em

⁷⁶³ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Aos Frentenegrinos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933.

⁷⁶⁴ VEIGA, Arlindo. Resposta a um boletim. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 27, p. 1, 9 dez. 1933.

⁷⁶⁵ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Aos Frentenegrinos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933; SANTOS, Arlindo Veiga dos. Irmãos Negros! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 15 abr. 1933; SANTOS, Arlindo Veiga dos. Apêlo a economia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 24, p. 1, 18 out. 1933.

⁷⁶⁶ ACARAT, Imil. Questão de brasilidade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 50, p. 3, 31 dez. 1935.

⁷⁶⁷ LIMA, Pérola de Castro. Palavras de Rioclarense. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 4, 5 ago. 1933.

⁷⁶⁸ LUCRÉCIO, Francisco. Paraíso de estrangeiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 61, p. 1, jan. 1937.

⁷⁶⁹ ALVES, Castelo. Flores do Campo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 2, 6 mai. 1933.

⁷⁷⁰ FREITAS, Adalberto Pires de. “A nossa pátria”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 19, p. 3, 19 ago. 1933.

fevereiro de 1937, celebrou os 50 anos de imigração no Brasil e expressou gratidão pelos colonos e foi enfático quando afirmou que apenas “os imbuídos de um nacionalismo rubro e doentio poderão negar ou desconhecer a contribuição valorosa impulsionada por essa cauda humana”.⁷⁷¹ Os dois articulistas não pertenciam à extrema-direita, enquanto os integrantes dessa consideravam os estrangeiros como ameaças, tal qual o comunismo e o socialismo.

Outro tópico que recebeu atenção dos colaboradores, principalmente os mais extremados, foi a democracia. Cerca de um terço desses artigos foram escritos por Arlindo Veiga, publicados entre primeiro de abril de 1933 e 6 de janeiro de 1934, em meio às eleições e reuniões da Assembleia Constituinte. Em seu livro *Para a Ordem Nova*, publicado em 1933, declarou que o patrianovismo era contra a democracia e o liberalismo, pois a democracia liberal havia prejudicado não apenas a economia brasileira, como promoveu a “descatolização das massas nacionais”, em função do individualismo e secularismo,⁷⁷² relacionados com regimes liberais-democráticos, considerados desmoralizados,⁷⁷³ sem possibilidade de aperfeiçoamento, o que justificaria seu aniquilamento. Veiga, inclusive, avaliava que a extinção da economia liberal salvaria “da decadência a gente negra”.⁷⁷⁴ Também desaprovou os membros que criticavam a hierarquia da organização, na tentativa de impor a democracia, descrita como “bobagem criminoso”, “falida em todo mundo”,⁷⁷⁵ que teria ocasionado o atraso mental, moral e econômico do Brasil. O presidente fretenegrino era contrário ao igualitarismo⁷⁷⁶ e criticava até mesmo a liberdade de imprensa.⁷⁷⁷ Na defesa das medidas autoritárias de Hitler, pontuou que “buscavam a salvação do ópio entorpecente dos 14 anos de república liberal-democrática,”⁷⁷⁸ assim como ocorria na Itália,⁷⁷⁹ e que medidas semelhantes deveriam ser tomadas no país, que há quatro décadas enfrentava o mesmo problema. O único a posicionar-se de forma semelhante foi o membro da AIPB, José Bueno Feliciano, ao criticar a Constituição Federal de 1891 que, na sua concepção, fora produzida por “coveiros da nacionalidade”, que implementaram a democracia liberal no Brasil, em nome de uma igualdade falsa, pois os negros continuaram a sofrer preconceitos.⁷⁸⁰ Veiga usou sua influência

⁷⁷¹ LIMA, Silvério de. Evocando a história. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 62, p. 1, fev. 1937.

⁷⁷² SANTOS, Arlindo Veiga dos. *Para a Ordem Nova*. São Paulo: Edição Pátria-Nova, 1933, p. 32-39.

⁷⁷³ VEIGA, Arlindo. O Dr. Arlindo Veiga. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 1, 29 abr. 1933.

⁷⁷⁴ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Na hora da celebração. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 1, 16 set. 1933.

⁷⁷⁵ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Alerta!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1933.

⁷⁷⁶ VEIGA, Arlindo. Em marcha. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 1, 3 jun. 1933.

⁷⁷⁷ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Critiqueiros!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 22 abr. 1933.

⁷⁷⁸ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Afirmação de raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 1, 10 jun. 1933.

⁷⁷⁹ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Fogo Neles!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 1, 6 jan. 1934.

⁷⁸⁰ FELICIANO, José Bueno. A união faz a força. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 2, 22 abr. 1933.

como líder da FNB para a veiculação de textos em que defendia o patrianovismo e as ideias que o movimento pregava em termos sociais, políticos e econômicos, tal como testemunham os sete de Veiga e um de Feliciano, todos presentes na primeira fase do jornal. Contudo, nesse mesmo período foram publicados três textos favoráveis à democracia, dois de Silvério de Lima e um por Raul Amaral. A democracia foi positivamente relacionada com a Assembleia Constituinte, por permitir a participação de diversos grupos políticos.⁷⁸¹ Mesmo Raul Amaral, que elogiava governos autoritários, considerava figuras heroicas como Henrique Dias e José do Patrocínio exemplos democráticos e ordeiros.⁷⁸²

Na segunda fase do jornal, todas as sete menções sobre a democracia foram elogiosas, assim, considerando ambas as fases, predominaram posicionamentos positivos, em 11 dos 19 textos, o que se relaciona à saída de Veiga da liderança, cuja presidência passou para as mãos de Justiniano Costa. Diferentemente de seu antecessor, afirmou que conduzia a organização “na luta pelas liberdades democráticas”.⁷⁸³ Na sua gestão foi inaugurada a herma de Luiz Gama, representação da “verdadeira democracia pela qual a FNB está lutando”, também representada na figura do “grande democrata” Castro Alves.⁷⁸⁴ Para homenagear o poeta, a FNB uniu-se com a Ação Universitária Democrática e contou com a participação de Oswald de Andrade, até então, comunista, que discursou a favor da dignidade, justiça social, liberdade, exercício dos direitos políticos e em prol da democracia. Francisco Lucrécio, representando a Frente, afirmou sua “fé nos destinos do Brasil e sua democracia”, e declarou seu apoio a todos os movimentos que a defendam.⁷⁸⁵ Assim como Castro Alves, Theodore Roosevelt foi cognominado “grande democrata” por Silvério de Lima,⁷⁸⁶ por possibilitar a inserção de negros em cargos públicos,⁷⁸⁷ evidência de seu nacionalismo, sendo os EUA “a maior democracia do mundo”,⁷⁸⁸ em contraste evidente com os argumentos utilizados pelos patrianovistas no jornal. Logo, na segunda fase do jornal, a democracia foi associada à defesa dos direitos dos negros e sua valorização para a trajetória do país,⁷⁸⁹ bem como sua inserção nas discussões políticas.

⁷⁸¹ PAULA, V. Rabiscos... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 1, 8 jul. 1933.

⁷⁸² AMARAL, Raul. Avante. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 8, 17 mar. 1934.

⁷⁸³ A Frente Negra e o ano de 1937. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 60, p. 1, dez. 1936.

⁷⁸⁴ LIMA, Silvério de. Por Novos Rumos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 64, p. 4, abr. 1937.

⁷⁸⁵ A CASTRO Alves. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 63, p. 1, mar. 1937.

⁷⁸⁶ LIMA, Silvério. Os últimos serão os primeiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 1, 29 jun. 1935.

⁷⁸⁷ Roosevelt em outubro de 1901 convidou pela primeira vez uma pessoa negra para jantar na Casa Branca: o educador Booker T. Washington, que futuramente se tornou conselheiro do presidente em assuntos relacionados aos negros, além de contribuir para indicações de afrodescendentes para cargos governamentais, o que colaborou para o apreço de Roosevelt entre a população negra.

⁷⁸⁸ LIMA, Silvério de. Lições edificantes. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 67, p. 1, jul. 1937.

⁷⁸⁹ LIMA, Silverio de. Irmão de Origem. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 38, p. 1, 26 mai. 1934.

Assim como a grande maioria dos colaboradores do jornal não reproduziu as críticas contrárias à democracia, levadas a efeito por Arlindo Veiga, também não se registrou apoio ao regime monárquico, defendido pelos patrianovistas apenas na primeira fase do jornal. Em uma ocasião, Veiga caracterizou a república brasileira como estúpida,⁷⁹⁰ por inferiorizar a “raça negro-luso-índia”, ao passo que valorizava estrangeiros e internacionalistas,⁷⁹¹ o que não teria ocorrido no Império, sem considerar que o regime escravista perdurou até 1888. Os elogios de Veiga a Henrique Dias ressaltavam o reconhecimento por parte da Coroa ao heroísmo dos negros, tal qual representado na lenda descrita por Tristão de Athayde,⁷⁹² mencionada por Veiga, sobre um homem negro que resistiu à proclamação da república recoberto pela bandeira do império.⁷⁹³ Mesmo o patrianovista José Feliciano discordava, pelo menos em parte, do seu líder, pois considerava que a culpa pela situação precária dos negros não recaía no poder imperial ou na república, nem mesmo nos escravocratas, mas sim nos próprios negros, pois muitos não preocupavam em lutar pelos seus direitos.⁷⁹⁴ Para os fretenegrinos que não eram patrianovistas, as únicas menções positivas em relação à coroa ocorria nas comemorações do 13 de maio, ainda assim sem deixar de mencionar o abandono dos negros libertos e criticar a própria escravidão, como no texto de Arlindo Alves, que definiu o regime de trabalho a mácula do império.⁷⁹⁵ Dessa forma, como observado nos tópicos sobre a democracia e o monarquismo, os colaboradores da *Voz* não reproduziram integralmente a ideologia de Veiga, não obstante sua influência, como evidencia o fato dele haver convidado Ataliba Nogueira, patrianovista, promotor e secretário da interventoria do estado, para as comemorações de 13 de maio de 1933.⁷⁹⁶

Outro aspecto a ser ressaltado na *Voz* é a diversidade de textos que declararam apoio ao governo de Getúlio Vargas e que glorificavam a participação de negros, em “número bastante respeitável”, no processo de tomada do poder, tanto que Pedro Barbosa considerava que “a Revolução de 30”⁷⁹⁷ devia sua vitória à raça negra”.⁷⁹⁸ Um dos redatores do jornal, Raul

⁷⁹⁰ VEIGA, Arlindo. O exemplo que o negro deve dar. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 1, 17 fev. 1934.

⁷⁹¹ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Afirmção de raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 1, 10 jun. 1933.

⁷⁹² Pseudônimo adotado por Alceu Amoroso Lima, entre 1928 e 1967 foi presidente do Centro Dom Vital, associação católica fundada em 1922 por Jackson de Figueiredo, na qual Arlindo Veiga era membro.

⁷⁹³ VEIGA, Arlindo. O que se tem dito sobre o negro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 1, 29 jun. 1935.

⁷⁹⁴ FELICIANO, José Bueno. A situação da gente negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 28, p. 4, 23 dez. 1933.

⁷⁹⁵ ALVES, Arlindo. Liberdade, Liberdade... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 4, 11 mai. 1935.

⁷⁹⁶ AS comemorações do dia 13 de Maio último. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 2, 20 mai. 1933.

⁷⁹⁷ O termo “Revolução” foi utilizado pelo próprio governo varguista para se referir ao movimento revoltoso, porém, é amplamente questionado pela historiografia por este não promover mudanças profundas nas estruturas econômicas e sociais como seria esperado de um processo revolucionário.

⁷⁹⁸ BARBOSA, Pedro Paulo. Justiça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 15, p. 3, 1 jul. 1933.

Amaral, considerava que a criação da FNB foi motivada pelo regime implementado por Vargas, pois “foi o que despertou os últimos ânimos do coração do negro há muito espezinhado no conceito da sociedade brasileira, daí nasceu o mais forte desejo entre os negros de se colocarem a altura dos seus merecimentos”.⁷⁹⁹ A admiração motivou o jornal a publicar – em meio às discussões acerca da Assembleia Constituinte, realizada em maio de 1933 – uma fotografia de Isaltino Veiga ao lado de Getúlio Vargas,⁸⁰⁰ além de outras duas do presidente, após as eleições.⁸⁰¹ As três figuras representam 11% das apenas 27 publicadas em toda a circulação da *Voz*, o que somado ao fato de ocuparem cerca de 1/3 da primeira página, sinalizam a considerável admiração nutrida pelo chefe de Estado.

Nas páginas do periódico, o governo Vargas era saudado como responsável pela intensa mudança socioeconômica e política, razão pela qual os colaboradores nele depositavam suas esperanças para alcançar o tão almejado progresso dos afrodescendentes, segundo a ótica de que “o ciclo getuliano apareceu e os monopolizadores dos bens nacionais desapareceram com todo o orgulho e com suas empáfias, e o negro, que vivia abandonado, pode respirar”.⁸⁰² A depender dos princípios dos articulistas, as melhorias nas condições de vida dos negros seriam alcançadas de diferentes formas. Arlindo Veiga considerava que, a partir de 1930, os negros sentiram-se independentes e livres,⁸⁰³ enquanto para Adalberto de Freitas o movimento representou a conquista da “igualdade, liberdade e fraternidade”,⁸⁰⁴ lema da Revolução Francesa execrado por Raul Amaral⁸⁰⁵ e Veiga.⁸⁰⁶ Tinham em comum a defesa da cooperação mútua entre os negros e o regime, tanto que um dos objetivos do Grande Conselho da FNB era auxiliar o Estado e a população brasileira “naquilo que estiver ao seu curto alcance”.⁸⁰⁷ Em compensação, esperava-se que o governo garantisse os direitos reivindicados pelos negros, considerados os “verdadeiros brasileiros”, de forma que o gesto seria uma “obrigação, um dever de um governo fiel à sua pátria”.⁸⁰⁸ Com base nesses princípios, Arlindo Veiga, em nome da FNB, enviou, em 23 de dezembro de 1933, um telegrama a Getúlio Vargas em protesto contra a constante entrada de imigrantes no país, por

⁷⁹⁹ AMARAL, Raul. Instrução ao Raul. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 2, 8 jul. 1933.

⁸⁰⁰ *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 3, 18 mar. 1933.

⁸⁰¹ *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 1, 6 mai. 1933; *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 1, 24 jun. 1933.

⁸⁰² SILVA, Olímpio Moreira da. O Que foi a Raça Negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 4, 17 mar. 1934.

⁸⁰³ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Irmãos Negros!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 15 abr. 1933.

⁸⁰⁴ FREITAS, Adalberto Pires de. Ociosidade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 4, 29 jun. 1935.

⁸⁰⁵ AMARAL, Raul. A expressão da vontade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 1, ago. 1936.

⁸⁰⁶ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Fogo neles!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 1, 6 jan. 1934.

⁸⁰⁷ SILVA, Olímpio Moreira da. O Presente. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 31, p. 3, 3 fev. 1934.

⁸⁰⁸ GALVÃO, João Baptista. Belo gesto. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 4, 6 jan. 1934.

agravar o desemprego entre os afrodescendentes.⁸⁰⁹ Segundo o jornal, em janeiro do ano seguinte, a Frente obteve resposta, sem, contudo, revelá-la.⁸¹⁰ Pode-se supor que na sua réplica o governo se comprometeu em resolver a questão, pois um ano após o envio do telegrama, em dezembro de 1934, Veiga publicou artigo na *Voz* em crítica aos governantes que faziam promessas de auxiliar os afrodescendentes e não as cumpriam, pois continuavam a favorecer estrangeiros ou a brasileiros brancos, “assim foi nas guerras da independência, assim como nas guerras do Sul, como nas guerras do Paraguai, assim foi na Revolução de 30”.⁸¹¹ É interessante recordar que em 9 de maio de 1934 o Brasil assinou a Lei de Cotas, que restringiu, mas não proibiu, a vinda de imigrantes, como o telegrama sugeria, além do Estado não promover, como esperado pela Frente, políticas públicas especialmente voltadas para os negros.

O desapontamento não afetou apenas Veiga, pois, no mesmo período em que ele publicou seu artigo, na passagem da primeira para a segunda fase do jornal, as matérias elogiando o chefe do executivo mingüaram, exatamente quando a Frente passou a ser presidida por Justiniano Costa, em julho de 1934. Até então, a Revolta Constitucionalista era repudiada pela FNB, sob o argumento de que os revoltosos foram movidos por “interesses espúrios”,⁸¹² porém, em dezembro de 1934, no mesmo mês de publicação do texto de Veiga, Deocleciano Nascimento, diretor do periódico, exaltou a participação do frentenegrino Vicente Ferreira no movimento armado.⁸¹³ Em junho do ano seguinte, Aristides Assis Negreiros e João Mariano tornaram-se, respectivamente, secretário-geral e primeiro-secretário interinos da Legião Negra, batalhão formado por afrodescendentes que lutaram contra o governo provisório.⁸¹⁴ O acontecimento justifica a mudança na abordagem em relação ao tema no periódico, pois a revolta de São Paulo foi descrita, em novembro de 1936, como prova do desejo do povo brasileiro pela mudança.⁸¹⁵

O cunho político e doutrinário, que sempre se fizeram presentes na FNB, foi reforçado com sua transformação em partido político, em setembro de 1935.⁸¹⁶ A partir desse momento,

⁸⁰⁹ A FRENTE Negra Brasileira protesta contra a invasão de imigrantes que vêm agravar ainda mais a situação precária dos nacionais. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 28, p. 1, 23 dez. 1933.

⁸¹⁰ NADA além de quatro linhas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 4, 20 jan. 1934.

⁸¹¹ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Que o negro brasileiro não se iluda!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 42, p. 1, 15 dez. 1934.

⁸¹² SANTOS, Arlindo Veiga dos. Pela paz em São Paulo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 1, 20 mai. 1933.

⁸¹³ NASCIMENTO, Deocleciano. Contrassensos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 44, p. 2, 29 dez. 1934.

⁸¹⁴ LEGIÃO Negra do Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 3, 20 jun. 1935.

⁸¹⁵ GONÇALVES, Cesario. “Cafoni”, pária e negro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 59, p. 1, nov. 1936.

⁸¹⁶ INSCRITA como partido a Frente Negra. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 8535, p. 16, 11 set. 1935.

que marca a segunda fase do periódico, sucederam-se investidas no campo da atuação política partidária, visando se posicionar acerca dos acontecimentos recentes e divulgar sua ideologia, postura inaugurada por Veiga em função de sua candidatura à Assembleia Constituinte. É importante salientar que a fundação do partido fretenegrino aponta para a necessidade de considerar os posicionamentos da organização, a partir de setembro de 1935, não apenas como escolhas sobre os rumos da entidade, mas como estratégias no campo da política institucionalizada. O primeiro registro de legenda partidária do movimento negro representava a busca pela inserção no processo democrático do país, em meio às discussões políticas e o almejado progresso dos afrodescendentes, defendido pela Frente. Não surpreende, portanto, que daquele momento em diante, a *Voz* adotasse posições moderadas em relação a sua primeira fase, passando da extrema-direita para a direita, na busca por apoio e reconhecimento de outros grupos políticos e sociais.

Em novembro de 1935, a Intentona Comunista intensificou a aproximação entre a AIB e o governo de Vargas, unidos contra o inimigo comum,⁸¹⁷ também intensamente combatido pela *Voz* nos artigos anticomunistas que se fizeram presentes durante toda a existência do jornal. Contudo, diferentemente do integralismo, essa convergência não foi suficiente para a Frente manter apoio ao presidente, isso em função da ausência de medidas que priorizassem especificamente a população negra, assim o jornal veiculou críticas indiretas e diretas ao governo, desde dezembro de 1934, escritas, inclusive, por Arlindo Veiga. Note-se que a AIB e a FNB, ao menos desde final de 1934 – quando já era presidida por Justiniano Costa – trilharam direções distintas em relação ao governo federal.

Entre fins de 1936 e início de 1937, com a aproximação da eleição presidencial, marcada para janeiro de 1938, diversos grupos políticos, incluindo a Frente, encetaram discussões sobre o tema. Em novembro de 1936, a redação da *Voz*, na primeira página, noticiou que a FNB enviou ofício para a organização Bandeira (SP, 1935-1937),⁸¹⁸ declarando que pretendia homenageá-la.⁸¹⁹ Durante a realização do evento, Menotti Del Picchia, um dos fundadores do movimento, em seu discurso elogiou a participação dos negros na construção

⁸¹⁷ HILTON, Stanley. A Ação Integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938. In: *O Brasil na crise internacional*. Rio de Janeiro: Cultura Brasileira, 1977, p. 41.

⁸¹⁸ Assim denominada em referência aos bandeirantes, considerados símbolos máximos de nacionalismo e bravura, tal como a Frente os descreve no capítulo 2.

⁸¹⁹ Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, fundadores da agremiação, em 1926, encabeçaram o movimento nacionalista verde-amarelismo juntamente com Plínio Salgado, contudo a opção deste pelo fascismo foi alvo de críticas por Picchia e Ricardo, que, por meio da Bandeira combatiam o comunismo, o integralismo e a democracia liberal, eram favoráveis ao Estado Forte e à Democracia Social Nacionalista. Em: PINTO, João Alberto da Costa; COELHO, George Leonardo Seabra. *Jornal Anhangüera e o “movimento bandeira”: imprensa, Getúlio Vargas e oposição*. *Continentes*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 25, p. 233, 2024.

nacional e rejeitou a “horda russa”, em referência ao comunismo, que almejava destruir a pátria e a família. Já o secretário fretenegrino, Francisco Lucrécio, afirmou: “seus ideais se irmanam com os nossos”.⁸²⁰ Em outra ocasião, Lucrécio definiu a Bandeira como uma organização a favor da harmonia entre as raças, do nacionalismo e contrária a “doutrinas exóticas que querem dominar, apunhalando nossas tradições”.⁸²¹ A aproximação reforça a mudança de posicionamento da FNB em relação à AIB, veementemente criticada pela Bandeira.

A questão se acentuou com as campanhas eleitorais em torno das três candidaturas oficiais: os paulistas Armando de Salles Oliveira,⁸²² pela União Democrática Brasileira (UDB), e Plínio Salgado pela AIB, além do paraibano José Américo de Almeida, sem filiação partidária. Em maio de 1937, Vargas declarou o último representante governista, Armando de Salles, por sua vez, recebeu apoio do Partido Constitucionalista,⁸²³ um dos quais combateu o governo provisório na Revolta de 1932, já a AIB, embora apoiasse em diversos aspectos o governo de Vargas, defendeu pautas específicas, inspiradas no fascismo italiano. O movimento Bandeira declarou apoio a Armando de Salles, enquanto criticava a violência promovida pelos integralistas, extremismos da esquerda e da direita, e se opunha ao governo de Vargas.⁸²⁴ Em dezembro de 1936, um mês após a FNB noticiar sua solidariedade com o movimento Bandeira, Justiniano Costa, secretários e tesoureiros da FNB, realizaram sessão com o governador paulista, Armando de Salles, em agradecimento pelo seu “governo utilitário” e patriótico.⁸²⁵

Ainda assim, Pedro Barbosa, membro da extrema-direita fretenegrina, continuou a prestar apoio ao governo e, em maio de 1937, quando Vargas declarou apoio a José Américo, Barbosa encorajou os negros a “cerrar fileiras” em favor do presidente, pois este era, “dúvida alguma é o maior representante do pensamento liberal”⁸²⁶ da raça no Brasil”.⁸²⁷ Em junho de 1937, colaboradores do jornal demonstraram entusiasmo com o processo eleitoral, uma vez

⁸²⁰ A BANDEIRA e a Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 59, p. 1, nov. 1936.

⁸²¹ A BANDEIRA intelectual em Rio Claro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 61, p. 4, jan. 1937.

⁸²² Vargas o nomeou interventor do estado de São Paulo em agosto de 1933 e permaneceu no cargo até abril de 1935, quando se tornou governador de São Paulo e assim permaneceu até dezembro de 1936. Em: PINTO, João Alberto da Costa; COELHO, George Leonardo Seabra. *Op. cit.*, p. 230.

⁸²³ Em julho de 1934, Justiniano Costa, assim que assumiu a liderança, declarou apoio, em nome da Frente ao Partido Constitucionalista. Em: MANIFESTO aos negros. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 40, p. 4, 7 jul. 1934.

⁸²⁴ PINTO, João Alberto da Costa; COELHO, George Leonardo Seabra. *Op. cit.*, p. 233, 242.

⁸²⁵ A PRÓXIMA vista de sua excelência o Governador do Estado, a sede da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 60, p. 4, dez. 1936.

⁸²⁶ Posto que Barbosa era contra o liberalismo econômico, o termo foi utilizado no sentido de ser favorável à “liberdade” ou “libertação” dos negros de sua condição social precária,

⁸²⁷ BARBOSA, Pedro Paulo. Vitória. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 65, p. 1, mai. 1937.

que o partido frentenegrino pretendia lançar candidatura para o legislativo, pois a presença de negros entre os eleitos ratificaria o progresso democrático do país.⁸²⁸ No mês seguinte, o jornal estampou o último comentário sobre as eleições, de Cesário Gonçalves: “iremos procurar nas urnas o que nunca achamos no patriotismo dos governos”.⁸²⁹

Contudo, a instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937 e a outorga da nova constituição, interrompeu o processo eleitoral. A primeira página da última edição da *Voz*, do dia 20 do mesmo mês,⁸³⁰ estampou mensagens de apoio ao novo regime. A atitude pode ser entendida como estratégia defensiva, visto que, há três anos, o jornal criticava, direta ou indiretamente, os governantes, inclusive o comentário de Gonçalves havia sido veiculado quatro meses antes do golpe. Justiniano Costa, inclusive, enviou telegrama a Getúlio Vargas felicitando-o pela nova constituição e também se congratulou com o exército e a marinha nacionais.⁸³¹ Francisco Lucrécio – que anteriormente discursou a favor da Bandeira, crítica ao varguismo – afirmou que o conjunto de leis formulados pelo presidente “veio em tão boa hora”, e que o comércio, indústria e “almas brasileiras”, receberam o “bálsamo do sossego” após a instauração da nova ordem política. Solicitou que o presidente da nação favorecesse os negros, pois “sempre apoiaram o Brasil”,⁸³² declarou ainda:

Sinceras homenagens ao exímio senhor chefe da nação, ao exército e a marinha nacionais pelo brilhante gesto de profundo patriotismo e de amor a pátria do Brasil, tirando-o da mazorca em que se achava, levando-o para o caminho da prosperidade, do progresso e da tranquilidade, que é o almejo e orgulho de seus filhos.⁸³³

3.3 As questões religiosas e familiares e sua conexão com o ideal de pátria frentenegrino

Os outros dois elementos do lema integralista, “Deus” e “família”, foram abordados no jornal, em diversas ocasiões. A escolha do tema religioso como primeiro elemento nos *slogans* da AIB e da FNB subscreve a crença na autoridade divina, poder supremo a conduzir a existência humana. Assim, o poder divino comandaria a pátria, no sentido espiritual, enquanto as famílias brasileiras simbolizavam o microcosmo da nação, de forma que também deveriam ser orientadas pela religião, por fim, a referência à raça no lema frentenegrino

⁸²⁸ AMARAL, Raul. Modos de ver. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 66, p. 4, jun. 1937.

⁸²⁹ GONÇALVES, Cesário. O momento político. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 68, p. 4, ago. 1937.

⁸³⁰ O cabeçalho da edição informa apenas o mês e ano de publicação, porém Francisco Lucrécio informa que o dia anterior marcou as comemorações à bandeira, ou seja, 19 de novembro.

⁸³¹ TELEGRAMAS enviados pela F.N.B. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 70, p. 1, nov. 1937.

⁸³² LUCRÉCIO, Francisco. O negro em face da situação atual. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 70, p. 1, nov. 1937.

⁸³³ *Idem*.

explicita a inclusão do movimento negro. Embora a ordenação dos termos ajude a compreender a visão hierárquica da sociedade, abraçada pelo integralismo e pela Frente, na *Voz da Raça*, a religião e a questão familiar se apresentaram como pautas secundárias, complementares às discussões acerca da nação brasileira. A tabela abaixo informa o total de textos sobre a religiosidade e seus respectivos autores.

Tabela 15. O tópico “Deus” na *Voz*

Quantidade/Autoria(s)	Publicações por autor	Primeira fase (3/33-8/35)	Segunda fase (9/35-11/37)
(1) Redação	38	26	12
(1) Arlindo Veiga	16	14	2
(1) João batista galvão	5	5	–
(1) Loluar	4	3	1
(1) Castelo alves	4	4	–
(1) Silvério de Lima	4	2	2
(1) Manelik	3	3	–
(7) Cesário C. Freitas; João Candido dos Santos; José Bueno Feliciano; Manoel Buarque; Maria de Lourdes Rosário; Olimpio Moreira da Silva; Pedro Paulo Barbosa	2	2	–
(1) Ismail amaral	2	1	1
(2) José da Silva; Raul Amaral	2	–	2
(23) Adalberto Pires de Freitas; A.M dos Reis; Amazonas; Behenne Deó; Benedita Ramos da Fonseca; Carlos de Salles Bloch; David Rudolpho de Castro; Deocleciano Nascimento; Frabruno; Guilherme Enfeldt; João Grave; José de Nazareth; J.S Camargo; Lili; Martins D'alvarez; Niger; Nize; Paulo Forte; Salti; Sergio; Silverio de Lima; Victor Aurelio; V.L Pereira	1	1	–
(10) Aristides Teixeira; Benedito de Vaz Costa; Cesário Gonçalves; Francisco Lurecio; Horacio da Cunha; Isabel Venâncio; Jayme de Aguiar; Jersen de P. Barbosa; Murillo Araujo; R. Chaparro	1	–	1
Total	127	95	32

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

Para efeitos de comparação, a pátria foi mencionada 153 vezes, já a religião, 126, sendo os redatores responsáveis por 30% do conteúdo religioso. Destaca-se a discrepância entre as quantidades veiculadas em cada uma das fases, 94 na primeira e 32 na segunda, quase três vezes menos que a anterior. Veiga, além de ser autor frequente no primeiro período, possivelmente influenciou as menções constantes ao tema e fomentou a criação da seção “Vida Religiosa”. Não obstante sua curta duração, – da edição 15 a 19 – contou com artigos de católicos que ocupavam páginas inteiras, evidência da importância do assunto, visto que o periódico sempre lutou com a falta de espaço. Soma-se a esse fato a veiculação de três imagens de Jesus Cristo (11% do total) no primeiro período, duas, inclusive, na página de abertura.⁸³⁴ O sucessor de Veiga, Justiniano Costa, embora anos antes tenha sido juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo, motivado, segundo *O Clarim*, pelo “do seu caráter e do seu coração católico”,⁸³⁵ não se deu destaque para o tema no jornal, porém manteve a participação da Frente em missas.

Em resposta aos críticos que taxavam a FNB de monarquista, a direção do jornal argumentou que a sede estampava um cartaz em letras garrafais “é expressamente proibido discutir política ou religião na sede” e que “diante de tal liberdade, cremos que fora do recinto da Frente Negra Brasileira, os seus associados poderão adotar a política ou religião que entenderem”.⁸³⁶ Ainda assim, como indicado pelos textos da redação, o catolicismo prevalecia, embora, em uma ocasião, publicou-se notícia sobre a inauguração de um centro espírita.⁸³⁷ Os redatores informaram sobre eventos religiosos e quase metade (14) era de convite para que os leitores participassem de missas em diversas igrejas paulistanas. Um aspecto constante foi a questão racial aliada à religiosidade, caso do São Benedito,⁸³⁸ santo católico negro, e a participação da Frente em missas em homenagem aos abolicionistas nas comemorações de 13 de maio.⁸³⁹ Além disso, comentários dos redatores relacionavam a adoção do catolicismo com o desempenho de condutas consideradas adequadas pela Frente, tal como o cooperativismo, união e ajuda mútua entre os membros da comunidade negra, embasados nos princípios cristãos, nacionalistas⁸⁴⁰ e patrióticos, pela “fé ardente nos destinos

⁸³⁴ *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 3, 5 ago. 1933; *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 28, p. 1, 23 dez. 1933; *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 34, p. 1, 31 mar. 1934.

⁸³⁵ JUSTINIANO Costa. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, ano 7, n. 29, p. 1, 23 ago. 1930.

⁸³⁶ COM o negro e suas agremiações. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 1, 20 jan. 1934.

⁸³⁷ CENTRO Espírita Benedita Bessa. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 4, 06 mai. 1933.

⁸³⁸ MISSA pró paz. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 4, 29 abr. 1933; A COMEMORAÇÃO do 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 63, p. 4, mai. 1936.

⁸³⁹ O 13 de maio na F.N.B. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 45, p. 1, 11 mai. 1935.

⁸⁴⁰ PENSANDO na vida. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 1, 10 jun. 1933.

da nacionalidade”.⁸⁴¹ Na crítica aos comportamentos considerados moralmente prejudiciais à raça, a redação argumentava: atos criminosos, vícios, como o alcoolismo,⁸⁴² eram “contra as leis divinas”, que deveriam ser rigorosamente obedecidas. Por esse mesmo motivo, os redatores posicionavam-se contra a presença de rodas de samba próximo às igrejas, afirmando: “somos católicos, gostamos de festividades e aconselhamos todo respeito ao ritual religioso”.⁸⁴³ Para os redatores, os negros deveriam inspirar seus comportamentos em heróis como Patrocínio e Luiz Gama.⁸⁴⁴

Semelhante à postura adotada pela redação, os colaboradores, em sua maioria, apregoavam o cristianismo, nas diminutas seis ocasiões em que mencionaram outros credos, o fizeram com evidente desprezo. Os deuses de cultos pré-cristãos foram classificados como bárbaros e suplantados pelo cristianismo.⁸⁴⁵ Já os praticantes de religiões de matriz africana eram menosprezados pela sua suposta “inocência que canta todo seu coração ainda bárbaro e novo na alegria florida e selvagem da infância”.⁸⁴⁶ Para Arlindo Veiga, os negros deveriam honrar as tradições e a moralidade herdadas dos antepassados, outras opções eram consideradas prejudicadas pela “decadência de caráter, manias de mexeriqueiros, arrotos de bambas, conversas de paus-d'água, *valentias de macumbeiros*,”⁸⁴⁷ que por egoísmo criticavam a hierarquização da Frente.⁸⁴⁸ O adjetivo “macumbeiro” foi rejeitado pelo colaborador Salti, usado em função de sua dedicação à grafologia, não aceitou a comparação pois “grafologia não é macumba, é uma ciência muito interessante e delicada”.⁸⁴⁹ Já Raul Amaral ponderou que, com a devida moralização, os sujeitos que frequentavam meios sociais corrompidos, como os sambas de terreiro, poderiam civilizar-se.⁸⁵⁰ Na mesma linha, no samba reproduzido pelo jornal, composto pelo frenentenegrino Aristides Teixeira, descreve o medo do interlocutor em atravessar encruzilhadas nas sextas-feiras, às evitava por temor às oferendas religiosas ali depositadas.⁸⁵¹ Motivados desprezo ou pela tentativa de aviltamento, os autores referiram-se de forma negativa às religiões de matriz africanas, o que se relaciona tanto com o

⁸⁴¹ FRENTE Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 70, p. 1, nov. 1937.

⁸⁴² NOTÍCIAS de Sorocaba: festividades de São Benedito. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 32, p. 4, 17 fev. 1934.

⁸⁴³ *Idem*. Grifo da autora.

⁸⁴⁴ PELA liberdade da raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 3, n. 46, p. 1, 20 jun. 1935.

⁸⁴⁵ GONÇALVES, Cesario. Comissão de Moços. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 58, p.3, out. 1936.

⁸⁴⁶ ARAUJO, Murillo. Joias Literárias: Macumba. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 70, p. 3, nov. 1937.

⁸⁴⁷ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Aos Frenenegrinos, aos Negros em geral e aos demais Patrícios, especialmente Trabalhadores e Produtores. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 1, 29 abr. 1933. Grifo da autora.

⁸⁴⁸ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Alerta! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1933.

⁸⁴⁹ LOLUAR. É jeito meu. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 14, p. 4, 24 jun. 1933.

⁸⁵⁰ AMARAL, Raul. A expressão da vontade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 4, ago. 1936.

⁸⁵¹ TEIXEIRA, Aristides. Sexta-feira (macumba). *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 2, jun. 1936.

branqueamento dos costumes defendido pelo movimento negro, quanto com a aproximação da Igreja Católica, que ocorria desde os finais do século XVIII e início do XIX. Em busca de fiéis, a instituição aproximou-se da população negra pela catequização, que fundia elementos culturais afrodescendentes com o culto, daí surgiram as irmandades católicas negras, cujos principais patronos eram Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.⁸⁵² Ademais, nas décadas de 1920 e 1930, o Brasil, em especial as classes médias, passaram pela recatolização, reação conservadora às rápidas transformações sociais, políticas e econômicas que ocorriam em âmbito nacional e mundial.⁸⁵³

Arlindo Veiga exemplifica essa dinâmica, pois, desde o início de sua atividade na imprensa, aos 17 anos, envolveu-se com a questão religiosa, uma vez que colaborou com o jornal católico *A Federação* (SP, 1905 -), de sua cidade natal, Itu, no interior de São Paulo. Também publicou no *Mensageiro da Paz* (SP),⁸⁵⁴ órgão oficial da Congregação Mariana da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia de São Paulo, e no periódico mariano *Ave Maria* (SP, 1899-).⁸⁵⁵ Sua formação acadêmica em São Paulo teve influência direta da Igreja, protegido pelo mecenato, foi aluno do colégio jesuíta São Luís e concluiu posteriormente o ensino superior na Faculdade São Bento, atual Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, influente entre a comunidade católica do período.⁸⁵⁶ Logo, seus dados biográficos evidenciam o impacto da Igreja em diversos aspectos de sua formação intelectual, bem como na sua longa trajetória como militante católico, posição que assumiu desde 1924, enquanto membro do Centro D. Vital, associação conservadora criada por Jackson de Figueiredo em 1922, em reação à secularização da política e sociedade, como resultado da expansão do liberalismo, de forma que também se posicionava contra o comunismo.

Tais experiências de Veiga o inspiraram a organizar o Centro Monarquista de Cultura Social e Política Pátria-Nova, em 1928, e que em 1932 se tornou Ação Imperial Patrianovista Brasileira, no mesmo ano de fundação da AIB. Os dois movimentos, embora defendessem diferentes regimes políticos para o restabelecimento da ordem nacional – respectivamente, monarquia e república – tinham em comum o fato de serem influenciados pelo

⁸⁵² QUINTAO, Antonia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência* (São Paulo, 1870-1890). São Paulo: Annablume, 2002, p. 37-39.

⁸⁵³ LOVE, Joseph. *Op. cit.*, p. 137.

⁸⁵⁴ Não foram encontradas informações sobre o período de publicação.

⁸⁵⁵ MALATIAN, Teresa. *O tradicionalismo monarquista (1928-1945)*. *Op. cit.*, p. 79.

⁸⁵⁶ *Idem*.

conservadorismo católico,⁸⁵⁷ que ganhava força no país desde a década anterior. O espiritualismo cristão conservador opunha-se ao liberalismo, comunismo e até mesmo à democracia, características do pensamento de membros da extrema-direita frentenegrina, como Arlindo Veiga (16),⁸⁵⁸ José Bueno Feliciano (2) e Pedro Paulo Barbosa (2). Ou seja, nos textos do grupo percebe-se semelhanças com posições acerca da religião disseminadas pelo integralismo. Ademais, os textos de outros autores expõem suas ideias sobre as relações entre o ideal de pátria defendido no jornal e a religiosidade.

Analisar como a religião foi relacionada com a raça e a pátria no jornal colabora para compreender a mobilização de argumentos religiosos, que reforçavam ideologias políticas específicas. Para Veiga, o negro necessitava da religião, pois proporcionava mudanças comportamentais,⁸⁵⁹ como o combate ao alcoolismo,⁸⁶⁰ pois o “homem sem religião é também sem compromisso”,⁸⁶¹ de modo que Veiga esperava que “a glória e a fidelidade do negro à civilização cristã não de espantar toda a América”.⁸⁶² A sede da FNB fora comparada a um templo, por promover o desenvolvimento espiritual,⁸⁶³ inspirar a obedecer a “lei eterna de Deus”, a ordem e a disciplina.⁸⁶⁴ Apenas a partir do fortalecimento de seus aspectos intelectuais, morais e espirituais,⁸⁶⁵ exerceriam o patriotismo,⁸⁶⁶ pois a Frente agia em prol da evangelização e do “patriotismo sadio”,⁸⁶⁷ missão comparada ao sacerdócio.⁸⁶⁸

Em suma, os colaboradores consideravam o Brasil um país cristão⁸⁶⁹ e que a política deveria se basear nesse princípio, sendo o governo civil, independente do regime, uma instituição estabelecida por Deus.⁸⁷⁰ Por meio de passagens bíblicas, os autores defendiam a

⁸⁵⁷ Ainda que a AIPB rejeita-se o rótulo, se considerava renovadora, “pois não merecem conservação os vícios de uma sociedade infame, de um regime que traiu a Deus, ao espírito, à inteligência e ao próprio sensível do homem”. Em: SANTOS, Arlindo Veiga dos. Terceiro império. Boletim nº 8, São Paulo, 1932.

⁸⁵⁸ Quantidade de textos publicados sobre religião.

⁸⁵⁹ VEIGA, Arlindo. Na hora da celebração. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 21, p. 1, 16 set. 1933.

⁸⁶⁰ FONSECA, Benedita Ramos da. Conheces-me? *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 3, 20 mai. 1933.

⁸⁶¹ SALTÍ, Dor Secreta. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 3, 3 jun. 1933.

⁸⁶² SANTOS, Arlindo Veiga dos. Aos frentenegrinos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, 18 mar. 1933.

⁸⁶³ COSTA, Benedito Vaz. Profissão de fé. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 70, p. 1, nov. 1937.

⁸⁶⁴ BARBOSA, Pedro Paulo. Perdoai-lhe Senhor. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 3, 10 jun. 1933.

⁸⁶⁵ SILVA, Olímpio Moreira da. Aos irmãos de raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 4, 11 jun. 1933.

⁸⁶⁶ ROSÁRIO, Maria de Lourdes. Filosofando... *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 4, 03 jun. 1933.

⁸⁶⁷ BLOCH, Carlos de Salles. Apertando mãos cor de ébano. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 4, 18 mar. 1934.

⁸⁶⁸ LIMA, Silverio de. “Libertas Que Sera Tamen”. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 4, 18 mar. 1934.

⁸⁶⁹ LIMA, Silverio de. Iluminação nuviosa. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 59, p. 4, nov. 1936; DEÓ, Behene. Modificação da Bandeira Nacional: Para melhor ou para pior? *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 2, 22 abr. 1933; SANTOS, Arlindo Veiga dos. Alerta! *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1, 1 abr. 1933.

⁸⁷⁰ GALVÃO, João Batista. Acerca do Governo Civil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 18, p. 4, 5 ago. 1933.

união dos brasileiros contra separatismos,⁸⁷¹ bem como o nacionalismo⁸⁷² armado,⁸⁷³ na salvaguarda do futuro da nação. Os articulistas da *Voz* apontavam o comunismo e o socialismo como inimigos da pátria. Mesmo Castelo Alves, que considera o socialismo como originalmente cristão, propugnado pelos apóstolos e mártires bíblicos, defendia que a sociedade contemporânea o deturpou,⁸⁷⁴ transformando-o numa ideologia que atacava os princípios cristãos.⁸⁷⁵ Veiga se destacou entre os articulistas que associavam o cristianismo com a política brasileira, para o patrianovista, o liberalismo democrático ocasionou o secularismo,⁸⁷⁶ uma perversão da sociedade. Também criticou o comunismo com base na religião,⁸⁷⁷ por ser propagandeado por “anticapitalistas cortejadores de judeus, amigos de judeus cortejadores dos humildes, antirreligiosos e anticlericais como devem e têm de ser todos os salafrários e bandalhos”.⁸⁷⁸ O nacionalismo católico de Arlindo Veiga articulava comunismo e a figura do judeu,⁸⁷⁹ que tentava implementá-lo com “uma fúria de brutalidade materialista e satânica”.⁸⁸⁰

Tais comentários evidenciam o entrecruzamento da liderança de Veiga na AIPB e na Frente, pois em ambas combatia-se as ideologias liberais e comunistas na defesa de um Estado orgânico, sindical e cristão. Para o patrianovismo, o catolicismo era o elemento central na resolução dos problemas políticos e sociais brasileiros. Os únicos colaboradores do jornal que disseminaram ideias semelhantes foram José Bueno Feliciano, Pedro Paulo Barbosa, Castelo Alves e João Cândido, todos durante a primeira fase. As análises evidenciam diferenças na abordagem em relação ao mesmo tópico. Assim como a religião, a família foi abordada em diversas circunstâncias com a finalidade de reforçar determinados argumentos sobre a pátria. A tabela a seguir identifica todas as publicações e autores que trataram do tema:

Tabela 16. Textos acerca da família no jornal

Quantidade/Autoria(s)	Publicações	Primeira fase	Segunda fase
-----------------------	-------------	---------------	--------------

⁸⁷¹ FELICIANO, José Bueno. A união faz a força. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 2, 22 abr. 1933.

⁸⁷² FELICIANO, José Bueno. Tenhamos fê no Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 16, p. 1, 8 jul. 1933.

⁸⁷³ GALVÃO, João Batista. Dito do Senhor. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 2, 17 mar. 1934.

⁸⁷⁴ ALVES, Castelo. Flores do Campo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 17, p. 1, 15 jul. 1933.

⁸⁷⁵ SANTOS, João Cândido dos. Saudades do Pirai. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 35, p. 1, 14 abr. 1934.

⁸⁷⁶ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Critiqueiros!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1, 22 abr. 1933.

⁸⁷⁷ SANTOS, Arlindo Veiga da. Pela paz em São Paulo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 1, 20 mai. 1933.

⁸⁷⁸ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Limpando o campo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 20, p. 1, 2 set. 1933.

⁸⁷⁹ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Pela paz em São Paulo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 1, 20 mai. 1933.

⁸⁸⁰ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Fogo neles!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 29, p. 1, 6 jan. 1934.

	por autor	(3/33-8/35)	(9/35-11/37)
Redação	5	4	1
Arlindo Veiga	3	3	–
Pedro Paulo Barbosa	3	1	2
Ismail Amaral	3	–	3
Horácio da Cunha	2	1	1
(2) Francisco Lucrécio, Raul Amaral	2	–	2
(15) Adalberto Pires de Freitas, Amazonas, Aristides Assis Negreiros, Benedita Fonseca Ramos, Cantidio Castelo Alves, Irmão Branco, João B. Mariano, João Francisco de Araújo, João Maria de Camargo, Leão Peixoto, Olavo Xavier, Pedro Rodrigues, V.L Pereira Duarte, Wilson	1	1	–
(5) Abelcio P. Barbosa, Cesario Gonçalves, Lacy do X, Marcos Rangel, Silvério de Lima	1	–	1
Total	40	24	16

Fonte: *A Voz da Raça*, 1933-1937. Tabela produzida pela autora.

A primeira fase do jornal veiculou 60% do conteúdo sobre o assunto, abordado por 18 autores, desconsiderando a redação, sendo Arlindo Veiga e Pedro Paulo Barbosa os mais frequentes. Já o período posterior registrou 33% menos textos sobre a família, escritos por 10 colaboradores. No total, 26 trataram do assunto, dos quais nove publicaram apenas uma vez em toda a existência do jornal, ou seja, os líderes fretenegrinos atribuíram menor importância à abordagem da família do que os outros tópicos que compunham o *slogan* presente no cabeçalho do jornal. Ainda assim, os escritos são relevantes, pois produções que trataram sobre família, em geral, tinham como tema central assuntos religiosos ou de viés nacionalista. Nessas produções, os antepassados negros eram considerados “vanguardeiros do progresso do Brasil”⁸⁸¹ e, portanto, “o dever do negro, do fretenegrino, não é ficar de braços cruzados, não é ficar como inerte: o dever do negro é imitar os feitos heroicos dos nossos avós, o dever do negro é trabalhar com entusiasmo para a reivindicação dos nossos direitos”⁸⁸² e pela conservação das “tradições da raça”.⁸⁸³ Os negros eram frequentemente descritos como “irmãos” e mencionava-se a “família negra”, no singular, para se referir a diversos núcleos familiares afrodescendentes. Para Arlindo Veiga, “o negro não é somente cada um de nós, mas

⁸⁸¹ ALVES, Cantidio Castelo. História que se passou. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 26, p. 2, 25 nov. 1933.

⁸⁸² CAMARGO, João Maria de. O dever do negro. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 34, p. 1, 31 mar. 1934.

⁸⁸³ DUARTE, V. L. Pereira. Apelo. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 30, p. 1, 20 jan. 1934.

nossas famílias, nossa Gente toda”.⁸⁸⁴ No campo religioso, eram comuns sermões sobre a importância da integridade moral,⁸⁸⁵ abstinência de vícios⁸⁸⁶ e comportamentos íntegros para favorecer laços familiares saudáveis.

No periódico, o termo “família” foi utilizado como sinônimo de “comunidade”, fosse ela racial, nacional ou religiosa. Em diversos momentos, os brasileiros foram representados como pertencentes a uma só família e, por esse motivo, deveriam proteger a nação, valorizar os antepassados, principalmente os negros, que ajudaram a construir o país, como sugeria a redação “sejamos brasileiros, cantemos as vitórias dos nossos antepassados para que o mesmo faça o futuro com as nossas obras”.⁸⁸⁷ Dessa forma, a pátria brasileira era retratada como uma família numerosa e unida, sendo os brasileiros todos irmãos que deveriam defender o Brasil, lutar contra separatismos,⁸⁸⁸ pois assim valorizariam a terra cultivada pelos ancestrais.⁸⁸⁹ Essa família, então, deveria congregar “sob uma só lei, para desfazer injustiças”,⁸⁹⁰ contexto em que Arlindo Veiga criticou os que confiavam os destinos do Brasil aos políticos, “meia dúzia de eleitos pelo sufrágio universal”.⁸⁹¹

Já Aristides Negreiros censurava os “vendilhões do nosso rico Brasil”, considerava que estrangeiros desejavam extinguir os negros, – em referência à busca pelo branqueamento – por esse motivo o autor defendia a expulsão destes, que ocorreria “quando toda a família brasileira estiver unida, esquecida do preconceito baixo de certos brancoides e mulatoides”.⁸⁹² Uma vez que o jornal considerava que a estabilidade da nação dependia da família,⁸⁹³ esta deveria ser protegida da desagregação, promovida, na concepção de Arlindo Veiga, Pedro Paulo Barbosa e Francisco Lucrécio, pelo comunismo e internacionalistas. Se, por um lado, Lucrécio considerava que quaisquer extremismos, como o fascismo, fragmentavam os lares brasileiros,⁸⁹⁴ por outro lado, Veiga e Barbosa criticavam apenas os movimentos de esquerda e, principalmente de extrema-esquerda, enquanto prejudiciais à questão familiar. Para Veiga,

⁸⁸⁴ SANTOS, Arlindo Veiga dos. A árvore da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 2, 25 mar. 1933.

⁸⁸⁵ GONÇALVES, Cesário. A maldita volúpia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 55, p. 1, jul. 1936.

⁸⁸⁶ FONSECA, Benedita Ramos da. Conheces-me?. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 3, 20 mai. 1933.

⁸⁸⁷ COMO foi comemorado o 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 66, p. 1, jun. 1937.

⁸⁸⁸ PEIXOTO, Leão. Para brasileiros: Brancos e Pretos. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 4, 25 mar. 1933.

⁸⁸⁹ FREITAS, Adalberto Pires de. A meus filhos: Jeferson e Adalberto. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 35, p. 4, 14 abr. 1934.

⁸⁹⁰ AMARAL, Raul J. A calúnia. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 54, p. 1, jun. 1936.

⁸⁹¹ SANTOS, Arlindo Veiga dos. A árvore da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 2, 25 mar. 1933.

⁸⁹² NEGREIROS, Aristides Assis. Aos Negros de Verdade. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 2, n. 33, p. 7, 17 mar. 1934.

⁸⁹³ AMARAL, Raul. Ave Libertas. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 53, p. 1 mai. 1936.

⁸⁹⁴ LUCRÉCIO, Francisco. Congresso Cultural. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 5, n. 69, p. 4, set. 1937.

eram inimigos da pátria construída pelos ancestrais negros,⁸⁹⁵ enquanto Barbosa defendia que destruía as tradições da pátria e aniquilava a família.⁸⁹⁶ Em síntese, ambos os colaboradores compartilhavam a seguinte concepção:

A sociedade precisa ficar livre de vez desses *assassinos de mulheres e crianças*, desses vendilhões das tradições pátrias, porque o comunismo, que é, sob todos os títulos. impraticável na face da terra, não respeita a família, as glórias do passado e muito menos as tradições que costumam ornar e influir no caráter dos povos.⁸⁹⁷

Com base no que foi exposto, conclui-se que Arlindo Veiga, enquanto presente da FNB, conduziu a entidade segundo sua ideologia, ainda que, a princípio, os vários fundadores visassem a construção de uma frente única em favor dos negros. Veiga incorporou seus princípios políticos na formulação dos estatutos fretenegrinos, bem como nos seus artigos veiculados no periódico, além de haver declarado apoio ao integralismo em nome da FNB. É necessário, entretanto, evitar duas generalizações diametralmente opostas: afirmar que as ideias de Veiga foram aceitas e reproduzidas pela maioria dos membros e tampouco considerar que sua ideologia não influenciou outros colaboradores do jornal fretenegrino. No veículo, ao menos oito indivíduos – Raul Amaral, Olímpio Moreira da Silva, Pedro Paulo Barbosa, José Bueno Feliciano, Imil Acarat, Isaltino Veiga, Henrique Dias, e Olavo Xavier – publicaram textos em concordância com as ideias propagadas pelo presidente, principalmente durante sua liderança, de forma que se aproximaram do discurso integralista em defesa do fascismo, com críticas ao comunismo e à democracia liberal.

A relação entre a FNB e o integralismo pode ser interpretada pela perspectiva religiosa e racial, associadas às discussões políticas, aspecto sintetizado no *slogan* integralista “Deus, pátria e família”. Na *Voz* foi acrescido o termo “raça”, no sentido de incluir a defesa do nacionalismo, baseado na perspectiva racial, ou seja, sobre a importância dos negros na construção da nação, e orientada pelo cristianismo, pois a Frente compartilhava a opinião expressa no primeiro artigo do manifesto integralista: “Deus dirige os destinos dos povos”.⁸⁹⁸ A influência do catolicismo pode ser entendida no contexto de busca por fiéis por parte da Igreja Católica, processo que se intensificou com a recatolização da sociedade brasileira na década de 1920, movimento de reação ao avanço do liberalismo, comunismo e secularismo.

⁸⁹⁵ SANTOS, Arlindo Veiga dos. Irmandades negros!. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 1, 15 abr. 1933.

⁸⁹⁶ BARBOSA, Pedro. A Frente Negra Brasileira em face dos últimos acontecimentos - a Frente Negra Brasileira frente à raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 56, p. 2, ago. 1936.

⁸⁹⁷ BARBOSA, Pedro Paulo. O perigo vermelho. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 4, n. 59, p. 1, nov. 1936.

⁸⁹⁸ SALGADO, Plínio. Manifesto de Outubro. *Ação Integralista Brasileira*, São Paulo, 7 out. 1932, p. 5.

A aproximação de parcela dos fretenegrinos com o integralismo talvez possa ser explicada pelo fato do movimento abordar a questão racial, enquanto os movimentos de esquerda raramente o faziam, pois partiam da noção de que a mudança do regime solucionaria todas as problemáticas sociais. Tal aspecto, porém, não impediu que afrodescendentes se filiassem a organizações do campo da esquerda, como a Frente Negra Socialista, que chegou a contar com ex-membros da FNB. Esta, por sua vez, argumentava, tal como se lê no Manifesto de Outubro, que a “nossa pátria precisa de estar unida e forte solidamente construída de modo a escapar ao domínio estrangeiro que a ameaça dia a dia e salvar-se do comunismo internacionalista que está no seu corpo como um cancro”.⁸⁹⁹ No jornal, o internacionalismo defendido pelo comunismo foi um dos principais motivos para a crítica a esse movimento, que se opunha ao fortalecimento do nacionalismo, ideal preconizado pela FNB.⁹⁰⁰

Com a saída de Veiga da presidência, em julho de 1934, o programa da Frente transacionou progressivamente da extrema-direita para a direita, sob a liderança de Justiniano Costa. A organização foi, durante toda sua existência conservadora, nacionalista e anticomunista, ideias que pautaram sua luta pela melhoria das condições vivenciadas pelos negros, considerados pelo periódico como os legítimos brasileiros, motivo pelo qual deveriam ser valorizados pela nação e amparados pelos governos. A pesquisa identificou que, a partir de agosto de 1935, quando a Frente se transformou em partido político, o seu periódico adentrou em nova fase. Daquele momento em diante, a *Voz* passou a veicular críticas ao regime varguista, defendeu o processo democrático, execrado por Veiga, na busca pela inserção dos afrodescendentes nas discussões políticas. Além disso, afastou-se do integralismo e aliou-se à organização Bandeira, crítica dos seguidores de Salgado. Tais aspectos indicam que o discurso oficial da FNB se aproximou da Ação Integralista somente durante a presidência de Arlindo Veiga, fosse por meio de declarações de apoio na imprensa ou pela veiculação frequente de seus artigos na *Voz*, que inspiraram uma minoria de fretenegrinos a defenderem ideais semelhantes aos seus. Contudo, Veiga não foi capaz de criar bases sólidas para que seus princípios se difundissem e se consolidassem entre os membros de forma geral. Evidência disso foi a mudança pelo qual passou o jornal sob a

⁸⁹⁹ *Idem*.

⁹⁰⁰ O internacionalismo defende uma unidade supranacional, como Bobbio afirma, “em uma cultura que reflete principalmente as preocupações da unificação nacional, não há muito lugar para ideais internacionalistas e universalistas”, uma vez que, para o comunismo o proletariado é destituído de pátria, há então a solidariedade de classe que ultrapassa fronteiras geográficas. Além disso, o internacionalismo opõe-se a regimes como o fascismo e nazismo, por serem expressões da extrema-direita e valorizarem o nacionalismo. Ver: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Op. cit.*, 1998, p. 293-300.

liderança de Justiniano Costa, pois, embora os nove colaboradores fretenegrinos próximos à extrema-direita continuassem a colaborar, o faziam com menor frequência e em meio ao número crescente de textos divergentes.

Assim, Veiga inegavelmente influenciou a defesa de ideais da extrema-direita no jornal, principalmente durante sua presidência, o que não significou, contudo, que o periódico servisse inteiramente e tão somente à propagação da ideologia de Veiga. Isto é, a relevância dele na construção do discurso da *Voz*, não anulou a presença e importância de outros colaboradores, tanto aqueles que convergiam com suas ideias, quanto os que divergiam. Tal aspecto permitiu que durante seus 4 anos de existência o impresso contasse com publicações favoráveis e contrárias à: monarquia, república, democracia, ao fascismo e nazismo, ao governo de Getúlio Vargas e ao integralismo, que embora não tenha sido criticado diretamente, a partir de outros posicionamentos políticos da *Voz*, entende-se o progressivo afastamento da FNB com essa ideologia durante a segunda fase do periódico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender as escolhas discursivas da *Voz*, é necessário considerar que a conjuntura na qual atuou a FNB envolveu não apenas o contexto histórico da década de 1930, como também do decênio anterior, quando emergiu em São Paulo uma classe média negra. Reitero que esta pesquisa se baseou na ideia de que os 203 sujeitos que colaboraram com a produção na *Voz* compunham a referida classe média. Entre os conselheiros da *Voz* estavam dentistas, contadores, engenheiros e advogados, e mesmo que seja temerário afirmar que essa era a realidade de todos dos associados, ao menos os colaboradores do jornal, diante da pauperização da comunidade negra, somente pelo fato de serem alfabetizados já se diferenciavam da maioria. Cabe ressaltar que buscavam ascensão socioeconômica baseada, sobretudo, no aprimoramento educacional – alguns inclusive ingressaram em cursos superiores – o que possibilitou a conquista de postos de trabalho com maior prestígio social e remunerações mais altas. Contudo, a classe média afrodescendente não pode ser confundida com aquela formada pelos brancos, pois continuou a enfrentar dificuldades socioeconômicas e a sofrer os efeitos do racismo, que obstaculizou sua inserção em setores sociais mais elevados.

Em um país onde as posições de poder e as instituições educacionais eram ocupados majoritariamente por brancos, a busca desses negros pela ascensão socioeconômica, bem como a inserção nas decisões políticas do país, implicou na interação com grupos religiosos, políticos e organizações formados, em sua maioria, por brancos. Esse aspecto representou o diálogo cada vez mais frequente entre o movimento negro e outras coletividades. Na década de 1920, a ascensão da classe média negra foi acompanhada de paulatina aproximação com o conservadorismo, verificada na imprensa negra, conforme indicam as análises de textos de fretenegrinos em periódicos que circularam antes da formação da FNB. A fundação da Frente em 1931 aprofundou o fenômeno já existente, o que ficou evidenciado ao longo de toda a existência da *Voz da Raça*.

Entre os motivos para a identificação de parte dos afrodescendentes com o conservadorismo pode-se apontar a relativa aceitação da ideologia do branqueamento moral da comunidade. É importante ressaltar que os militantes fretenegrinos não apoiavam as tentativas de embranquecimento racial do país, alguns dos principais focos do jornal foram: valorização dos negros na construção da história nacional, o incentivo à união da comunidade e a censura ao preconceito. Porém, o periódico prescrevia a adoção de comportamentos compatíveis com a moralidade estabelecida pelos brancos na tentativa de se livrar dos

estereótipos negativos acerca dos afrodescendentes. A *Voz* era contrária ao alcoolismo, às rodas de samba meramente recreativas e criticava religiões de matriz africana. No caso específico das mulheres, também foram repreendidas por determinadas roupas consideradas indecentes e eram o público-alvo dos anúncios de alisamentos capilares realizados pelo salão de beleza fretenegrino. Em suma, os articulistas buscavam o reconhecimento como importantes elementos para o progresso civilizatório ocidental, capazes de seguirem normas e tradições, mesmo que para isso negassem aspectos de suas origens, como a textura de seus cabelos e a importância das religiões afro-brasileiras. Para os colaboradores da *Voz*, a possibilidade de serem aceitos parecia superar os impactos negativos da mutilação identitária promovida por suas posturas conservadoras.

Outro fator que aprofundou o conservadorismo da organização foi o vínculo com o movimento de recatolização, iniciado na década de 1920, em reação à secularização, ao liberalismo e ao comunismo. Nesse processo, almejando o aumento do número de fiéis, grupos católicos leigos e eclesiais mantiveram cursos de alfabetização e superiores, como a Faculdade São Bento, influente entre a comunidade católica do período. Formado na instituição, Arlindo Veiga simbolizou a aproximação entre o catolicismo e o movimento negro de sua época, uma vez que assumiu a posição de militante católico a partir de 1924. A *Voz*, por sua vez, professou, em diversas ocasiões, ao longo de seus 70 números, devoção à doutrina cristã. No entanto, é fundamental distinguir: a adoção quase unânime do catolicismo entre os articulistas que abordaram o tema religião não significou a adesão massiva de fretenegrinos ao patrianovismo liderado por Veiga. Ao contrário, representaram ínfimos 1,4% dos colaboradores, eram três sujeitos: Arlindo Veiga, Isaltino Veiga e José Bueno Feliciano.

O colapso dos governos liberais-democráticos com a crise mundial de 1929 teve como resultado o desenvolvimento da defesa de sistemas políticos e econômicos alternativos, entre os que se destacavam estavam, de um lado, o comunismo, e de outro, o fascismo. Uma vez introduzido o conservadorismo no movimento negro nos anos 1920, viabilizou-se, no decênio seguinte, a identificação de parcela de seus membros com os ideais da extrema-direita em ascensão, como indica artigos publicados na *Voz*. Também pontuo que a FNB buscava soluções de obstáculos que afetavam os negros brasileiros cotidianamente, como o desemprego, o preconceito e o analfabetismo, um dos motivos pelos quais defendeu programas políticos cujas pautas previam a resolução imediata dos problemas nacionais, o que afetaria diretamente os negros. Dessa forma, compreende-se os motivos pelos quais o comunismo foi unanimemente criticado no periódico: seus colaboradores não se reconheciam

nas pautas do movimento, que pouco debatia sobre a questão racial; o comunismo no período destacava o contexto global da revolução, ao passo que carecia de teorias adaptadas à realidade nacional. Além disso, a presença de imigrantes no movimento foi elencada como um aspecto negativo pelo jornal, o qual acusava os estrangeiros de colaborar para o desemprego entre afrodescendentes. No caso extremo de Arlindo Veiga, a questão seria resolvida com a implementação de políticas raciais semelhantes às da Alemanha nazista, porém adaptadas para a realidade nacional, com a singular “raça brasileira”, marcada pela miscigenação.

A hierarquização da FNB, definida pelos estatutos redigidos por Veiga em 1931, atribuía poder absoluto ao presidente, tornando-o responsável por definir a linha ideológica oficialmente defendida pela organização. O posicionamento se manifestava em declarações para a imprensa, discursos em eventos, nos textos produzidos pela redação da *Voz* e nas publicações dos líderes. Contudo, é fundamental não concluir que a influência de Veiga na organização fosse absoluta. A pesquisa revelou que sua ideologia foi aceita pela minoria dos fretenegrinos, que reproduziram no jornal ideias semelhantes às suas, não obstante as tentativas de Veiga de propagar seu ideário no seio da comunidade. O restrito número de nove sujeitos que se aproximavam da extrema-direita no periódico – em sua maioria membros do Grande Conselho – representou a versão radical do conservadorismo negro que fundamentou a organização. Juntos produziram 21% do conteúdo da *Voz*, com destaque para a primeira fase, durante a presidência de Veiga, que, pode-se supor, os inspirou. Uma vez que a proximidade dos ideais de Arlindo Veiga com o integralismo o motivou a inserir o lema “Deus, pátria, raça e família” no cabeçalho do jornal, considera-se que os outros extremistas da FNB, pela semelhança com os princípios de Veiga, também se aproximaram do movimento integralista, na defesa do autoritarismo, do fascismo, críticas ao liberalismo, à democracia e ao comunismo, sendo que apenas o último aspecto obteve consenso entre os colaboradores.

Os demais 194 articulistas dividiram-se em dois grupos: os que não trataram ou se referiram aos temas caros a Veiga e aqueles que defenderam posicionamentos divergentes. Estes últimos tornaram-se mais frequentes na segunda fase do jornal, ao passo que os nove radicais compareceram com menor frequência. Aliás, tamanha foram as transformações pelas quais passou a Frente após a saída de Veiga, que foi possível identificar duas fases da doutrina fretenegrina, o que é uma das principais contribuições desta pesquisa para a historiografia, ou seja, estabelecer os limites da influência de Veiga no programa da FNB e seu periódico. Dessa forma, o jornal *A Voz da Raça*, diferentemente do que o seu título sugere, foi

polissêmico e polifônico, pela presença de diversos colaboradores defensores de posicionamentos distintos. Contudo, ainda que permita compreender os posicionamentos desses sujeitos em relação à política, economia, sociedade e cultura brasileiras, apresenta limitações, como toda fonte, no caso, o periódico representou a expressão de um grupo restrito de fretenegrinos, sendo os principais colaboradores aqueles que ocupavam cargos de liderança na organização, em suma, *A Voz*, constitui um recorte do movimento negro do período, sob a perspectiva de indivíduos que compunham a elite intelectual negra.

Por fim, vale ressaltar que a FNB atuou ativamente na luta pelos direitos da população negra na década de 1930. Promoveu cursos de alfabetização em sua sede e incentivou os membros a possuírem título de eleitor, que, aliás, não incluía os analfabetos, daí o esforço da Frente em torno na educação, que possibilitava aos negros a participação no processo de decisão política. Outrossim, a organização contribuiu para a inserção dos membros no mercado de trabalho, além dos eventos realizados promoverem a sociabilidade negra. Sua atuação esteve inserida em contexto político, social e econômico complexos, que ajudam a compreender a opção pelo conservadorismo. A minoria se reconheceu na extrema-direita, fosse pelo apelo nacionalista, religioso ou conservador e os associou à busca pelo “progresso da raça”, para isso, defenderam o autoritarismo e um estado forte. Outros colaboradores, por sua vez, depositaram suas esperanças na democracia, tendo em vista as eleições presidenciais previstas para 1938. Entretanto, após seis anos de atuação, em novembro de 1937, a FNB foi declarada ilegal, juntamente com o seu periódico, pelo fato de atuar, desde setembro de 1935, como partido político, cuja existência foi proibida pelo Estado Novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Periódicos

- A Batalha* (Rio de Janeiro, 1932)
- A Gazeta* (São Paulo, 1930-1932)
- A Manhã* (Rio de Janeiro, 1935)
- A Noite* (Rio de Janeiro, 1932-1935)
- A Razão* (Pouso Alegre, MG, 1936)
- A Tribuna* (Santos, SP, 1931-1932)
- A Voz da Raça* (São Paulo, 1933-1937)
- Auriverde* (São Paulo, 1928)
- Clarim da Alvorada* (São Paulo, 1924-1932)
- Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 1932)
- Correio de S. Paulo* (São Paulo, 1932-1937)
- Correio Paulistano* (São Paulo, 1934-1935)
- Diário Carioca* (Rio de Janeiro, 1932)
- Diário da Noite* (Rio de Janeiro, 1935)
- Diário de Notícias* (Rio de Janeiro, 1932)
- Diário de Pernambuco* (Recife, PE, 1933)
- Diário Nacional* (São Paulo, 1928-1932)
- Gazeta Popular* (Santos, SP, 1933)
- Getulino* (Campinas, SP, 1923-1926)
- Homem Livre* (São Paulo, 1933-1934)
- Monarquia* (São Paulo, 1955)
- O Clarim* (São Paulo, 1935)

O Estímulo (São Paulo, 1935)

O Império (Ceará, 1934)

O Patrocínio (Piracicaba, SP, 1930)

O Radical (Rio de Janeiro, 1932)

Progresso (São Paulo, 1928-1931)

Legislação

BRASIL. Decreto-lei nº 528, de 26 de junho de 1890. Regulariza o serviço da introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil. *In*: Coleção de Leis do Brasil, 1890, p. 1424. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BRASIL. Decreto nº 24.215, artigo 2, de 9 de maio de 1934. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros em território nacional. *In*: Diário Oficial da União, 18 mai. 1934, p. 9451. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24215-9-maio-1934-557900-publicacaooriginal-78647-pe.html>.

BRASIL. Decreto nº 20.291, de 12 de agosto de 1931. Aprova o regulamento para execução do art. 3º do decreto n. 19.482, de 12 de dezembro de 1930. *In*: Diário Oficial da União, 25 ago. 1931, p. 13552. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20291-12-agosto-1931-514687-publicacaooriginal-1-pe.html>.

Outras fontes

FRENTE NEGRA BRASILEIRA. Estatuto da Frente Negra Brasileira. Diário Oficial do Estado de São Paulo: São Paulo, ano 41, n. 252, p. 12, 4 nov. 1932.

SALGADO, Plínio. Manifesto de Outubro. *Ação Integralista Brasileira*, São Paulo, 7 out. 1932, p. 2.

SANTOS, Arlindo Veiga dos. *Para a Ordem Nova*. São Paulo: Edição Pátria-Nova, 1933, p. 32-39.

Bibliografia

ALBERTO, Paulina. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2017.

ALMEIDA, Rodrigo Estramano de. Notas para reflexão sobre a doutrina política da Frente Negra Brasileira (1931-1937). *Ponto e Vírgula*, São Paulo, n. 26, 2019. p. 16-24.

AMORIM, Diego Uchoa. Teorias raciais no Brasil: um pouco de História e historiografia. *Revista Cantareira*, Niterói, RJ, v. 11, n. 19, 2013, p. 62-78.

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

ARAQUE, Carlos Henrique Sosa. *O paradigma orgânico e seus reflexos no indivíduo, na sociedade, no Estado e nas organizações*. 2000. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra no estado de São Paulo. *Estudos Afro-Brasileiros*, São Paulo, n. 2, Boletim CXXI, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, p. 71, 1951.

BAUDRILLARD, Jean *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BERTONHA, João Fábio. O monopólio da violência no fascismo italiano: as Forças Armadas, a MVSN e as relações entre partido e Estado na Itália de Mussolini. *Antíteses*, Londrina, v. 15, n. 29, jan-jul. 2022, p. 65-96.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Discurso e tradição em anúncios da imprensa brasileira: imagens do cotidiano. In: CIAPUSCIO, Guiomar; JUNGBLUTH, Konstanze; KAISER Dorothee; LOPES, Célia (org.). *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica*. Madrid: Iberoamericana, 2006, p. 140.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BUTLER, Kim D. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition Sao Paulo and Salvador*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. Tese (Doutorado em História econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARVALHO, José Murilo. *A construção da Ordem: A Elite Política Imperial*. Brasília: Ed UnB, 1981.

CHADAREVIAN, Pedro. Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964). *Política & Sociedade*, Florianópolis, SC, v. 11, n. 20, 2012, 255-283.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a “garantia da ordem social”. *Revista USP*, São Paulo, v. 17, n. 68, 2006, p. 130-139.

COSTA, Emília Viotti da. *A Abolição*. 9. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SANTOS, Neusa Souza. *Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 11, n. 21, jun. 2009, p. 94-120.

DENOYER, Pierre. *A imprensa no mundo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.

DEPEXE, Sandra Dalcil. O duplo lugar da publicidade nas páginas do jornal. *Revista Nexi*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 12, 2011.

DIAS, Matheus Felipe Gomes. Frente Negra Brasileira: institucionalização, contestação e fascismo. *Práxis Comunal*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2019, p. 108-124.

DOMINGUES, Petrônio. Como se fosse um bumerangue: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 28, n. 81, p. 5, fev. 2013, p. 156-256.

DOMINGUES, Petrônio. “Constante derrubo de lágrimas”: o drama de uma liderança negra no cárcere do governo Vargas. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 14, 2007, p. 146-171.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, 2007, p. 103, p. 100-122.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, 2002, p. 563-599.

DOMINGUES, Petrônio. “Os ‘Pérolas Negras’: A participação do negro na Revolução Constitucionalista de 1932”. *Afro-Ásia*, n. 29-30, 2003, 199-245.

DOMINGUES, Petrônio; REIS, Ruan Levy Andrade. Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 32, 2020, p. 148-170.

FALEIROS, Jônatas Corrêa Nery Rogério. Teorias raciais, luta de classes e implementação de políticas para reparação: percurso do movimento negro no Brasil. *Temporalis*, Brasília, v. 19, n. 37, jan/jun. 2019, p. 26-44.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978. p. 78-162.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa Negra Paulista (1915/1963). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 10, 1985, p. 197-207.

FERREIRA, Vanda. Conteúdos jornalísticos autorreferenciais: entre o jornalismo e a publicidade. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, Lisboa, v. 5, n. 5, 2005, p. 129-142.

GENTILE, Fábio. A direita brasileira em perspectiva histórica. *Plural*, São Paulo, v. 25, n. 1, 2018.

GERALDO, Endrica. *O “perigo alienígena”: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)*. 2007. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça e o estudo das relações raciais no Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 18, n. 54, 1999, p. 147-156.

GUIMARÃES, Ariadne. A Voz da Raça, negro papel, signos brancos: o negro brasileiro e o dilema da aceitação e enfrentamento do racismo no início do século XX. *Convenit Internacional*, São Paulo, n. 25, 2017, p. 89-96.

GRAHAM, Jessica Lynn. *Shifting the Meaning of Democracy: Race, Politics, and Culture in the United States and Brazil*. Los Angeles: University of California Press, 2019.

HILTON, Stanley. A Ação Integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938. In: *O Brasil na crise internacional*. Rio de Janeiro: Cultura Brasileira, 1977.

JACINO, Ramatis. Frente Negra, Ação Integralista e o conservadorismo como estratégia de enfrentamento ao racismo - 1930-1937. *Revista História*, São Paulo, v. 62, n. 181, 2022, p. 1-29.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LAURINDO, Hildenize Andrade. *O percurso histórico-discursivo do gênero anúncio publicitário em jornais de Fortaleza dos séculos XIX e XX: entre recorrências, variações e transgressões*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

LIMA, Alex Benjamin de. *Em tintas negras: cultura impressa e intelectualidade em A Voz da Raça (1933-1937)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, SP, 2011.

LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. Revolução de 1930 e República Nova (1930-1937): Vargas e a sua “herança”. In: LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 637-677.

LOVE, Richard. *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 132.

LUCCHESI, Bianca Melzi de Domenicis. Transformações urbanas e habitação no final do século XIX: proibição e permanência dos cortiços na cidade de São Paulo. In: XVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Florianópolis, SC, 2015, p. 1-11.

MACHADO, Alexandre Bartilotti; LYRA, Talita Souza. Silvio Romero e a problemática do Brasil mestiço. In: SEMANA DE HISTÓRIA, 16, 2018. Campo Grande, MS: Associação Nacional de História, 2018, p. 1-9.

MALATIAN, Teresa Maria. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MALATIAN, Teresa. *O cavaleiro Negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira*. São Paulo: Alameda Editorial, 2015.

MALATIAN, Teresa. *O tradicionalismo monarquista (1928-1945)*. Revista Brasileira de História das Religiões, Maringá, PR, v. 6, n. 16, p. 2013, 75-96.

MALATIAN, Teresa. O cavaleiro negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira (1931-1934). *Revista brasileira de história das religiões*, v. 5, n. 15, 2013. p. 4.

MATTOS, Hebe. Da guerra preta às hierarquias de cor no Atlântico português. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Leopoldo, RS, 2007, p. 1-11.

MITCHELL, Michael. Racial Consciousness, Afro-brazilian Electoral Strategies, and Regime Change in Brazil. In: PERSONS, Georgia. *Race and Ethnicity in Comparative Perspective*. London: Routledge, 1999. p. 131.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo, de comunidade à metrópole*. São Paulo: Difel, 1970.

MOTA, Edmilson Antônio. O Livro Didático: do Determinismo Geográfico de Delgado de Carvalho à Educação das relações étnico-raciais. *Terra Livre*, [S. l.], v. 2, n. 45, 2017, p. 174-196.

NETO, Odilon Caldeira. Miguel Reale e o integralismo: entre a memória militante e as disputas políticas. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, PR, v. 11, n. 126, p. 179, nov. 2011.

OLIVEIRA, André. *Quem é a “Gente Negra Nacional”? Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *A Frente Negra Brasileira: Política e questão racial nos anos 1930*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. p. 74.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Entre a miscigenação e a multirracialização: Brasileiros Negros ou Negros Brasileiros? Os desafios do movimento negro brasileiro no período de valorização nacionalista (1930-1950) – A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2008. p. 104.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PAOLI, Maria Celia; DUARTE, Adriano. São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade. In: PORTA, Paula. (org.). *História da cidade de São Paulo – A cidade na primeira metade do século XX 1890 – 1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 60.

PEREIRA, Amilcar Araujo. “Sou negro”: raça e racismo na perspectiva do movimento negro contemporâneo. In: SAMPAIO, Gabriela dos Reis; LIMA, Ivana Stolze; BALABAN, Marcelo. (orgs.). *Marcadores da diferença: raça e racismo na História do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 286.

PINTO, João Alberto da Costa; COELHO, George Leonardo Seabra. Jornal Anhanguera e o “movimento bandeira”: imprensa, Getúlio Vargas e oposição. *Continentes*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 25, p. 233.

PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

QUINTAO, Antonia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência (São Paulo, 1870-1890)*. São Paulo: Annablume, 2002.

REIS, Ruan Levy Andrade. *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1915-1931)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROCHA, Alexandre Caroli. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2008. p. 18-24.

RODRIGUES, Raimundo Nina. Prefácio. In: *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 7.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 100.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. Contribuição à história da publicidade no Rio Grande do Sul. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 1. n. 3, p. 43, set. 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a desigualdade é diferença: reflexões sobre antropologia criminal e mestiçagem na obra de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, ano 140, n. 76, p. 52, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nina Rodrigues: um radical do pessimismo. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 90-103.

SHIRER, William L. *The rise and fall of Adolf Hitler*. New York: Random House, 1961, p. 46.

SILVA, Luiz. *E assim disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Noovha América, 2013.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. *A Voz da Raça: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

SOBRINHO, Afonso Soares de Oliveira. São Paulo e a ideologia higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, jan. 2013, 210-235.

SOUZA, Cristiane Vítório de. *As leituras pedagógicas de Sílvio Romero*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2006, p. 15-16.

TAMANO, Luana Tieko Omena. O Pensamento e Atuação de Arthur Ramos Frente ao Racismo nos Decênios de 1930 e 1940. *Revista Crítica Histórica*, Alagoas, v. 4, n. 8, 2013, p. 81-96.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de Trinta*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

WEBER, Regina. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. *Diálogos*, Maringá, PR, v. 18, n. 2, 2014, p. 703-733.

WEINSTEIN, Bárbara. *A Cor da Modernidade: A branquitude e a formação da identidade paulista*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2022, p. 246.

WÜNSCHMANN, Kim. *Antes de Auschwitz: os judeus nos campos de concentração antes da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Edições 70, 2016, p. 42-43.

ANEXO

Hino da Gente Negra Brasileira⁹⁰¹

Salve! Salve! Hora gloriosa,
Em que aponta, no país,
Esta aurora luminosa
Que fará a Pátria feliz.

Coro

Gente negra, gente forte,
Ergue a fronte varonil.
És a impávida côrte
– Honra e glória do Brasil.

Os herdeiros dos lauréis
Do trabalho, a ciência, a guerra,
Surgem, nobres e fiéis,
Pelo amor da pátria terra.

São do sangue escravo herdeiros,
De Tupis e de Africanos,
Que, confiantes brasileiros,
Bradam soberbos ufanos.

Cesse a voz dos preconceitos!
Caia a bastilha feroz,
Que o valor de nossos feitos
Ruge altivo dentro de nós!

⁹⁰¹ HINO da Gente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 3, 29 abr. 1933.

Nossa cor é o estandarte
Que entusiasmo norte e sul;
Une todos para o marte
Sob o Cruzeiro do Azul.

Ouve: Os clarins dos PALMARES
Vem falar da pátria nova!
Ressoa o clangor nos ares
Chamando os bravos à prova!

Seja o toque da alvorada
Que diga a todos: Reunir
E a nação, alvoroçada,
Corra a voz de ressurgir.